



XI Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos

2 a 4 de maio de 2024 - USP - São Paulo

30 anos da ASBRo: contribuições e desafios contemporâneos



30
anos
1993-2023

Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos
(ASBRo)

30 anos da ASBRo: Contribuições e desafios contemporâneos

2024

Organizadores

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Erika Tiemi Kato Okino

Gisele Cristina Resende

Alfredo Mendes Chaves

Flávia de Lima Osório

Thaís Cristina Marques dos Reis

Sonia Regina Pasian

Fernanda Aguiar Pizeta

***30 anos da ASBRo: Contribuições e desafios
contemporâneos***

ASBRo

2024

O conteúdo dos textos, bem como posicionamentos teóricos, metodológicos e ideológicos contidos neste livro são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e
Métodos Projetivos (11. : 2024 : São Paulo, SP) XI Congresso da
Associação Brasileira de
Rorschach e Métodos Projetivos [livro eletrônico] :
30 anos da ASBRo : contribuições e desafios contemporâneos. --
1. ed. -- São Paulo : Associação Brasileira de Rorschach e
MétodosProjetivos, 2024.
PDF
Vários autores. Vários
organizadores. Bibliografia.
ISBN 978-85-62020-09-4

1. Psicologia - Congressos I. Título.

24-206505

CDD-150.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia : Congressos 150.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

APRESENTAÇÃO

Os eventos científicos da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo) tiveram início desde sua criação em 1993, nas dependências da Faculdade de Filosofia, Ciências de Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Portanto, os múltiplos trabalhos formativos, de investigação científica e de certificação dos processos de avaliação psicológica, especialmente com métodos projetivos, estão bem documentados nesta robusta história de mais de 30 anos de contribuições à Psicologia (<https://www.asbro.org.br/>).

O reconhecimento internacional dos instrumentos projetivos de exame psicológico é incontestável, perpassando diversas culturas, épocas e correntes teórico-metodológicas. A exploração em bases de dados atuais demonstra claramente esta tendência, destacada pelas crescentes necessidades de cuidados em saúde mental dos diferentes indivíduos, em variados contextos de vida. Formar o profissional de Psicologia neste campo, entretanto, torna-se grande desafio para os cursos de graduação e de pós-graduação no Brasil e no mundo. A formação especializada no campo da avaliação psicológica já foi reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia como área específica, estimulando a todos o contínuo aprimoramento técnico-científico. Este é o convite realizado também por este livro agora produzido, derivado dos trabalhos do XI Congresso da ASBRo, realizado na cidade de São Paulo, nas dependências do Instituto de Psicologia da USP.

Esta obra está composta por 27 capítulos, de responsabilidade integral de seus autores, abordando elementos teóricos e abordagens metodológicas para utilização dos métodos projetivos, com especial destaque para o Método de Rorschach, que recentemente completou seu centenário. Desta forma, a primeira parte do livro (PARTE 1: ASPECTOS TEÓRICOS E FORMATIVOS SOBRE MÉTODO DE RORSCHACH) apresenta reflexões relevantes do atual presidente da *International Society of Rorschach* (ISR) sobre fundamentos e princípios das respostas de movimento no Psicodiagnóstico de Rorschach. Na sequência são articuladas contribuições históricas e a perspectiva fenômeno-estrutural do Rorschach, a partir da contribuição de colegas do Chile e da França. A seguir, ainda nesta seção, a obra aborda a questão do ensino dos métodos projetivos de avaliação psicológica: experiências concretas,

vivências e apontamentos teóricos a respeito da interlocução necessária entre a prática docente, discente e o cotidiano profissional.

Na segunda parte do livro (PARTE 2: EVIDÊNCIAS CLÍNICAS VOLTADAS AO MÉTODO DE RORSCHACH), os capítulos estão voltados a descrever estudos empíricos embasados no Psicodiagnóstico de Rorschach em diferentes contextos: em jovens adultos e sua regulação emocional, em situações de traumatismo psicológico e em casos de bruxismo. Constituem exemplos claros dos alcances deste método projetivo conduzidos no território nacional.

A seguir, o livro abordará aplicações clínicas de diversos métodos projetivos (PARTE 3). São explanados estudos empíricos com o Método de Zulliger em cardiopatas, com o Pfister em situações de violência doméstica, além de estudo de caso com o Teste de Apercepção Temática. Esta mesma seção traz a relevância dos processos de Avaliação Terapêutica como estratégia de avaliação psicológica, a partir da perspectiva multimétodo, envolvendo instrumentos projetivos. Por fim, tem-se interessante estudo sobre a temática do contágio emocional, explorando os recursos de avaliação psicológica para compreensão do comportamento humano.

Procurou-se dar destaque específico aos estudos com crianças e adolescentes, organizados na PARTE 4 do livro. Nos cinco capítulos que compõem esta seção são tratados estudos empíricos e clínicos que nos convidam a aprofundar a reflexão sobre a relevância da competência profissional ao avaliar indicadores do desenvolvimento humano, visto seu impacto social na vida das pessoas. São apresentadas evidências de validade clínica de procedimentos clínico-investigativos, fatores de proteção para a fase da adolescência, além de método projetivo voltado a dificuldades de aprendizagem, destacando ainda a importância das devolutivas em processos de avaliação psicológica.

Esta obra didática finalizará com a apresentação de cinco outros capítulos, agora voltados à revisão da literatura científica sobre métodos projetivos. Este conteúdo certamente ampliará a visão dos leitores sobre cada tópico pesquisado, a saber: uso de *chatbots* em processos de avaliação psicológica, as deficiências e os métodos projetivos, mapeamento da produção nacional sobre instrumentos projetivos. Além disso, têm-se revisões voltadas

especificamente para a Escola de Paris do Rorschach e do Questionário Desiderativo, como recursos projetivos relevantes para a prática profissional.

A partir desta breve apresentação de seu conteúdo, convidamos a todos para a profícua leitura e reflexão sobre os 27 capítulos que compõem esse livro. Nossa esperança é de que a reunião e a apresentação organizada deste conjunto de trabalhos atinja o objetivo maior da ASBRo enquanto associação científica: estimular e aperfeiçoar a prática profissional no campo dos métodos projetivos de avaliação psicológica, acompanhando os avanços técnico-científicos contemporâneos, no Brasil e no mundo. Devemos concluir com nossa gratidão aos autores que contribuíram com a obra, bem como os responsáveis técnicos que a produziram (comissão organizadora e científica, bem como a empresa “Acontece Eventos”. Destaque especial às agências de fomento (CNPq), além da Universidade de São Paulo que sedia o XI Congresso ASBRo no IPUSP. Nada seria possível sem estes suportes e construção coletiva!

Bons estudos a todos!

Sonia Regina Pasian

Professora Titular

Departamento de Psicologia – Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP)

SUMÁRIO

PARTE 1: ASPECTOS TEÓRICOS E FORMATIVOS SOBRE MÉTODO DE RORSCHACH

<i>1. A resposta de movimento no trabalho de Rorschach.....</i>	<i>12</i>
Fernando Silberstein	
<i>2. Mirar atrás para seguir adelante: las inesperadas revelaciones de un exhaustivo “Retorno a Rorschach” un siglo después</i>	<i>24</i>
Alberto A. Peralta	
<i>3. O método fenômeno-estrutural aplicado ao Rorschach: tempo implícito e tempo derivado.....</i>	<i>36</i>
Jean-Marie Barthélémy e Michel Ternoy	
<i>4. “Tudo me concerne”. Abordagem fenomenológica da vivência delirante da relação com o outro e com o mundo: Contribuição do Rorschach</i>	<i>60</i>
Michel Ternoy	
<i>5. O ensino de métodos projetivos em disciplinas de avaliação psicológica no Brasil</i>	<i>70</i>
Karlinne de Oliveira Souza, Kayline Macêdo Melo, Thicianne Malheiros da Costa, Thays Martins de Lima e Lucila Moraes Cardoso	
<i>6. Ensino do Rorschach na graduação em Psicologia: Um estudo de caso na UnB</i>	<i>81</i>
Clarice Alves de Almeida Beckmann, Ludmyla Alencar Ferreira Galdino, Vinícius José Caixeta Tavares e Sérgio Eduardo Silva de Oliveira	
<i>7. O ensino de Rorschach na graduação em Psicologia: Relato de experiência de uma graduanda</i>	<i>91</i>
Maria Gabriella da Silva Sousa Santos e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez	
<i>8. Was könnte dies sein: Experiências de um grupo de estudos de Rorschach.....</i>	<i>100</i>
Thaís Cristina Marques-Reis, Andrés Eduardo Aguirre Antúnez , Terezinha A. de Carvalho Amaro, Alfredo Mendes Chaves, Ruth Lasas Long e Patrícia Ribeiro Da Cruz	

9. Considerações sobre a relação entre Rorschach e Jung: o papel na avaliação psicológica.....111

Gustavo Monteiro de Oliveira Ferreira e Paulo Francisco de Castro

PARTE 2: EVIDÊNCIAS CLÍNICAS VOLTADAS AO MÉTODO DE RORSCHACH

10. Indicadores de regulação e desregulação emocional no Rorschach - Sistema Avaliação por Performance (R-PAS)121

André Luiz de Carvalho Braule Pinto, Laimara Oliveira da Fonseca, Gisele Cristina Resende e Sonia Regina Pasian

11. Método de Rorschach e trauma psicológico138

Liliane Cardoso Ribeiro, Ana Beatriz Peixoto Barguil e Lucila Moraes Cardoso

12. Avaliação da dinâmica afetiva em indivíduos com bruxismo avaliados por meio do Método de Rorschach155

Pedro Henrique Mendrot Monteiro, Armando Rocha Junior e Paulo Francisco de Castro

PARTE 3: APLICAÇÕES CLÍNICAS DE DIVERSOS MÉTODOS PROJETIVOS

13. Inibição social no Zulliger (Escola de Paris) de pacientes cardíacos com personalidade tipo D165

Aline Cristina Antonechen, Sonia Regina Pasian, Erika Tiemi Kato Okino e Rose-Angelique Belot

14. Vozes silenciadas, cores que revelam: Um estudo sobre a violência doméstica e a expressão emocional de mulheres através do teste de Pfister em Manaus181

Ádria Pimentel Silva, Harumi Fernandes Oka e Gisele Cristina Resende

15. Teste de Apercepção Temática como instrumento no psicodiagnóstico: Um estudo de caso sobre a relação pós-divórcio paterno-filial na adultez jovem198

Nicole Karen Coelho Koritar, Gisele Asseis Tressoldi e Rita de Cássia do Amaral

16. Contribuições de uma avaliação multimétodo na Avaliação Terapêutica	204
Larici da Silva Alves, Milena Pinheiro Duarte, Liliane Cardoso Ribeiro, Fernanda da Fonseca Giasson e Lucila Moraes Cardoso	
17. Contágio emocional: Análise do efeito das risadas de fundo na percepção de humor em uma série de comédia	218
Rafaela Costa Crisostomo e Fabiano Koich Miguel	

PARTE 4: ESTUDOS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

18. Caso Vitória: Evidências de validade clínica do OPD-CA-2	228
Gabriela Quadros de Lima Stenzel, Denise Ruschel Bandeira e Vera Regina Röhne Ramires	
19. O papel do perdão como fator de proteção na adolescência	244
Irani Iracema de Lima Argimon, Esther Abigail Helena Maciel Nunes e Leonardo Möller Pedroso de Souza	
20. Uso dos métodos projetivos na avaliação clínica de crianças amazônicas durante o período pandêmico	252
Paula Tavares Amorim e Marck de Souza Torres	
21. Vamos jogar? Elaboração, construção e devolução final para pais e filho	268
Cicera Andréa Oliveira Brito Patutti, Luiz Guilherme Gobbo, Isabela Martins Emidio, Mariane dos Santos Andreggheto Diaz e Regina Célia Ciriano Calil	
22. “Situación Persona Aprendiendo” (Fernández, 1991): técnica projetiva instrumentada para a detecção de sintomas no aprender	277
Cláudia Moscarelli Corral	

PARTE 5: REVISÕES DA LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE MÉTODOS PROJETIVOS

23. O uso de chatbots na avaliação psicológica de adolescentes: Revisão sistemática.....	294
Eduardo dos Santos de Lima e Silvana Alba Scortegagna	

24. Pessoas com deficiência e testes projetivos: Revisão integrativa.....	308
Gisele Pereira da Silva e Gisele Cristina Resende	
25. Revisão breve sobre o uso do Teste de Rorschach na Escola de Paris	321
Pedro de Leon Brito, Andreza de Souza Martins e Marck de Souza Torres	
26. Estudos e pesquisas sobre avaliação psicológica e métodos projetivos: Caracterização de publicações brasileiras	336
Ana Beatriz Naves Salvador, Mariani da Silva Dantas, Rosa Maria Santos Salmasio e Pamela Staliano	
27. O contexto das pesquisas com o uso do Questionário Desiderativo nos anais da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos: Revisão breve	349
Andreza de Souza Martins e Marck de Souza Torres	

Conferência de Abertura – XI Congresso da ASBRo (02/05/2024)

A resposta de movimento no trabalho de Rorschach

Fernando Silberstein

International Society of the Rorschach

Agradeço à ASBRo pelo convite para abrir este Congresso e agradeço a honra que me dão. Para mim, é um prazer duplo fazer isso em um país sul-americano e em uma organização onde tenho tantos amigos, companheiros de viagem, que tenho apreciado e valorizado por tantos anos.

Nesta ocasião, gostaria de revisitar algumas das ideias que apresentei em minha conferência em 2022, a fim de aprofundá-las. Falarei, sobretudo, sobre a concepção de movimento de Rorschach, a ideia mais elaborada teoricamente no Psicodiagnóstico. O movimento teve uma pesquisa empírica considerável antes do desenvolvimento do teste e seu estudo ainda mostra aspectos novos hoje (Silberstein, 2022). Essa pesquisa anterior é pouco conhecida, mas é fundamental para entender o escopo que Rorschach deu posteriormente ao determinante.

Rorschach constrói a metodologia de seu teste com base no modelo de percepção de Bleuler (Bleuler, 1916; Rorschach 1921/2021). Seu objetivo é estudar as modalidades de interpretação perceptual. Esse modelo de estudo da interpretação perceptual difere, em particular, do estudo do conteúdo como tal. A sua abordagem é orientada para o estudo da percepção e muito do que hoje poderia ser um estudo de conteúdo é incluído para Rorschach numa análise da percepção. A interpretação perceptual refere-se à identificação clara ou não das imagens que são vistas nas manchas no processo de resposta e às características do estímulo ao qual se reage na comparação com o registro dos engramas de memória. Nesse sentido, o Rorschach considera: A) a memória das imagens vistas armazenadas e o que é visto no estímulo como uma tensão inerente à interpretação; B) as características das imagens interpretadas; C) os complexos de experiência de como os registros de percepções foram adquiridos no passado de cada pessoa.

Essa tensão presente na comparação atual entre percepção e memória é estudada como o conjunto de atitudes em relação ao estímulo visual e às imagens que ele provoca. Essas imagens interpretadas mostram a incidência de vários processos psíquicos conscientes e inconscientes. Alguns desses processos são bem conhecidos, mas outros, específicos do pensamento de Rorschach, são menos conhecidos.

Por razões de tempo, hoje tratarei apenas do movimento no contexto desse sistema de memória e de sua evocação diante do estímulo. A morte precoce de seu autor deixou lacunas no Psicodiagnóstico quanto aos fundamentos dos determinantes e do *Erlebnistypus*, com desenvolvimentos incompletos ou sem todas as referências utilizadas. Esse é o caso do movimento e dos conceitos associados de mentalização, representação, estabilização da excitabilidade e capacidade de alcançar novas ideias e conexões mentais.

Em geral, considera-se que o estudo do teste começa e termina com o que Rorschach escreveu no Psicodiagnóstico de 1921. Em minha opinião, isso é um erro. Rorschach chegou a muitas dessas ideias a partir de seus desenvolvimentos de pesquisa anteriores, em especial dois deles: 1) a tese de doutorado sobre alucinações reflexas (Rorschach 1912/2022) e; 2) um artigo imediatamente posterior sobre alucinações reflexas e simbolismo, também de 1912, com material de pesquisa da tese que Bleuler insiste em retirar do corpo principal da tese (Rorschach 1912/1965/1967).

Muitas das ideias não explicadas, como a ideia de que o movimento deve ser codificado apenas quando é sentido na resposta dada ou que as respostas de movimento podem ser acompanhadas de gestos e movimentos corporais, mesmo que o movimento surja de uma mentalização oposta à ação, vêm diretamente da tese de doutorado em Medicina. O título dessa tese, que fala de alucinações reflexas, juntamente com a grande dificuldade de compreensão desse texto, contribuiu para que ele não fosse levado em conta como antecedente dos conceitos do teste. Na realidade, essa tese é o início da exploração das ilusões perceptivas pelo autor e, embora trate das alucinações reflexas como um agrupamento de fenômenos, propõe explicá-las por meio de sensações cinestésicas (*kinestesia*) conscientes ou inconscientes. Além disso, a tese trata das ilusões perceptivas, sejam elas delirantes neuróticas ou aquelas que ocorrem diante de fenômenos estéticos.

Deve-se lembrar de que, ao mesmo tempo em que Rorschach trabalhava nela, ele realizava os primeiros experimentos de exibição de quadros com figuras (Ellenberger, 1965/1967; Rorschach, 1912/2022), alguns com desenhos reconhecíveis, estáticos ou muito dinâmicos, com animais em cores, naturais ou modificadas, e outros apenas com manchas. Suas observações sobre esses testes foram integradas aos argumentos e conclusões da tese. Em outras palavras, a tese de doutorado sobre movimento e ilusões perceptivas é uma primeira parte, muito elaborada, da pesquisa que culminará no psicodiagnóstico (Silberstein, 2022, 2023). Esse primeiro estágio, insisto, contém o fundamento das ideias que não foram completamente explicitadas no Psicodiagnóstico e uma grande parte da base de pesquisa daquelas que foram.

Se em ambos os textos, tese de doutorado e Psicodiagnóstico, há uma relativa ausência de referências anteriores, provavelmente parte disso se deve a um estilo de exposição acadêmica diferente do atual. Em ambos os textos, é lamentável a ausência de outras referências a pesquisas de autores anteriores, o que obriga os estudiosos atuais a realizarem uma tarefa de detetive para reconstruir o conjunto de autores utilizados.

A tese de doutorado em Medicina.

A tese de doutorado em medicina sobre alucinações reflexas é um texto muito difícil de entender e exige que o leitor atual, que não é psiquiatra, leia várias vezes para compreender o escopo das ideias apresentadas. Esse primeiro estágio da pesquisa ocorreu nos anos de 1911 e 1912, período em que ele também aprendeu psiquiatria clínica com Ulrich Bräuchli (Rorschach, 1912/2022). Durante esse período, ele estudou psicanálise, que aplicou em seus pacientes psicóticos e, mais tarde, na prática privada (Rorschach, 1912/1965/1967; Ellenberger, 1965/1967). Os artigos que publicou nos anos seguintes à tese enfocavam a psicanálise, as seitas suíças e o teste de associação de palavras de Jung (Rorschach, 1965/1967).

Em 1917, a defesa de uma tese de Szymon Hens, supervisionada por Bleuler, propõe um teste baseado em *klexographias*. Rorschach descobriu que a análise de Hens tinha pontos fracos, em particular porque estudava demais o conteúdo das respostas, uma abordagem que Rorschach considerava ser da imaginação, para processos que são mais bem explicados como pertencentes ao processo perceptual. O teste a ser proposto por Rorschach será então formulado como o estudo do processo de percepção (Rorschach, 1921/2021).

Na tese, que poderia muito bem ser intitulada *Sensações cinestésicas em alucinações reflexas*, o desenvolvimento é baseado em observações de casos organizados de acordo com os registros sensoriais envolvidos nas alucinações reflexas. Esses registros são fundamentalmente óptico-cinestésico e seu inverso, cinestésico-óptico e auditivo-cinestésico e seu inverso. Dentro de cada observação, ela é ampliada em alguns casos com hipóteses. Talvez hoje a exposição fosse diferente, o que também dificulta nossa compreensão. Nessas hipóteses, experiências e comentários, encontramos ideias relevantes para o desenvolvimento das ideias tanto da tese em si quanto da segunda etapa da pesquisa que levará ao Psicodiagnóstico.

As alucinações reflexas referem-se a um fenômeno em que um estímulo sensorial é seguido, com rapidez reflexa, por outra sensação em um território sensorial diferente. Geralmente são fenômenos alucinatórios, mas também são encontrados em experiências estéticas. Por exemplo, quando vemos um personagem no cinema ou no teatro ser atingido por um golpe forte, sentimos simultaneamente uma sensação repentina em nosso próprio corpo, como um movimento interno, como se estivéssemos recebendo o golpe (Rorschach, 1912/2022). Essa sensação cinestésica acompanha o que normalmente chamamos de susto, ou seja, uma sensação súbita de movimento em nosso próprio corpo. Essa sensação após algo visto é uma alucinação reflexa. O mesmo acontece quando alguém nos ameaça com um golpe que não recebemos, sentimos uma sensação cinestésica interna diante do golpe que supomos que receberemos. Essa é uma sensação cinestésica consciente. Essa sensação de movimento interno é ilusória, ninguém nos atinge ou nos toca; ela surge e decorre de algo visto ou, de uma forma mais geral, como no caso do teatro, visto e compreendido.

No caso da psicose, observa-se uma alucinação reflexa, por exemplo, no caso de uma pessoa que vê a grama sendo cortada com os golpes de uma foice e sente cada golpe da foice como golpes em seu corpo. Nesses casos, o registro visual é seguido pela sensação cinestésica de um golpe no corpo que, na verdade, também não é recebido (Rorschach, 1912/2022). Essas são sensações cinestésicas, um registro sensorial que foi estudado por vários autores antes de a tese de Rorschach ser escrita em 1912.

As sensações cinestésicas são reais? A resposta de Rorschach é que sim. Elas são reflexas porque aparecem com rapidez sincrônica e são ilusórias, pois nem a foice nem o golpe tocam o corpo.

Rorschach descobre que nessas alucinações reflexas compostas de duas sensações que se manifestam como reflexos por causa de sua sincronicidade, um dos termos é sempre uma sensação de movimento. Ele encontra apenas associações visuais-cinestésicas e seu inverso, cinestésico-visuais, e associações auditivas-cinestésicas e o inverso correspondente. Ele não encontra alucinações reflexas com outros grupos sensoriais.

Agora, a proposta teórica mais relevante da tese propõe a existência de um registro na memória de todos os movimentos voluntários e involuntários realizados pelo sujeito, bem como de todos os movimentos que acompanharam os demais registros perceptivos, como os movimentos dos olhos ao olhar, ou da cabeça ao ouvir ou cheirar. (Rorschach, 1912/2022; Silberstein, 2023).

Esse registro na memória de gestos e movimentos, tanto os conscientes quanto os registrados sem consciência expressa, acompanhados das sensações físicas que produziram, formam um conjunto de cinestesias que, no inconsciente e, particularmente, durante o processamento do sonho, podem ser deslocadas, condensadas e localizadas em outros conteúdos, como também ocorre com as memórias de sons e palavras ou registros visuais nos sonhos.

Em uma linguagem mais contemporânea, poder-se-ia dizer que há um registro sensório-motor, termo que acrescento aqui, de todas as interações motoras e, portanto, conectado a todos os registros perceptivos que um sujeito estabelece com o mundo. Rorschach acrescenta, seguindo seu colega Storch, que a percepção das formas é baseada em momentos miopsíquicos, ou seja, registros musculares que nos permitem reconhecer as formas como tais. Pode-se dizer que, antes de ver, é preciso ter tocado, e o toque implica uma experiência de interação com o mundo (Rorschach, 1912/2022; Storch, Silberstein, 2023). Assim, existe um sistema de memórias cinestésicas, do corpo e das sensações. Esses registros mnemônicos cinestésicos unem ou encadeiam - o verbo é meu - todas as percepções sensoriais armazenadas na memória.

Assim, o acesso ao sistema de memórias cinestésicas permite uma conexão com outros registros sensoriais. Esses podem ser todos os registros sensoriais ou apenas os visuais e auditivos, conforme o resultado da pesquisa sobre as associações perceptuais encontradas. Esse registro de movimentos possibilita as sensações cinestésicas das alucinações reflexas, conforme explicado por Rorschach. Essas sensações cinestésicas podem se manifestar como foram

experimentadas ou podem ser condensadas com outras, de modo que sensações ilusórias que são impossíveis na realidade possam ser sentidas fisicamente. Por exemplo, é possível sentir o voo em um sonho por meio da condensação das sensações de nadar, do toque do vento, da experiência de flutuar, que são colocadas em outro conteúdo, nesse caso, o voo.

As cinestesias armazenadas na memória, os engramas sinestésicos, podem ser conscientes ou inconscientes. Ou seja, às vezes as sensações cinestésicas permanecem inconscientes e às vezes se tornam conscientes. Rorschach fala sobre esse ponto na tese como um inconsciente que pode se tornar consciente naturalmente, ou seja, não um inconsciente reprimido (Silberstein, 2022).

Esse registro cinestésico dos próprios movimentos e dos registros sensoriais do mundo e de si mesmo é a base do determinante de movimento do psicodiagnóstico. Quando Rorschach afirma que o determinante do movimento deve ser sentido, que a evocação é a de um movimento vivido, sentido ou elaborado a partir deles, ele está se referindo às sensações cinestésicas estudadas na tese.

Esse registro da representação, enfatizo essa palavra, do que é percebido cinesteticamente, com base na pesquisa sobre alucinações reflexas principalmente delirantes, constitui a base da definição de movimento no teste. Também e com a mesma base, ao se referir ao movimento no Psicodiagnóstico, ele apontará o caráter consciente, mas com um processamento predominantemente inconsciente. Entender esse percurso conceitual do determinante movimento como um desenvolvimento a partir das sensações cinestésicas da tese nos permite explicar as dúvidas e afirmações de Rorschach que, sem essa referência, são incompreensíveis.

O determinante de movimento para o Rorschach deve ser codificado **quando houver uma evocação de um movimento, ou seja, quando a memória de uma cinestesia (*kinestesia*) vivida é ativada e não como uma associação por conteúdo de formas vistas**. Evocar um engrama de movimento é ativar uma memória cinestésica, uma vez sentida ou imaginada a partir de outras realmente sentidas. Essa evocação dá respostas com vida, que, em alguns casos, podem ser formas que não estão em movimento, mas a descrição ou a forma mostra a intensidade expressiva da vida. Isso pode ser visto nas codificações de movimento dos casos incluídos no psicodiagnóstico. Há formas codificadas como esperado como F e outras em que

o Rorschach encontra a ativação de uma experiência cinestésica e codifica M. Nem sempre é tão fácil distinguir entre elas. Entretanto, quando você aprende a vê-las, as cinestesias estão claramente presentes.

Para esse conceito, Rorschach usa uma formulação de Mourly Vold chamada objetivação (Rorschach, 1912b/1965/1967) que consiste em transpor os próprios movimentos para os de outra pessoa. A objetivação não é uma simples projeção. Rorschach usa o conceito freudiano de projeção, como visto no caso Dora, mencionado em outro lugar, e também fala de introjeção e externalização. Entretanto, a objetivação implica que o movimento sentido em si é visto em outra pessoa ou figura. O conteúdo não é projetado, apenas o movimento, a sensação. Embora fatores inconscientes possam estar envolvidos, o que está envolvido aqui é a externalização de uma experiência cinestésica, não o conteúdo.

Por esse motivo, Rorschach não está interessado em distinguir o sujeito da ação do movimento, ou seja, se é um movimento animal ou inanimado. O que importa para ele é se há uma evocação de uma experiência de movimento, não um conteúdo. Os movimentos evocados podem até ser animais, mas quase sempre serão movimentos antropomórficos. Ele não considera possível a objetivação de movimentos experimentados em formas inanimadas porque elas não têm nenhuma experiência possível que as sustente. (Rorschach 1921/2021). É uma transposição da própria experiência de movimento.

Essa concepção de movimento não levanta tanto o problema da mentalização, como tem sido repetido e como eu mesmo tenho afirmado repetidamente. O problema que se coloca aqui não é o da mentalização, mas o da representação. Por essa razão, a evocação de uma resposta de movimento pode ser acompanhada por gestos e movimentos corporais, porque o que emerge é uma representação e não se trata de repetir nessa representação as condições de constituição da mentalização desse movimento. O processo de mentalização é a causa primária, mas a resposta é evocada no nível da uma representação. Quando a representação mental do movimento é ativada, ela emerge com sua própria vivacidade. Rorschach não fala de mentalização, mas de representação mental em oposição à descarga impulsiva de afetos. Deixo esse assunto para outra oportunidade devido à sua extensão.

Durante as décadas após a publicação do Psicodiagnóstico, como Rorschach aponta, o principal problema da codificação era atribuir corretamente o determinante do movimento.

Sabemos, pela correspondência com Roemer, que a codificação do movimento poderia levar a longas discussões até que se tivesse certeza de que ele correspondia (Rorschach, Akavia). O que é mais surpreendente é que, às vezes, o critério final era o fato de o sujeito apresentar outros movimentos ou não. Como no Rorschach a disposição individual é um fator que sempre deve ser levado em conta, um sujeito que produz muitos outros movimentos pode ser o argumento final que permite que um M seja atribuído a respostas duvidosas.

A codificação do movimento como ativação de engramas de movimento experimentados ou imaginados ou retrabalhados a partir de movimentos experimentados foi objeto de uma explicação cuidadosa de Bohm no Rorschach fenomenológico. Beck, um discípulo de Oberholzer e representante do Rorschach mais psicanalítico nas primeiras décadas após a publicação do teste, também defende esses critérios para codificar o movimento (Beck, Bohm, E., 1954). No entanto, há o que eu chamaria de uma transformação epistemológica do trabalho de Bruno Klopfer, que acabou se espalhando para outros sistemas. Essa mudança epistemológica também é vista na codificação das cores. Klopfer substitui este critério pela codificação do movimento de uma cinestesia evocada quando esta é dada sob forma verbal (Klopfer, 1954). Portanto, as respostas de movimento são apenas aquelas em que há uma evocação da memória dos movimentos exercidos ou sentidos.

A partir de Klopfer, esse critério desapareceu gradualmente. Exceto para aqueles que mantêm a codificação de Bohm, o movimento é tomado pelo verbo: dar formas humanas, animais ou inanimadas na ação verbal. Para Rorschach, não é uma questão de codificar o verbo nem o sujeito da ação. Esta transformação da evocação de uma memória de movimento sentida para a codificação por formas verbais, constitui apenas um primeiro passo. Klopfer transforma numerosos critérios originais.

O movimento, para Rorschach, também não pode ser atribuído a associações por conteúdo que tenham sido dadas com formas verbais, uma ideia que também deriva da distinção na tese para um tipo não genuíno de alucinação em que não há experiência de uma sensação cinestésica, mas associação por conteúdo. Por exemplo, uma resposta de cavalos com patas galopantes, uma resposta de um dos casos do Psicodiagnóstico, não pode ser considerada como movimento porque a ideia de galopar vem da associação de ideias pela posição dos pontos interpretados como as patas do cavalo.

A codificação atual, que tendeu em alguns sistemas mais do que em outros para a codificação de verbos, traz o movimento assim codificado para um campo mais projetivo. O Rorschach, por outro lado, está interessado na experiência da percepção e na evocação de representantes mentais de uma sensação de movimento. É outra coisa, um conceito diferente e uma busca diferente. Em um caso, a reatividade perceptual ao estímulo é estudada, no outro, um conteúdo é estudado. Esta mesma transformação pode ser vista na codificação da cor, FC e CF, maior ou menor reatividade ao cromatismo para Rorschach, e para Klopfer a diferença entre FC e CF torna-se o estudo de como a forma é na realidade de acordo com o seu contorno definido ou não definido. Rorschach estuda a reatividade perceptiva e Klopfer a forma de um conteúdo externo. São duas codificações que utilizam os mesmos acrônimos, mas critérios muito diferentes.

Assim, em nosso tempo, temos duas maneiras muito diferentes de classificar o movimento, que em algumas respostas podem coincidir e em outras não. No entanto, à codificação por conteúdo são atribuídos os mesmos significados decorrentes da reatividade perceptual ao estímulo. Algumas classificações de movimento coincidem em ambos os sistemas, mas muitas outras não. Uma é a que classifica a manifestação da evocação de uma memória sentida, vivida ou imaginada e a outra é a que corresponde à codificação dos verbos de ação. Um é perceptual e o outro é de conteúdo. Um alude ao registro inconsciente da cinestesia e o outro ao registro inconsciente da projeção.

No artigo de 1912, *Reflex Hallucinations and Symbolism* (Alucinações reflexas e simbolismo), Rorschach ressalta que a ativação de engramas de movimento associados a impressões ópticas ou visuais proporciona imagens de grande vivacidade. As respostas de movimento originais de Rorschach são ricas, possuem vitalidade, manifestam uma intensidade que, com algum treinamento, torna-se evidente. Observo a proximidade dessa ideia com as concepções que conhecemos da fenomenologia de Minkowska (Minkowska, 2003). As respostas de movimento que seguem o verbo, por outro lado, não possuem necessariamente essas qualidades.

Pela minha experiência e também por inúmeras pesquisas, conheço o valor do movimento codificado pela forma verbal e, por outro lado, o movimento pela representação de

um registro de movimento parece mais próximo das hipóteses interpretativas do Rorschach. Em minha opinião, valeria a pena classificar os dois, fazendo uma distinção entre eles.

O movimento por evocação do registro cinestésico mostra a capacidade de pensar, estabiliza a ação impulsiva e encontra novas conexões mentais. Essa conclusão decorre em grande parte da observação empírica, mas como isso é possível? Como é possível que a internalização da ação contenha a excitabilidade impulsiva, para usar as palavras de Rorschach? Esse é o verdadeiro problema teórico no trabalho conceitual do psicodiagnóstico.

Eu me referi a esse registro de movimentos na memória como sensório-motor anteriormente, a fim de estabelecer uma relação com o conceito de Piaget. O conceito de Piaget é muito posterior ao de Rorschach e também muito diferente, embora haja uma semelhança familiar. Piaget, doze anos mais jovem que Rorschach, conhecia Rorschach desde que, ainda muito jovem, participou de reuniões da Sociedade Psicanalítica, quando Rorschach era vice-presidente. (Pep.). Muitos anos depois, Piaget falará de um estágio sensório-motor inicial que será a base da internalização posterior, o primeiro estágio da inteligência (Piaget, 1936). Meili-Dworetzki observou em 1952 a relação de Rorschach com Piaget e a internalização (Meili-Dworetzki, Gertrude, 1952; Bohm, 1954). Parte desse tema possivelmente vem do professor de Piaget, Édouard Claparède (Claparède, 1903), onze anos mais velho que Rorschach e presidente da sociedade psicanalítica de Genebra. Mais tarde, Claparède voltou-se para a psicologia da infância e do aprendizado. Rorschach conhecia Claparède e o menciona em sua correspondência. É muito provável que ele tenha lido seu livro sobre associações em 1903.

A psicologia desses anos na Suíça e em outros lugares ainda é fortemente influenciada por um modelo de pensamento derivado de Leibniz que vê paralelos entre o pensamento e o corpo. A internalização de um registro sensorial e motor parece ser um mecanismo necessário para a fundação do pensamento. Esse é um caminho que requer mais investigação.

No que nos diz respeito, Rorschach propõe a internalização da ação como a base da capacidade de conter e estabilizar a ação impulsiva e o sistema de engramas de movimento como a via sensório-motora das experiências mentais que fundamentam a criatividade. Uma ideia que, por si só, é muito atraente e que parece estar em sintonia com as ideias do psicanalista inglês Wilfred Bion (Yazigi, L. Nashat, S., 2012).

Em resumo, Rorschach desenvolveu um teste perceptual estudando a reatividade do sujeito ao estímulo. Essa reatividade pode evocar memórias de movimento ou reagir ao cromatismo do estímulo. O ponto culminante desse modelo é o *Erlebnistypus*, como uma instância que une os tipos predominantes de reatividade, a evocação de uma interação sensório-motora com o mundo e a reatividade direta ao estímulo perceptual. Como diz Rorschach, são representantes de funcionamentos complementares, com foco nessa consciência de elicitación, ativação diante de estímulos.

O teste de Rorschach não nasceu como um teste projetivo, mas como um teste perceptivo. Ele pode ter uma leitura projetiva, o que inúmeras pesquisas mostraram ser eficaz. No entanto, não é o mesmo teste e vale a pena considerar os dois, cada um a partir de seus próprios fundamentos diferenciais. Hoje parece mais urgente explorar novamente as propostas iniciais do teste.

Muito obrigado.

Referências

- Akavia, N. (2013). *Subjectivity in Motion*. Routledge.
- Beck, S.; Beck, A.; Levitte, E.; Molish, H. (1961) *Rorschach Technique. I Basic Processes*. Grune & Stratton. Third edition.
- Bleuler, E. (1916). *Lehrbuch der Psychiatrie*, Springer, p 9.
- Bohm, E.(1968). *Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach*. Morata. p. 49-52.
- Claparède É. (1903). *Psychologie des associations*. Octave Doin Éditeur.
- Klopfer, B. & Kelley, D. (1942). *The Rorschach technique*, World Book Company, p.109-110.
- Meili-Dworetzki, G.. *Versuch einer der Bewegungsdeutungen im Rorschach-Test nach genetischen Gesichtspunkten*, Schweiz Zeitschr fur Psychologie, vol II, 1952, p. 265-282. Cit por Bohm, p. 51.
- Minkowska, F. (2003). *Le Rorschach: À la recherche du monde des formes*. Harmattan. (Originally published in 1956).
- Piaget, J. (1977) *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. Delachaux & Niestlé (Originally published in 1936).

- Rorschach, H. (1967b). Alucinaciones reflejas y simbolismo [Reflex hallucination and symbolism]. In H. Rorschach, *Obras menores e inéditas* (A. Guera Miralles, Trans.; pp. 160–167). Morata. (Original work published in 1912/1965).
- Rorschach, H. (2004). *Briefwechsel*, ed Christian Mueller & Rita Signer, Hogrefe.
- Rorschach, H. (2021). *Hermann Rorschach's Psychodiagnostics*: Newly translated and annotated 100th anniversary edition (P. J. Keddy, R. Signer, P. Erdberg, & A. SchneiderStocking, Trans. & Eds.). Hogrefe Publishing. (Original work published 1921)
- Rorschach, H. (2022). *Reflex hallucination and kindred manifestation* [Inaugural dissertation] (J. L. Gibbs, Trans.). International Society of Rorschach. (Original work published 1912)
- Silberstein, F. (2023) On the backgrounds and foundations of Psychodiagnostics. *Rorschachiana*, 44(2), 102–118 <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000174>
- Storch, E. (1902. Versuch einer psychophysiologischen Darstellung der Sinneswahrnehmung unter Berücksichtigung ihrer muskulären Komponenten [Attempt at a psychophysiological representation of sensory perception with consideration of its muscular components]. *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 11(4), 293–316. <https://doi.org/10.1159/000220983>
- Storch, E. (1903). Review of Versuch einer Psycho-Physiologischen Darstellung des Bewusstseins. *The British Medical Journal*, 1(2196), 260. <https://doi.org/10.1136/bmj.1.2196.260>
- Yazigi, L., & Nashat, S. (2012). Learning from the Inkblot. *Rorschachiana*, 33(2), 214–235. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000036>

Mirar atrás para seguir adelante: las inesperadas revelaciones de un exhaustivo “Retorno a Rorschach” un siglo después

Alberto A. Peralta

Psicólogo Clínico-Forense dominicano doctorado en Bélgica y en práctica privada por más de 40 años,
Exsecretario General de la Asoc. Latino-Americana de Rorschach, Director de los Archivos Rorschach
Americanos (Amereoarchives@hotmail.com)

Resumen: Se hace una presentación detallada de los argumentos esenciales del libro recientemente publicado por el autor (Peralta, 2022) *Retour à Rorschach*, en vías de su traducción al Español. Mediante una lectura atenta y exhaustiva del *Psicodiagnóstico* (Rorschach 1921/1977) es reconstruido el esquema mental (temporo-espacial) detrás del sistema triádico de categorías formales propuesto por este autor como base de su “experimento”, con miras a su fundamentación teórica definitiva. Apoyándose en la contribución de su discípulo directo H. Zulliger más las de otros autores clásicos, se concluye en la genuina sistematización de la tabla periódica (genético-estructural) de sus elementos perceptoanalíticos.

Esta conferencia se basa en nuestra exhaustiva investigación y consecutiva publicación bajo forma de libro (A. A. Peralta, 2022) sobre los fundamentos teóricos de la prueba de interpretación de formas de Rorschach. Contrario a lo que comúnmente se piensa, éste estaba constantemente preocupado por poner en pie tal “teoría de la prueba” (Binswanger, 1923/1967, pp. 230-1; Peralta, 2007, pp. 23-4) y el centenario del método nos pareció ser el momento adecuado para culminar tal tarea inconclusa, en homenaje a su monumental contribución al psicodiagnóstico.

Dicho libro, actualmente en vías de su traducción al Español para publicarse en Argentina, es absolutamente novedoso al interior de la psicología proyectiva pues posee una serie de cualidades tan infrecuentes que lo hacen sobresalir entre los volúmenes contemporáneos dedicados al test de Rorschach, cualidades que pasamos a enumerar:

- se toma al *Psicodiagnóstico* (Rorschach 1921/1977) en sí mismo, es decir a las *intuiciones originales* del maestro muy en serio, sin intentar reelaborar y proponer enseguida nuevos factores formales a agregar a su sistema (como han hecho abundantemente muchos expertos, desde Klopfer hasta Exner) modificando su *Gestalt* original;
- en este sentido se preocupa por develar específicamente ese fundamento teórico que H. Rorschach tanto anheló (y que autores contemporáneos han descartado como imposible de

lograr: Weiner, 1994, 1995) por lo que no es otra más de las numerosas contribuciones empíricas al método, aunque efectivamente sí se basa en muchas de éstas¹;

- demuestra más que cualquier trabajo anterior la influencia cierta del Psicoanálisis (y de la Fenomenología) sobre Rorschach;
- descubre por 1ra vez en un siglo el principio detrás de la secuencia asignada a las 10 láminas de Rorschach;
- presenta después de casi medio siglo de espera (desde Bohm et al., 1975) una nueva interpretación inédita de un protocolo por parte del mismo H. Rorschach;
- resuelve definitivamente el caso literalmente único, pero extraordinariamente controversial, del jerarca nazi Adolf Eichmann (Peralta 2019).

Entrando en materia, si se analiza en detalle el *Psicodiagnóstico* podemos constatar que Rorschach (1921/1977) originalmente desarrolló un sistema de *clasificación formal* de las respuestas (dejando de lado los contenidos) siempre *basado en el número 3*: las *localizaciones* fueron divididas en las tres categorías esenciales de G-D-Dd (Cap. II.6.ab pp. 42 y 45: resp. global - detalle usual - detalle raro), y los *determinantes* clasificados en la tríada clásica de factores B-F-Fb2 (Caps. II.5 y V-Ejemplos, pp. 30-31, 119: movimiento - forma - color), ambas series siempre presentadas en ese orden específico. En el primer caso (localizaciones) era obvio que se basó en una secuencia o principio *temporal*: “Ante todo, [el sujeto] procura interpretar la lámina que se le entrega en su totalidad... Hecho esto, pasa a observar las distintas partes de la figura, deteniéndose en aquellas formas accidentales que más se destacan en su composición... Una vez agotados los detalles que el ojo capta con mayor facilidad, la vista se detiene en las más pequeñas minucias de la imagen... repitiéndose con la mayor regularidad posible la sucesión G - D - Dd” (Cap. II.6.a p. 42). ¿Y en el segundo caso?

En el caso de la contribución más original de Rorschach, es decir los determinantes perceptivos que componen su Tipo Vivencial, es necesario hacer una lectura más fina. Simplificando en gran medida, vamos a referir al lector a sus cuadros a partir del N° IX del

1 “La teoría... proporciona una estructura al interior de la cual las contribuciones individuales cuadran juntas y producen una totalidad comprensible e inteligible en vez de un montón desarticulado” (Holt 1954, p. 503; nuestra traducción).

2 Siempre utilizamos los símbolos originales de Rorschach (1921/1977, “claves y abreviaturas” p. 20) abreviados del Alemán.

Psicodiagnóstico (pp. 233 y sgtes.) pero especialmente al importante esquema del cap. VII: "...esquema que venimos empleando desde hace mucho tiempo y que siempre volvemos a reproducir en el *Psicodiagnóstico*: el centro representa las funciones conscientes [F]... la mitad izquierda representa los factores introversivos [B], y la mitad derecha los extratensivos [Fb]" (pp. 193-5). Centro, izquierda y derecha no son nada más ni nada menos que los referentes *espaciales* de nuestro cuerpo físico (y del de todos los vertebrados), principio que se encuentra subrepticamente detrás de su manera sistemática de organizar estos determinantes B-F-Fb de su experimento³. No podemos sino pensar en Ellenberger (1954/1967, pp. 69-70) cuando decía que la evolución del pensamiento de Rorschach lo conducía hacia la Fenomenología, sobre todo la fenomenología categorial con su preocupación sistemática por reconstruir tanto la temporalidad (localizaciones) como la espacialidad (determinantes) de los pacientes: luego de este análisis su sistema original de categorías formales no parece ya tan imperfecto o asistemático como lo han sugerido numerosos "sistematizadores" posteriores.

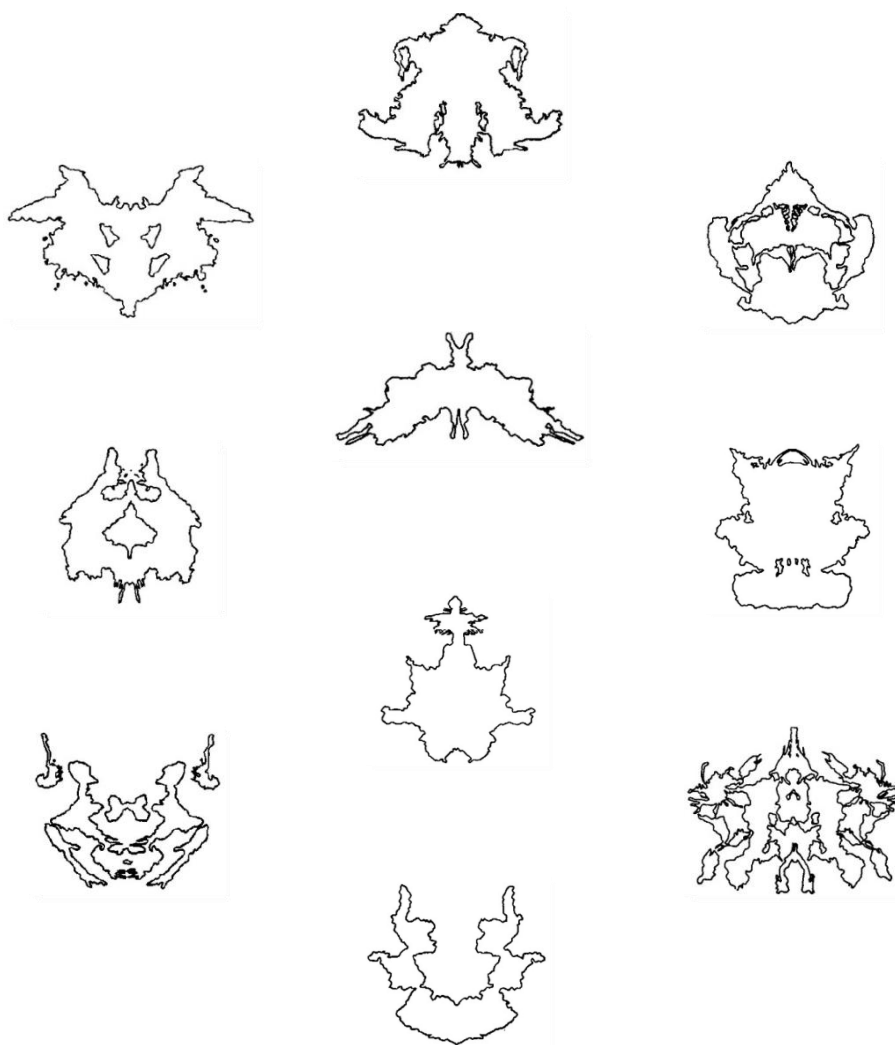
Pero este principio espacial no se queda sólo ahí: si echamos *una ojeada de conjunto* sobre este último esquema del Cap. VII (p. 194), ¿acaso no percibimos una sólida columna central y a partir de ella una curiosa simetría bilateral, algo quizás semejante a una especie de alas, de hecho extrañamente similar a la fig. I de Rorschach (o hasta a la VI invertida)? Queriendo decir que este principio *espacial-simétrico* no se encuentra solamente detrás de su concepción teórica de los determinantes, sino también de la composición siempre simétrica de cada una de sus 10 láminas que contienen dicho *ritmo espacial* (Cap. I.1 p. 23), constituyendo pues un factor fundamental de su pensamiento.

Intentemos ir aún más lejos. Es curioso que cuando Rorschach (1921/1977) describe por primera vez sus imprevistas respuestas B de movimiento (Cap. II.5.b, p. 32) todos sus ejemplos son sacados de las 3 primeras láminas I-III que son las que más fácilmente las estimulan; más que curioso, esto se vuelve más bien sistemático cuando él pasa a las respuestas Fb de color (Cap. II.5.c, p. 36) y sus ejemplos emergen repetitivamente de las 3 últimas láminas VIII-X,

³ Debemos señalar que este esquema del Cap. VII plantea además una nueva cuestión por el momento sin solución visible: la inclusión *asimétrica* de un 4to. y recién descubierto determinante, el *claroscuro* (Hd), así como planteó ya antes en el desarrollo del mismo capítulo una diferenciación necesaria entre las localizaciones *globales*, unas G iniciales más imprecisas o primitivas a diferenciar de otras G finales superiores o sintéticas (asunto perfectamente analizado y resuelto por Dworetzki, 1939). Estas interesantes cuestiones serán retomadas al final del presente texto.

tanto para las FFb como para las FbF y las Fb puras. ¿Y a mitad de la serie? Por su estructura, las láminas IV-VII son evidentemente aquéllas que más estimulan simples respuestas F de forma (Cap. III.1, pp. 52) para concluir en que, organizando y ‘leyendo’ el conjunto de láminas de izquierda a derecha (Fig. 1) reencontramos el orden espacial y triádico ya conocido de los determinantes B-F-Fb de ninguna manera al azar, y para nada el orden temporal u ontogenético asumido por muchos autores (Beck, Klijnhout, Monod, Anzieu, McCully, Morali-Daninos & Cerf, Simón Hernández). El principio organizador simétrico-triádico de Rorschach dictó así *a priori* la estructura espacial del material de la prueba como visible no solamente en la construcción simétrica de cada mancha individual sino reencontrada en una equivalente, obviamente intencional *simetría general* de la serie como un todo. Se trata de una reconstrucción del conjunto de la estructura de la serie –proveída pero guardada en silencio por Rorschach– completamente original de nuestra parte, en todo caso no la hemos encontrado en ningún otro lugar en la literatura especializada. Y Rorschach (2004) se refirió específicamente a ello cuando escribió “...la prueba con nuevas láminas tendrá quizás necesidad de mucho trabajo todavía; la proporción entre las reacciones de movimiento y color, como la que contiene la serie actual, es evidentemente muy apropiada y no tan fácil de componer nuevamente” (carta 71 p. 156, nuestra trad.).

Figura 1. Contornos de las 10 láminas del Test de Rorschach, organizadas de izquierda a derecha en 3 columnas según el principio espacial simétrico-triádico de los determinantes : B-Fb.



Gracias a Ellenberger hemos podido incluso determinar de dónde procede originalmente dicho esquema triádico (más allá de la obvia influencia de Jung):

“Las clasificaciones psiquiátricas ternarias eran frecuentes en Alemania a principios del siglo XIX. La más célebre fue la de Heinroth [1818]... Este autor comenzaba por distinguir, en la mente humana, tres facultades fundamentales: afectividad, intelecto, voluntad...” (1963/1995, pp. 168 y 177; nuestra trad.)

“...la psicología en el siglo XVIII. El marco de referencia psicológico que es generalmente utilizado hoy día data de esta época. Las manifestaciones psicológicas fueron divididas en tres grandes grupos o ‘facultades’—intelecto[B], afectividad[Fb], y voluntad[F]... Este marco de referencia psicológico... fue adoptado por los psiquiatras del comienzo del siglo XIX [Heinroth, 1818]... Incluso el concepto de Bleuler de esquizofrenia es un vástago tardío de la psicología del siglo XVIII.” (1958, pp. 93-4; nuestra trad.)

He ahí la clara línea de influencia de autores sucesivos hasta llegar a Rorschach a principios del siglo XX.

La última parte de nuestra exposición concierne el rol capital de su más importante discípulo H. Zulliger en el logro de tal sistematización teórica del “experimento” de Rorschach, donde todos sus factores formales demuestran estar íntima y perfectamente interrelacionados como se espera en una *Gestalt* o sistema genuinos. ¿Porqué tal preferencia con el mencionado autor? Exner (1969) ya lo sugería al afirmar que “...ninguno de los autores de los cinco Sistemas [de los E.U.A.]... tuvo ninguna experiencia directa con Hermann Rorschach”, agregando que “es difícil predecir la medida en que cualquiera de estos Sistemas podría haberse desarrollado de haber Rorschach vivido más tiempo o de haber Oberholzer, Morgenthaler, o Roemer asumido un liderazgo más activo en la investigación Rorschach” (pp. 7 y 12, nuestra trad.); históricamente, Zulliger (1948-1954/1970, “notas biográficas” pp. 3-5) ha sido el único experto en cumplir con ambas condiciones.

Si comenzamos por constatar que Zulliger puso en pie un test derivado del de su maestro *precisamente de tres láminas*, ya tenemos una buena pista para empezar. Empero, el esquema que este discípulo implícitamente propone con su nuevo test es diferente al original (G-D-Dd + B-F-Fb). ¿Acaso distorsionó la *Gestalt* propuesta por Rorschach como tantos otros lo han hecho? Consideremos su propio razonamiento:

“Lámina I... muestra matices de gris, negro y blanco... En virtud de su claroscuro, esta lámina es la que más fácilmente provoca en ciertos sujetos un *shock* o choque al claroscuro. Algunos sujetos interpretan sin dificultad alguna toda la imagen. Si esto no sucede en el acto, ya surge en la mayoría de los casos la sospecha de una... perturbación de la inteligencia...”

“Lámina II. Es una lámina en colores... No les resulta muy fácil a los sujetos producir una interpretación total... Deliberadamente elegimos como segunda lámina una imagen que dificulta... la interpretación en su totalidad. Como las distintas manchas de color están simétricamente dispuestas, y a la vez nítidamente delimitadas y cerradas en sí, esta lámina estimula ante todo las interpretaciones de detalles.”

“Lámina III... se interpreta en su totalidad más fácilmente que la II, pero con mayor dificultad que la I. Según el caso... el talento de combinación... se confirma... Se eligió de tal suerte que por lo menos *una* interpretación ha de producirse por empatía con un movimiento.” (Zulliger 1948-1954/1970, pp. 11-15; subrayado añadido)

Es decir, su nueva serie de factores formales se autodefine ahora como siguiendo la secuencia de localizaciones G-D-G(comb.), y de determinantes Hd-Fb-B. Pero si tomamos la 1ra serie de modos de apercepción de hecho su inspiración no podría ser más rorschachista: es ni más ni menos la que Rorschach mismo (1921/1977) sugirió en el cap. VII.(2) definitorio de su legado (pp. 185-6: “primero una respuesta G; luego, detalles... y por fin... una nueva interpretación sintética (G) o una respuesta estructurada con varias D”), así como es la hallada por Dworetzki (1939) en su extraordinario estudio experimental sobre la evolución de la percepción en el test de Rorschach a través de las edades (p. 262: en palabras de Renan “1) La visión general y confusa del todo, 2) Visión definida y analítica de las partes, 3) Recomposición sintética del todo con el conocimiento que se tiene de las partes”; nuestra trad.). Tal parece que Zulliger, muy intuitivamente, más bien captó conceptos rorschachistas esenciales.

Pasemos ahora a los determinantes: ¿porqué ese nuevo orden Hd-Fb-B? Nuestra extrañeza desaparece cuando constatamos que algunos de los mejores rorschachistas clásicos ya habían señalado tales correlaciones interfactoriales enumeradas arriba por Zulliger: Binder defendió desde un principio la correspondencia entre Hd y G primitivas; en contraste Bohm (entre otros) explicó perfectamente esa unidad entre Fb y D (1959/1977, pp. 309, 314-5); y ya Rorschach mismo (1921/1977, Caps. IV.1 pp. 63-4, VII.1 p. 177 resp. III-1 + nota; luego

Piotrowski, Kuhn, etc.) intuyó esa íntima relación entre B y G superiores o combinatorias (para más detalles ver Peralta, 2005).

¿Y los 4tos factores provisionalmente dejados de lado, Dd y F? Los mismos no quedan para nada excluidos sino que se ubican espontáneamente en perfecta armonía con los hallazgos de Dworetzki (y Mélon) basados en la evidencia experimental, lo que ella llamó “análisis primitivo” como una etapa intermedia entre la globalización imprecisa inicial y el verdadero análisis de la etapa intermedia:

“He aquí cómo se presenta el desarrollo: 1) En el primer nivel: predominio de las G, junto a un número importante de Dd; 2) Segundo nivel: crecimiento pronunciado de los D, a expensas de las G y de los Dd; 3) En el último nivel: fuerte retorno de las G, disminución de todos los detalles. Pero siguiendo los resultados edad por edad... el desarrollo parece más complicado: Constatamos para empezar que los Dd no son para nada frecuentes en los primerísimos estadios, sino que aparecen solamente en gran cantidad hacia los 5 años, entre los 5 y los 7 años; los Dd toman, en proporción, un lugar muy importante... Luego de los 7 años, la proporción cambia a favor de los D (hasta los 13 años) mientras que en los últimos grupos, las G aumentan de nuevo. Aunque irregular en los detalles, el desarrollo puede ser recogido en 4 etapas 1) G, 2) Dd, 3) D, 4) G.” (p. 275; nuestra trad.)

Y como las mentes superiores se complementan, no debería sorprendernos para nada el hallazgo correlativo de Schachtel (1967, p. 60 nota 9; nuestra trad.) en el sentido de que: “La mayoría de los Dd son F o F-dominantes, es decir, activamente estructurados”.

En resumen, Zulliger y Dworetzki –independientemente el uno de la otra, a pesar de ser ambos suizos– le dieron la siguiente estructura al sistema de categorías formales originales de Rorschach, triádico pero secretamente tetrádico: **I G Hd, IIa Dd F / IIb D Fb, III G B**, pero sin forzarlas o distorsionarlas y en perfecta armonía con el espíritu conceptual de su maestro; en otras palabras, lograron la *sistematización teórica definitiva* del método perceptoanalítico tan anhelada por su creador. O según las palabras de Salomon, discípulo del primero, integraron los esforzados hallazgos de tantos autores independientes mencionados en “una técnica Rorschach genético-estructural” es decir temporo-espacial coordinada, sobre una base psicoevolutiva (Dworetzki, Werner, Murphy), filosófica (Renan, o Hegel, o Spencer; luego

Peirce y Schotte-Deese), y/o psicoanalítica (Zulliger, Salomon, Mélon). Bohm lo resumió elocuentemente:

“Como se sabe, un experto en Rorschach, avezado y, sobre todo, familiarizado con la psicología profunda puede deducir a veces importantes datos de la biografía interna del Pr. (recordemos aquí los trabajos casuísticos de HANS ZULLIGER). Precisamente para esta parte de las experiencias con el test de Rorschach no había hasta ahora ninguna explicación satisfactoria proporcionada por la Psicología experimental... Pero no sólo la personalidad, sino también toda percepción, es el resultado de un proceso de evolución... Existe ahí una relación ‘micro-macro’ en forma de un paralelismo, primero entre las fases evolutivas de la percepción aislada y de la ontogénesis en general... Sólo por estas relaciones entre minigénesis de la percepción y la ontogénesis de la personalidad, se comprende que un experimento psicológico perceptivo, como el test de Rorschach, refleje y haga en la práctica comprensibles no sólo ciertas actitudes básicas (orientación espacial, tipo vivencial analítico o global, y otras cosas), sino también la ‘historia anterior’ de las peculiaridades de la vivencia y de la conducta de una personalidad” (1951/1979, pp. 413-4).

Sobre la calidad de coherencia *Gestaltica* de este logro científico, no vemos mejor manera de concluir que citando una ley estética⁴ que el genio científico-artístico de H. Rorschach intuía perfectamente:

“¿Por qué es el equilibrio un factor indispensable de la composición estética? Una de las razones, la cual es pasada por alto con frecuencia en las discusiones sobre la materia, es que visualmente, tanto como físicamente, el equilibrio representa el estado de distribución en el cual todos los elementos han encontrado reposo. En una composición balanceada **todos los factores de forma, dirección, localización, etc. están mutuamente determinados los unos por los otros de tal manera que ningún cambio luce posible y el todo asume carácter de ‘necesidad’ en todas sus partes**” (Arnheim 1951, p. 267; nuestra trad., negritas añadidas).

⁴ “La perfección estética es un criterio nada despreciable de la verdad en materia de ciencia a pesar de lo que piensen la mayoría de los científicos que, casi siempre ignorantes de la cuestión, la tienen habitualmente por risible. Inversamente, una gran obra artística, ya sea pictórica, literaria o musical, obedece a reglas matemáticas rigurosas que el creador ignora evidentemente siempre pero que con respecto a las cuales es la misión de una estética verdaderamente científica... de descubrirlas” (Mélon & Lekeuche 1989, p. 80; nuestra trad.).

Referencias

- Arnheim, R. (1951). Perceptual and aesthetic aspects of the movement response [Aspectos perceptivos y estéticos de la respuesta de movimiento]. *Journal of Personality*, 19, 265-81.
- Binswanger, L. (1967). Observaciones acerca del "Psicodiagnóstico" de Hermann Rorschach. En H. Rorschach (K. W. Bash, Ed.), *Obras Menores e Inéditas* (A. Guera Miralles, Trad.) (2da parte, cap. I.26, pp. 228-40). Madrid: Morata. (Reimpr. de *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 1923, 9, 512-23)
- Bohm, E. (1979). *Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach* (A. Serrate, Trad.) (7ma ed.). Madrid: Morata. (Orig. publ. en 1951)
- Bohm, E. (1977). The Binder chiaroscuro system and its theoretical basis [El sistema de claroscuro de Binder y su base teórica]. En M. A. Rickers-Ovsiankina (Ed.), *Rorschach Psychology* (2da ed.) (pp. 303-24). Huntington, NY: Robert E. Krieger. (Reimpr. de *Beiheft zur Schweizerischen Zeitschrift für Psychologie und ihre Anwendungen*, 1959, 34[Rorschachiana, Vol. V], 160-78)
- Bohm, E., Friedemann, A., Rizzo, C., & Schmidt, T. (1975). Blindauswertung eines Rorschach-Protokolls – Wie steht es um die Validität des Rorschach'schen Formdeutversuchs? – Vergleich mit der Originaluntersuchung und dem Psychogramm von Hermann Rorschach [Interpretación a ciegas de un protocolo Rorschach – ¿Qué hay de la validez de la prueba de interpretación de formas de Rorschach? – Comparación con la investigación original y el psicograma de Hermann Rorschach]. *Beiheft zur Schweizerischen Zeitschrift für Psychologie und ihre Anwendungen*, 59 (Rorschachiana, Vol. XII), 1-70.
- Dworetzki, G. (1939). Le test de Rorschach et l'évolution de la perception: Etude expérimentale [El Test de Rorschach y la evolución de la percepción: Estudio experimental] [Monografía]. *Archives de Psychologie*, 27 (Supl., No. de Serie 107-108), 233-396.
- Ellenberger, H. F. (1967). Vida y obra de Hermann Rorschach (1884-1922). En H. Rorschach (K. W. Bash, Ed.), *Obras Menores e Inéditas* (A. Guera Miralles, Trad.) (pp. 25-70). Madrid: Morata. (Reimpreso de *Bulletin of the Menninger Clinic*, 1954, 18, 173-219)
- Ellenberger, H. F. (1958). A clinical introduction to Psychiatric Phenomenology and Existential Analysis [Una introducción clínica a la Fenomenología Psiquiátrica y al Análisis

- Existencial]. En R. May, E. Angel & H. F. Ellenberger (Eds.), *Existence – A New Dimension in Psychiatry and Psychology* (Cap. III, pp. 92-124). New York: Touchstone.
- Ellenberger, H. F. (1995). Les illusions de la classification psychiatrique [Las ilusiones de la clasificación psiquiátrica]. En H. F. Ellenberger, *Médecines de l'Âme : Essais d'histoire de la folie et des guérisons psychiques* (Cap. II.2, pp. 159-81). Paris : Fayard. (Reimpr. de *L'Evolution Psychiatrique*. 1963, 28[2], 221-42)
- Exner, J. E., Jr. (1969). *The Rorschach Systems* [Los Sistemas Rorschach]. New York: Grune & Stratton.
- Holt, R. R. (1954). Implications of some contemporary personality theories for Rorschach rationale [Implicaciones de algunas teorías contemporáneas de la personalidad para la lógica del Rorschach]. En B. Klopfer, M. D. Ainsworth, W. G. Klopfer & R. R. Holt (Eds.), *Developments in the Rorschach Technique: Vol. I. Technique and theory* (pp. 501-60). New York: Harcourt, Brace & World.
- Mélon, J., & Lekeuche, P. (1989). *Dialectique des Pulsions* [Dialéctica de las Pulsiones] (2da ed.). Louvain-la-Neuve: Academia.
- Peralta, A. A. (2005). Reconstruyendo intuiciones originales de H. Rorschach: ¿sistematización? *Psicodiagnosticar*, 15, 69-83.
- Peralta, A. A. (2007). Fundamentos del sistema Rorschach: teoría vs. empirismo. *Psicodiagnosticar*, 17, 23-44.
- Peralta, A. A. (2019). La teoría del Rorschach y la práctica de su interpretación: “Nada hay más práctico que una buena teoría” (K. Lewin). *XVII Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras Técnicas Proyectivas - ACTAS*, 43-64 (Argentina). Loc. en <http://www.asoc-arg-rorschach.com.ar/revista/Actas-Noviembre-Congreso-2019.pdf>
- Peralta, A. A. (2022). *Retour à Rorschach* [Retorno a Rorschach]. Paris : L'Harmattan.
- Rorschach, H. (1977). *Psicodiagnóstico* (L. Rosenthal, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Orig. publ. en 1921)
- Rorschach, H. (K. W. Bash, Ed.). (1967). *Obras Menores e Inéditas* (A. Guera Miralles, Trad.). Madrid: Morata. (Orig. publ. en 1965)
- Rorschach, H. (C. Müller & R. Signer, Eds.). (2004). *Briefwechsel* [Correspondencia]. Bern: Hans Huber.

- Schachtel, E. G. (1967). *Experiential Foundations of Rorschach's Test* [Fundamentos Vivenciales de la Prueba de Rorschach]. London: Tavistock.
- Weiner, I. B. (1994). The Rorschach Inkblot Method (RIM) is not a test: Implications for theory and practice [El Método de Manchas de Rorschach (MMR) no es una prueba: Implicaciones para la teoría y la práctica]. *Journal of Personality Assessment*, 62, 498-504.
- Weiner, I. B. (1995). Searching for Rorschach theory: A wild goose chase [Buscando la teoría Rorschach: Una cacería inútil]. En V. Moita & A. A. Pires (Eds.), *XIVth International Congress of Rorschach and Projective Methods – Proceedings Book* (pp. 23-32). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Rorschach.
- Zulliger, H. (F. Salomon, Ed.). (1970). *El Test Z : Un test individual y colectivo* (J. J. Thomas, Trad.) (ed. comb.). Buenos Aires: Kapelusz. (Orig. publ. en 1948-1954)

O Método Fenômeno-Estrutural aplicado ao Rorschach: Tempo implícito e tempo derivado⁵

Jean-Marie Barthélémy

Doutor em Letras e Ciências Humanas, Professor honorário de psicopatologia e psicologia clínica,
Université Savoie-Mont-Blanc

Michel Ternoy

Doutor em Letras e Ciências Humanas, psicólogo do Serviço Público Hospitalar

O centenário do *Psicodiagnóstico* de Rorschach nos oferece a bela oportunidade de um olhar retrospectivo, não por nostalgia, mas para lembrar a solidez dos fundamentos constitutivos desse método, garantia de sua longevidade a partir dos seus enriquecimentos ao longo dos seus desenvolvimentos subsequentes até à sua atualidade e promessas contemporâneas. A corrente fenômeno-estrutural se inscreve em seu rastro, desde a sua adoção por Françoise Minkowska, como um dos principais instrumentos para a abordagem de um “mundo das formas” por meio de suas modalidades de expressão em que a análise minuciosa da linguagem ocupa um lugar essencial. Sob a influência de Eugène Minkowski, a temporalidade vivida desempenha um papel preponderante ao imprimir sua marca na estrutura da personalidade, concebida não como uma permanência fixa, mas aberta a um conjunto de inflexões que obedecem a seus dominantes internos. O objetivo deste artigo é retrazar esse percurso cronológico na seguinte direção. Mostraremos, primeiro, como a dimensão temporal, embora distante das intenções iniciais de Hermann Rorschach em sua apreensão perceptiva da personalidade, impõe-se a ele de maneira lateral, secundária ou em filigrana em algumas de suas concepções técnicas, metodológicas e teóricas. A seguir, como a inscrição expressiva da análise da linguagem e das atitudes, quase ausente em Rorschach, serve de ponto de apoio para a coleta e a compreensão ampliada do protocolo em uma representação mais dinâmica da

⁵ Originalmente publicado na *Psychologie clinique et projective*, volume 29-2021 / 1. p. 69-91, Éditions érès ; tradução autorizada em 20/12/2021 e realizada por Andrés Eduardo Aguirre Antúnez, Isabelle Gayon e Jacqueline Santoantonio. Revisão técnica: Latife Yazigi. Últimas revisões: Andrés Antúnez, Julia Kalinda de Oliveira Cardoso, Ariane Voltolini Paião, Thaís Cristina Marques dos Reis, Alfredo Mendes Chaves.

Jean-Marie Barthélemy, doutor em Letras e Ciências Humanas, professor honorário de psicopatologia e psicologia clínica, Université Savoie-Mont-Blanc, jeanmariebarthelemy@gmail.com

Michel Ternoy, doutor em Letras e Ciências Humanas, psicólogo do Serviço Público Hospitalar, michel.ternoy@wanadoo.fr

pessoa. Finalmente, durante uma última etapa mais contemporânea, indicaremos como o diálogo com outras práticas, como o *Sonho Acordado Dirigido*, reforça a necessidade de uma análise dinâmica da sucessão de respostas, das pranchas e dos comportamentos associados para um enfoque mais móvel, flexível e prospectivo da singularidade pessoal. A passagem pelos transtornos depressivos relembrará as pressões de uma alteração temporal na escolha ou no desdobramento de certos conteúdos. O estudo dos delírios e das alucinações na psicose crônica, que se relacionam e entram em conflito com a realidade perceptiva, servirá de suporte para prosseguir a análise minuciosa da persistência das imagens ao longo do tempo por meio dos mecanismos da “imagem que não se sustenta”, de “detalhismo”, bem como seus desvios narrativos associados. As conclusões abrem-se na perspectiva de uma exploração de um “tempo derivado”, noção de ambição que é ao mesmo tempo unificadora, sintética e prospectiva deste percurso.

Tempos Explícito e Implícito no Rorschach

Enquanto estava concebendo e, mais tarde, quando propôs sua prova em 1921, foi sob o registro prioritário e fundamental de uma ampla exploração da percepção visual que Hermann Rorschach se alinhava, muito mais do que ao lado de um Psicodiagnóstico, ainda que reduzido e cujo título foi imposto pelo editor contra a sua vontade.

Essa "interpretação das figuras do ponto de vista da percepção⁶" (Rorschach, 1921, p. 16), como enuncia em seu breve capítulo introdutório ao método, logo após uma apresentação sucinta do material e da técnica, permanecerá a base e o traço comum de sua pesquisa, da análise dos resultados às conclusões resumidas em que Rorschach lembra que "os problemas que se apresentam são, em primeiro lugar, os que se ligam aos princípios formais do processo de percepção" (ibid., p. 199). Ao fazer isso, ele aparentemente se mantém afastado de uma representação mais dinâmica da atividade psíquica, na medida em que essa função perceptiva é

⁶ NT: Em todas as citações de Hermann Rorschach usou-se a tradução brasileira de Rorschach, H. (1967). *Psicodiagnóstico - Método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção (interpretação de formas fortuitas)*. Tradução do original alemão da 8ª edição não modificada por Marie Sophie de Villemor Amaral. São Paulo: Editora Mestre Jou. (Originalmente publicado em 1921). Optou-se por manter a gramática utilizada nessa tradução.

exercida por definição em um momento circunscrito e instantâneo de sua expressão sob o efeito da solicitação espacializada das pranchas.

No entanto, ao longo de sua jornada, um conjunto de parâmetros emergem, que sugerem explicitamente ou mais furtivamente algumas inscrições de um contraponto diacrônico subjacente, embora ainda subdesenvolvido em um estágio de compreensão considerado por si mesmo como embrionário. É o caso de algumas anotações cronométricas, prováveis concessões a um suporte quantitativo mínimo, garantia de uma recomendação científica que necessita de aprovação.

Assim, embora tenha se revelado "ser inútil fixar um tempo de exposição" (*ibid.*, p. 16), nada impede de anotar a duração da aplicação. Em relação ao número de respostas, fornece um "tempo de reação" cujo nome evoca a psicofísica, ao mesmo tempo que designa uma dimensão relativa de uma ordem completamente diferente, já que é mais por uma aproximação — "Não se pode falar naturalmente, neste caso, de um tempo de reação exato" (*ibid.*, p. 22) — de um intervalo médio entre as respostas, para um critério a meio caminho entre a produção e a velocidade de execução. A análise desse fator permanece muito sumária e limitada em relação a uma lentidão ou vivacidade de espírito deduzida da velocidade de execução, que, para falar a verdade, dificilmente necessita de uma prova tão sofisticada para ser apreciada clinicamente.

Desde que se entra no estudo dos "modos de apreensão", a abordagem se mostra muito mais diferenciada e sutil, e também muito mais específica. A distribuição geral entre as respostas globais, os grandes e pequenos detalhes, é completada por uma observação aguçada em relação às primeiras, o que dará origem a uma categorização e subdivisão muito precisas com tantas orientações correspondentes ou dominantes intelectuais. Em razão de seu caráter mais ou menos construído, as chamadas globais "secundárias", em oposição às "primárias" mais imediatas, prestam-se melhor a uma exigência de ancoragem temporal decorrente de um atraso mais ou menos pronunciado em sua elaboração. Eles também abrangem uma separação muito rígida entre respostas de um conjunto e de grandes detalhes, uma vez que algumas conseguem se encaixar a partir de uma combinação das outras; a entrada unitária inicial pode aparecer inversamente como uma composição que a pessoa declinará em sua descrição. As respostas globais secundárias são divididas em "combinatórias" e "confabulatórias". A distinção adicional proposta por Rorschach entre "simultaneamente" e "sucessivamente" combinados

estende uma ramificação que indica implicitamente uma sensibilidade a um tempo mais ou menos longo para a elaboração da resposta, em outras palavras, a uma consideração de um tempo necessário para seu surgimento e depois sua colocação no espaço e nas palavras, mas também por uma ressonância mais interpretativa e personalizada do que friamente enunciativa, como mostra seu exemplo: “Prancha I: “Dois homens (laterais) e uma figura feminina (centro); os homens brigam por causa da mulher”(ibid., p. 39). Colocar em perspectiva uma relação duradoura entre várias partes da prancha potencializa, assim, uma pressão narrativa, ou seja, uma tendência à narrativa também pode levar a uma união expansiva significativa entre eles, a menos que seja o inverso. Seja como for, isso supõe uma rápida assimilação perceptiva ou seu desenvolvimento mais lento: “Às respostas sucessivo-combinatórias defrontam-se as globais *simultaneamente combinatórias* que se diferenciam das primeiras talvez apenas pela maior velocidade do processo associativo” (ibid., p. 39). A inclusão da velocidade no processo de acomodação atesta no Rorschach uma receptividade a uma aliança espaço/tempo, mais ampla, complexa e significativa do que uma simples estratificação espacial em modos de apreensão independentes. A confabulação precipita e anula rapidamente, sem cautela ou aplicação [dedicação], o controle de formas nas quais a resposta combinatória requer atividade construtiva mais detalhada e refletida, seja imediata ou adiada. No caso de um “amálgama de confabulações e combinações” (resposta confabulatória-combinatória), alguns podem “contar histórias inteiras, desta maneira, a partir das imagens” (ibid., p. 40), em outras palavras, inventar uma crônica a partir de um ritmo viso-espacial que estimule seus entendimentos. A resposta global contaminada e sua célebre ilustração - “o fígado de um estadista que não explode”⁷ - ao contrário, encurta no tempo, agrega e [faltou verbo no texto original = atua em um curto circuito?] curto-circuito em um espaço coletado diversas fases do desdobramento fracassado da resposta até condensá-las em um amálgama incoerente no qual a simultaneidade tem precedência sobre a sucessividade.

Os “tipos de apreensão” cuja diferenciação requer ainda uma concepção relativa na sugestão de uma proporção na qual a falta uma “base aritmética mais sólida” (ibid., p. 43) não o impede, a menos que facilite a revelação de uma “tipologia” resultante de influências

⁷ p.40 “O fígado de um estadista de vida metódica”.

intelectuais complexas e particularmente personalizadas, construída sobre a base de uma “persistência em sua disposição em dar, para cada prancha⁸, pelo menos uma resposta global” (*ibid.*, p. 45), a partir da qual é difícil ver como poderia resultar de um simples cálculo e que, portanto, necessariamente testemunha um olhar retrospectivo, proporcional e portanto relativo, sobre a continuidade viva do protocolo. Segundo Rorschach, o humor e os “momentos afetivos” orientam particularmente essa dimensão, que se pode erroneamente acreditar ser dependente de fatores estritamente cognitivos. Enquanto uma combinatória, na acepção matemática do termo desta vez, iria a priori dividir os tipos de apreensão em tantas categorias quanto virtualmente possível a experiência clínica revela áreas cegas: assim encontramos um tipo G puro, mas não um tipo D ou Dd puro porque “todos os outros tipos são *combinados* e dependem da rapidez com que o indivíduo passa das G para as D, das D para as Dd, etc.” (*ibid.*, p. 44). Então, novamente a velocidade, em outras palavras, uma certa maneira de distribuir o tempo, ocorre onde se esperaria uma focalização perceptiva estática.

O mesmo vale para a “sucessão dos modos de apreensão”, considerada não de acordo com um arranjo abstrato, mas de uma forma empírica e pragmática: “É possível que se pudesse estabelecer tipos especiais de sucessão, mas isto talvez fosse inútil; basta uma distinção entre a *sucessão rígida, a ordenada, a inversa, a relaxada e a incoerente*” (*ibid.*, p. 45). Umas, como as outras são, portanto, diferenciadas em função de uma maior ou menor flexibilidade das sequências que determinam uma grande diversidade, tanto nas pessoas “normais” quanto patológicas, em que se alternam traços de caráter e comportamentos que caracterizam ao mesmo tempo as formas de inteligência e de imaginação, inclinações tímicas, as “mentalidades”, os sentimentos interiores experimentados ou as reações básicas a solicitações externas a si mesmo, mais amplamente, portanto, atitudes em relação à existência. De acordo com uma concepção subjacente do autor baseada nos resultados de suas observações, a percepção aqui sugere menos uma especificidade funcional isolada do que seus vínculos fundamentais com todos os componentes flutuantes ou duradouros da personalidade.

A apresentação dos “determinantes” de cada resposta, por sua vez, dá origem a várias considerações laterais ou de fundo entre as quais um continuum temporal distribui atualizações

⁸ imagem, p.45

ou reatualizações subterrâneas. É o caso, por exemplo, de referências recorrentes a “imagens-memória” das quais a percepção se baseará para que sua expressão aparentemente “espontânea” possa ser exercida. O “choque-cor” exprime-se a seu modo como uma ruptura temporária, “um ‘estupor’ afetivo e associativo mais curto ou mais longo” (*ibid.*, p. 35-36) em um curso até então regular; ele, assim, relembra abruptamente a necessária vigilância sustentada em uma cadência de visão e enunciação, em particular durante certas passagens críticas ou por ocasião de limiares transicionais. Mas uma impregnação temporal mais constante emerge sobretudo da análise psicológica das cinestésias, cuja complexidade constitui, segundo seu descobridor, “o ponto mais delicado de toda a prova” (*ibid.*, p. 27), mas também talvez o mais sujeito a polêmicas e, principalmente, à reflexão sobre a dinâmica da vida psíquica. Na verdade, a imagem raramente se ergue numa verticalidade crua, fixa, fria ou imóvel, o seu ordinário depende antes de uma animação com múltiplos componentes e facetas às quais nos mostramos mais ou menos receptivos e sensíveis. A descoberta da cinestesia no Rorschach contribui para esta ampla concepção de uma percepção em que são integradas e federadas as ressonâncias sensoriais compostas entre as quais impressões de movimentos fortemente experimentados e às vezes esboçados por gestualizações⁹; chegam ao ponto de negligenciar ou superar uma separação objetiva do suporte como na Prancha III, onde os personagens costumam se impor habitualmente apesar do corte manifesto entre os grandes detalhes pretos. Deixaremos aqui toda a complexidade da análise que Rorschach entrega, as origens e os significados psicológicos que ele lhes atribui à custa de algumas contorções senão contradições, por exemplo em sua restrição hesitante ao conteúdo humano, para reter apenas o que diz respeito ao nosso projeto. A inscrição de uma atividade implícita na imagem percebida introduz um movimento não redutível a um deslocamento porque oculta todo um conjunto de pressões provenientes de um dinamismo vital existencial subjacente em relação à realização e às disposições criativas, mas que forneceriam informações em um transbordamento rudimentar de motilidade ou mobilidade. Supõe, portanto, uma inserção em uma duração mínima, senão uma história da pessoa mais matricial do que acontecimento do qual atualiza, por sua vez, um momento captado no instante

⁹ Em francês “le mime”, p.74; mímica em português teria sentido similar.

perceptivo e uma intencionalidade no trabalho voltada para uma gama de formas eleitas pendentes de produções predestinadas que estariam de acordo com ela.

Para finalizar com as contribuições originais de Rorschach a essas questões fundamentais, lembremos o papel metafórico que a apresentação ordenada das pranchas por ele desejada pode desempenhar a esse respeito para o que ele chama de "série¹⁰ [...] constituída progressivamente, sempre de acordo com os resultados empíricos¹¹ (*ibid.*, p. 16 e 51)": esta preliminar tenebrosa rapidamente seguida por duas pranchas onde o vermelho e o preto se esforçam para dialogar, contradizer-se ou colidir, o retorno para apenas do preto mais ou menos marcado ou borrado durante quatro solicitações insistentes nas quais sente-se uma certa capacidade de ir longe e manter o curso durante esta exigente travessia, tanto pelo praticante/examinador/aplicador como pelo paciente, até esta apoteose de cor nas últimas três pranchas. Embora nada seja dito abertamente, pelo autor, das inflexões que presidiram a este curso imposto, percebe-se, no entanto, que se repousa em uma intuição básica combinada com uma rica pré-experiência onde o "ritmo espacial", como ele o chama, tem um papel-chave. Na prática, para o praticante/examinador/aplicador, ela é gravada de uma passagem para outra com evidências crescentes e nunca contradita em uma espécie de homenagem tácita constantemente renovada a seu talentoso pioneiro.

Sem dúvida sob o efeito das características da percepção e, portanto, da pessoa que se presta à experiência, o suplemento póstumo logo sucede a obra propriamente dita, cuja ocasião foi a análise de um caso seguido por seu colega e amigo psicanalista Oberholzer, virá no fio não só para completar empreendimentos anteriores, mas para prolonga-los e alargar consideravelmente na opção que aqui nos ocupa, a de uma ênfase singular no desenvolvimento das respostas. Esse paciente insiste em particular, ao fazer o teste, em assumir o comando de uma arquitetura espacial complexa, parte de um desenvolvimento particular de suas respostas. A prancha II, por exemplo, oferece-lhe a oportunidade de sublinhar este modo de visão: "E, por outro lado, uma grande alameda (=detalhe intermediário), ladeada pelas belas árvores escuras (=preto), que sobe aqui (=meio, preto) e que se perde à distância, numa balaustrada, tudo em perspectiva" (*ibid.*, p. 207). Este tipo de resposta, em que se tecem sabiamente as contribuições

¹⁰ p.16

¹¹ p. 51

de sombreamento e visão em relevo, tridimensional, certamente se encarrega de “momentos espaciais e de perspectiva”, como Rorschach o define ao propor uma nova cotação (C), a fim de integrar a influência de um "claro-escuro" diferente da cor propriamente dita. Eles também revelam, através de seu ímpeto e pela sua fina composição circunstanciada, um sólido suporte de continuidade que as funda, ativa-as e contribui para o seu desdobramento tanto espacial como temporal. “E, no entanto...”, começa por formular este paciente: uma modulação discreta, na aceção quase musical do termo, em que se exerce tanto uma continuidade como uma ruptura com o que o precede, um esboço reflexivo. Em função de uma espécie de capilaridade compreensiva ou de mimetismo, Rorschach parece ter conquistado ele mesmo, na sua exploração e apresentação deste protocolo, por esta mudança sensível de uma análise distributiva detalhada do espaço para um desdobramento serial que sua argumentação – talvez também dependendo do caráter oral de sua apresentação, diferente da redação de sua obra – restaura com uma ênfase pouco comum. O exame dos modos de apreensão e da sucessão às primeiras pranchas ocorre de forma linear que atribui grande importância ao modo como as respostas se articulam ou se transformam durante sua elaboração. Os termos ou expressões saturadas de temporalidade "primeiro ... depois ... e finalmente" depois voltam em rosário sob sua pena para insistir na dimensão construtiva, edificante das "interpretações subsequentes" e conduzem a essa proposição inédita de um "programático do pensamento" que tenta delimitar com certeza uma particularidade deste protocolo e deste paciente, mas abre mais largamente para uma restituição onde espaço e tempo estão entrelaçados em uma abordagem que articula o *corte segmentar* com uma *progressão sequencial* (*ibid.*, p. 217-219). É claro que ninguém pode presumir o que teria acontecido com essa nova sensibilidade, saliente o suficiente para introduzir uma codificação adicional, e se ela teria tido uma influência duradoura na leitura e análise de observações futuras pelo próprio Rorschach; a importância de levá-lo em consideração, em qualquer caso, será confirmada por muitos de seus seguidores.

Se até agora reservamos outros capítulos do Psicodiagnóstico, é porque mal haviam sido esboçados na época, eles abrirão vários caminhos para múltiplas áreas subsequentes de inserção do instrumento na pesquisa e suas aplicações. Desde sua concepção, o autor de fato concebe seu teste como capaz de lançar luz sobre a atual organização perceptiva de uma personalidade apreendida *hic et nunc*, mas também, e consequentemente, capaz de registrar transformações

ao longo do tempo. Assim, as mudanças de humor, temporárias, habituais ou patológicas durante a vida, a ultrapassagem de alguma de suas etapas ou mudanças causam variações do tipo de ressonância íntima; eles operam segundo linhas de força e orientações dominantes que se refletem com grande sensibilidade em uma distribuição determinante típica entre controle do pensamento (Forma), pressões afetivas (Cor) e difusão dinâmica criativa (Cinestesia). A coartação ou dilatação do tipo de ressonância íntima não apenas dita uma distribuição específica dentro de uma personalidade presente, mas fornecem indicações de suas transformações potenciais sob o efeito de influências internas ou externas (*ibid.*, p. 98-100, p. 123-125). Em uma comunicação à Société Française du Rorschach et des Méthodes Projectives sobre o desenvolvimento da criança, resumimos a perspectiva de Rorschach da seguinte forma: “Em nenhum momento Rorschach considera a criança como uma categoria adicionada, exigindo um capítulo à parte, com a preocupação de estabelecer apenas diferenças ou compartimentos; pelo contrário, ele examina-a em busca das modificações de fundo que sua progressão impõe ao conjunto em movimento que constitui o tipo de ressonância íntima, e assim a incorpora numa representação do desenvolvimento bem mais ampla: para Rorschach, o estudo da criança é tão precioso para nós tanto por compreender ele próprio quanto o que ele será e os adultos que nós somos” (Barthélémy, 1982). Com amplitude notável e rica complexidade, Rorschach sugere, a partir de alguns cortes transversais ainda em estado embrionário na época da publicação de seu livro, uma curva geral da vida perceptiva e sua evolução durante a existência da seguinte maneira: “Se pudéssemos incluir no esquema do tipo de vivência a linha de evolução dos tipos de vivência de um grande número de indivíduos, obteríamos necessariamente linhas muito variadas que, embora individualmente diferentes, haveriam de apresentar certo paralelismo, ainda que parcialmente” (Rorschach, 1921, p. 99). Por causa de sua extrema sensibilidade para discriminar entre as instâncias preponderantes da personalidade, o instrumento implantado com um método de envergadura se revela tão potencialmente capaz de interceptar suas variantes ou variações adaptativas, dependendo das circunstâncias ou ao longo do tempo.

Do estudo dinâmico da linguagem em Françoise Minkowska aos estudos evolutivos em psicopatologia fenômeno-estrutural

As contribuições de Françoise Minkowska: da análise da linguagem ao estudo da visão em imagens

Françoise Minkowska em 1938 introduziu em sua prática do Rorschach a análise fenomenológica da linguagem inaugurada por Eugène Minkowski; estende esse método, na perspectiva de uma “busca pelo mundo das formas” ao propor novas perspectivas voltadas para uma orientação dinâmica. Ela mostra como a linguagem, para além do sentido das palavras, reflete uma experiência vivida, um modo de ser por meio de seu valor expressivo e metafórico direto, bem como de certas voltas e formulações. “O exame minucioso do Rorschach palavra por palavra”, que ela recomenda, insiste na importância que se deve dar não só ao que o sujeito diz, mas à maneira como ele diz, não só ao que ele vê, mas sobretudo à maneira como ele vê. Assim, por meio das modalidades conjuntas de percepção e enunciação, Minkowska desvela dois mundos organizados por mecanismos essenciais opostos, o vínculo e o corte, que dão acesso à unidade estrutural que eles sustentam. Esta abordagem complementa a de Rorschach para quem “Os problemas que se apresentam são, em primeiro lugar, os que se ligam aos princípios formais do processo de percepção. Somente em segundo lugar deveremos considerar o conteúdo material das interpretações” (Rorschach, 1921, p. 199). Nesse sentido, F. Minkowska insiste em manter uma diferença entre triagem de respostas e psicograma. O trabalho de triagem é explorar a riqueza de uma abordagem qualitativa, permitindo determinar a especificidade das respostas e o modo como elas se constituem. “O psicograma pelo seu aspecto quantitativo contém algo de estático nele e priva-nos de um dado essencial, a saber, o caminho que o teste percorre. Esta progressão mostra-nos um contínuo vaivém, dependendo dos vários elementos pertencentes à pessoa avaliada, ao clima de cada prancha e até ao contato com a pessoa. Passamos assim prancha por prancha, como Rorschach já fez muito intencionalmente em seu artigo póstumo, e damos ao lado de cada resposta, a cotação exata das formas, recorrendo à linguagem sempre que surge o valor metafórico da linguagem, em particular, quando as respostas não são “formuláveis”, para usar a própria expressão de Rorschach” (Minkowska, 1956, p. 226). Nessa perspectiva, o valor de uma resposta não pode ser reduzido ao conteúdo de seu enunciado ou a uma fórmula de classificação, mas é apreendido no próprio movimento de sua produção e de seu devir. É a consideração da integralidade das

palavras do assunto e das reações que as acompanham que permitirá apreender os aspectos dinâmicos da percepção, a qualidade dos processos de sua realização ao longo do tempo.

Por exemplo, a elaboração progressiva de uma visão global, na Prancha VIII integrando os dois A ban, depois o cinza central e o azul central vistos como uma árvore, depois a parte inferior (rosa-laranja) como uma rocha e, finalmente, evocando a cena de dois animais se apoiando em uma rocha para escalar uma árvore representa para Minkowska uma construção sensorial; ela é essencialmente diferente de outra forma de paisagem onde é "um animal, aqui tem árvores ou matagais (cinzentos e azuis), lá as pedras, refletidas na água..." De um lado o movimento e a ligação dominam, do outro as formas, a imobilidade e o distanciamento pelo reflexo organizam a percepção mais intelectualmente.

As expressões que refletem o modo de visão em imagens podem ser muito diversificadas, desde uma percepção dominada por uma abordagem sensorial direta "Eu vejo" até um mais indireto, muito marcado pela abordagem racional, "Isso me faz pensar em". Muitas variações encontram-se em torno dessas duas formas principais do modo de visão. A qualidade da precisão ou o grau de certeza introduzem uma outra dimensão que vai da experiência do óbvio à dúvida, por vezes sistemática, colocada no início ou intervindo num segundo momento.

Outra informação, às vezes essencial, está na maneira como o sujeito se encarrega da enunciação de sua resposta. Pode se limitar à afirmação indicativa ou descritiva: Pr. I: Um morcego. Ela pode ser francamente afirmativa: Pr. V: Então, aí, é um morcego. Em alguns casos, o sujeito se engaja mais diretamente; ele se afirma como "Eu": "Eu vejo", "Eu digo que é ...", etc. A dúvida ou concessão podem se exprimir: "Eu pude ver, mas..." O sujeito enunciator pode ser gramaticalmente ausente do enunciado: "Isso, talvez é...", "Estritamente, podemos ver" etc. A incerteza e o distanciamento podem ser impostos com o uso do "nós" impessoal e do condicional, às vezes ambos: "diríamos... poderíamos ver... podemos pensar em...".

Essa análise não é de forma alguma resolvida pela localização de palavras significativas ou pistas que evoquem ligação ou corte; ela se volta ao arranjo, ao desdobramento do discurso como um todo.

Das modalidades de enunciação à abordagem expressiva das atitudes

Além disso, para Minkowska, a situação oferecida pelo Rorschach deve ser abordada como um todo, ao mesmo tempo que cada prancha tem seu próprio "clima" ao qual o paciente se mostra mais ou menos sensível: assim, levando em consideração o ato da própria enunciação, ela mesma é acompanhada pela observação do comportamento ao longo da aplicação. Em continuidade com os incentivos iniciais de Minkowska, nós abordamos hoje em dia esta análise com uma consideração detalhada de todas as atitudes durante a aplicação, das quais estamos dando as linhas gerais. Em relação à situação em geral, como reage o sujeito à proposição da prova e à descoberta das pranchas? Durante a aplicação, como se manifesta e revela as modificações sensíveis da emocionalidade, as atitudes corporais, as participações, reações gestuais e motoras às suas respostas? Ele os acompanha com gestos ilustrativos, mímicas; como se mobiliza? Está impassível, imóvel ou expressa de forma ativa e viva o que percebe? Fá-lo de forma apropriada, medida, ou excessiva, ou mesmo inconsistente? Existe uma participação expressiva particular no tom da voz, ela se modula de acordo com as situações? Em relação ao material, ele segura as pranchas nas mãos, mantém contato físico com elas de forma permanente, contínua, diferente dependendo das pranchas? Aceita recebê-las das mãos do psicólogo ou espera que este os coloque sobre a mesa? Existe uma proximidade ou distância das pranchas, uma variação dessa distância: aproximar-se, afastar-se de si mesmo, mudança de inclinação, modificação do ponto de vista pela manipulação das pranchas, por agir mais sobre o material do que sobre a sua maneira de ver.

Lembramos de um exemplo de um jovem adolescente tendo cometido atos de uma extrema violência, mas que ele contava com distanciamento e frieza. Confrontado com o Rorschach, ele não forneceu respostas cinestésicas, mas as ilustrou diretamente por meio da manipulação das pranchas; então ele não estava expressando o voo de um morcego da prancha V, mas o executou com a prancha, agitando-a no ar para mostrar que ele "faz assim". O gesto veio ao invés de enunciar em palavra a imagem.

Algumas pessoas também querem intervir diretamente na prancha: "Você não tem uma borracha? Tem coisas ali, marcas que não deveriam fazer parte da mancha". Outros agem diretamente com o gesto, colocando a mão ou um objeto disponível na mesa sobre um pedaço da mancha para mascarar o que não faz parte de sua resposta ou é por eles considerado um constrangimento ou uma imperfeição. Em alguns, ao contrário, o objetivo desse gesto é isolar

a parte correspondente à imagem percebida “para vê-la melhor”. Outro paciente, por exemplo, pega lápis de cor para "corrigir (nosso) desenho que está mal feito e que não está completo" e acrescenta detalhes à Prancha III, que ele acredita estarem faltando, para combinar com a mancha que ela lhe sugeriu; de personalidade paranoica, ele acabava de ser internado sob procedimento médico-legal após ter, durante um episódio agudo, tentado reparar, com violência, o que considerou uma injustiça a seu respeito. A ação sobre a prancha e a passagem ao ato entram aqui em ressonância isomórfica, o que permite compreender, pelo menos parcialmente, como a descarga clástica depende de uma forma singular de apreensão perceptual.

O sujeito sempre segue o mesmo procedimento de exploração? O contato dele com as pranchas varia em algum sentido durante a aplicação? Alguns seguram as pranchas apoiando-se na mesa, outros recuam com elas. Entre cada uma delas, uns esperam que sejam retiradas, enquanto outros as devolvem, guardam, jogam fora, permanecem mudos, querem ter a iniciativa de ir de uma para a outra, conservam uma atitude idêntica, mesmo rígidos, do início ao fim, variam de acordo com as pranchas, às vezes até no decorrer de uma mesma prancha, olha no verso para ler o que está escrito ali ou verificar seu significado, interessado em seu método de fabricação. Por meio do estudo complexo dessas manifestações, é a paleta de todos os valores e tendências expressivas que elege, no meio, um domicílio de atualização e transmissão, enquanto se desenha gradualmente uma coerência estrutural tanto de origem como de resultado.

Dos mecanismos psicofisiológicos às variações estruturais: a contribuição de Zéna Helman

Rorschach conjecturou intuitivamente o papel dos mecanismos fisiológicos nas variações ou na evolução do tipo de ressonância íntima. O fator determinante dessa diferenciação progressiva seria "a disposição funcional de certos mecanismos do sistema nervoso central" (Rorschach, 1921, p. 125). Em nosso artigo de 1982, destacamos o trampolim oferecido a Rorschach pela psicologia genética para a compreensão do processo de desenvolvimento em todos os seus estágios de fundação, de transformações internas e involução. “Ao mesmo tempo em que formula a hipótese, Rorschach afirma a necessidade de uma correlação sistemática desse fator com todas as outras propriedades do tipo e, portanto, indica os méritos de um estudo psicofisiológico do processo de desenvolvimento” (Barthélémy, 1982 p. 32). Aluna direta dos

Minkowski e de Henri Wallon, Zéna Helman coloca em evidência, a partir dos anos 1950, a dinâmica de uma nova dimensão representada pela convergência das variações estruturais ligadas à realização de processos psicofisiológicos, genéticos, patológicos e terapêuticos. Esses trabalhos abrem caminho para estudos evolutivos, em particular aqueles interessados nas variações da importância relativa dos mecanismos do vínculo e do corte no tempo, seja na direção de um desvio para a desintegração esquizoide dominada pela invasão do corte ou naquela das modificações mais em direção à sensorialidade com o reforço da expressão de vínculo. Zéna Helman denomina de “ímpeto sensório-motor” (Helman, 1971) a orientação dessas variações “em direção ao polo epilepto-sensorial ou sensório-motor, geralmente conduzindo a um modo de visão mais concreto e de um contato mais próximo. [...] Todo um leque de variações traduz no Rorschach o ímpeto sensório-motor, atuando em geral sobre o modo de percepção, o fator determinante e o conteúdo das respostas, sobre a linguagem e o comportamento do sujeito. O modo de percepção torna-se mais concreto, a visão mais colorida e mais animada, as figuras mais vivas. A linguagem é menos abstrata e mais conectada. O sujeito se aproxima do interlocutor, como da prancha, a toca mais, às vezes emprega mais os gestos em suas respostas. As perseverações aparecem, enquanto as estereotipias regredem, dando lugar a uma produção mais variada que implica uma maior riqueza das imagens. O mecanismo essencial do corte regredem em favor daquele do vínculo” (Helman, 1980, pp. 37-39). As pesquisas sobre a identificação e apreciação das variações estruturais, que não podem ser equiparadas a qualquer mudança psicológica, encontram neste notável testemunho do processo evolutivo uma ferramenta clínica e objetiva de primeira ordem, fundamentalmente diferente da estimativa intuitiva, que a torna possível estudar e apreciar a evolução por comparação de protocolos e assim apreender ao longo do tempo as transformações estruturais de uma maneira de ver.

Zéna Helman também descreve, a partir dos processos delirantes, outro fenômeno que diz respeito à inscrição da resposta na duração, grande alteração específica de um modo de visão em determinadas circunstâncias: “O Rorschach nos permite descobrir o que é próprio das imagens delirantes, é seu caráter fugaz. Em uma mesma parte da prancha ou a mesma marca global, uma resposta rapidamente se transforma em outra, uma imagem persegue a outra. Acontece que o que se vê desaparece imediatamente de forma surpreendente. A imagem parece

flutuante, incerta, sujeita a um apagamento rápido. [...] O Rorschach de delirantes nos coloca na presença de uma forma de corte. Isso ataca a consistência da imagem, seu enraizamento a longo prazo” (Helman, 1984, p. 16).

Dos ensinamentos do sonho acordado dirigido a uma compreensão do sentido da imagem

Iniciado na prática de Sonho Acordado Dirigido (SAD) pelo próprio Robert Desoille (Desoille, 1945), Pierre Delaunay submeterá à análise fenômeno-estrutural as produções de exploração do imaginário geradas por essa técnica. Abandonando o uso psicoterapêutico ao qual Desoille devotou seu método, ele retém a experiência do Sonho Acordado Dirigido como campo de estudo da imaginação ativa, que ele relaciona com a da visão em imagem explorada pelo Rorschach (Delaunay, 1975). Transportando no SAD a ideia de Minkowska segundo a qual a criação e a sucessão das imagens são construídas ao longo do tempo de acordo com a estrutura mental em que elas se originam, Pierre Delaunay forja a noção de “sentido da imagem”. “Foi possível prolongar a noção, tão adequada ao Rorschach e à expressão gráfica, do “mundo das formas”, cara a F. Minkowska, para uma mais dinâmica, de acordo com o movimento até mesmo do sonho acordado, do “destino das formas”. A estes somam-se o do “sentido da imagem” que indica para cada tipo de representação, o seu destino potencial, e o da “lógica” [...] que procura identificar os mecanismos de uma estrutura” (Delaunay, 1977, p. 15-16). Essas noções induzem a uma renovação da leitura e da compreensão dinâmica do Rorschach.

Resumamos este percurso de investigação: Rorschach propõe se interessar, numa abordagem dinâmica, pelos princípios formais do processo de percepção; F. Minkowska coloca em evidência, em torno dos mecanismos essenciais do corte e de vínculo, a lógica estrutural que implica a construção deste mundo de formas; Zéna Helman identifica, com a noção de “ímpeto sensório-motor”, as linhas de forças evolutivas da visão em imagens, então, Pierre Delaunay, com o que ele nomeia “sentido de imagem”, recolhe em uma finalidade sintética a lógica subjacente a esta concepção dinâmica: confrontada com a duração, seja no momento da sua produção, ou de uma inscrição evolutiva, a criação de imagens toma forma e consistência e será inscrita no tempo segundo certas modalidades determinadas pela estrutura mental a partir da qual se origina. Um dos principais interesses da contribuição de Pierre Delaunay, resultante

da introdução da noção de sentido da imagem, é oferecer uma perspectiva nova, mais sutil, mais discriminadora, do modo de elaboração das respostas ao Rorschach e sobre aquilo que as caracteriza. Partindo do Rorschach, ele analisa os processos dinâmicos de produções imaginadas no SAD, especifica em particular a lógica do imaginário que os sustenta, para acabar fecundando a análise do Rorschach ao torná-lo mais sensível à compreensão de certas características das transformações da imagem.

Alterações da imagem e do tempo em declínios depressivos

Após uma comunicação à Sociedade Francesa de Rorschach e Métodos Projetivos, publicamos em 1992 (Barthélémy, 1992) um artigo em que, além de um estudo mais amplo sobre o alcoolismo (Barthélémy, 1987), procuramos particularizar, à intersecção do determinante cinestésico, da cor e do conteúdo, algumas tensões dinâmicas e metafóricas do sofrimento depressivo, sua atualização sensível ao Rorschach no poder evocativo e invocativo das imagens e seu suporte por palavras por meio de uma "carga de eloquência" estudada durante a cura. Estávamos a desenvolver aí o escopo de uma escuta fina das formulações nas quais pudéssemos identificar ao mesmo tempo certas características comuns às manifestações depressivas, bem como algumas de suas especificidades na intoxicação alcoólica. A análise do conteúdo das respostas encontrou assim um lugar numa perspectiva renovada após o *Psicodiagnóstico* por Minkowska ao desenvolver as concepções delineadas por Rorschach sobre a diferença entre cinestésias de flexão e extensão. Sugerindo um paralelo com a abordagem do conteúdo do sonho, ele escreveu: “Da mesma forma que na interpretação dos sonhos não é o conteúdo manifesto que interessa, porém a imagem sonhada – certamente aqui, o que interessa não é propriamente o objeto interpretado mas, sim, a espécie determinada das cinestésias” (Rorschach, 1921, p. 230)”. Um pouco mais adiante, ele confirmou sua representação subjacente de seu significado mais metafórico do que simbólico, mais relativo do que absoluto ou específico: “os conteúdos podem ser significativos na prova de interpretação das formas – significativos, especialmente pelas relações que existem entre “forma” e conteúdo, entre o formal e o substancial da percepção” (*ibid.*, p. 230). As respostas "depressivas", na sua “substância”, podiam assim ser melhor integradas na sua inscrição e ressonância existencial em que o "ritmo espacial" e o "poder plástico" das pranchas de que fala Rorschach

desempenham um papel determinante porque dependem *essencialmente*, no sentido forte do advérbio, dos valores originais artísticos e, portanto, humanos de seu criador. “Todas insistem, nós observamos, em privar o objeto de um atributo que o valoriza, caracteriza-o fundamentalmente, até participa de sua definição: o rio está seco, a montanha não se eleva mais, a borboleta está diminuindo em suas cores e seu voo, o vigor do búfalo e do veado estão decaídos, o violino é reduzido ao silêncio. Não é uma falta – dolorosa ausência do que não se é ou não se tem atualmente que se exterioriza aqui, mas mais precisamente uma *perda* fundamental, isto é, a dolorosa expropriação do que nós tínhamos ou éramos” (Barthélémy, 1992, p. 95). A influência destrutiva do tempo é exercida aqui não de forma brutal e repentina, mas subterraneamente, com baixo ruído: “O princípio de funcionamento que domina essas degradações está evoluindo lentamente, sua influência parece progressiva, contínua” (*ibid.*, p. 96).

Estudo dos Rorschach de psicóticos alucinados e delirantes: detalhismo e telescopagem¹², digressões e derivações narrativas

No Rorschach dos psicóticos alucinados (Ternoy, 1984, 1990, 1996), uma instabilidade fundamental da visão em imagens se manifesta. Ela é semelhante à natureza inconsistente e evasiva das respostas dos delirantes. O alucinado apresenta nessa evanescência de percepções um modo específico de desagregação da imagem que chamamos de “detalhalismo”, porque, ao buscar especificar uma parte da resposta, o paciente perde a representação do todo a que pertencia este detalhe. A partir desse segmento isolado, ele conseguirá, conforme suas possibilidades, recompor uma nova figura, muitas vezes sem relação à anterior, ou se verá incapaz de sair dessa fragmentação. A unidade da imagem perde então sua consistência, sua identidade e sua coerência pelo isolamento de um de seus componentes que, considerado em si mesmo, separado do resto – tem aqui claramente o mecanismo de cisão –, entra em discordância da figura original. Assim, uma parte extirpada do seu contexto inicial parece perder com ela o

¹² NT: interpenetração, ato de telescopar, onde um objeto penetra no outro, causando choque.

vínculo que fundou o seu valor unitário, significativo e imagético, para se tornar o ponto indutor de um outro conjunto em descontinuidade com o anterior.

Para que os dois momentos de sua ação ocorram – decomposição da figura inicial na separação de um detalhe e recomposição secundária a partir do elemento desarticulado – é necessário que um mínimo de recursos sensoriais possa ser mobilizado. Em um universo psíquico sob a maior influência de componentes esquizoides, o segundo momento de recomposição no surgimento de uma nova configuração pode revelar-se fugaz ou incompleto, levar à evocação de um conjunto incoerente de fragmentos por vezes imaginados de várias afiliações (humano/animal, humano/objeto, etc.), ou a justaposições que misturam aspectos icônicos com os fragmentos do real cru da prancha ou, na pior das hipóteses, perder-se no vazio e na ausência de representações.

Andando de mãos dadas com a dissociação, o detalhismo leva à discordância e à telescopagem. Assume formas e uma importância variáveis que nos informam, por um lado, da gravidade do quadro alucinatório e, em relação com outros fatores, da dinâmica psicopatológica e das orientações prognósticas que eles autorizam, senão, sugerem considerar.

As composições mais complexas a codificar são as respostas de telescopagem em que diferentes pontos de vista parecem se apresentar no mesmo momento perceptivo ou seguir rapidamente na mesma localização na prancha.

Nós distinguimos as *contaminações* e as respostas de telescopagem. Nas contaminações, específicas da esquizofrenia segundo Rorschach, não é possível fazer coincidir o enunciado autista ou bizarro da resposta com uma representação pictórica compartilhável. Podemos comparar esse tipo de resposta na visão em imagens ao neologismo no discurso. Nas respostas de telescopagem nós podemos identificar a evocação de diferentes formas pictóricas – às vezes fragmentos de imagens – vistas na totalidade da prancha ou em um mesmo detalhe e cuja integração em uma única percepção falha em se tornar realidade: permanece a ambiguidade ou o antagonismo. São justaposições, mais ou menos díspares, compostas, heterogêneas, às vezes francamente discordantes ou conjuntos incoerentes. Segundo nossas observações, há uma relação estrutural entre respostas de telescopagem e de detalhismo nos Rorschach dos alucinados. Aqui estão três pequenos exemplos.

Lise: apresenta alucinações em um clima de estranheza relacional.

Pr. VIII: “Primeiro eu vejo aqui, em rosa, dois animais. D F+ A Ban

Um animal com quatro patas, seu olho.” → FE (Detalhismo)

A descrição parece concreta, mas ela se fixa no Dd, e depois em um Dd sombreado.

Inquérito: “Parece que é a cabeça de um papagaio [Dd F- Ad]. Está vendo, além disso, tem quatro patas (detalhismo). Um corpo de cachorro... Podemos ver tipos de animais bizarros, podemos dizer isso: o corpo de um cachorro... e a cabeça de um papagaio” (telescopagem).

Jean: Esquizofrênico, numerosas alucinações

Pr. X v “Ah, dois companheiros ali, no processo de bebericar algo (D azul central), você vê o copo da família. (Dd axial do azul)... (risos). O bico, o focinho, caso contrário, faz isso (Dd partes mais escuras do azul para o centro). E parecem cavalos marinhos, parecia que a gente estava no mar (sempre o D central azul)”. As respostas são vistas no mesmo lugar e mostram diferentes transformações. Primeiro, uma cena cinestésica, "Dois companheiros, ali, bebendo algo". O foco da descrição no pequeno pormenor do centro, “Você vê o copo de família”, conduz à transformação das partes adjacentes, “O bico, o focinho” (correspondendo aos braços dos primeiros personagens) quando o olhar retorna sobre elas. A reconsideração do todo introduz então um novo conteúdo, "Os cavalos-marinhos", integrando o melhor que podem o novo elemento, “bico, focinho”. A imagem se transforma no movimento que a explora: a partir de uma figura inteira, a visão se concentra em um detalhe que, isolado, ganha outro sentido, promissor de um novo significado quando o todo é repensado.

Marthe (23 anos) reclama de alucinações relacionadas a ideias de influência e perseguição.

Pr. V “Lá, eu vejo uma mariposa. *Inquérito:* “Ela caminha (a partir dos Dd centrais baixo vistos como pés). Ela tem uma forma humana. Ela se transforma. É uma mariposa e está se tornando humano ... Ela vai ... Ela vai ser mau. Ela terá as nossas medidas”. (Ela explica que ela atinge a aparência humana mesmo parecendo uma mariposa). A transformação por detalhalismo é óbvia e provoca uma telescopagem inquietante pela sua monstruosidade.

As respostas de *telescopagem* indicam-nos, por meio do movimento e da sobreposição das imagens, a discordância da personalidade; elas muitas vezes mostram os sentimentos de

preocupação e perplexidade do paciente que está passando por essa experiência e são frequentemente encontrados durante um processo alucinatório.

Algumas das declarações são por vezes anotadas ou recolhidas no Rorschach sem serem consideradas [nada que] secundárias como elementos secundários, insignificantes, até mesmo parasitários, ou percebidos como formas de distração e muito facilmente reunidas indiscriminadamente sob a mesma denominação de *digressões*. No entanto, um mínimo de atenção nos revela que eles podem ter naturezas muito diferentes. A sua apreciação à luz dos mecanismos de vínculo e do corte revela as suas singularidades. Às vezes, uma digressão guarda um vínculo com a resposta à qual o sujeito pode retornar sem problemas, enquanto outra se manifesta como uma expansão confabulatória. Às vezes é obviamente uma fuga da situação, em outros lugares o rompimento com a prancha é efetivo mas o sujeito desliza para um registro de indiferenciação, prolongando por exemplo, sua interpretação ao comentar sobre o ambiente imediato, o escritório, os objetos que estão lá, os ruídos que vêm de fora, nossa atitude, etc. Em outros casos, por meio de associações ora aparentemente compreensíveis, ora herméticas, a pessoa embeleza suas respostas com "derivas narrativas" que se inscrevem como um transbordamento da imagem, atribuindo, por exemplo, intenções, um estado de espírito, sentimentos para as pessoas ou animais pictóricos.

A *deriva narrativa* difere da resposta confabulada que cai no registro da expansão de um significado a partir de um detalhe, às vezes, minúsculo "sem grande consideração das outras partes do todo proposto" (Rorschach, 1921, p. 290). Exemplos comuns: Pr. I: "Um caranguejo". DdG (a partir do Dd "garras"). Pr. VI: "Um gato". DdG (a partir dos filamentos cinzentos de D visto como bigodes). Os desvios narrativos, por sua vez, são enxertados, na maioria dos casos, nas cinestésias.

Marthe: Pr. III < "Aqui, isto me faz pensar em uma cabeça de um urso ... abrindo sua boca (abre a boca). Ele está com raiva porque ele está ferido. Ele é mau, (cinza e preto central + as manchas vermelhas). *Inquérito*: "Ele foi ferido e ele quer se vingar, por causa das manchas vermelhas ali."

Lise: Pr. III: "Então... duas pessoas que se parecem. São duas mulheres de salto alto, com as grandes mãos, com unhas compridas e um nariz comprido... para respirar. Não, desculpe-me, para ventilar. /.../ Eles jogam de médium. Você vê as mãos, e ali, a mesa (gesto de colocar as

mãos). É uma história de quiromancia, de cartomante, onde se fala-se coisas falsas, para te fazer cair. Opa! Teu alçapão está aberto, você pode cair... Eu tenho dores nas costas, na pélvis, no nariz e em todos os lugares. Tenho dores em todo lado!”.

Algumas traduzem-se por uma instabilidade ou transformação do sentido de cinestesia. Assim, na Prancha VIII Marthe, em um primeiro momento, dá a resposta "Isso me faz pensar em animais subindo em uma árvore" e, em segundo momento, "Dois animais que sobem sobre as rochas... e que vão lutar... para que apenas um fique no topo. "

Outros desvios narrativos podem se desenvolver a partir de respostas de cores.

Lise, Pr. IX: “Um hipopótamo, em verde, a viagem. Eu viajo na minha cabeça, “*O homem que viajava na sua cabeça*”¹³ ou “*Aos cinco anos eu me matei*”¹⁴ ou *A drogada* de Tom Alibrandi e as crises de falta, pode ser não só de afeto. Eu sou uma viciada aos 25 anos. Quando minha mãe estava doente, eu estava doente. Então, estávamos tratando a filha ao mesmo tempo."

Suas peculiaridades atestam a estrutura mental que as produz. Assim, nos delírios parafrênicos, a deriva narrativa mesclando com fragmentos de imagens de elementos indeterminados ou vagos desenvolverá o significado da resposta em uma história que é mais imaginada do que percebida.

Maria Pr. I: “Uma mancha de tinta. Eu não vejo nada mais. Uma mancha que foi derramada, para euh... para formar um desenho talvez, quem sabe? Não se pode dizer uma mosca ou uma vespa, não é possível. Nem mesmo um véu. Eu não sei o que é isso. Ou uma mosca que trabalha. Em vez disso, são as vespas que trabalham, as moscas, é raro. Eu penso mais na vespa que trabalha. Ela está se cercando ou talvez ela esteja presa em algo, ou ela está embrulhando algo”. Pr. X: “Os pretos (D cinza), o que são? Parecem vespas, algo assim, tentando levantar algo, um caule qualquer coisa como isso”. A imagem proposta é muito heterogênea, misturando sucessivamente o vago (qualquer coisa como isso, qualquer coisa) e precisão (vespas tentando levantar uma haste). A intercalação de expressões indefinidas confere a essa resposta uma aproximação que mascara sua incongruência, até mesmo incoerência.

Pierre Delaunay, que relaciona esses fenômenos a certas peculiaridades dos SAD dos psicóticos, primeiro vê nas digressões uma produção compensatória diante da carência de

13 Título de um livro de P. Ségat.

14 Título de um livro de H. Buten.

imagem. Ele constata que “Quando o psicótico não vê, ele conta”. Em certos casos, a deriva narrativa se apresenta como uma forma de passar por cima o corte e superar sua ação destrutiva da imagem. Um paralelo emerge aqui entre a função da deriva narrativa no Rorschach e a do discurso delirante na realidade. A consideração e a análise das singularidades dessas derivas contribuem para ampliar e enriquecer a compreensão da expressão íntima da pessoa no Rorschach.

Rumo ao estudo psicopatológico de um tempo derivado

Em uma prova com vocação perceptiva como a concebida por Rorschach, o acesso ao imediatismo receptivo mediatizado pelas pranchas permanece naturalmente uma prioridade. A atenção cuidadosa dada ao texto do *Psicodiagnóstico* revela, entretanto, que uma sensibilidade temporal explícita, subjacente ou implícita está ocupada ali; ela infiltra-se na abordagem dos fatores influenciadores, desde o simples repertório de sua designação ou classificação até as concepções tipológicas, psicopatológicas e teóricas, porém ainda embrionárias de seu autor.

As extensões, desenvolvimentos, aprofundamentos, e reorganizações trazidos posteriormente pela corrente fenômeno-estrutural permanecem respeitosos com esta primeira fase. Numa apresentação cronológica e integrativa, o nosso empreendimento apresenta, em seguida, como uma confluência de pesquisas sobre mutações tanto perceptivas como psíquicas durante delírios, psicoses alucinatórias ou tendências depressivas, enriquece conjuntamente o instrumento, a clínica desses transtornos, a compreensão de sua estrutura psicopatológica por meio de várias modalidades de atualização de uma instabilidade temporal da imagem ("A imagem que não se mantém" "detalhismo"), bem como o método que os sustenta.

Onde estamos quando, desviados de um caminho pré-estabelecido ou bem concordado, interrompidos ou suspensos no fio do tempo, nos arriscamos no limiar de um intervalo transitório para perder um pouco de segurança e estabilidade? É a questão que se abriu para nós no final de uma reflexão sobre o impacto intrigante, no seio da cidade, de uma solicitação musical improvisada recolhida pela fotografia. Este momento precário e fugaz, como nós sugerimos, revela "um tempo fundador de individuação e de personalização, que nos propomos chamar de "derivado", em que o espelho do outro, como depositário, desempenha um papel ambíguo, mas preponderante tanto na diferenciação como na identificação.” (Barthélémy,

2013). É, sem dúvida, também a sustentada pelas pranchas do Rorschach durante uma complexa troca dinâmica em que o real é domado em uma relação aos outros mediatizadas pela convocação e pelo convite perceptivo. Se faltar um mínimo de constância e continuidade, então a desestabilização da imagem irá se espalhar por uma perigosa cadeia que pode trazer em seu rastro a coerência interna e a salvaguarda da personalidade. A percepção visual não se limita à sensação imediata, ela envolve e integra um conjunto de funções convergentes a serem levadas em consideração no exame cuidadoso e na análise aprofundada de um protocolo para compreender e respeitar a personalidade e a pessoa em todos os seus métodos de implantação presentes e futuros.

Referências

- Barthélémy, J-M. (1982). La problématique du développement de l'enfant dans le Psychodiagnostic. *Bulletin de la Société française du Rorschach et des méthodes projectives, Le Rorschach dans l'étude du développement de l'enfant*, n°1. 1982, consultable en ligne sur https://www.persee.fr/doc/clin_0373-6261_1982_hos_1_1_1423
- Barthélémy, J-M. (1987). *L'analyse phénoméno-structurale dans l'étude psychologique des alcooliques - L'expérience de la cure et l'apport des poètes*. Toulouse : Érès, 1987.
- Barthélémy, J-M. (1992). Analyse évolutive par le Rorschach des facteurs dépressifs et leur transformation durant la cure dans l'intoxication alcoolique chronique. Communication au colloque de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française, Tests projectifs et états dépressifs, Rouffach, 23 & 24 nov 1991. *Bulletin de la Société Française du Rorschach et des Méthodes Projectives, Les états dépressifs*, N° 36, 1992, consultable en ligne sur https://www.persee.fr/doc/clin_0373-6261_1992_num_36_1_1003
- Barthélémy, J-M. (2014). *Le coup d'œil à la dérobée*. Regarder la musique, communication aux Journées d'automne de la Société Française de Psycho pathologie de l'Expression et d'Art-thérapie « Regards », Paris, 16 et 17 novembre 2013, en collaboration avec Simon Cholat (Guitariste), Cécile Pérot (Violoncelliste), Professeure de violoncelle au Conservatoire de Bellegarde, Guillaume Rossigneux, Photographe, publiée dans la Revue annuelle de la Société Française de Psychopathologie de l'Expression et d'Art-thérapie, 2014.

- Delaunay, P. (1975). Image et langage dans le Rêve Éveillé Dirigé, analyse phénoméno-structurale, thèse en psychologie à l'Université de Lille III, 1975.
- Delaunay, P. (1977). Rêve éveillé dirigé et analyse phénoméno-structurale. Prolongement dans l'expérience mescalienne de Henri Michaux. *Psychopathologie structurale II*, Lille: Presses Universitaire de Lille, 1977.
- Desoille, R. (1945). *Le rêve éveillé en psychothérapie. Essai sur la fonction de régulation de l'inconscient collectif*, Paris : PUF, 1945.
- Helman, Z. (1971). La poussée sensorimotrice, Bruxelles : Dessart, 1971.
- Helman, Z. (1980). *Psychopathologie structurale 3. Structure et évolution*, Lille: PUL, 1980.
- Helman, Z. (1984). Délire et vision en images. *Psychopathologie structurale IV*, Toulouse : Érès, 1984.
- Minkowska, F. (1956). *Le Rorschach. À la recherche du monde des formes*. Paris: Desclée de Brouwer, 1956.
- Rorschach, H. (1921) *Psychodiagnostic, Méthode et résultats d'une expérience diagnostique de perception (interprétation libre de formes fortuites)*, Berne: Hans Uber, 1921. tr. fr. 4e édition, Paris: PUF, 1967.
- Ternoy, M. (1984). Rorschach et rêve éveillé dirigé dans l'observation d'une psychose hallucinatoire chronique. *Psychopathologie structurale 4. Délire et vision en images*, Toulouse: Érès, 1984.
- Ternoy, M. (1990). Destin des formes et sens de l'image. *Bulletin de Psychologie* T XLIII, n°396, Juil-Août 1990.
- Ternoy, M. (1997). *Rorschach, rêve éveillé dirigé et expression grapho-picturale dans l'étude phénoméno-structurale des ballucinations*, thèse pour le Doctorat d'État ès Lettres et Sciences Humaines, Université de Lille III, 1997.

“Tudo me concerne”

Abordagem fenomenológica da vivência delirante da relação com o outro e com o mundo: Contribuição do Rorschach

Michel Ternoy

Doutor em Letras e Ciências Humanas, psicólogo do Serviço Público Hospitalar
michel.ternoy@wanadoo.fr

O tema desta comunicação aborda a vivência de pacientes que se questionam sobre a razão ou origem de determinados fenômenos nos quais se sentem atores, a despeito de qualquer movimento de adesão voluntária.

Em geral, esses pacientes vivenciam, num estado que pode ir da perplexidade à mais insuportável angústia, situações nas quais se sentem misteriosamente implicados: o rádio, a televisão, os jornais falam deles de forma velada, por alusão. Ou de uma forma muito mais direta, na rua as pessoas olham para eles de forma insistente e bizarra. Se eles se depararem com duas ou mais pessoas rindo ou conversando, pensam que estão zombando ou falando sobre eles. As observações inócuas que habitualmente troca-se sobre o clima, a saúde, etc. estão carregados de insinuações claramente dirigidas contra eles. De modo geral, e em graus mais ou menos percebidos, esses pacientes têm a impressão de que tudo o que percebem, veem, ouvem, adivinham, supõem, lhes concerne pessoalmente.

Como já destacava E. Minkowski, a noção de acaso parece ter se retirado do universo vivenciado de alguns psicóticos: “Todas essas interpretações delirantes se baseiam no fato de que o fator acaso, os fatos contingentes, fortuitos, parecem estar ausentes. /.../ “tudo o que é inesperado está relacionado comigo”, dirá nosso paciente /.../ Na rua nós cruzamos com vários transeuntes; são transeuntes, estão apenas de passagem; é a ordem das coisas. Bastaria, creio, interrogar-nos sobre cada um deles a questão de saber por que neste preciso momento eles se encontram no nosso caminho, para acabar num delírio de perseguição. O transeunte perde então a sua figura de transeunte, para se tornar um homem que se coloca intencionalmente diante de nós” (*Tratado de Psicopatologia*, p. 475). Minkowski, a este respeito, fala de uma alteração da “*distância vivida*” ou da perda do que chama de “*amplitude da vida*”. Em outra obra, retomando o exemplo dos transeuntes que se cruzam, ele escreve: “Vamos em direções

opostas e, no entanto, permanecemos ligados uns aos outros, sem nos « tocar » no sentido estrito da palavra. Isso ocorre porque nossa vida acontece no espaço e, portanto, permanece una. O espaço contribui assim para nos tornarmos uma coletividade, mas entre nós permanece sempre um espaço livre, da distância vivida, cheia de possibilidades individuais que permite a cada um viver a sua vida neste espaço. A amplitude da vida emerge deste estado de coisas” (*Tempo vivido*, p. 574).

Neste ponto, Séverine, uma paciente, explicou-me a inexistência para ela de qualquer forma de encontro fortuito, qualquer que fosse a atitude das pessoas concernidas. “Quando cruzo com alguém ou com várias pessoas, mesmo de carro, elas me olham de uma forma estranha. Se eles falam, sinto que estão falando de mim. Ou então eles passam propositalmente sem me olhar, sem me ver, como se eu fosse invisível. Há também alguns que intencionalmente me olham normalmente, mas não é natural.” Assim, ela não pode compartilhar com os outros um espaço livre acolhendo o ordinário, o aleatório, o insignificante.

Também encontramos nas descrições que G. De clerbault faz do *Automatismo Mental* os fenômenos dos quais se queixam nossos pacientes, afetando sua capacidade de produzir e controlar seus próprios pensamentos, em particular a adivinhação e roubo de pensamentos.

Os psicóticos alucinados que estudei na minha tese exprimem frequentemente, sobre um fundo persecutório mais ou menos declarado, ideias de influência, de manipulação do pensamento. E todos eles, desde que reservemos um tempo para ouvi-los e principalmente se eles puderem falar sobre isso (às vezes uma “vontade” ou vozes os interditam) expressam o sentimento de que sua percepção dos acontecimentos e sua relação com outros estão profundamente alterados: no limite, tudo lhes concerne e as atitudes ou opiniões dos outros são destinadas intencionalmente a eles, de forma mais ou menos disfarçada.

Apesar dos pontos em comum que compartilham com os psicóticos alucinantes ou delirantes sobre temas de interpretação ou perseguição, os pacientes de que falo aqui não apresentam quadros de delírios sistematizados nem queixam-se de alucinações. Em alguns casos, os mais graves, o diagnóstico de esquizofrenia foi alegado; para outros, mesmo que tenham vivido períodos difíceis e críticos repetidas vezes, a questão do diagnóstico parece problemática. O Rorschach, nesses casos, não é típico da esquizofrenia nem é redutível aos protocolos dos psicóticos alucinantes, ainda que comporte semelhanças.

Acrescento que os R.E.Ds (sonhos acordados direcionados) que obtive são igualmente diferentes daqueles que coletei de psicóticos alucinantes (mesmo que encontre alguns pontos em comum entre eles).

Se nos voltarmos para a nosologia clássica, poderíamos, no que diz respeito a estes pacientes, retomar a noção de *paranóia sensitiva* de Kretschmer ou *delírio sensitivo de relação*, que, neste caso, me parece bastante interessante naquilo que concerne a estes pacientes. Em uma atmosfera matizada de perseguição, o sujeito tem a sensação de que seu entorno o considera de uma forma particular, muitas vezes maliciosa, constrangedora, humilhante, sem que essas atitudes encontrem a sua motivação num tema definido ou preciso. Falamos também de *delírio de referência*, enfatizando que o sujeito se percebe no centro de uma experiência relacional que o cerca e o ameaça pessoalmente.

DENIS

Denis tinha cerca de trinta anos quando foi internado pela primeira vez no serviço. Ele é solteiro e vive com sua mãe. Seu pai, mineiro subterrâneo, morreu de silicose, cerca de dez anos antes da internação. Ele tem um irmão dez anos mais velho que ele, que é casado, tem filhos e é bem sucedido profissionalmente. Denis apresenta-o como alguém muito diferente dele, confortável na sua profissão e nos contactos sociais.

Aos 19 anos, Denis foi brutalmente confrontado com uma experiência psicótica inaugural durante as férias nas montanhas que passou acampando com dois amigos de longa data. Ele já havia tido a oportunidade de compartilhar essa modalidade de lazer com eles sem problemas. Mas desta vez ele sentiu, assim que chegou ao local, que “o ambiente era peculiar”. Ele cautelosamente se abriu com seus amigos sobre isso, que lhe disseram que não haviam notado nada. Ele ficou mais desconfiado em participar da vida no acampamento e mais reticente nos contatos. Certa noite, seus amigos planejaram participar de uma atividade noturna. Ele, por sua vez, recusou. Assim que seus amigos partiram, ele encontrou pessoas que olhavam para ele ou o interpelavam estranhamente. Ele teve então o sentimento de que alguém estava ofendido com ele (talvez até, pensou, fosse esse o motivo desta reunião noturna). Ele saiu às pressas do acampamento e foi se esconder na floresta próxima e o que viu e ouviu em seguida pareceu confirmar a validade de suas suspeitas. Nesse ínterim, seus amigos, que perceberam que Denis

não estava em seu estado habitual, voltaram à barraca para ver como ele estava. Não o encontrando ali, começaram a procurá-lo no acampamento, interrogando a um e outro se por acaso o haviam visto. Começaram a chamá-lo e, informadas de seu desaparecimento, muitas pessoas se ofereceram para participar da busca. Por sua vez, Denis notou à distância a agitação crescente no camping, ouviu chamarem seu nome e logo viu o que lhe pareceu ser uma multidão de pessoas armadas com lanternas à sua procura e partindo em sua perseguição.

A cena delirante havia encontrado seus atores e seu teatro. Aterrorizado, ele fugiu para ainda mais longe na floresta, escondeu-se e caminhou por três noites e três dias. A intervenção do helicóptero da polícia trouxe uma nota adicional de ameaça e credibilidade suplementar à cena. Exausto, ele atacou alguém em uma fazenda na tentativa de se apossar de um carro. Ele foi contido e a polícia veio lhe buscar para levá-lo a um estabelecimento psiquiátrico de onde foi transferido para o nosso serviço.

Para ele, em sua errância, os acontecimentos lhe dão razão. Sua intuição de uma atmosfera hostil estava comprovada. Ele agora está convencido de que o estão perseguindo e que querem prendê-lo, mas por quê? Certamente, pensa ele, porque acusam-no de alguma coisa. Mas de quê? Ele não sabe. Certamente, ele acaba admitindo, tem algum erro pelo qual se censurar, mas qual? Ele não faz nenhuma ideia. No entanto, ele se sente culpado e tem certeza de que todos sabem que ele fez algo que ele ignora, certamente alguma coisa de muito grave. O que aparece com força neste episódio é o aspecto incontornável dessa louca escalada interativa delirante em que pessoas de boa vontade que querem ajudá-lo tornam-se, a contragosto, coprodutoras de uma aventura completamente louca.

Após algumas semanas de hospitalização e início do tratamento com neurolépticos, Denis recebeu alta e voltou ao trabalho. Mas um mal-estar de fundo persiste nos seus contatos com os outros. Ele se sente objeto de suspeitas vagas, mas generalizadas, em sua fábrica. Na rua, as pessoas olham para ele de forma estranha e, sem dúvida, muitas vezes falam dele com zombaria. Enquanto comia num café onde frequentava regularmente, “alguns jovens de aspecto suspeito” entraram e olharam para ele; ele então os ouviu proferir ameaças que ele tomou para si. Atormentado, saiu do café e voltou para casa sem ousar voltar ao trabalho. Nos dias seguintes, ele se convenceu de que estava no centro do que considerou uma espécie de

conspiração. Ele quer escapar desse ambiente, mesmo que isso signifique cometer suicídio, e volta ao hospital.

Após a sedação devido a esse episódio agudo, Denis volta a morar em casa, mas não poderá retomar seu trabalho. Sob efeito de tratamento psiquiátrico, com o apoio de atividades terapêuticas e acompanhamento psicológico semanal, oferecido por mim, Denis sai pouco a pouco de seu isolamento, vai visitar parentes e amigos, vai às compras com a mãe. Ele pode confiar a mim suas dificuldades e suas questões girando sempre em torno do mesmo tema. "Eu não compreendo. Tenho a impressão que tudo concerne a mim. Se eu vejo duas pessoas conversando, rindo e que olham para mim, tenho a impressão de que estão falando de mim, rindo de mim. Quando alguém diz algo para outra pessoa e que eu ouço, sinto que foi para mim que isso foi dito, mesmo se eu não compreenda o porquê. Em grupo, não me atrevo a participar das conversas. Muitas vezes, quando alguém faz um comentário, eu digo para mim mesmo "mas por que ele disse isso?" e pego para mim ao tentar entender o que ele queria insinuar. Se alguém faz uma piada, acho que quis tirar sarro de mim, sem demonstrar. O pior, talvez, é quando alguém faz uma crítica geral, por exemplo: "tem gente que exagera". Então, eu me sinto visado. Eu pego tudo para mim, como críticas disfarçadas. Então, fico angustiado, não digo mais nada, retiro-me e, se não posso, eu me curvo na minha cadeira, como se quisesse ficar invisível, como se quisesse desaparecer.

O acompanhamento psicológico já dura pouco mais de onze anos e Denis quer que continue porque ali encontra um certo apaziguamento. A frequência das sessões foi adaptada aos seus pedidos de acordo com a dificuldade das experiências psicóticas. Estas variam em suas manifestações e sentimentos. Às vezes, por um período, elas desaparecem, tornam-se anódinas, sempre um tanto perturbadoras, mas brandas, depois, sem qualquer sinal de alerta, ressurgem, invasivas, dolorosas, insuportáveis. Denis, durante as nossas conversas, consegue reconhecer o caráter irrealista destas experiências, mas quando as vivencia, naquele momento, nenhum pensamento consegue tranquilizá-lo. "Mesmo que eu pudesse dizer que não é possível, que as pessoas não podem saber, que não me conhecem, isso não serve de nada. Eu sinto que eles sabem alguma coisa sobre mim e que falam sobre isso ou que zombam disso e eu digo para mim mesmo, mas o que eles sabem que eu não sei, o que é que eu fiz? E ele constata: "em todo o caso, estas impressões, de que as pessoas riem de mim, de que as pessoas olham para mim e de

todo o resto, não posso escapar delas. Isso está ali e se impõe. Não posso afastar essas ideias, colocá-las à distância. Eles estão lá, presentes e não posso fazer nada a respeito.” A alteração da distância vivida não permite que Denis escape ao imediatividade desta experiência; de acordo com a expressão de Minkowski, falta-lhe a amplitude da vida.

O Rorschach foi proposto, como parte de um relatório de avaliação. Denis aceita o teste com interesse e considera as pranchas com atenção constante. Não há recusa. Em um tempo médio, ele fornece vinte respostas que descreve espontaneamente, explicando a forma como as percebe e indicando nas pranchas os seus principais detalhes de uma forma muito concreta. Contudo, suas formulações transmitem um clima de incerteza e perplexidade. As principais reservas que expressa concernem à sua percepção de imperfeições, deformações ou discordâncias que afetam as representações corporais, humanas ou animais. Como parte desta apresentação, nós nos limitaremos a alguns trechos.

Prancha I ($\wedge$), “Um morcego. Vemos as patas, as asas... Por outro lado, o corpo é fino em cima e largo em baixo” (Ele toca o D central e indica o estreitamento apertando o polegar e o indicador). Exame: “Estaria esmagado ali, então parece o corpo de um inseto, o morcego”. Nesta mesma prancha (V), ele vê em seguida uma aranha mas também nota uma deformação com estreitamento do D central; o corpo da aranha seria, portanto, “aquele de uma larva”. Em ambos os casos, um pequeno detalhe, percebido como uma anomalia (encontramos o mecanismo do detalhamento) torna incerta a identidade da imagem.

A percepção de outros conteúdos heterogêneos suscita claramente mal-estar em Denis: Prancha IV ($\wedge$), “A cabeça de um cachorro com uma tromba” e (V) “uma cabeça de larva com aparência de asas nas laterais, mas o corpo não segue. Prancha V ($\wedge$), “Um pássaro com as patas para baixo, as asas grandes... e (hesita, perplexo) antenas na cabeça”.

Notamos outras formas de alterações que afetam a identidade e a integridade das representações corporais. Citemos as amputações de cabeça: Prancha II ($\wedge$), “Não há forma representando a cabeça. Parece um corpo com a cabeça decepada, com sangue. Ela (a cabeça) estaria em cima (mostra o Dbl no topo da prancha), ali não se vê nada com o pescoço, ali (mostra o Dbl entre o D r. lat.)”. Quando perguntado, ele não consegue especificar a identidade desse conteúdo: “Eu não sei... Falta a cabeça, não sei a quê... Um ser vivo, mas não sei qual”. Nos comentários, ele insiste sobre a ausência da cabeça e o vermelho, percebido como sangue, o faz

pensar que ela teria sido cortada. Uma segunda resposta (D r. centro) é comparável “parece a parte de baixo de uma borboleta com asas, mas não tem cabeça, diria-se que a cabeça foi arrancada”. Na Prancha VI (V), vê uma pele de animal: “as patas, as pernas, a cabeça desapareceram”. (Note-se, de passagem, a disparidade Ad/Hd com a atribuição de pernas e pés à pele deste animal). Durante a investigação, ele não consegue definir a identidade do animal, pois “falta a cabeça” (indica o Dbl perimacular (V) centro superior).

Num outro registo, citemos também a dissolução dos limites corporais entre duas pessoas: Prancha VII (Λ), a descrição de duas mulheres, vistas pela primeira vez face a face conduz, finalmente, à percepção de duas irmãs siamesas, "elas estão conectadas entre si. De maneira menor, encontramos o mesmo processo na Prancha V (V): primeiro, ele descreve dois cormorões frente a frente, depois indica que eles estão colados um ao outro, ilustrando esse encontro batendo as palmas das mãos.

Na Prancha III (Λ), a significação de uma ação comum: “Duas mulheres negras que estão tirando água do riacho”, parece seguir uma deriva inversa pois ela se transforma com a percepção, entre as duas, do D. vermelho que assume um valor simbólico. “Não sei (aponta para o centro do D r.), uma discussão entre as duas ou algo entre as duas.” Aqui, um elemento evocado de forma simbólica, real inominável, irrompe e introduz uma ruptura na comunicação, a discórdia.

Outras respostas testemunham igualmente uma indeterminação dos limites, aqueles onde as cores se difundem umas nas outras, por exemplo Prancha. IX (Λ), “Como se quiséssemos fazer uma aquarela e a água tivesse escorrido por toda parte”.

Ao final do teste, por meio de um comentário, Denis nos indica que ele foi sensível ao corte de manchas apresentando bordas com limites incertos.

No contexto desta comunicação, nos ateremos a estes extratos, especificando, no entanto, que encontramos um modo de visão em imagens com características comparáveis nos protocolos de pacientes que apresentam a mesma patologia.

Neste Rorschach, vários tipos de alterações afetam as representações corporais ou animais. Os mais marcantes, sob o regime da *Spaltung*, apresentam-se como corpos sem cabeça, estando a violência esquizóide acentuada pela presença do vermelho. Elas conduzem à ausência de identificação: “um ser vivo, mas não sei qual”. Em outros pontos, é a heterogeneidade de

conteúdo, os detalhes discrepantes, que introduzem discordância e indeterminação na natureza da imagem. Em ambos os casos, é a identidade da representação que parece essencialmente problemática, acrescentando incerteza ao centro das questões que os nossos pacientes se colocam no cotidiano. “Mas o que você acha em mim de especial? O que é que eu tenho que não se parece com os outros? Denis tem vontade de perguntar a quem o olha “estranhamente”. Confrontada com a mesma experiência, Séverine confidenciou-me: “As pessoas olham para mim como se eu tivesse um jeito esquisito, como se eu tivesse algo que eles detestam, como se eu fosse um monstro... Sim, um monstro, sinto-me assim. ”

Manifestado na visão de corpos abertos e sem cabeça, a ruptura dos limites corporais também se expressa, mas de forma diferente, na imagem de “irmãs siamesas” ligadas por uma parte comum indiferenciada, introduzindo uma comunicação física direta. Em outras respostas, os limites das manchas aparecem borrados, interpenetram-se ou apresentam bordas incertas em seus contornos exteriores.

A questão da diferenciação entre o eu e os outros, que diz respeito à individualidade e aos limites pessoais, está no cerne da experiência vivida por Denis. “Quando as coisas não vão bem, sinto que as pessoas ouvem diretamente o que estou dizendo. Mesmo quando estou em casa, tenho a impressão de que as pessoas estão me ouvindo/.../ Tenho a impressão de que as pessoas sabem alguma coisa sobre mim que eu não sei... como se eu tivesse um segredo que todo mundo conhece, menos eu. Não há como mais...nenhuma barreira.” Os outros o lêem como um livro aberto enquanto ele apenas folheia as páginas em branco. Ele se sente penetrado e alcançado no mais íntimo de sua pessoa e despojado de qualquer limite seguro que pudesse protegê-lo das intrusões psíquicas dos outros, “como se as pessoas pudessem entrar em comunicação direta comigo” (cf. Prancha VII). Ele também menciona situações dolorosas em que sente bruscamente o ambiente se deteriorar com a impressão de ser marginalizado, ridicularizado ou criticado sem motivo compreensível. Ele nos relata assim vários exemplos: reunido com parentes e amigos, participa das conversas com interesse e prazer, quando um gesto ou uma observação, um acontecimento muitas vezes inócuo, lhe parece ambíguo, desestabiliza-o porque parece concerni-lo e ele mergulha num estado de extrema ansiedade. “Eu me pergunto o que aquilo está fazendo ali, eu levo para o lado pessoal. Isso quebra tudo. Então não digo mais nada ou, se puder, vou embora.” Podemos facilmente estabelecer a ligação entre estas situações

de convívio onde um elemento indefinível mas estranhamente imponente irrompe, distorcendo fundamentalmente o clima relacional e a resposta cinestésica da Prancha III, cujo valor positivo da ação comum é perturbado pela introdução de um detalhe (D vermelho.) indeterminado, mas designado simbolicamente: “uma briga”.

Quando ele assiste à televisão, ele tem a impressão de que lhe são dirigidas certas observações, sempre críticas, o que o angustia terrivelmente. Ele sente-se assim preocupado, pessoalmente visado por uma palavra que está destinada a todos, ou seja, a ninguém em particular. Não lhe ocorre que, se não tivesse ligado a televisão ou assistido a este programa, a mesma mensagem teria sido transmitida e ele não saberia de nada. Ele demonstra, assim, que é a sua posição (lugar e identidade) como destinatário a priori que estabelece o outro (aqui, aquele que fala na TV) na posição de destinatário (e não o contrário). Há indiferenciação entre o destinatário (ou seja, o destinatário potencial) e o destinatário efetivo. É esta identidade flutuante que coloca aquele que a porta no centro daquilo que o atinge, vivido como um lugar de convergência. Não conseguindo reconhecer o que é *propriamente seu* (o que realmente lhe é destinado), Denis toma para si tudo o que *vem* a ele. O Rorschach onde diversas imagens apresentam uma identidade incerta, flutuante e indecível, mostra-nos que este problema se coloca em termos de falha de identidade.

Outro paciente, Bruno, com patologia semelhante, deu-nos uma formulação muito esclarecedora deste problema. Ele acha que as pessoas são bizarras; trocam gestos, palavras, olhares deixando sugerir que compartilham uma cumplicidade secreta da qual ele é objeto. É cada vez mais doloroso para ele sair para a rua: ele tem a impressão de que todo mundo o olha. Isso o perturba consideravelmente, e ele se queixa: “Mas o que toda essa gente quer de mim?” Após um momento de reflexão, ele acrescenta: “Finalmente, Sr. Ternoy, acho que eu ganharia em ser conhecido!”. Eu fico um pouco surpreso com esta observação vinda de alguém que parece querer passar despercebido. Peço a ele que me conte mais. Ele então me explica: “Se eu fosse alguém famoso, por exemplo Johnny Hallyday ou uma estrela como essa, quando eu estivesse andando todas as pessoas olhariam para mim. Normal, eu seria famoso, conhecido. Eu saberia que sou eu quem as pessoas estão olhando e por que estão olhando para mim.”

Assim, ele me faz entender que ao cruzar o olhar das pessoas na rua ele não sabe, de fato, quem ou o que está sendo olhado. Ele não consegue estabelecer a diferença entre o fato de

ser capturado no campo de visão de alguém que varre com olhos uma paisagem da qual ele faz parte e ser realmente distinguido por alguém intencionalmente, isto é, ser aquele que o outro olha e introduzido assim em uma relação de reciprocidade. Em outras palavras, falta-lhe fundamentalmente a possibilidade de responder a esta pergunta: “É realmente para mim que as pessoas estão olhando?” ou “Sou realmente aquele que está sendo observado?” Outra formulação poderia seguir: “Quem sou eu para ser visto assim?”... “Quem sou eu?...”.

Recentemente, Denis constatou: “Tenho a impressão de que tudo olha para mim, que tudo concerne a mim... Como se eu fosse o umbigo do mundo! Não é de estranhar que, neste caso, algumas pessoas se considerem alguém superior, como o maior, acima de todos, como alguém especial ou notável. Felizmente, este não é o meu caso! Esta modéstia sincera de Denis (ainda deixando que apareça a tentação do reconhecimento de uma identidade compensatória que o distingue vantajosamente) sublinha, tal como acontece com Bruno, que o fracasso da identidade não garante o conforto do anonimato, mas que suscita no encontro com os outros um apelo à reconhecimento que se impõe estranhamente como um desconhecimento de si mesmo.

“Sou como um alvo, no centro do alvo”: não se sentindo reconhecido como um entre os outros, um entre os seus pares, Denis percebe-se sozinho no centro de todos, no centro de tudo; um centro vazio.

Tradução: Renata Bazzo Repa – Pós-doutoranda do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

O ensino de Métodos Projetivos em disciplinas de Avaliação Psicológica no Brasil

Karlinne de Oliveira Souza

Centro Universitário Christus (Unichristus)

Kayline Macêdo Melo

Faculdade Ari de Sá (FAS)

Thicianne Malheiros da Costa

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Thays Martins de Lima

Centro Universitário 7 de Setembro (Uni7)

Lucila Moraes Cardoso

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo: A preocupação com a formação em Psicologia no contexto da Avaliação Psicológica tem sido pauta de discussão em diversas pesquisas, normativas e diretrizes veiculadas pelas entidades científicas da área. Tal preocupação decorre do fato da avaliação psicológica ser uma área de atuação que faz interface com diferentes campos de inserção profissional. De forma mais específica, o ensino dos métodos projetivos também tem sido debatido, tendo em vista a complexidade desses métodos e a forma como as disciplinas são conduzidas e ofertadas nos cursos de graduação. Diante do exposto, este estudo teve como objetivo mapear as produções científicas sobre o ensino dos Métodos Projetivos no Brasil. Foram realizadas buscas no Portal Periódicos CAPES, na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), na *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), em livros da área de avaliação psicológica e nos anais dos congressos da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo), utilizando-se como descritores “ensino” AND “técnicas projetivas” AND “avaliação psicológica”. Como critérios, foram selecionadas publicações que atendiam ao objetivo desta pesquisa, artigos empíricos e de revisão de literatura, escritos em português. Como critérios de exclusão, destacaram-se artigos incompletos, de acesso pago e duplicados. Foram encontrados 32 artigos, dois capítulos de livros e seis resumos apresentados nos congressos da ASBRo. Aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão, totalizaram 11 publicações. Os estudos apontaram divergências na nomenclatura utilizada para os métodos projetivos, aspecto que pode contribuir para concepções errôneas acerca deles, e uma atuação docente voltada para a desmistificação dessas concepções. As pesquisas destacaram uma diminuição da carga horária de disciplinas de Avaliação Psicológica, em especial ao que tange os testes projetivos, além de apontarem que os professores que ministram essas disciplinas apresentam baixa qualificação para tal. No entanto, nas publicações lidas, os métodos projetivos são apontados como um dos mais estudados em disciplinas de avaliação e os discentes reconhecem sua importância para a formação, apesar de sinalizar as poucas atividades práticas realizadas, acrescentando que o auxílio de monitores também pode contribuir para o aprendizado. Ainda assim, os estudos alertaram para a diversidade na forma como os métodos projetivos estão sendo ministrados e a grande quantidade de testes ensinados em uma mesma disciplina, geralmente com carga horária reduzida e com muitos alunos matriculados, sob a frágil compreensão de uma formação mais ampla e completa. Conclui-se que alguns desafios ainda permeiam o ensino dos métodos projetivos, havendo necessidade de constante atualização e especialização nesse campo de atuação, facilitadas também pelo apoio das Instituições de Ensino Superior.

Palavras-chave: Formação, Técnicas Projetivas, Avaliação Psicológica.

Introdução

A avaliação psicológica é um processo técnico-científico que integra informações sobre questões psicológicas do indivíduo, do grupo ou da instituição avaliados, a partir de diferentes métodos, técnicas e instrumentos, cujo resultado auxilia na tomada de decisão nos diferentes

campos de atuação da(o) psicóloga(o) (*American Psychological Association*, 2001, 2020; Conselho Federal de Psicologia, 2022). Por ser uma atividade complexa, a avaliação psicológica integra conhecimento psicológico, julgamento clínico, fontes de informações confiáveis, como observação, entrevistas e instrumentos de medida com expertise em uma área de prática ou aplicação profissional (APA, 2001, 2020; CFP, 2022).

Em 2022, completaram-se 60 anos da regulamentação da Psicologia como profissão no Brasil, a partir da Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, que determina a utilização de instrumentos psicológicos como prática exclusiva da psicóloga. Em 2023, foi publicada a Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023, que institui novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Especificamente, no Art. 5º, a Resolução citada apresenta como um dos eixos estruturantes dos cursos de Psicologia “Procedimentos para a investigação científica e para a prática profissional, de modo que seja garantido tanto o domínio de instrumentos e estratégias de atuação, quanto da competência para selecioná-los, avaliá-los e adequá-los a problemas e contextos específicos”. Também, no Art. 10º dispõe como uma das possibilidades de ênfases curriculares do curso de Psicologia a avaliação psicológica.

Mesmo com as mudanças nas diretrizes para os cursos de graduação em Psicologia, ainda há dificuldades no estabelecimento dos parâmetros curriculares para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades base para a formação nessa área (Bardagi et al., 2015). Nos últimos anos, muito se tem discutido que a formação em avaliação psicológica tem sido incipiente, estando associada à grande quantidade de processos éticos julgados (Anache & Reppold, 2010; Bardagi et al., 2015; Noronha, 2002; Noronha et al., 2021; Noronha & Santos, 2021; Nunes et al., 2012; Costa et al., 2021).

Em comum, as pesquisas nessa área indicam que há uma formação mais tecnicista, voltada para a aplicação e correção de testes psicológicos, ênfase na clínica e na avaliação de personalidade e inteligência (Anache & Reppold, 2010; Bardagi et al., 2015; Noronha, 2002; Noronha et al., 2021; Noronha & Santos, 2021; Nunes et al., 2012). Também há críticas em relação ao fato de a qualificação dos professores da área e a carga horária das disciplinas serem insuficientes, assim como o tempo para a prática e acompanhamento dos discentes. Quanto à utilização de instrumentos psicológicos, indica-se a necessidade de melhor preparo para seu uso, o preconceito dos profissionais em relação ao uso dos testes psicológicos, somando-se ao

ensino de técnicas não reconhecidas pelo CFP (Noronha, 2002; Bardagi et al., 2015).

De forma mais específica, o ensino dos métodos projetivos também tem sido debatido, tendo em vista a complexidade desses testes e a forma como as disciplinas são conduzidas e ofertadas nos cursos de graduação. Miguel e Cardoso (2021) apontam como um dos maiores desafios no ensino desses métodos a redução da carga horária das disciplinas de avaliação psicológica, o que diminui o tempo de administração dos conteúdos teóricos e práticos. O conhecimento dos métodos projetivos envolve o estudo das qualidades psicométricas, das teorias da personalidade, do desenvolvimento e de psicopatologia, assim como da diversidade desses instrumentos, o que exige uma maior demanda de tempo e vasto conhecimento do docente (Miguel & Cardoso, 2021).

O ensino de instrumentos de autorrelato de personalidade e de desempenho cognitivo possibilitam uma maior transferência de conhecimento, de modo que ao ser ensinado um instrumento, facilita generalizar esse aprendizado para outro. Nos métodos projetivos, devido a sua diversidade em relação às tarefas, à codificação e à interpretação dos resultados, o processo de generalização do aprendizado se torna menos comum. Além disso, muito da aplicação e da interpretação desses instrumentos está ligada ao manejo clínico, como o desenvolvimento do *rapport*, a observação dos comportamentos do examinando e ao inquérito que, por vezes, é inerente à execução desses instrumentos (Miguel & Cardoso, 2021).

Pensando nisso, a redução do tempo destinado ao ensino dos métodos projetivos torna-se um obstáculo frente a uma formação profissional de qualidade no que se refere a esses testes psicológicos. Todos os estudos apresentados sobre o ensino de avaliação psicológica discutem sobre a necessidade dos cuidados na formação, especialmente maior integração entre o ensino e a prática, adequando-se às necessidades sociais (Bardagi et al., 2015; Noronha & Santos, 2021). Diante do exposto, este estudo teve como objetivo analisar, a partir de uma revisão narrativa de literatura, as particularidades do ensino de Métodos Projetivos em disciplinas de Avaliação Psicológica no Brasil.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa de literatura, a qual abrange uma seleção de estudos recentes, visando oferecer uma análise abrangente e atualizada sobre o tema

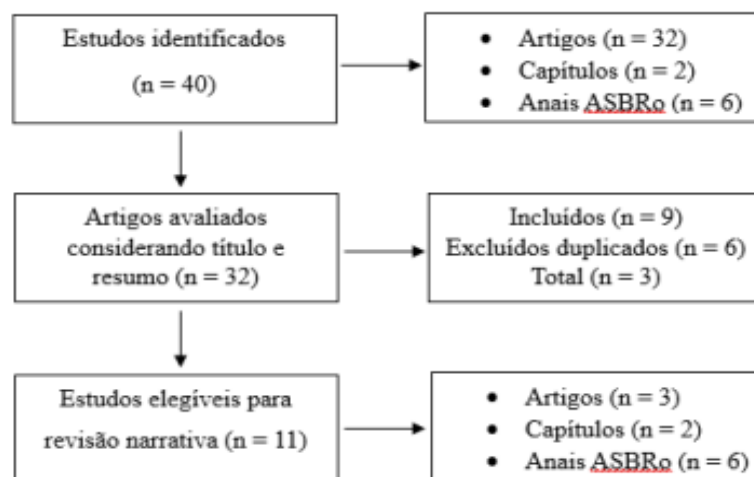
em questão. Os artigos revisados nesta pesquisa englobam uma variedade de tópicos, em diferentes níveis de completude e abrangência. Baseando-se em análises da literatura, os estudos considerados podem incluir resultados de pesquisas relevantes (Grant, 2009). Neste trabalho, ao se optar pela revisão narrativa, considerou-se a necessidade de mapear o que se tem produzido até o momento sobre o ensino dos Métodos Projetivos no Brasil.

Para tanto, realizou-se uma busca no período de 04 a 16 de janeiro de 2024 no Portal Periódicos CAPES, na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), utilizando-se como descritores “ensino” AND “técnicas projetivas” AND “avaliação psicológica”. Como critérios de inclusão, estabeleceram-se publicações que atendiam ao objetivo desta pesquisa, artigos empíricos e de revisão de literatura, escritos em português. Como critérios de exclusão, destacaram-se artigos incompletos, de acesso pago e duplicados. Após a busca nas bases de dados, foram encontrados 32 artigos, sendo selecionados nove após a leitura dos títulos e dos resumos. Posteriormente, foram excluídos seis por estarem duplicados, mantendo-se ao final três artigos.

Além disso, foram selecionados alguns livros considerados relevantes para a área de avaliação psicológica. Após leitura dos seus sumários, foram identificados dois capítulos que atendiam à temática desta pesquisa. Por fim, foi feito um levantamento nos anais publicados dos congressos da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo), entre os anos de 2012 e 2022. Com a leitura primeiramente dos títulos, em seguida dos resumos publicados nos anais dos congressos da ASBRo, seis trabalhos estavam de acordo com os objetivos deste estudo.

Em suma, ao todo foram selecionadas 11 publicações. Estas foram lidas na íntegra e incluídas para análise e discussão desta revisão narrativa de literatura. O passo a passo da seleção das publicações foi descrito no fluxograma disposto na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma do percurso de busca e seleção dos estudos



Resultados

Inicialmente, criou-se um quadro contendo alguns dados das 11 publicações encontradas. O Quadro 1 foi elaborado em função do tipo de publicação, autores, ano de publicação, título e categoria a qual a obra faz parte e será analisada.

Quadro 1 – Publicações identificadas na revisão de literatura

Tipo de Publicação	Autores	Ano	Título
Capítulo de livro	Fabiano Koich Miguel; Lucila Moraes Cardoso	2021	Estratégias e metodologias para o ensino de testes psicológicos projetivos
Capítulo de livro	Fernanda Queiroz; Joice Dickel Segabinazi; Juliane Callegaro Borsa	2017	A formação em Avaliação Psicológica no Brasil
Anais Asbro	Cícero E. Vaz	2016	Avaliação Psicológica: adversidades e perspectivas na formação do psicólogo
Anais Asbro	Leonardo Augusto Couto Finelli; Ane Geruza Santos Daied Vaz Soares	2016	Percepção de acadêmicos concluintes de psicologia sobre o ensino de testes projetivos
Anais Asbro	Leonardo Augusto Couto Finelli	2016	Análise da docência de técnicas projetivas em graduação de psicologia

Anais Asbro	Cassia Aparecida Rodrigues; Gabriele Aparecida Verdan do Carmo; Isolete Aparecida Voss	2018	Perspectiva discente e docente dos métodos projetivos na graduação
Anais Asbro	Rebeca Moreira Rangel; Aline Gadelha de Almeida Duarte	2018	Técnicas e testes projetivos em debate: os desafios na área da docência
Anais Asbro	Thiago Henrique de Barros Cobra; Thaís Roberta Abreu de Souza; Armando Rocha Júnior	2018	A influência do aluno monitor no aprendizado do teste PMK na graduação
Artigo	Fabiano Koich Miguel	2014	Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas
Artigo	Ana Paula Porto Noronha	2006	Formação em Avaliação Psicológica: uma análise das disciplinas
Artigo	Ana Paula Porto Noronha; Marcos Antônio Batista; Laura Carvalho; Cláudia Cobero; Neide Brito Cunha; Betânia Alves Veiga Dell'aglia; Roseli Filizatti; Rita Penha Campos Zerorini; Marcelo Mendes dos Santos	008	Ensino de avaliação psicológica em Instituições de Ensino Superior brasileiras

Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

Entre os estudos selecionados, dois são revisão de literatura, dois relatos de experiência, duas são pesquisas documentais, duas pesquisas de campo, um simpósio e dois capítulos de livros. De acordo com o Quadro 1, houve oscilação no número de estudos voltados para o ensino dos Métodos Projetivos publicados por ano, variando entre o período de 2006 e 2021, sendo o maior número de publicações nos anos de 2016 e 2018, o que pode ter ocorrido por serem anos de congresso da ASBRo. Os textos elegidos apresentam questões gerais do ensino da avaliação psicológica, mencionando os Métodos Projetivos, bem como perspectivas a partir de experiências dos discentes em disciplinas voltadas para os Métodos Projetivos, além do apontamento de novos horizontes, evidenciando caminhos que podem ser percorridos na área.

Discussão

Desde a regulamentação da Psicologia enquanto ciência e profissão (Brasil, 1962), os desafios que permeiam o ensino da avaliação psicológica são uma temática debatida por diversos autores (Anache & Reppold, 2010; Bardagi et al., 2015; Noronha, 2002; Noronha et

al., 2021; Noronha & Santos, 2021; Nunes et al., 2012; Costa et al., 2021). Mais especificamente, o ensino dos Métodos Projetivos enquanto ferramentas que auxiliam na busca de informações sobre a pessoa avaliada também perpassa inúmeras discussões tendo em vista as particularidades e complexidades no uso desses instrumentos (Miguel & Cardoso, 2021).

Inicialmente, observaram-se que as nomenclaturas utilizadas para se referir aos testes projetivos variaram de acordo com os autores, incluindo, por exemplo, técnicas projetivas, métodos projetivos e métodos de expressão, aspecto que pode contribuir para possíveis confusões sobre o objetivo desses instrumentos, e reforçando que, diante disso, há a exigência de uma atuação docente voltada para a desmistificação de possíveis equívocos na área (Noronha et al., 2008; Miguel & Cardoso, 2021; Queiroz, Segabinazi & Borsa, 2017; Vaz, 2016). Além disso, alguns estudos ressaltaram que o ensino sobre os métodos projetivos tem sido abreviado ou condensado com outros instrumentos, havendo preferência por testes mais breves e menos complexos. Esses estudos também apontam que os testes mais complexos têm sido estudados em pós-graduações (Finelli, 2016; Finelli & Soares, 2016).

Tal aspecto vai de encontro com o que alguns autores discutem sobre a diminuição da carga horária de disciplinas de Avaliação Psicológica, em especial aquelas referentes ao ensino de métodos projetivos, além de apontarem que os professores que ministram essas disciplinas apresentam baixa qualificação para tal (Vaz, 2016; Queiroz, Segabinazi & Borsa, 2017).

Ressalta-se que o aprendizado dos métodos projetivos não se refere apenas ao processo de administração, codificação e interpretação dos dados do teste, mas ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à prática profissional em diversos contextos (Finelli, 2016; Finelli & Soares, 2016).

Os estudos também alertaram para a diversidade na forma como os métodos projetivos estão sendo ministrados e a grande quantidade de discentes matriculados nessas disciplinas, dificultando uma atuação docente mais singular e direcionada para as particularidades da turma e o ritmo de aprendizado dos alunos (Noronha et al., 2008). Como alternativa para lidar com isso, alguns docentes destacaram a possibilidade de os métodos projetivos serem ensinados e discutidos em disciplinas optativas, tendo em vista que considera maior interesse do acadêmico e organização de turmas menores (Finelli, 2016).

Além disso, alguns autores chamam a atenção para a grande quantidade de testes

ensinados em uma mesma disciplina, sob a justificativa e frágil compreensão de uma formação mais ampla e completa sobre esses testes (Noronha et al., 2008). Algumas sugestões para lidar com parte desses desafios foram relatados por docentes, ao mencionarem a importância da mudança da metodologia de ensino, em que os estudos de casos ganhem destaque, bem como alterações em carga horária das disciplinas, estabelecimento de pré-requisitos para o curso e até mesmo limitação do número de alunos por turma (Finelli, 2016).

Ainda que em vários componentes curriculares essas disciplinas tenham apresentado redução da carga horária, é válido ressaltar que os métodos projetivos ainda são um dos instrumentos mais estudados em disciplinas de avaliação psicológica (Noronha, 2006). Além disso, percebeu-se que os discentes reconhecem a importância do aprendizado desses testes para a sua formação acadêmica (Finelli, 2016; Noronha, 2006), ressaltando que o auxílio de monitores pode contribuir para o aprendizado, embora reforcem que são insuficientes as atividades práticas realizadas nessas disciplinas.

Nesse sentido, como forma de tornar a aprendizagem mais significativa, alguns autores destacam que os discentes e docentes levantaram algumas estratégias ao longo do processo de formação para ir além de aulas expositivas, como a realização de treinamento da administração dos testes projetivos, estudo de casos e a prática do estágio supervisionado específico em avaliação psicológica. Tais práticas intensificam o interesse dos discentes pelos métodos projetivos, bem como fomenta a procura pela prática clínica de estágio em avaliação psicológica e a estruturação de grupos de pesquisa nesta área (Rodrigues, Carmo & Voss, 2018).

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo mapear as produções científicas sobre o ensino dos Métodos Projetivos no Brasil. Entre os desafios, cita-se redução da carga horária dedicada às disciplinas de Avaliação Psicológica, especialmente aos métodos projetivos, além da baixa qualificação dos professores e a insuficiência de atividades práticas. Além disso, há uma grande diversidade na forma como os métodos projetivos são ensinados, o que pode comprometer a compreensão e a qualidade do processo de formação.

Alguns profissionais ressaltam a importância de novas abordagens no ensino de métodos projetivos, incluindo estratégias de treinamento de aplicação desses testes, estudo de

casos e estágios supervisionados específicos em avaliação psicológica. Ademais, foi sugerida a inclusão desses instrumentos em disciplinas optativas, adaptações na metodologia de ensino, ajustes na carga horária e limitação do número de alunos por turma, buscando uma atuação docente mais eficaz e personalizada para o aprendizado desses métodos. Tais aspectos apontam para a importância do apoio das Instituições de Ensino Superior na condução das particularidades do ensino dos métodos projetivos, bem como a necessidade de que docentes e profissionais que atuam com esses testes estejam em constante formação e atualização na área.

Referências

- American Psychological Association (2020). *APA Guidelines for Psychological Assessment and Evaluation*. <https://www.apa.org/about/policy/guidelines-psychological-assessment-evaluation.pdf>
- American Psychological Association. (2001). Guidelines for test user qualifications. *American Psychologist*, 56(12), 1099–1113. <https://doi.org/10.1037//0003-066X.56.12.1099>
- Anache, A. A., & Reppold, C. T. (2010). Avaliação psicológica: Implicações éticas. In A. A. Santos, A. A. Anache, A. E. Villemor-Amaral, B. S. V. Welang, C. T. Reppold, C. H. S. Nunes et al. (Orgs.), *Avaliação psicológica: Diretrizes para a regulamentação da profissão* (pp. 57-86). Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
- Bardagi, M. P, Teixeira, M. A. P., Segabinazi, J. D., Schelini, P. W., & Nascimento, E. (2015). Ensino da avaliação psicológica no Brasil: levantamento com docentes de diferentes regiões. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 253-260.
- Cobra, T. H. B., Souza, T. R. A., & Júnior, A. R. (2018). A influência do aluno monitor no aprendizado do teste PMK na graduação. In E. T. K. Okino, P. F. Castro, A. C. Resende, & L. M. Cardoso (Orgs.), *Livro de Programas e Resumos do IX Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp. 151-152). ASBRo.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Resolução nº 31*, de 15 de dezembro de 2022.
- Costa, T., Gomes, G., Costa, A., Lima, T., & Melo, K. (2021). Formação e ética em Avaliação Psicológica: Análise das infrações de profissionais de Psicologia. *Interação em Psicologia*, 25(3). doi:<http://dx.doi.org/10.5380/riep.v25i3.64524>
- Queiroz, F.; Segabinazi, J. D. & Borsa, J. C. (2017). A formação em Avaliação Psicológica no

- Brasil. In M. R. C. Lins, & J. C. Borsa (Org.) *Avaliação Psicológica: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 198-209). Vozes.
- Finelli, L. A. C. (2016). Análise da docência de técnicas projetivas em graduação de psicologia. In E. T. K. Okino, P. F. Castro, F. L. Osório, S. R. Pasian, S. A. Scortegagna, L. M. Cardoso, F. R. Freitas, & A. E. Villemor-Amaral. *Livro de Programas e Resumos do VIII Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp. 105). ASBRo.
- Finelli, L. A. C., Santos, A. G., & Soares, D. V. (2016). Percepção de acadêmicos concluintes de psicologia sobre o ensino de testes projetivos. In E. T. K. Okino, P. F. Castro, F. L. Osório, S. R. Pasian, S. A. Scortegagna, L. M. Cardoso, F. R. Freitas, & A. E. Villemor Amaral. *Livro de Programas e Resumos do VIII Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp. 103). ASBRo.
- Grant MJ, Booth A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. (2009). *Health Info Libr J.* 26(2), 91-108. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848>.
- Miguel, F. K. Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas. (2014). *Psico-USF*, 19(1), 97-106. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100010>.
- Miguel, F. K., & Cardoso, L. M. (2021). Estratégias e metodologias para o ensino de testes psicológicos projetivos e Cardoso. In K. L. Oliveira, M. Muniz, T. H. Lima, D. S. Zanini, & A. A. A. Santos (Org.), *Formação e estratégias de ensino em Avaliação Psicológica* (pp. 270-283). Vozes.
- Noronha, A. P. P. (2002). Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 135-142.
- Noronha, A. P. P. (2006). Formação em avaliação psicológica: Uma análise das disciplinas. *Interação em Psicologia*, 10(2), 245-252. <https://doi.org/10.5380/psi.v10i2.7681>
- Noronha, A. P. P., & Santos, A. A. A. (2021). Histórico da formação em Avaliação Psicológica no Brasil. In K. L. Oliveira, M. Muniz, T. H. Lima, D. S. Zanini, & A. A. A. Santos (Org.) *Formação e estratégias de ensino em Avaliação Psicológica* (pp. 13-20). Vozes.
- Noronha, A. P. P., Batista, M. A., Carvalho, L., Cobêro, C., Cunha, N. B., Dell'Agli, B. A. V., Filizatti, R., Zenorini, R. P. C., & Santos, M. M. (2008). Ensino de avaliação psicológica

- em Instituições de Ensino Superior brasileiras. *Universitas Ciências da Saúde*, 3(1), 1-14.
- Noronha, A. P. P., Resende, A. C., Oliveira, K. L., Muniz, M., & Reppold, C. T. (2021). Os Impactos da Ação Direta de Inconstitucionalidade no 3481 na Psicologia e na Sociedade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 4, 1-11. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003252730>
- Nunes, M. F. O., Muniz, M., Reppold, C. T., Faiad, C., Bueno, J. M. H., & Noronha, A. P. P. (2012). Diretrizes para o ensino da avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 309-316.
- Range, R. M., & Duarte, A. G. A. (2018). Técnicas e testes projetivos em debate: os desafios na área da docência. In E. T. K. Okino, P. F. Castro, A. C. Resende, & L. M. Cardoso (Orgs.), *Livro de Programas e Resumos do IX Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp. 154-155). ASBRo.
- Rodrigues, C. A., Carmo, G. A. V., & Voss, I. A. (2018). Perspectiva discente e docente dos métodos projetivos na graduação. In E. T. K. Okino, P. F. Castro, A. C. Resende, & L. M. Cardoso (Orgs.), *Livro de Programas e Resumos do IX Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp. 152-153). ASBRo.
- Vaz, C. E. (2016). Avaliação Psicológica: adversidades e perspectivas na formação do psicólogo. In E. T. K. Okino, P. F. Castro, F. L. Osório, S. R. Pasian, S. A. Scortegagna, L. M. Cardoso, F. R. Freitas, & A. E. Villemor-Amaral. *Livro de Programas e Resumos do VIII Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp. 35). ASBRo.

Ensino do Rorschach na Graduação em Psicologia: Um Estudo de Caso na UnB

Clarice Alves de Almeida Beckmann

Universidade de Brasília (UnB)

Ludmyla Alencar Ferreira Galdino

Universidade de Brasília (UnB)

Vinícius José Caixeta Tavares

Universidade de Brasília (UnB)

Sérgio Eduardo Silva de Oliveira

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: Embora complexo, ensinar o Rorschach é essencial para que novos psicólogos consigam dominar essa técnica de avaliação da personalidade. Nesse contexto, o presente estudo visa destacar as potenciais vantagens e desvantagens do ensino do Rorschach no Sistema de Avaliação de Desempenho (R-PAS) durante os anos de graduação dos alunos, contrastando com abordagens de ensino adotadas em outros países, nos quais o Rorschach é frequentemente abordado como especialização após a graduação. Neste estudo de caso apresentaremos uma experiência de ensino do Rorschach para alunos de graduação da Universidade de Brasília (UnB), Brasil. No primeiro semestre, 16 alunos concluíram um programa de treinamento de 60 horas com palestras, atividades de *role play*, vídeos, exercícios e realizaram uma administração do R-PAS. Nos dois semestres subsequentes, quatro desses alunos aprofundaram seus estudos, observando uma aplicação de protocolo realizada por um especialista, codificando protocolos e discutindo dúvidas. No quarto semestre, esses alunos realizaram administrações e codificações com sucesso, com boa concordância. Pode-se concluir que o ensino do R-PAS para alunos de graduação é possível, trazendo resultados satisfatórios, principalmente quando há um programa continuado de treinamento, não se restringindo a uma única disciplina.

Palavras-chave: Graduação em Psicologia, Ensino do R-PAS, viabilidade.

Introdução

Entre a grande variedade de testes psicológicos, o teste de Rorschach se destaca em escala mundial como um método de exímia importância para investigar a personalidade. Embora sua criação date de um século atrás, o método de Rorschach está longe de obsoleto devido aos constantes estudos e aperfeiçoamentos ao método, que culminaram em mais de um sistema de aplicação, codificação e interpretação (Hisatugo, 2012). O Sistema Compreensivo (SC), por exemplo, foi desenvolvido na intenção de integrar cinco sistemas prévios do método de Rorschach mais comumente utilizados nos Estados Unidos (Viglione et al., 2017). Posteriormente, com o falecimento de Exner, principal autor do SC, o Rorschach *Performance Assessment System* (R-PAS; Meyer et al., 2011) foi desenvolvido como forma de dar continuidade à prática e estudos sobre o método, aprimorando o método de aplicação e selecionando indicadores com maiores evidências de validade.

Durante os anos de 1980, o SC rapidamente se tornou o sistema dominante presente nos

programas de treinamento de Rorschach (Mihura & Weinle, 2002). Adicionalmente, a pesquisa de Mihura et al. (2017) revelou que, em 2015, 53% dos cursos de Rorschach dos programas de psicologia clínica credenciados pela Associação Americana de Psicologia (APA) eram ensinados de acordo com o Sistema Compreensivo, enquanto que o R-PAS abarcava 37%. A partir dos dados, fica claro que o SC e o R-PAS são os sistemas de aplicação, codificação e interpretação do Rorschach com maior enfoque nos Estados Unidos. Porém, segundo dados mais recentes levantados pela pesquisa de Villanueva van den Hurk et al. (2023), a partir de 2020 a maior parte dos treinamentos ofertados se dedicavam ao método do R-PAS, ao que os autores comentam ter sido uma mudança mais lenta que o esperado, mas considerável.

O trabalho extensivo do R-PAS vinha com uma proposta de facilitar e padronizar a aplicação, otimizar o número de respostas dadas na tarefa, verificar os itens super patologizados e garantir que cada interpretação estivesse de acordo com as evidências de validade das variáveis (Viglione et al., 2017). Desse modo, reconhece-se que grande parte da complexidade em aprender o R-PAS é devida à variedade de respostas possíveis que podem ocorrer em uma aplicação e às diversas regras e exceções que se deve conhecer para a codificação. Portanto, muitas medidas foram tomadas para garantir maior padronização e menor variabilidade entre codificadores. É diante desse cenário que o próprio manual do R-PAS foi preparado para receber respostas inesperadas, evidenciando a consciência dos desafios que um avaliador pode encontrar. Não obstante, compreende-se que muito tempo dos avaliadores é necessariamente gasto em estudos prévios, capacitações e treinos para alcançar a proficiência.

Ao que concerne os efeitos dos treinamentos do R-PAS, porém, pouco tem sido estudado em larga escala (Viglione et al., 2017) e de forma extensiva. No entanto, alguns dos estudos realizados com foco no ensino e aprendizado do R-PAS sugeriram que “estudantes e iniciantes no R-PAS demonstram menor confiabilidade em geral do que os codificadores mais experientes, bem como menor precisão no tocante à qualidade formal, determinantes e códigos especiais, mas não fornecem informações definitivas sobre a quantidade mínima de treinamento ou experiência necessária para codificar de forma confiável” (Viglione et al., 2017, p. 317). No entanto, como adiciona os autores, as percepções dos alunos de que os direcionamentos no Rorschach são arbitrários ou insuficientes, além de complexos e exigirem muito tempo de dedicação de estudo, aplicação, codificação e interpretação podem

comprometer a motivação e compromisso com os estudos do método de Rorschach. Esse fato demonstra que um fator motivacional associado à aprendizagem do teste deve ser levado em consideração. Segundo Santos (2021), o processo de aprendizagem perpassa a motivação, uma vez que o aluno motivado vai investir recursos pessoais e engajar na execução da atividade. Dessa forma, a motivação dos alunos é um fator fundamental tanto para o aprendizado quanto para a proficiência no uso do método. Nesse sentido, considerando as Teorias da Expectativas que tomam como premissa a antecipação que o sujeito realiza de eventos a posteriori, Lobos (1975) destaca que a motivação é baseada no atrativo dos resultados da realização da tarefa (valência), na percepção da força da relação entre os desempenhos e os resultados (instrumentalidade), na percepção do vínculo entre o esforço orientado e o desempenho efetivo (expectativa). No R-PAS, por ser um teste de alta complexidade, o esforço exigido para aprendê-lo é alto, havendo uma inclinação maior das pessoas em se sentirem desmotivadas. Muitas vezes, principalmente quando se tratam de alunos da graduação em Psicologia, é feita uma avaliação de custo-benefício, em que pesam o investimento para aprendizagem da técnica e a expectativa de utilização da ferramenta profissionalmente, tendendo a se motivar somente um grupo limitado de estudantes com maior interesse na área da avaliação psicológica.

Dos estudos aqui mencionados, todos possuem alunos já graduados como participantes das pesquisas, assim como também são o público mais comum em cursos e disciplinas do Rorschach nos EUA. Nesse sentido, a maior parte do público dos cursos e aulas do Rorschach no exterior são tipicamente psicólogos formados, mestrandos ou doutorandos, não havendo muitas ofertas, comparativamente, de ensino do Rorschach para alunos de graduação, ou seja, indivíduos que ainda não completaram a graduação. Embora muitos programas possam não especificar uma restrição de título acadêmico para participação em cursos ou *workshops*, é comum ser exigido que os participantes tenham conhecimento prévio com o teste de Rorschach, o que culmina geralmente no mesmo perfil de participantes. Desse modo, é possível observar que se estabeleceu uma cultura em relação ao R-PAS sobre ser pensado e tratado principalmente como uma especialização, que seria mais coerente com psicólogos já formados e sua prática. No Brasil, uma pesquisa feita por Castro (2001) identificou que 68% das instituições de ensino superior com cursos de Psicologia ensinam o Psicodiagnóstico de Rorschach em seus currículos, sendo que dessas, 82,5% têm essa disciplina como um

componente obrigatório, apesar de não encontrar uma uniformidade na maneira em que ele é ensinado.

Objetivo

Considerando que não há muitos estudos em relação ao treinamento do R-PAS e ainda mais escassos os que tomam alunos de graduação ainda em formação como público-alvo, a presente pesquisa tem o objetivo analisar as vantagens e desvantagens inerentes à prática de ensino do R-PAS durante a graduação. Tal reflexão ganha ainda mais relevância ao se considerar que, em grande parte dos países, o ensino desse teste é reservado aos cursos de pós-graduação, nos quais o Rorschach é frequentemente abordado como especialização após a formatura.

Com o ensino de Rorschach durante a graduação, uma vantagem esperada de ser encontrada se refere à possibilidade de melhor desempenho futuro e, conseqüentemente, redução de erros, considerando que, ao iniciarem mais cedo os estudos com Rorschach, os futuros profissionais terão mais tempo em aperfeiçoarem suas técnicas e conhecimentos ao longo da graduação antes de alcançarem a formatura e iniciarem a prática profissional. Além disso, estando em ambiente universitário de graduação, há a possibilidade de o ensino cooperar na formação ética profissional dos alunos a fim de evitar a ocorrência futura de problemas que são presentes atualmente, como a reprodução não autorizada de materiais, quebra de sigilo profissional, falta de atualização em relação a mudanças na área e interpretações incorretas ou insuficientes.

Método e Resultados

No segundo semestre letivo de 2022 a primeira autora, doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB) e certificada como proficiente em administração e codificação pelo Rorschach *Performance Assessment System* ©, ofertou a disciplina “Método de Rorschach”, com enfoque no R-PAS, no curso de graduação em Psicologia da UnB junto ao último autor, docente da UnB. Foram abertas apenas 16 vagas, para propiciar um acompanhamento mais individualizado de cada aluno, e essas vagas foram rapidamente preenchidas, gerando uma lista de espera. Era uma

disciplina optativa e contava com 90 horas, sendo estas divididas em três eixos: (a) aulas expositivo/dialogais teóricas, nas quais foram tratados os conceitos fundamentais do Método de Rorschach, assim como os princípios de aplicação, codificação, elaboração do sumário estrutural e conversão de respostas em nível de protocolo; (b) aulas expositivo/dialogais práticas, nas quais foram apresentados exemplos de protocolos (com respostas e codificações) e de estudos de caso; e (c) atividades práticas, nas quais os alunos puderam demonstrar os conhecimentos e habilidades aprendidos por meio de uma aplicação do Teste de Rorschach. Para as aulas, foram utilizados slides, vídeos, protocolos de exemplo e um roteiro para *role play* disponíveis como recursos de ensino e multimídia em r-pas.org, além de exercícios constantes no manual (Meyer et al., 2011) e protocolos já aplicados pela primeira autora. A avaliação foi composta por duas provas, na qual a média das notas da turma na primeira foi 6,4 e na segunda 7,6, e um trabalho final, envolvendo a aplicação do Teste de Rorschach em um voluntário, codificação das respostas, elaboração do sumário estrutural e conversão das respostas em nível de protocolo. A média das notas no trabalho final foi 8,5, evidenciando um progressivo aumento nas competências dos alunos. Quase todos os alunos tiveram frequência (acima de 75%) e desempenho satisfatórios (notas finais maiores que 7,0), sendo aprovados na disciplina, com exceção de um aluno, reprovado tanto por inassiduidade quanto por notas insatisfatórias.

Nos dois semestres letivos seguintes, no ano de 2023, quatro desses estudantes participaram de um grupo de estudos (60h por semestre) sob responsabilidade da primeira autora e aprofundaram seus conhecimentos na área. Foram realizados exercícios de codificação e discutidos estudos de caso, dirimindo eventuais dúvidas e sistematizando as respostas mais frequentes. Por fim, os estudantes observaram uma aplicação do Teste de Rorschach em um paciente real, realizada pela primeira autora, posteriormente codificando o protocolo e elaborando o sumário estrutural, alcançando grande concordância entre avaliadores. No primeiro semestre letivo de 2024, um dos estudantes não pôde mais participar do grupo de estudos, e os três restantes realizaram, cada um, uma aplicação em um paciente, codificando o protocolo. Em seguida, os protocolos obtidos foram recodificados pelos outros estudantes e pela primeira autora, cuja codificação foi utilizada como padrão-ouro devido ao fato de ser certificada em proficiência de aplicação e codificação. Novamente, houve grande concordância entre todos os codificadores. Como parte de uma pesquisa, outros instrumentos, como testes de

desempenho máximo e inventários, também foram aplicados.

A melhora no desempenho dos alunos que seguiram no grupo de estudos pode ser observada na fala de dois alunos:

“Certamente, no início eu tinha uma visão, meio fantasiosa do processo, meio coisa de filme, sabe? Depois com as aulas com a turma, fui entendendo como o teste funciona. No começo demorou muito para eu entender algumas coisas que para mim não tinha lógica nenhuma, por exemplo: como um humano com asas tinha uma codificação diferente de um anjo? Mas, no final da disciplina, várias coisas já haviam sido muito bem esclarecidas e aprendidas. Mas, tudo deslanchou mesmo quando eu participei do grupo de estudos, um acompanhamento mais de perto, customizado, vários treinos! Foram essenciais para a minha melhora na codificação e aplicação. Eu me sinto muito mais seguro agora de aplicar o teste”

“Na verdade, eu comecei a disciplina de Rorschach por recomendação de uma professora que trabalhava no meio jurídico. Eu só fui, sabendo só que tinha manchas e era isso. E depois descobri que era praticamente um mundo próprio. E que esse mundo tinha mais de 400 páginas (risadas). No começo fiquei chocada, mas foi um alívio enorme ver que a gente tinha muito espaço para discutir e conversar sobre os códigos. Eu tava entendendo qual foi o processo de pensamento por trás daquele código também, e isso ajudou muito, tanto que fiquei muito mais interessada em seguir pela área de avaliação psicológica. Só que eu acho que o primeiro momento que me senti mais confiante com o que eu tava fazendo foi quando eu apliquei o meu primeiro protocolo e vi que muito do que eu codifiquei e interpretei fazia, tipo, muito sentido sobre a pessoa! E, entrando em contato com outros profissionais do Rorschach também, fiquei feliz de descobrir que eu conseguia acompanhar e agregar nas discussões sobre o R-PAS, principalmente discutindo codificações e conseguindo defender com clareza o porquê optei por certos códigos. A felicidade mesmo foi quando eles concordavam com as escolhas, aí meu dia tava feito!”

Discussão

O presente trabalho visou o compartilhamento de uma experiência na UnB no ensino do R-PAS na graduação. É importante destacar que os resultados dos alunos foram promissores em relação ao desempenho durante a aplicação e codificação do teste, apresentando boas

médias nas avaliações aplicadas na disciplina e mantendo a frequência durante o semestre, o que pode acarretar inúmeras vantagens e benefícios. A primeira vantagem do teste de Rorschach ser ensinado durante a graduação é a possibilidade de um melhor desempenho e redução de erros durante a aplicação do teste no contexto profissional. Isso ocorre pois, segundo Costa (2023), é de exímia importância que as informações que serão úteis em ocasiões futuras sejam registradas e arquivadas no cérebro para serem lembradas posteriormente. Assim, ainda segundo a autora, não basta a mera repetição do conteúdo de forma idêntica, os novos conhecimentos devem ser agregados e associados a outros já existentes, dessa forma, aumentando as conexões sinápticas o conteúdo ficará mais fixado na memória.

Ensinar o Rorschach na graduação permite o primeiro contato dos alunos com a técnica e possibilita a consolidação de algumas redes sinápticas. Posteriormente, a cada treino em sala de aula com os próprios alunos, ou até mesmo em indivíduos fora das turmas de psicologia, somado com estudos de casos, pode acabar fortalecendo a memória, com conteúdos “novos” que serão elaborados pelos alunos. Esse enraizamento do conteúdo pelos alunos permitirá a redução de erros e maior padronização durante a aplicação do teste, o que pode ser claramente observado com a melhora das notas e do desempenho ao longo das aulas e do refinamento das codificações no grupo de estudos. Como relatado pelos alunos desta pesquisa, a aquisição das competências para a administração, codificação e interpretação do R-PAS é processual. O constante contato com os princípios de aplicação e codificação vão permitindo que os estudantes solidifiquem e ampliem a compreensão da lógica subjacente ao R-PAS.

Uma segunda vantagem do ensino do Rorschach na graduação reside no extenso tempo de formação necessário para o desenvolvimento das competências em relação ao teste, superando consideravelmente a carga horária encontrada em alguns cursos que podem variar de 24 a 100 horas. Em comparação, os programas de pós-graduação em avaliação psicológica frequentemente demandam períodos mais longos, como um ano e seis meses. No entanto, é importante observar que o conteúdo do método de Rorschach compõe somente uma parte dessa carga horária, com cursos que abordam o assunto em apenas 20 horas. Por fim, uma terceira vantagem observada reside na resolução de um dos principais problemas da avaliação psicológica nos dias de hoje. Conforme destacado por Noronha (2002), há uma falha na formação profissional, levando os psicólogos a adotarem práticas que comprometem a

qualidade dos testes, como a reprodução não autorizada dos materiais, falta de atualização em relação às mudanças na área, interpretações incorretas, falta de clareza em relação às normas e limitações do instrumento. Ao realizar o estudo em uma turma de graduação, esses problemas podem ser abordados e corrigidos de forma eficaz.

Para além das vantagens, deve-se considerar os possíveis desafios do ensino da técnica do Rorschach na Graduação. Um deles é a falta de engajamento da turma para entrar no grupo de estudos, uma vez que de uma turma com 16 alunos, somente quatro pessoas demonstraram um interesse em se aprofundar no teste. Somado a isso, está a questão da continuidade dos alunos no grupo de estudos, que no presente caso, metade dos quatro alunos permaneceram de maneira fixa no programa de treinamento. Além do aspecto motivacional, essa instabilidade pode ser vista como, em grande parte, ocasionada devido a problemas de disponibilidade de agenda e questões burocráticas da própria universidade. Dentre esses dois alunos que permaneceram de forma fixa, somente um deles tem intenção de continuar os estudos e aplicar o teste na sua atividade profissional. Esse cenário é uma possível indicação de uma baixa motivação e engajamento dos alunos em relação ao estudo do teste, porém a motivação e a satisfação dos estudantes não é foco deste estudo, mas sim o relato da experiência. Ressalta-se, porém, que ainda se faz necessárias pesquisas para averiguar esse fator motivacional. Em contrapartida, é importante destacar que existem outras variáveis a serem consideradas. Por exemplo, a maioria dos alunos participantes estava em semestres avançados, próximos de sua formatura, portanto não se viam tão disponíveis para aprofundar o estudo. Além disso, o compromisso de um ano exigido pelo grupo de estudos pode ser inviável para muitas pessoas, dadas as demandas pessoais.

Conclusão

O ensino do teste de Rorschach na graduação é algo possível, desde que não restrito a uma disciplina específica. No caso dessa experiência da UnB, observou-se que ao longo da disciplina, as notas médias dos alunos foram aumentando, indicando o aprimoramento das competências técnicas no uso do R-PAS. Contudo, conforme identificado no relato dos estudantes, o grupo de estudos e as práticas envolvidas no processo foram os elementos que permitiram o melhor desenvolvimento das competências técnicas para o uso desse método.

Esse treinamento possibilitou os alunos realizar aplicações e codificação de protocolos com baixa taxa de erros e boa concordância entre codificadores.

Referências

- Costa, R. L. S. (2023). Neurociência e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, 28. <http://doi.org/10.1590/S1413-24782023280010>
- Castro, P. F. (2001). O ensino do Rorschach em uma amostra brasileira. *Psicologia: ciência e profissão*, 21(1), 46-53. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000100006&lng=pt&tlng=pt
- Hisatugo, C. L. C. (2012). Atualizações em avaliação da personalidade com o uso do Rorschach - a proposta do R-PAS. *Boletim de Psicologia*, 62 (137), 239-242. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000200010
- Lobos, J. (1975). Teorias sobre a motivação no trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 15(2), 17-25. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901975000200002>
- Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Erdberg, P. (2011). *Rorschach Performance Assessment System: Administration, coding, interpretation, and technical manual*. Rorschach Performance Assessment System.
- Mihura, J. L., & Weinle, C. A. (2002). Rorschach training: Doctoral students' experiences and preferences. *Journal of Personality Assessment*, 79, 39-52. https://doi.org/10.1207/S15327752JPA7901_03
- Mihura, J. L., Roy, M., & Graceffo, R. A. (2017). Psychological Assessment Training in Clinical Psychology Doctoral Programs. *Journal of personality assessment*, 99(2), 153–164. <https://doi.org/10.1080/00223891.2016.1201978>
- Noronha, A. P. P. (2002). Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 15, 135-142. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100015>
- Santos, A. C. (2021) *Motivação no ensino superior: um estudo de caso com estuantes do curso de pedagogia da UFAL/CAMPUS DO SERTÃO*. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Alagoas]

<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8002/1/Motiva%C3%A7%C3%A3o%20no%20ensino%20superior%20um%20estudo%20de%20caso%20com%20estudantes%20do%20curso%20de%20Pedagogia%20da%20UFAL%20Campus%20do%20Sert%C3%A3o.pdf>

Viglione, D. J., Meyer, G. J., Resende, A. C., & Pignolo, C. (2017). A survey of challenges experienced by new learners coding the Rorschach. (3), 315-323.

<https://doi.org/10.1080/00223891.2016.1233559>

Villanueva van den Hurk, A. W., McCord, D. M., Görner, K. J., Jowers, C. E., & Mihura, J. L. (2023). New Versions of the MMPI and Rorschach: How Have Training Programs Responded? *Journal of Personality Assessment*, 1–6.
<https://doi.org/10.1080/00223891.2023.2228432>

O Ensino de Rorschach na graduação em Psicologia: Relato de experiência de uma graduanda

Maria Gabriella da Silva Sousa Santos

Universidade de São Paulo (USP)

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Mais de um século após a invenção do Teste de Rorschach esse instrumento permanece um dos mais importantes na avaliação psicológica, sendo aceito em diversos contextos profissionais da Psicologia ao redor do mundo. Assim, é natural que se mantenha o interesse em aperfeiçoar o ensino de Rorschach na Graduação em Psicologia e que surjam diversas dúvidas a respeito de como lecioná-lo, especialmente atreladas à realização ou não de práticas supervisionadas de aplicação por parte dos estudantes. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva acrescentar questões relevantes a essa discussão, a partir da experiência de uma graduanda da Universidade de São Paulo. Para tal, fez-se uso da metodologia de Relato de Experiência, que consiste em discorrer a respeito de uma experiência relevante, em diálogo com a literatura do campo, a fim de contribuir para iniciar ou alavancar discussões de determinada área. Foi usada como material de discussão a experiência da autora como graduanda no Instituto de Psicologia da USP, onde cursou duas disciplinas consecutivas sobre Rorschach com atividades teóricas, discussões de caso, aplicações práticas supervisionadas e intervisões entre alunos. Em suma, supõe-se que esse processo possibilitou um nível de entendimento mais apurado e consciente a respeito do teste, inatingível apenas pela teoria. Além disso, a possibilidade de ter essa experiência em um ambiente formativo, com a supervisão de um profissional especialista, possibilitou correções que auxiliaram na construção de um raciocínio clínico, aprofundou o didatismo da aprendizagem, aumentou o interesse pelo objeto de estudo e nutriu a confiança dos alunos na tarefa.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, formação, prática, relato, Rorschach

Introdução

Na introdução do livro “Teste de Rorschach - A Origem”, Searls (2021, pp. 35-37) afirma que “o teste de Rorschach não é o único exame de personalidade que existe, mas por décadas foi o melhor, sendo tão determinante para a profissão de psicólogo quanto o estetoscópio foi para a medicina geral”. Embora para alguns talvez essa frase pareça ousada, é um fato que ninguém poderia chamá-la de exagero. Mais de um século após sua invenção, esse teste permanece sendo estudado e utilizado no mundo inteiro e “cada vez mais se mostra um instrumento atual, com qualidades e possibilidades que transcendem à sua época e à sua posição atual.” (Castro, 2012, p. 12).

Assim, o Rorschach tem se mantido entre os principais recursos de avaliação psicológica do mundo, aceito e usado em diversos cenários de atuação da profissão de psicólogo (desde psicoterapias, breves ou contínuas, até contextos hospitalares ou jurídicos). No entanto,

Manfredini & Argimon (2010) apontam que não basta que os psicólogos saibam da existência do método, é necessário saber aplicá-lo corretamente, o que requer treinamento e conhecimento específicos. Nesse sentido, é natural que a forma com a qual ocorre o ensino de Rorschach na graduação em psicologia permaneça uma pauta relevante nas discussões sobre formação de psicólogos, visando o aperfeiçoamento dos futuros profissionais na utilização desse instrumento de avaliação psicológica tão importante.

No contexto brasileiro, Castro (2001) afirma em “O ensino de Rorschach em uma amostra brasileira”, que são constantes as indagações dos docentes e cientistas da área a respeito de quais técnicas ensinar, como ensiná-las e adequá-las às realidades de cada instituição, se deve-se propor atividades práticas, entre outras. Em seu estudo, o autor mapeou que, entre as instituições da amostra que ensinavam Rorschach, cerca de 82% tinham esse método em alguma disciplina obrigatória, o que mais uma vez reforça a importância desse recurso na formação. No entanto, apenas 42% dos professores declararam lecionar com aulas teóricas e atividades práticas de estágio, enquanto a outra metade optou por exercícios dirigidos ou não informou. O autor discorre, então, que é necessária a interação do estudante com um “colaborador ou paciente para que o aluno possa desenvolver uma atitude profissional e contextualizada para o uso do instrumento” (Castro, 2012, pp. 45-53), podendo aplicar, codificar e interpretar o protocolo com o auxílio “vital de um professor especialista”, que supervisione todas as atividades.

Nesse sentido, cabe também ressaltar que nem sempre o ensino se dá sem a possibilidade de atividades de estágio por uma questão didática ou de escolha do docente. Bardagi, Teixeira, Segabinazi, Schelini e Nascimento (2015) apontam para a ausência de salas adequadas, o material obsoleto ou em más condições e a falta de tempo para supervisões como os principais fatores reportados por professores para a ausência da prática no ensino da avaliação psicológica. Segundo os autores, nesses casos, a infraestrutura ruim acaba “transformando essas atividades por vezes em experiências pouco relacionadas à prática efetiva da avaliação psicológica fora do contexto de formação” (Bardagi et. al, 2015, p. 259).

Na minha experiência, estive em uma instituição que contava com diversas salas aptas para aplicação de testes e/ou atendimentos, rede de internet, cerca de dez conjuntos de R-PAS novos (entre outros testes) e a oportunidade de supervisão com especialistas em diversos

recursos de avaliação psicológica, incluindo DFH, TAT e Rorschach. Assim, tive a oportunidade de cursar duas disciplinas nas quais houve o ensino de Rorschach com atividades teóricas, práticas e de supervisão. Por isso, o presente trabalho objetiva acrescentar questões relevantes à essa discussão supracitada, a partir da vivência de uma graduanda que, teoricamente, teve as condições adequadas para uma aprendizagem adequada.

Material e Métodos

Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 63), o Relato de Experiência consiste na “expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas”. Além disso, os autores observam que “é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária” (Mussi, Flores & Almeida, 2021, p. 65), não sendo necessariamente derivado de uma pesquisa. Assim, foi usada como material de discussão a experiência da autora como graduanda no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como também diversos referenciais teóricos que dialogam com essa vivência, a fim de enriquecer as discussões sobre o tema aqui proposto.

Conforme supracitado, foram cursadas duas disciplinas nas quais houveram atividades teóricas, práticas e de supervisão do método de Rorschach, no quarto ano da graduação (sétimo e oitavo semestres), cada qual com seis meses de duração. Em ambas, foram apresentados três sistemas de classificação diferentes (Sistema Compreensivo, R-PAS e Método Fenômeno Estrutural). Embora os estudantes estivessem livres para escolherem qual sistema preferiam usar na aplicação, codificação e interpretação do protocolo, foi recomendado que optassem pelo R-PAS, por ser aprovado no SATEPSI e por contar com os Manuais de aplicação, codificação e interpretação no idioma português, e para evitar a mistura dos referenciais. Também foram mencionadas referências para aqueles que quisessem estudar extraclasse as visões psicanalíticas a respeito do Rorschach.

No que tange à primeira disciplina, de caráter obrigatório e chamada “Introdução às Técnicas Projetivas Rorschach, TAT e CAT”, foram ensinados os três testes descritos no título da disciplina. Assim, após aulas teóricas divididas entre esses diferentes recursos de avaliação psicológica, houve a exigência da aplicação do Rorschach e o TAT ou CAT-H no mesmo

indivíduo. Para tal, os alunos se dividiram em trios ou duplas, porém a aplicação ocorreu de maneira individual, visando maior proximidade entre a prática efetiva da profissão e a experiência formativa. Além disso, todo o material utilizado (pranchas de TAT ou CAT-H, conjunto de protocolo e pranchas do Rorschach etc.), bem como as salas em que ocorreram as aplicações, foram disponibilizados pela instituição. Além disso, aqueles que optaram por aplicar em crianças puderam ir em uma escola parceira da instituição. Já com relação aos demais, como o meu grupo, os examinados poderiam ser convidados pelos alunos (desde que não fossem familiares, amigos próximos ou colegas do curso) ou pacientes voluntários atendidos na instituição (se observado consentimento também do aluno que o atendesse e de seu supervisor, além da expectativa de que os resultados pudessem trazer algum benefício no tratamento do paciente e formação do/a estudante).

Após essa etapa de aplicações, os grupos se reuniram entre si para codificar e discutir os casos com referenciais teóricos retirados dos livros da biblioteca, além de formular questões que pudessem levar aos docentes responsáveis tanto nos horários de aula quanto fora. Também houve a possibilidade de discussão com alunos de outros grupos. Por fim, foi redigido relatório unindo a análise feita a partir do TAT (no caso do meu grupo) com os dados retirados do Rorschach, como também a descrição da experiência dos alunos, com reflexões e apontamentos a respeito do que tinham vivenciado, sobre o *rapport* estabelecido e como tais questões afetaram o exercício proposto.

A segunda disciplina, “Método de Rorschach: codificação e interpretação”, foi optativa, portanto, a turma foi composta por um número consideravelmente menor de alunos. Isso possibilitou que em todas as aulas houvesse discussão de codificação e/ou interpretação de protocolos reais, observadas as devidas exigências éticas; inclusive com uma aula expositiva sobre as normas para redação de laudo psicológico e as recomendações do Conselho Federal de Psicologia, bem como a menção menos detalhada de outros documentos específicos, como atestado. Os casos trazidos em sala de aula, inicialmente, foram escolhidos pelo docente, no entanto, no decorrer do tempo, os alunos trouxeram para a discussão em grupo seus próprios protocolos aplicados.

Assim, como essa disciplina optativa tinha como requisito a que foi anteriormente descrita — a obrigatória —, os estudantes puderam utilizar o mesmo caso que já vinham

discutindo ou, especialmente quando observados erros graves no protocolo, realizar outra aplicação. Nesse sentido, utilizei o caso anterior, aperfeiçoando a codificação e a interpretação nessa nova disciplina. Fora da sala de aula, os alunos também puderam reservar sessões de supervisão com o docente e a monitora da disciplina (uma aluna mais adiantada no curso), na qual o professor disponibilizou gratuitamente para os alunos a possibilidade de cadastrar o protocolo no Programa de Codificação Computadorizado do R-PAS (<https://r-pas.org>). Com isso, a codificação e a interpretação puderam ser mais completas e similares à realidade. No final, os alunos redigiram uma simulação de laudo psicológico apontando o que foi pertinente na interpretação do protocolo, sem necessariamente mencionar algum diagnóstico.

Vale mencionar também que nos anos anteriores do curso os alunos já haviam feito as disciplinas obrigatórias “Introdução às Técnicas de Exame Psicológico” (quarto semestre), “Avaliação Individual das Funções Intelectuais” (quinto semestre) e “Introdução às Técnicas Projetivas Gráficas” (sexto semestre), que também contavam com etapas teóricas, práticas (inclusive em ambiente escolar) e de supervisão. Ademais, outras disciplinas como “Introdução à Psicopatologia” (terceiro semestre) possibilitaram que os alunos tivessem contato com profissionais formados em ambientes de trabalho reais, como hospitais, que poderiam estar utilizando testes, além de em outros momentos do curso haverem discussões sobre a avaliação psicológica em diversas disciplinas obrigatórias e optativas. Por isso, pode-se dizer que os estudantes já estavam relativamente habituados à prática de entrevista inicial, estabelecimento de *rapport*, questões éticas que envolvem a avaliação psicológica e ao contexto geral de aplicação de testes.

Discussão e Resultados

Por ter ingressado na graduação durante a pandemia, infelizmente os dois primeiros anos de curso sofreram alguns prejuízos (embora também tenha havido benefícios em outros aspectos). Em vista disso, a disciplina “Introdução às Técnicas de Exame Psicológico”, que normalmente teria atividade de estágio, ocorreu de maneira totalmente virtual. Apesar do presente trabalho não ter a intenção de se debruçar sobre isso, acho importante mencionar este aspecto para evidenciar que pude vivenciar o contraste entre cursar uma disciplina de ensino de avaliação psicológica sem ou com estágio. Nesse sentido, na minha experiência, a

possibilidade de realizar estágios tende a favorecer a aprendizagem dos métodos propostos, desde que haja a infraestrutura necessária para que ocorram.

A importância das atividades práticas e de estágio na formação profissional, em consonância com a aprendizagem teórica em sala de aula, é atestada também por autores como Cury e Ferreira (2015, p. 507, grifo meu), que dizem que “tanto sala de aula quanto estágios são espaços que permitem, ou mesmo exigem, o desenvolvimento de práticas **integrativas num diálogo permanente** entre teoria e prática”. Além disso, ao ressaltarem a necessidade de integração entre essas metodologias, tem-se que nenhuma das duas modalidades de ensino é superior a outra, mas que constituem um diálogo que deve ser crítico-reflexivo e consciente. Ou seja, a valorização das atividades práticas não pode estabelecer uma relação hierárquica ou menosprezar a eficiência das aulas teóricas, sob o risco de que se transforme a prática em algo estritamente técnico. Discorrendo a esse respeito e falando também da responsabilidade do próprio estudante nesse quesito, as autoras Santos e Nóbrega (2017, p. 519) dizem que:

...não há como negligenciar a relevância de uma formação crítica. Os estagiários precisam desenvolver habilidades que permitam uma análise crítica da realidade, bem como a elaboração de intervenções coerentes com o contexto sociocultural em que atuam. Assim, durante a formação em Psicologia, é relevante que haja um investimento tanto por parte do estudante quanto da universidade para que se formem profissionais qualificados e comprometidos com as condições de vida dos sujeitos. Por isso, a formação em Psicologia não deve visar formar profissionais com um perfil meramente técnico, posto que o profissional deve ter técnicas e também criticidade e, em específico, que desenvolva uma conscientização de seu trabalho e campo de atuação. (Santos & Nóbrega, 2017, p. 519).

Nesse sentido, as autoras acrescentam ao debate o elemento de que não basta que haja oportunidades de atuação. É preciso fomentar o entendimento de que essas atividades de estágio também são momentos propícios para a construção da criticidade; a consciência de que o aprendizado oriundo do estágio não é uma mera aplicação da teoria, tal qual o que se ensina em sala de aula não é simplesmente abstrato. As autoras reforçam que “a formação da consciência crítica dos estudantes também está implicada com atividades propiciadas no estágio. Todavia,

alerta-se que não é a prática pela prática que proporciona esse processo”, pois se trata de uma construção contínua de reflexão privilegiada nos espaços de supervisão (Santos & Nóbrega, 2017, p. 520) e discussões em grupo.

Assim, a respeito da minha experiência, tão importante quanto a oportunidade de manipular, aplicar, codificar e interpretar o Rorschach em um ambiente similar ao de atuação, foi que todas as etapas do processo tenham sido permeadas por momentos de discussão e reflexão. Essas discussões às vezes ocorreram apenas entre alunos, às vezes também com a presença de um professor especialista. Tais diferenças nos espaços de compartilhamento também são significativas para beneficiar a formação crítica.

No que tange ao primeiro caso, as discussões entre estudantes proporcionaram espaços de construção totalmente horizontais, que estimularam a autonomia dos estudantes. Para explicar esse momento, podemos recorrer ao termo “intervisão”. Saraiva, Silva, Fraga, Mário e Brandão(2020, p. 383) discorrem que essa palavra “já traduz em si uma ‘visão entre’ pares, ressaltando a troca entre elementos que se vêem como iguais”. Refere-se, portanto, ao compartilhamento de experiências e ideias em uma equipe que possui características em comum, como o nível de dificuldades, desafios, interesses, experiência profissional, escolaridade ou contexto. Esses autores identificam que a intervisão traz “uma maior liberdade de análise, uma maior partilha e uma maior fusão de ideias. A intervisão será, por isso, em muitas situações, mais potenciadora de reflexão e de desenvolvimento” (Saraiva et al, 2020, p. 383).

No entanto, não se pode subestimar a importância das supervisões e aulas, situações em que as discussões contam também com a presença de um especialista. O supervisor é capaz de propiciar uma base sólida de conhecimentos e experiências para alocar as reflexões dos estudantes e auxiliar no direcionamento de suas ações. Nesse sentido, esse tipo de supervisão “implica a orientação, a transmissão pontual de saberes, a avaliação da qualidade do desempenho do trabalhador subordinado (ou supervisionado), entre outros.” (Saraiva, Silva, Fraga, Mário & Brandão, 2020, p. 382), e é de suma importância para encorajar ou reformar as construções feitas pelos estudantes, além de também proporcionar novos debates.

Decerto, a codificação, a aplicação e a interpretação do Rorschach possibilitou um nível de entendimento que a autora não conseguiria atingir apenas pela teoria. No entanto, foram os

espaços de discussão que permitiram potencializar as atividades práticas. Até mesmo a ansiedade e o medo que surgem diante da necessidade da realização de tarefas pela primeira vez, são amenizados pelo incentivo de pessoas mais experientes, na supervisão, e de iguais, na intervisão. Além disso, é vantajoso que tal situação seja atravessada antes da vida profissional, em um ambiente educativo e relativamente controlado.

Nessas situações, como os erros eram esperados, e houve a expectativa prévia de serem apontados e corrigidos futuramente, houve a possibilidade de construir um raciocínio clínico mais profundo. Em última análise, pode-se dizer que os alunos se viram mais preparados para futuras aplicações, ou até motivados a continuar estudando o Rorschach.

Conclusão

A forma exata com a qual algo deve ser ensinado é indefinível, pois cada instituição, docente e turma estão em contextos diferentes. Porém, há muitos autores que evidenciam a importância das atividades práticas na formação em Psicologia, especialmente no que tange ao ensino da avaliação psicológica, área na qual o teste de Rorschach permanece sendo um recurso central. Além disso, na experiência aqui descrita, também ficou caracterizada a relevância de ter a possibilidade de atuar em um ambiente com infraestrutura de qualidade. Isso possibilita que o aluno comece a lidar com ansiedades vinculadas à atuação antes do exercício profissional, além da correção de erros e do aprendizado técnico.

Ademais, também foi discutido que não basta apenas “a prática pela prática”, como dito por Santos e Nóbrega (2017), é necessário também que o processo de estágio reforce e incentive o pensamento crítico-reflexivo do estudante. Assim, na minha experiência, foi de suma essencial que tenham sido incluídos espaços diversos de discussão na experiência didática, privilegiando as supervisões e intervisões, além das aulas em sala.

Seria interessante, para aprofundar mais essa discussão, uma nova pesquisa quantitativa feita com amostra brasileira, como a de Castro (2001), mas em que o público alvo fosse os graduandos. Dessa forma, poderiam ser avaliadas também as impressões dos estudantes de Psicologia a respeito da formação que recebem em Rorschach, a fim de dialogar com os estudos já existentes, como feito neste relato de experiência.

Referências

- Bardagi, M. P., Teixeira, M. A. P., Segabinazi, J. D., Schelini, P. W., & Nascimento, E.. (2015). Ensino da avaliação psicológica no Brasil: levantamento com docentes de diferentes regiões. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 253-260. Recuperado em 29 de março de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712015000200011&lng=pt&tlng=pt.
- Cury, B. M., & Ferreira Neto, J. L. (2015). Do Currículo Mínimo às diretrizes curriculares: Os Estágios Na Formação do Psicólogo Doi - 10.5752/p.1678- 9523.2014V20N3P494. *Psicologia Em Revista*, 20(3). [https://doi.org/10.5752/p.1678- 9523.2014v20n3p494](https://doi.org/10.5752/p.1678-9523.2014v20n3p494)
- Searls, D. (2021). *Folhas de Chá*. In Teste de Rorschach - A Origem (2ªed., pp. 35–37). introdução, DarkSide.
- Castro, P. F. de. (2001). O ensino do Rorschach em uma amostra brasileira. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 21(1), 46–53. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000100006>. Castro, P. F. de. (2012). Metanálise sobre o método de Rorschach. *Produções internacionais e nacionais*. Revista Educação, v.7.;
- Manfredini, V., & Argimon, I. I. (2011). O uso de testes psicológicos: A importância da formação profissional. *Revista Grifos*, 19(28/29), 133. <https://doi.org/10.22295/grifos.v19i28/29.868>
- Mussi, R. F. de F., Flores, F. F., & Almeida, C. B. de. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, 17(48), 60-77. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>
- Saraiva, E., Silva, R., Fraga, B., Mário, R., & Brandão, C. (2020). Supervisão e intervisão na psicologia das organizações e dos recursos humanos. *Instrument: revista de estudo e pesquisa em educação*, pp. 379-398, v. 22(2). Juiz de Fora, Minas Gerais.

Was könnte dies sein: Experiências de um grupo de estudos de Rorschach

Thaís Cristina Marques-Reis

Universidade de São Paulo (USP)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Universidade de São Paulo (USP)

Terezinha A. de Carvalho Amaro

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)

Alfredo Mendes Chaves

Universidade de São Paulo (USP)

Universidade Paulista (UNIP)

Ruth Lasas Long

Universidade Paulista (UNIP)

Patrícia Ribeiro da Cruz

Faculdades Guarulhos (FG)

Resumo: O Rorschach foi publicado em 1921 e, desde então, é estudado e passa por aprimoramentos frequentes na forma de aplicar, codificar e interpretar. Com os diversos sistemas que surgiram após a morte prematura de Hermann Rorschach, muitas vezes ficam obscuras aos pesquisadores e estudiosos do método as ideias do próprio autor a respeito de sua criação. O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões oriundas das discussões de um grupo de estudos sobre o livro *Psicodiagnóstico* de Hermann Rorschach publicado em 1921. Método: utiliza-se a comparação das traduções do livro nos idiomas português (1967), espanhol (1961), francês (1967), inglês (2011 e 2021) e também em alemão (1932 e 1972). Em primeiro lugar, discute-se a pergunta principal, *Was könnte dies sein?*, que foi traduzida para o inglês como *what might this be?*, em espanhol *¿Qué ve usted aquí?*, em francês *Qu'est que cela pourrait être?*, em português, *O que poderia ser isto?*, pergunta que foi utilizada de formas diferentes em sistemas recentes utilizados no Brasil, *O que isto poderia ser?* (Sistema Compreensivo), e *Com o que isso se parece?* (R-PAS). Foi notada a supressão do último parágrafo ao fim do capítulo III na mais recente tradução para o inglês, que consta nas outras traduções do original. Neste trecho, Hermann Rorschach sugeria que o próprio respondente anotasse a localização de sua resposta utilizando uma folha de seda sobre a prancha. Ainda, levantou-se o questionamento de que possivelmente as pranchas utilizadas por Hermann Rorschach em suas pesquisas relatadas em seu livro fossem diferentes daquelas publicadas posteriormente, e possivelmente esta também poderia ter sido uma diferença na padronização do instrumento, no que diz respeito às nuances de sombreado das pranchas. Um último ponto é sobre o inquérito ou esclarecimento, que Hermann Rorschach não realizava em suas aplicações, ou somente fazia curtos esclarecimentos durante a resposta do sujeito. Destaca-se a importância de se voltar ao livro original para um pensamento crítico da utilização atual do método nas diferentes vertentes.

Palavras-chave: teste de Rorschach, processo de tradução, testes psicológicos.

Introdução

Um grupo de estudos denominado *Klex*, devido ao apelido de Hermann Rorschach em sua juventude, foi iniciado em 2022 por participantes do Laboratório de Saúde Mental Multimétodo (Labsamm) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O objetivo do grupo de estudos era conhecer profundamente o método de Rorschach para refletir sobre sua importância e propor novos estudos na área. O Rorschach foi publicado em 1921 pela primeira

editora chamada Ernst Bircher e, desde então, aprimoramentos frequentes na forma de aplicar, codificar e interpretar vêm sendo estudados. Com os diversos sistemas que surgiram devido à morte prematura de Hermann Rorschach, muitas vezes ficam obscuras aos pesquisadores e estudiosos do método as ideias do próprio autor a respeito de sua criação. Apresentamos reflexões oriundas das leituras parágrafo por parágrafo e discussões sobre o livro *Psicodiagnóstico*, de Hermann Rorschach, publicado em 1921, posteriormente publicado nas edições da Hans Huber. Assim, o grupo iniciou com a leitura deste livro, em vários idiomas: português (1967), espanhol (1961), francês (1967), inglês (2011 e 2021) e também em alemão (1932 e 1972).

A discussão se inicia no próprio título do livro, que por exigência da editora Verlag Hans Huber, foi nomeado *Psychodiagnostik*. De acordo com Exner (1994, p.6), Hermann Rorschach, ao escrever a monografia, tinha decidido nomear seu método *Teste de Interpretação de Formas* e, advertindo que seus descobrimentos eram preliminares, sublinhou a necessidade que se realizassem mais investigações. É evidente que aspirava experimentar muito mais com o “método” (...) Tem-se a certeza de que Rorschach ficou decepcionado pela indiferença com que foi acolhido seu trabalho, que foi evidente diante da publicação do *Psychodiagnostik* (tradução nossa).

O subtítulo foi definido então como *Método e Resultados de uma experiência diagnóstica de percepção (interpretação de formas fortuitas)*. No alemão, o título *Psychodiagnostik - Methodik und Ergebnisse eines wahrnehmungsdiagnostischen Experiments (Deutenlassen von Zufallsformen)* é bastante semelhante à tradução em português; porém, a tradução espanhola *Psicodiagnóstico - Una prueba basada en la percepción* já é mais resumida e suprime dados importantes do original em alemão - de que se trata de métodos e resultados de um experimento. A tradução francesa: *Psychodiagnostic - Méthode et Résultats d'une expérience diagnostique de perception (Interprétation libre de formes fortuites)* traz uma palavra nova, interpretação "livre", que não consta em outras traduções; foi levantada a questão se "interpretação" e "interpretação livre" seriam expressões que se referem a processos diferentes. Já a edição em inglês de 2011 foi intitulada *Psychodiagnostics - A Diagnostic Test Based on Perception* e, por fim, a mais recente (2021) traz o título: *Psychodiagnostics Methodology and results of a Perceptual-Diagnostic Experiment (Eliciting Interpretations of*

Accidental Forms). Esta última e mais recente traz uma nova escrita quando traduzido ao português - que é *Psicodiagnóstico - Metodologia e resultados de um experimento perceptivo-diagnóstico (provocando interpretações de formas acidentais)*. Nesta construção do título, a ênfase parece repousar no experimento, já que a junção das expressões "perceptivo-diagnóstico" são adjetivos de "experimento"; enquanto que no português original, *uma experiência diagnóstica de percepção*, a ênfase parece estar na tentativa de realizar um diagnóstico utilizando-se da percepção da pessoa. À primeira vista, podem parecer mudanças irrelevantes, mas potencialmente influenciam uma ideia inicial que o leitor faz da obra por meio da ênfase colocada no título em um ou em outro termo. Lembramos que o original em alemão, traduzido ao português seria: *Psicodiagnóstico - Metodologia e resultados de um experimento de diagnóstico perceptivo (interpretação de formas aleatórias)* e que novamente parece enfatizar o "diagnóstico", palavra que no título é um substantivo, cujo adjetivo "perceptivo", esclarece ser um diagnóstico realizado por meio da percepção, mais semelhante ao que se vê no título em português.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões oriundas das discussões de um grupo de estudos sobre o livro *Psicodiagnóstico* de Hermann Rorschach, publicado em 1921, comparando-se o original em alemão com a tradução para outros idiomas. Como objetivo secundário, buscou-se analisar as várias formas de entendimento na introdução da pergunta inicial para a aplicação do Teste de Rorschach a partir da compreensão das diferentes traduções dos escritos de Hermann Rorschach por seus tradutores.

Método

As traduções em diferentes idiomas desde a primeira publicação de Hermann Rorschach (1921) foram analisadas e comparadas. Sete edições em diferentes idiomas foram utilizadas: português (1967), espanhol (1961), francês (1967), inglês (2011 e 2021) e alemão (1932 e 1972). Também foram realizadas pesquisas em diferentes sites de tradução e dicionários sobre os respectivos idiomas. Os resultados foram posteriormente discutidos no grupo de estudos por meio de comparação dessas traduções.

Resultados

A partir das observações e discussões feitas sobre a pergunta inicial da aplicação do Teste de Rorschach introduzida pelo avaliador ao examinando - *Was Könnte dies sein?* (Rorschach, 1932, p. 16), verificou-se que: *was* corresponde no idioma português a *o que*; *Könnte* é uma conjugação do verbo *Können*, que significa *poder, ser capaz, ter condições*. *Könnte* significa então, *poderia*. *Dies* é um pronome demonstrativo, que pode ser traduzido como *isto, este* ou *esta*. E, por fim, o verbo *sein* pode ter o sentido de *ser*, ou de *estar* (Michaelis, 2002).

A pergunta *Was Könnte dies sein?* foi traduzida pela edição brasileira (1967, p. 16) como *O que poderia ser isto?*, bastante fiel e com uma construção mais natural para o nosso idioma; no inglês, a questão foi traduzida como *What might this be?*, bastante semelhante ao significado original; em espanhol, *¿Qué ve usted aquí?* tem uma diferença significativa em relação ao original, porque a pergunta é sobre o que a pessoa vê, e não sobre o que poderia ser a imagem; em francês, *Qu'est que cela pourrait être?*, também fiel ao original, com o significado "o que isto poderia ser". No Brasil, a pergunta foi utilizada de formas diferentes em sistemas recentes: *O que isto poderia ser?* (Sistema Compreensivo [SC], Exner, 1995/1999), e *Com o que isso se parece?* (Rorschach Sistema de Avaliação por Performance [R-PAS], Meyer et al., 2013/2017): teria isso ocasionado alguma perda na padronização da aplicação entre estes dois sistemas?

A modernidade nos traz tradutores *on-line* muito utilizados pela sociedade que traduzem a pergunta em alemão da seguinte forma: *O que poderia ser isso?*; *Qu'est-ce que cela pourrait être?*; *¿Qué podría ser esto?*; e *What could this be?*. No manual do R-PAS (Meyer et al., 2013/2017, p.14) aparece a pergunta *Com o que isso se parece?* e na nota de rodapé indicam que no original em inglês é "*What might this be?*", que literalmente seria traduzido como "O que seria isso?". Contudo, pesquisadores do Rorschach no Brasil concordam que a tradução literal da expressão não é adequada, sendo mais apropriada a pergunta "Com o que isso se parece?"

Questionou-se no grupo de estudos a quais pesquisadores do Rorschach no Brasil estavam se referindo, se alguma pesquisa havia sido realizada, ou quais pesquisadores foram consultados, já que a modificação da tradução entre os dois sistemas possivelmente ocasionou

perda de padronização na aplicação, dificultando o trânsito de protocolos de Rorschach entre os dois sistemas, como já foi realizado em pesquisas, incluindo as que embasam o manual do R-PAS.

Outro dado interessante a ser assinalado é que durante o estudo do livro *Psicodiagnóstico* e com as diversas traduções em mãos, fomos surpreendidos com a supressão do último parágrafo ao fim do capítulo III na mais recente tradução para o inglês (2021), que consta nas outras traduções do livro, desde o original aos demais idiomas. Neste trecho, Hermann Rorschach sugeria uma maneira de registrar os protocolos: que o próprio respondente anotasse a localização de sua resposta utilizando uma folha de seda sobre a prancha. Eis o parágrafo suprimido da versão americana:

É desagradável que tenhamos, por vezes, de fazer longas descrições para localizar a região da prancha que foi interpretada. Contudo, este inconveniente só aparece em publicações. Durante a prova, a cada interpretação imprecisa, poderemos recorrer ao recurso de colocar um papel de seda sobre a prancha e ao copiar imediatamente a região assinalada, juntando-lhe a interpretação dada, ou, ainda o que seria melhor: que o examinando, ele mesmo, se encarregue da tarefa. (Rorschach, H, 1967, p.55).

O fato nos intrigou e entramos em contato com um dos tradutores da versão em inglês, questionando a referida exclusão e foi esclarecido que se tratou de uma omissão accidental. A localização da resposta quase sempre se torna clara à medida que o avaliado descreve os aspectos de cada resposta, o que ajuda o examinador saber onde está localizado o objeto no cartão e o que é que, na mancha de tinta, torna o objeto parecido com que foi dito.

De acordo com a tradução de Amaral (1967, p. 16) ao português, o capítulo *A técnica*, preconizou que a frase dita ao examinando fosse *o que poderia ser isso?*, e que as pranchas não fossem mostradas muito distante do avaliando, com uma distância máxima do comprimento do braço. Hermann Rorschach destaca que o importante é que fosse dada ao menos uma resposta para cada cartão, e que houvesse atenção para não sugestionar as demais respostas e, caso fossem fornecidas, seriam protocoladas.

Hermann Rorschach não realizava o que hoje chamamos de inquérito ou esclarecimento, como se observa nos 28 casos apresentados por ele, vemos as respostas, a localização entre parênteses e a codificação (Rorschach, 1967, p.133 a 197). Discutimos que provavelmente

Hermann Rorschach tinha segurança e poucas dúvidas, talvez nenhuma, ao codificar as respostas. A fase de esclarecimento nos dias de hoje, além de ser padronizada, tem uma função importante, nos ajuda a obter dados para codificação precisa do que foi visto na fase de resposta, e diz o seguinte:

Agora vamos iniciar a parte final, olhando para os cartões, quero rever as suas respostas com você para esclarecer o que foi que viu e como viu. Portanto vamos olhar para os cartões um a um. Eu vou ler as suas respostas e quero saber para onde no cartão você estava olhando e o que no borrão de tinta fez parecer assim. Entendeu? (R-PAS, 2017, p.26)

O processo de esclarecimento alcança seu fim quando se obtém uma certeza razoável sobre como codificar uma resposta. Durante as discussões, surge uma reflexão pertinente sobre uma afirmação de Marion (2005, p.24), onde ele sugere que a dúvida não trabalha necessariamente para produzir certeza, mas sim para superá-la. Essa ideia ressoa com a fase de esclarecimento, pois pode nos afastar da dúvida ao superá-la com dados provenientes do próprio respondente, contribuindo para uma compreensão mais profunda e precisa do protocolo produzido pelo teste de Rorschach.

Também houve durante os encontros do grupo um questionamento de que possivelmente as pranchas utilizadas por Hermann Rorschach em suas pesquisas, relatadas em seu livro, pudessem ser diferentes daquelas publicadas posteriormente e utilizada até os dias de hoje, o que poderia ocasionar diferenças na padronização do instrumento, no que diz respeito às nuances de sombreado das pranchas.

Trabalhar com o livro no idioma alemão e nas traduções a outros idiomas se mostrou um trabalho árduo e delicado. Para exemplificar, reproduzimos o parágrafo final do primeiro capítulo, intitulado em alemão *Die Methode*, no qual Hermann Rorschach afirma:

Zusammengefasst ergibt sich, dass die Unterschiede zwischen Wahrnehmung und Deutung nur individueller und gradueller, nicht aber genereller und prinzipieller Natur sind, dass somit die Deutung nur ein Sonderfall der Wahrnehmung sein kann. An der Berechtigung, den Formdeutversuch eine Prüfung der Wahrnehmung zu nennen, ist demnach nicht zu zweifeln. Über die Bedeutung der Phantasie beim Deuten der Bilder siehe später, S.97. (1972, p.18)

O mesmo parágrafo, nos diversos idiomas é mostrado adiante. Primeiro em português:

As diferenças entre a percepção e a interpretação só podem ser de natureza individual e gradual e não de natureza geral e essencial; e com isto, a interpretação só pode ser um caso especial de percepção. Por conseguinte, não podemos duvidar do direito de chamar a prova de interpretação de formas de uma prova de percepção. Sobre a significação da imaginação na interpretação das imagens, vide mais adiante, pág. 107. (1967, p.18).

Em espanhol:

En suma, llegamos a la conclusión de que las diferencias entre percepción e interpretación sólo son individuales y de grado, pero no generales y básicas; por tanto, la interpretación sólo puede considerarse como un tipo de percepción. En consecuencia, no cabe duda alguna de que es lícito calificar esta prueba de interpretación formal como un exámen de la capacidad perceptiva. Más adelante nos ocuparemos de la importancia de la fantasía en la interpretación de las figuras (pág.96). (1961, p.26)

Em francês:

*En résumé, il apparaît que les distinctions entre perception et interprétation son seulement individuelles et graduelles, non générales et essentielles, de sorte que l'interprétation ne peut être autre chose qu'un cas particulier de la perception. Par conséquent, il n'est pas douteux qu'on ne soit autorisé à appeler l'épreuve d'interprétation des formes fortuites une épreuve de perception. Sur la signification de l'imagination dans l'interprétation des images, voir *infra*, p.106. (1967, p.5)*

E, por fim, em inglês:

In summary, we may conclude that the differences between perception and interpretation are based on individual and gradational factors, not en general, principles ones; thus interpretation may be a special case of perception. There is, therefore, no doubt that the form interpretation experiment ("Formdeutversuch") can be called an investigation into perception. The significance of the imagination in interpreting the figures is discussed in Section IV: Results, (12) Imagination. (2021, p.37)

Keddy et al. (2021), tradutores da recente versão para o inglês, chamam atenção na nota de rodapé 5 (p.261) que Hermann Rorschach traz pela primeira vez a palavra “*Formdeutversuch*”, que em português seria “teste de interpretação de formas”, “form interpretation experiment” em inglês, “experimento de interpretación de formas” em espanhol e “expérience d’interprétation de formes” em francês. Outras traduções seriam ainda possíveis se tomarmos a tradução literal de cada palavra: *Intento de interpretación de formulario*, em espanhol. *Form interpretation attempt* em inglês. *Tentative d’interprétation de formulaire* em francês e *Tentativa de interpretação do formulário* em português. Um dicionário alemão traduz para o inglês: *Form interpretation test*; *Ensayo de interpretación de la forma* em espanhol; *Essai de mise en forme* em francês; *Teste de interpretação do molde*, em português.

Esse é apenas um exemplo de como a tradução é complexa e difícil de ser realizada para não especialistas em tradução, e também por pessoas que não são especialistas na área do texto traduzido, mas nos trouxe reflexões importantes sobre as origens do Psicodiagnóstico, pois cada país possui sua própria estrutura gramatical, com diferentes regras de sintaxe, conjugação verbal e ordem das palavras. Cada idioma tem um conjunto único de palavras e expressões que podem não ter equivalentes exatos em outros idiomas. As línguas estão diretamente ligadas à cultura de um povo, e certos conceitos podem ser específicos de uma cultura e não ter equivalentes diretos em outras. Podem haver variações regionais e as traduções ultrapassam a tradução das palavras isoladas, pois requerem uma compreensão do contexto linguístico e cultural em que o texto está inserido. Assim, nuances sutis podem ter se perdido, comprometendo a tradução e, conseqüentemente, a aplicação do teste de Rorschach? Este grupo não tem um conhecimento profundo das línguas envolvidas, mas sensibilidade diante das diferenças culturais e nuances linguísticas. Assim, refletimos sobre a precisão e vicissitudes das traduções e da fidelidade ao significado original do texto de Hermann Rorschach.

Considerações Finais

Destaca-se a importância de voltar ao livro original para um pensamento crítico sobre a utilização atual do método em diferentes vertentes, preservando as nuances e o pensamento extraordinário de Hermann Rorschach. É essencial resgatar os fundamentos e alicerces do seu trabalho para garantir uma compreensão abrangente. Estudos continuam a explorar os diversos

conceitos introduzidos por Rorschach, incluindo a interpretação das manchas de tinta, percepção, imaginação, fantasia e determinantes já conhecidos como cor e movimento. Outro trabalho significativo nesse sentido é "Retour a Rorschach" de Peralta (2022), que recentemente foi lançado em francês, e também se dedica a resgatar os fundamentos da obra clássica de Hermann Rorschach.

A iniciativa da releitura do psicodiagnóstico permitiu reavivar as origens, as vicissitudes do pensamento de Hermann Rorschach e a proposta de se remeter a estas reflexões sempre que houver novos encaminhamentos e inovações do método. Importante salientar os limites deste estudo, ainda em andamento, que novas indagações possivelmente serão discutidas. Isto reafirma a continuidade do trabalho deste grupo de estudos e o compartilhamento com a comunidade científica no sentido de trazer sempre à tona os critérios do método propostos por Hermann Rorschach e as formas de compreensão a partir das traduções feitas em vários idiomas.

Assim, partir desse estudo podem-se delinear pesquisas futuras. (1) Uma análise comparativa das diferentes traduções do livro de Hermann Rorschach poderia se concentrar em analisar as diferenças de traduções do livro original para diferentes idiomas, examinando como essas variações linguísticas podem influenciar a compreensão e interpretação do Teste de Rorschach em diferentes contextos culturais; (2) Qual o impacto das variações na pergunta inicial da aplicação? Esse estudo poderia investigar o impacto das diferentes formulações da pergunta inicial do Teste de Rorschach (como *O que poderia ser isto?* em oposição a *Com o que isso se parece?*) na padronização da aplicação do teste e na interpretação dos resultados, tanto no Brasil quanto em outros países onde o teste é utilizado; (3) Uma pesquisa poderia examinar casos de supressão ou omissão de partes do texto original de Hermann Rorschach em diferentes traduções do "Psicodiagnóstico", investigando como essas alterações podem afetar a compreensão e aplicação do método. (4) Um estudo poderia explorar as possíveis diferenças entre as pranchas usadas por Hermann Rorschach em suas pesquisas originais e as pranchas usadas após o surgimento dos sombreados nas manchas, dado um erro de impressão, analisando como essas diferenças podem afetar a validade e padronização do teste. (5) Uma pesquisa poderia examinar a fidelidade das traduções do livro de Hermann Rorschach aos seus significados originais, avaliando se as nuances sutis foram perdidas ou comprometidas durante

o processo de tradução e como isso pode impactar a interpretação do método de Rorschach. Estas são algumas ideias que surgiram para possíveis pesquisas a partir dessas reflexões e discussões apresentadas no trabalho. Cada uma dessas áreas poderia ser explorada mais detalhadamente para contribuir para uma compreensão mais abrangente e crítica do método de Rorschach e suas aplicações contemporâneas, em projetos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Referências

- Exner, J. E., Jr. (1994). *Un Sistema Compreensivo. Volumen 1: Fundamentos Basicos*. (3rd ed., M. E. Ramírez, Trans.). Psimática.
- Exner, J. E., Jr. (1999). *Manual de Classificação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. (A. C. Pacheco, Trans.). Casa do Psicólogo. (Original work published 1995)
- Marion, Jean-Luc. (2005). *El fenómeno erótico*. (S. Mattoni, Trans.). Ediciones literales.
- Meyer, G. J, Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Erdberg, R. (2017). *R-PAS: Sistema de Avaliação por Performance no Rorschach*. (D. R. Silva & F. K. Miguel, Trans.). Hogrefe. (Original work published 2013).
- Michaelis (2002). *Minidicionário alemão: alemão-português, português-alemão*. Melhoramentos.
- Peralta, A. (2022). *Retour a Rorschach*. L'Harmattan.
- Rorschach, H. (1972). *Psychodiagnostik - Methodik und Ergebnisse eines wahrnehmungsdiagnostischen Experiments (Deutenlassen von Zufallsformen)* (9th ed.). Verlag Hans Huber.
- Rorschach, H. (1932). *Psychodiagnostik - Methodik Und Ergebnisse Eines Wahrnehmungs diagnostischen Experiments Deutenlassen Von Zufallformen* (2nd ed.). Verlag Hans Huber. (Copyright by Ernst Bircher, Bern 1921).
- Rorschach, H. (1967). *Psicodiagnóstico - Método e Resultados de uma experiência diagnóstica de percepção (interpretação de formas fortuitas)*. (M. S. de Villemor Amaral, Trans.). Mestre Jou. (Original work published 1921).
- Rorschach, H. (1961) *Psicodiagnóstico - Una prueba basada en la percepción*. (L. Rosenthal, Trans.; 3rd ed.). Buenos Aires: Editorial Paidós. (Original work published 1921)

- Rorschach, H. (1967). *Psychodiagnostic - Méthode et Résultats d'une expérience diagnostique de perception (interprétation libre de formes fortuites)*. (C. Beizmann, Trans.; 4th ed.). Presses Universitaires de France. (Original work published 1921) .
- Rorschach, H. (2011). *Psychodiagnostics - A Diagnostic Test Based on Perception* (P. Lemkau & B. Kronenberg, Trans.). Sabine Press. (Original work published 1921)
- Rorschach, H. (2021). *Hermann Rorschach's Psychodiagnostics Newly Translated and Annotated 100th Anniversary Edition* (P. J. Keddy, R. Signer, P. Erdberg, & A. Schneider Stocking, Trans.) Hogrefe Publishing. (Original work published 1921).

Considerações sobre a relação entre Rorschach e Jung: o papel na avaliação psicológica

Gustavo Monteiro de Oliveira Ferreira

Universidade de Taubaté (UNITAU)

Paulo Francisco de Castro

Universidade de Taubaté (UNITAU)

Resumo: Hermann Rorschach e Carl Gustav Jung foram dois pioneiros no desenvolvimento dos métodos projetivos: Jung, ao criar o Teste de Associação de Palavras - TAP em 1904 e Rorschach, ao publicar o Psicodiagnóstico em 1921, deram passos importantes no campo da avaliação psicológica, por meio de grande inovação em suas propostas. O presente trabalho possui como objetivo refletir sobre a relação entre Rorschach e Jung e o papel dessa relação para a avaliação psicológica. Dessa forma, buscou-se explorar o material documental de cartas e documentos históricos que revelam as relações entre os autores, uma vez que ambos fizeram parte do mesmo grupo de pesquisa tutelado por Eugen Bleuler no Hospital Psiquiátrico Burghölzli no início do século XX. A proximidade dos autores, que participavam, muitas vezes, do mesmo círculo social, gera a questão a ser aqui discutida: se os autores dispuseram de tantas oportunidades para um contato mais aprofundado, por que esse contato não se deu, ou por que o material relatado desses encontros é tão escasso? Observou-se, nesta pesquisa documental exploratória, escritos que indicam que Rorschach participou de palestras dadas por Jung, enquanto este fazia parte da clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique. Não foram encontradas evidências de trocas de cartas entre Jung e Rorschach, o que pode indicar que a relação entre os dois pesquisadores não se deu em um contexto pessoal. Rorschach foi, porém, muito interessado nas obras de Jung, aplicando o TAP em parte de sua formação enquanto psiquiatra. Além do TAP, o conceito de Introversão e Extroversão gerou grande impacto na obra de Rorschach, mas a única vez em que Jung é citado no Psicodiagnóstico é para que se faça uma distinção entre os conceitos junguianos daqueles utilizados por Rorschach. Contudo, um mês antes da publicação do Psicodiagnóstico, Jung publicou "Tipos psicológicos", obra em que atualizaria os seus conceitos de Introversão e Extroversão de forma que estes convergiram com os publicados por Rorschach. Ademais, em cartas de 1921, Rorschach conta que passou o ano lendo e relendo "Tipos psicológicos" e que planejava um diálogo sobre a proposta de Jung em algum momento. Ainda em janeiro de 1922, Rorschach se encontrava escrevendo cartas sobre o tema, infelizmente, sua morte prematura em abril de 1922 possivelmente impossibilitou que o encontro entre os dois pesquisadores acontecesse. Além do fim prematuro, pode-se conjecturar que a expulsão de Jung do movimento psicanalítico possa ter levado Rorschach a se afastar dele, uma vez que Rorschach fazia parte da Sociedade Internacional de Psicanálise e uma ligação com as ideias de Jung poderia ter algum tipo de consequência. Conclui-se, portanto, que Rorschach, apesar de apresentar certa resistência a Jung, ainda sim levou em conta diversas obras e reflexões de seu compatriota. Esse estudo, porém, tem um caráter introdutório e para conclusões mais aprofundadas, novas pesquisas deverão ser feitas.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, Carl Gustav Jung, Hermann Rorschach.

Apoio: PIBIC – CNPq/Unitau

Introdução

Carl Gustav Jung – 1875 e Hermann Rorschach – 1884 foram pesquisadores suíços que contribuíram para a construção da Psicologia Moderna e dos Métodos Projetivos. O termo "Método Projetivo" foi elaborado por L. K. Frank para designar os estudos sobre o Teste de Associação de palavras (TAP), desenvolvido por C. G. Jung em 1904; o Teste de Manchas de Tinta de Hermann Rorschach, de 1921 e o Teste de Apercepção Temática de Murray, publicado

em 1935 (Formiga & Mello, 2000).

O presente capítulo possui como objetivo refletir sobre a relação entre Rorschach e Jung e o papel dessa relação para a avaliação psicológica. Dessa forma, buscou-se explorar o material documental de cartas e documentos históricos que revelam as relações entre os autores, uma vez que ambos foram tutelados por Eugen Bleuler no Hospital Psiquiátrico Burghölzli no início do século XX (Ellenberguer, 1994). A proximidade dos autores, que participavam, muitas vezes, do mesmo círculo social, gera a questão a ser aqui discutida: se ambos dispuseram de tantas oportunidades para um contato mais aprofundado, por que esse contato não se deu, ou por que o material relatado desses encontros é tão escasso?

Contextos históricos de Jung e Rorschach: do Burghölzli à Psicanálise

Jung iniciou o seu trabalho no Burghölzli logo após concluir a formação em Medicina, assumindo o cargo de médico-assistente, em 1900. Assim que chegou ao Hospital, foi recebido por Eugen Bleuler, professor que marcaria sua relação com a psiquiatria e viria a ser uma grande influência em sua obra posterior (Ellenberguer, 1994). No entanto, o curioso é que inicialmente os estudos de Jung se voltaram ao laboratório de anatomia cerebral conduzido por Alexander Von Muralt (Shamdasani, 2011). Posteriormente, tanto Jung quanto Von Muralt abandonaram os estudos de anatomia cerebral, por não encontrarem nenhuma alteração significativa nos cérebros dos pacientes com *dementia praecox* — à época o que hoje é denominado por esquizofrenia (Shamdasani, 2011). Quando Jung abandona os estudos de anatomia cerebral, seus interesses voltam-se para o desenvolvimento das pesquisas com associações de palavras, juntamente com seu colaborador Franz Beda Riklin. Foram esses estudos que alavancaram a carreira do jovem médico ao estrelato da psiquiatria internacional.

O ano de 1905 foi especialmente importante para a carreira de Jung. Com a saída de Von Muralt do cargo de primeiro *Oberarzt* por conta de uma tuberculose, Jung assumiu o posto de segundo homem na hierarquia institucional do Burghölzli, permanecendo abaixo apenas de Eugen Bleuler (Ellenberguer, 1994; Shamdasani, 2011). Também foi encarregado de comandar a troca das formas de tratamento do hospital, substituindo gradativamente a hipnose por outros meios terapêuticos. E, além disso, recebeu o título de *Privat Dozent* na Universidade de Zurique. Os anos seguintes foram de igual importância, marcados pela publicação dos

resultados dos estudos com o TAP e o início de sua relação com Sigmund Freud em 1906 (Ellenberguer, 1994; Shamdasani, 2011). O TAP foi um dos temas das primeiras cartas trocadas entre Freud e Jung, uma vez que o Teste estava sendo utilizado com grande empolgação nos círculos Psiquiátricos de Zurique, corroborando com a teoria Freudiana do Recalque. Nas palavras de Freud, citado por Shamdasani (2011) em sua primeira correspondência com Jung sobre os estudos de Psicanálise e Associação de Palavras, em 1906: "...foi o que mais me agradou, pois nele o senhor demonstra, com base em sua própria experiência, que tudo o que já pude dizer sobre os campos ainda inexplorados de nossa disciplina é verdade". Além dos estudos com associações, outro marco importante foi a publicação do ensaio "O conteúdo das psicoses" em 1908, onde argumentava que, até mesmo na psicose, "O que diz a paciente não é, de forma alguma, sem sentido. Ao contrário, seu sentido é tão pleno que quando alguém descobre a chave poderá compreendê-la sem grandes dificuldades" (Jung, [1908]/1986, §368), então, os conteúdos de delírios e fantasias que eram descartados como sem significação foram redescobertos como carregados de significado, expressando desejos e esperanças dos pacientes (Silveira, 2007). Jung deixou o Burghölzli três anos depois, em 1909, para se dedicar à sua prática privada e ao papel proeminente de primeiro presidente da Associação Internacional de Psicanálise, a convite de Sigmund Freud (Ellenberguer, 1994).

Hermann Rorschach recém havia entrado na Universidade de Zurique em 1904, enquanto Jung desenvolvia o Teste de Associação de Palavras ao lado de Eugen Bleuler no Burghölzli (Searls, 2021). Fato curioso é o de que teve uma oportunidade de assistir a uma autópsia em seu primeiro semestre de clínica e isso o fez se interessar, assim como Jung, pela dissecação do cérebro, ocasião que provocou longas reflexões sobre a localização da alma e questões afins (Stopa, 1978). Rorschach logo passou a frequentar as palestras abertas ao público dadas por Jung, aproximando-se cada vez mais do grupo que viria a ser o grupo de psicanalítico de Zurique, do qual faziam parte: Eugen Bleuler, Oskar Pfister, Carl Jung, Zulliger, entre outros (Stopa, 1978). Embora Rorschach fosse um pupilo de Bleuler, ressalta-se aqui que ele nunca chegou a fazer parte do grupo de trabalho do Burghölzli, e sua aproximação com Bleuler só foi possível por conta da relação simbiótica que a Universidade de Zurique e o hospital mantinham entre si (Searls, 2021). Esse interesse pelo grupo psicanalítico que inundava e compunha o *zeitgeist* europeu afastou temporariamente Rorschach de sua pesquisa sobre o

método das manchas de tinta (Stopa, 1978).

Após receber a titulação de médico em 1909, Rorschach, tornou-se noivo de Olga Stempel e, após um período de férias na Rússia — à época em ebulição quanto aos estudos psicanalíticos —, voltou à Zurique para fazer Psiquiatria clínica e dar início à tese de doutoramento (Stopa, 1978). Ao entorno de 1911, iniciou um estudo sistemático comparativo entre os experimentos com associação de palavras de Jung e experimentos com manchas de tinta (Stopa, 1978). Também durante o período de doutoramento, Rorschach publicou 11 artigos, sendo alguns deles freudianos e outros junguianos (Stopa, 1978).

A mudança de Jung do Burghölzli para a Psicanálise, que demarcaria o período de crescimento das disputas políticas e teóricas entre Freud, Jung e a Associação Internacional de Psicanálise aconteceu quase simultaneamente ao doutoramento de Rorschach e ao seu trabalho na clínica de Schaffhausen (Searls, 2021). Por volta de 1912 e 1914, a comunidade psicanalítica vivia um momento de grande tensão política. Após a publicação de “Transformações e Símbolos da Libido” (Atualmente publicado como Símbolos da Transformação) Jung criou um anátema na psicanálise, definindo a “Escola de Zurique” como destoante do restante da Associação Internacional. O conflito político entre o grupo de Zurique e Freud aumentou ainda mais devido ao 4º Congresso da Sociedade Internacional de Psicanálise promovido em Munique durante a presidência de Jung. Havia um clima de tensão em Freud e seus colaboradores próximos, porque não se sabia ao certo para onde o grupo de Zurique iria levar a psicanálise (Ellenberguer, 1994; Shamdasani, 2011). O congresso de Munique foi duramente criticado por Freud tanto nas cartas quanto no texto “A história do movimento psicanalítico”, em que escreveu que:

Todos os que a ele estiveram presentes ainda o trazem bem vivo na memória. Foi dirigido por Jung de maneira desagradável e incorreta [...] os debates cansativos e nada construtivos terminaram com a reeleição de Jung para a Presidência da Associação Psicanalítica Internacional, que ele aceitou, embora dois quintos dos presentes lhe negassem apoio. Dispersamos sem nenhuma vontade de nos reunirmos outra vez. (Freud, [1914] /1996, p. 28).

Jung foi reeleito presidente da Sociedade Internacional de Psicanálise durante o 4º

Congresso. A efeito do congresso e de sua reeleição, Freud citado por Shamdasani ([1913] /2011) escreve uma carta para Alphonse Maeder - do grupo de Zurique - criticando a presidência de Jung e dizendo a ele: “Posso predizer que sua atitude logo o retirará da psicanálise, e que você não encontrará o caminho de volta. Se você vai se sentir confortável no labirinto místico em que Jung se embrenha, não sei. Não acredito mais na boa-fé dele”. Jung envia uma cópia carta de Freud à Maeder para todos os membros do grupo de Zurique. Então, em 1914, a Sociedade Psicanalítica de Zurique vota, 15 a 1 para o rompimento com a Associação Internacional de Psicanálise. Exceto pelo grupo de Zurique, quase todos os outros membros da Associação Internacional permaneceram ao lado do grupo vienense, liderado por Freud. (Shamdasani, 2011). Dessa forma, a Sociedade Psicanalítica de Zurique, agora rebatizada de Associação de Psicologia Analítica e, depois, de Clube Psicológico foi isolada do movimento psicanalítico (Shamdasani, 2011). A partir do rompimento com Freud, os boatos sobre Jung se proliferaram ainda mais. “Ocultista, cientista, profeta, charlatão, filósofo, racista, guru, antissemita, libertador das mulheres, misógino, apóstata de Freud, gnóstico, pós modernista, polígamo, curador, poeta, falso artista, psiquiatra e antipsiquiatra – do que C. G. Jung ainda não foi chamado?” (Shamdasani, 2011, p.14). A reflexão de Shamdasani (2011) faz com que imaginemos o cenário da década que se seguiu depois de 1912. Com acusações de Freud, Ernest Jones, Sándor Ferenczi e outros psicanalistas, a reputação de Jung foi aquela orquestrada por Freud em “A história do movimento psicanalítico”:

[...] Além disso, parecia estar disposto a entrar num bom relacionamento pessoal comigo e, em consideração a mim, a abrir mão de certos preconceitos raciais que alimentara anteriormente. Eu não tinha, na ocasião, a menor ideia de que apesar de todas essas vantagens a escolha era a mais infeliz possível, que eu havia escolhido uma pessoa incapaz de tolerar a autoridade de outra, mais incapaz ainda de exercê-la ele próprio, e cujas energias se voltavam inteiramente para a promoção de seus próprios interesses (Freud, [1914] /1996, p. 26).

Considerações sobre as relações entre Jung e Rorschach

A relação entre Jung e Rorschach perpassa e se entrecruza com a história da Psicanálise e da fundação da Psicologia Analítica. Há apenas duas citações sobre Jung na obra

“Psicodiagnóstico”, e servem para indicar que o conceito de introversão e extroversão utilizados por Rorschach diferem daqueles utilizados por Jung (Rorschach [1921] /1974). Porém, os conceitos que Rorschach utiliza de introversão da libido e extroversão haviam acabado de ser reformulados por Jung em seu trabalho “Tipos Psicológicos”. Nele, Jung atualizou essas ideias, além de adicionar quatro novas funções psicológicas que integrariam o funcionamento psíquico. Assim, as noções de Jung e Rorschach sobre introversão e extroversão convergiram (Searls, 2021). “Tipos psicológicos” foi publicado um mês antes da publicação de “Psicodiagnóstico”, e Rorschach não teve a possibilidade de atualizar seus conceitos para a publicação. Mas as cartas desse período revelam o impacto de “Tipos psicológicos” sobre Rorschach, citado por Searls (2021): “Estou lendo Jung e tenho uma sensação ambígua. Há muita coisa certa, definitivamente muita, mas embutida em uma arquitetura estranha”. Cinco meses após, Rorschach escreve:

Agora estou lendo os *Tipos* de Jung pela terceira vez e ainda não consigo iniciar a resenha [...] [Rorschach havia sido convidado para escrever uma resenha crítica sobre o livro de Jung] Mesmo assim, preciso retificar significativamente meu julgamento anterior sobre ele. Há realmente uma magnitude incrível no livro e, [...] por enquanto, não vejo como apontar defeitos na estrutura dedutiva que ele expõe em contraste com o pensamento de Freud. [...] Estou remoendo o livro, mas, assim que começo a ligar os pontos, fico desconfiado de minhas próprias ideias (*apud* Searls, 2021, p.220, grifo do autor).

Rorschach também expressou, durante um período de isolamento em Herisau que desejava “ter uma longa conversa com alguém sobre Jung em algum momento. O livro tem muitas coisas boas, e é difícil dizer onde a especulação se perde” (*apud* Searls, 2021, p. 220). Em janeiro de 1922:

Tenho que concordar com Jung, que distingue as atitudes conscientes e inconscientes e diz que, quando o consciente é extrovertido, o inconsciente é compensadoramente introvertido. Essa terminologia é obviamente abominável, com essas formulações brutalmente esmagadas e misturadas; mas a ideia de compensação é muito significativa (*apud* Searls, 2021, p. 220).

Em uma confidência a um paciente, disse:

De início, achei que os tipos de Jung fossem construções puramente especulativas. Mas, quando finalmente tentei derivar os tipos junguianos dos resultados da minha própria experiência, vi que era possível. Isso significava que, ao resistir a Jung, meu próprio tipo tinha me prejudicado mais do que eu pensava (apud Searls, 2021, p. 220, grifo nosso).

Em sua dissertação, Rorschach revela que tanto ele quanto Jung estavam se ocupando praticamente do mesmo problema; a relatividade das experiências humanas e a problemática de se postular uma teoria psicológica geral: “meu relato de processos alucinatórios reflexos pode parecer subjetivo para alguns leitores, por exemplo, tipos auditivos, uma vez que é escrito por alguém que é principalmente um tipo motor e secundariamente um tipo visual” (Rorschach *apud* Searls, 2021, p. 221).

Como foi possível de se perceber, os interesses de Rorschach sobre o trabalho de Jung eram claros. Mas a questão que permanece em aberta é: por que os dois não tiveram um contato pessoal, trocaram cartas e se encontraram para discutir essas proximidades e diferenças na elaboração de suas teorias? Jung comenta sobre a sua relação pessoal com Rorschach apenas uma vez durante uma entrevista concedida a Richard Evans. Ele diz sobre Rorschach:

Dr. Evans: Creio que o senhor conheceu Hermann Rorschach, não é verdade?

Dr. Jung: Não. Ele evitou-me o máximo possível.

Dr. Evans: Mas não o conheceu pessoalmente?

Dr. Jung: Não. Nunca o vi.

Dr. Evans: Nos termos usados por Rorschach, “introtensivo” e “extrotensivo”, ele estava refletindo, isso é a minha opinião pessoal, claro, as suas concepções de introversão e extroversão.

Dr. Jung: Sim, mas eu era execrado, por ter sido quem primeiro definiu e descreveu esses conceitos; e isso, como o senhor sabe, é algo imperdoável. Eu nunca deveria ter feito semelhante coisa.

Dr. Evans: Quer dizer, então, que o senhor nunca teve contatos pessoais com Rorschach?

Dr. Jung: Não, nenhuma relação pessoal.

Dr. Evans: O senhor está familiarizado com o teste de Rorschach, que utiliza borrões de tinta? 110 Práticas de diagnóstico e de terapia

Dr. Jung: Sim, mas nunca o apliquei, pois também deixei de empregar, subsequentemente, o meu Teste de Associação verbal. Não era necessário. Aprendi que tinha de aprender pelos exames exatos das reações psíquicas; e isso, creio eu, é um

excelente meio (Evans, 1964, p. 110-111).

As respostas de Jung são discutíveis, e é duvidoso que ele e Rorschach nunca tenham se visto pessoalmente, devido ao tamanho dos ambientes que frequentavam, e por conta das provas de que Rorschach havia frequentado as palestras dadas por Jung em seu período no Burghölzli (Searls, 2021). Outra questão levantada na entrevista é a evitação de Rorschach. Essa é uma hipótese plausível, sobretudo levando em conta que Jung se tornou uma *persona non grata* nos círculos de psicanálise da qual Rorschach fazia parte. Além de que o conflito entre Eugen Bleuler e Jung pode ter aumentado essa problemática em Rorschach, que manteve proximidade com Bleuler até o fim de sua vida. Portanto, parece plausível de se argumentar que o movimento psicanalítico tenha se colocado entre Rorschach e Jung e desfavorecido que os dois pesquisadores colaborassem e discutissem suas pesquisas. Outro fator importante é a morte prematura de Rorschach em 1922 devido a uma crise de peritonite (Stopa, 1978).

Além dessa entrevista, Jung comenta sobre Rorschach sete vezes em suas “Obras Completas”, uma vez em “O homem e os seus Símbolos” e outra em uma correspondência. De forma geral, Jung reconhecia no Método de Rorschach uma forma interessante de se obter dados dos “substratos da consciência” (Jung, 2018, §754), colocando-o em relação aos seus estudos sobre associações de palavras. Em uma carta de 1942, Jung comenta:

Incentivado pelas *clecsografias* de Justino Kerner, fiz uma coleção desses borrões de tinta já no meu tempo escolar, pois estas configurações irracionais estimulavam de tal forma minha fantasia que eram para mim um passatempo de muitos dias. Por isso fiquei encantado em ver que também Rorschach empregou a mesma técnica para determinar peculiaridades psíquicas, o que foi sem dúvida uma iniciativa de real proveito (Jung, 2018, p. 328, grifo do editor).

Considerações finais

Além das semelhanças pessoais, interesses em comum pelas clecsografias, estudos de religião, seitas e uma grande admiração por Goethe (Searls, 2021; Shamdasani, 2011) os dois autores compartilham também papéis de grande consideração no desenvolvimento dos Testes Projetivos e, portanto, da Avaliação Psicológica. Jung assume um papel histórico importante dentro de psicologia, sendo relevante buscar reintegrá-lo à história após o apagamento

promovido pela psicanálise (Shamdasani, 2011). Rorschach e Jung acabam sofrendo de um mal similar; devido à popularidade que os apresenta a uma grande massa, carecem de um estudo mais aprofundado que leve em consideração os aspectos históricos e teóricos de suas obras científicas. A difusão de ambos na cultura popular deve ser vista com cuidado, porque são muitos Jung e Rorschach que existem por aí, sem que exista uma relação correta entre esses e suas obras.

Conclui-se que a relação entre os pesquisadores suíços permanece como uma incógnita na História da Psicologia, e que para maiores esclarecimentos seria interessante buscar as cartas completas dos autores, verificando comentários possíveis entre os dois. É sabido que Rorschach foi um grande leitor da obra de Jung, e que este também tomou conhecimento do Método de Rorschach. Porém, como as cartas de Rorschach revelam, houve um interesse muito maior do que se apresentam nas obras publicadas, deixando em aberto o quanto uma relação próxima entre os dois pudesse ter sido impactante no curso da história da Psicologia, trazendo à superfície o interesse existente e as congruências e divergências teóricas presentes nas obras dos autores aqui discutidos.

Referências

- Ellenberguer, H. F. (1994). *The discovery of the unconscious*. London, Fontana Press.
- Formiga, N. S. & Mello, I. (2000). Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20 (2), 12–19. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000200004>.
- Freud, S. (1998). A história do movimento psicanalítico. In S. Freud. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 14). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1914).
- Jung, C. G. (2011). *Cartas I*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (2015). O conteúdo da psicose. In: Jung, C. G. *Psicogênese das doenças mentais*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1908).
- Jung, C. G. (2018). *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. (6ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rorschach, H. (1974). *Psicodiagnóstico*. (2ª ed.). São Paulo: Mestre Jou. (Original publicado

em 1921).

Searls, D. (2021). *Teste de Rorschach*. Rio de Janeiro, Darkside Books.

Shamdasani, S. (2011). *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência*. Aparecida, SP: Ideias e Letras.

Silveira, N. (2007). *Jung: vida e obra*. (21ª ed.). São Paulo. Céu e Terra. Stopa, R.F. (1978).

Stopa, R. F. (1978). Vida e obra de Hermann Rorschach. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 30, 74-86. Recuperado em 15 de março de 2024 de <https://periodicos.fgv.br/abpa/article/view/17878/16627>.

Indicadores de regulação e desregulação emocional no Rorschach Sistema de Avaliação por Performance (RPAS)

André Luiz de Carvalho Braule Pinto

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Laimara Oliveira da Fonseca

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Gisele Cristina Resende

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Sonia Regina Pasian

Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Evidências acumuladas apontam que diversos indicadores do Método de Rorschach estão associados a variáveis afetivas. As respostas de cor cromática estão relacionadas a afetos negativos e irritabilidade, a proporção do uso da forma e da cor ($CF + C > FC$) está associada a maiores níveis de impulsividade e reatividade emocional e ambas as variáveis prévias estão associadas a maior engajamento com vivência emocional. Diante disso, o presente estudo teve por objetivo avaliar a relação entre variáveis afetivas, especificamente de regulação e desregulação emocional e indicadores afetivos no *Rorschach Sistema de Avaliação por Performance (RPAS)* utilizando para tanto uma abordagem multimétodos de investigação. Participaram do estudo 92 voluntários, com idade média de 25,12 anos ($DP = 6,45$), de ambos os sexos (63 mulheres; 68,5%), com escolaridade média de 16 anos de estudo formal ($DP = 4,35$). A coleta de dados se deu em duas etapas. Primeiramente, os a participação se deu por adesão a convite realizado através de plataformas digitais da internet, em que os voluntários responderam a instrumentos de autorrelato: Questionário de Regulação Emocional (ERQ), que avalia estratégias de regulação emocional, e a Escala de Dificuldades de Regulação Emocional (DERS) que avalia dificuldades de regular emoções e questionário sociodemográfico. No segundo momento, participantes responderam a uma medida projetiva de personalidade (RPAS) que tem como pressuposto a avaliação através do desempenho. Os dados foram sistematizados conforme as diretrizes técnicas dos respectivos instrumentos. No tocante aos dados relativos ao Método de Rorschach (R-PAS), os protocolos individuais foram codificados pelo pesquisador de acordo com as diretrizes do sistema e posteriormente estas codificações foram inseridas no programa R-PAS *online* (www.r-pas.org), de modo a permitir os cálculos necessários dos indicadores técnicos. Foram exploradas as estatísticas descritivas e evidências de precisão, através da consistência interna por meio do Omega de McDonalds e Alpha de Cronbach para os instrumentos de autorrelato, e Coeficiente de correlação intraclasse (*Intra Class Correlation – ICC*) para as variáveis do RPAS. Foram realizadas análises de correlação robustas através do utilizando o método *percentage bend correlation – (Ppb)* (recomendados quando há quebra dos pressupostos das análises estatísticas paramétricas) entre as variáveis afetivas em nível de autorrelato e as variáveis de desempenho do RPAS. Não foram observadas relação entre as variáveis do RPAS e o autorrelato de uso de estratégias de regulação emocional. Entretanto, observou-se correlações negativas estatisticamente significativas entre diversas dimensões em dificuldades de regular emoções e FC (*Ppb* entre -0,395 e -0,346; $p < 0,05$), bem como correlações positivas estatisticamente significativas entre CFC_Pr e dificuldades de clareza acerca das emoções (*Ppb*=0,364; $p < 0,05$) e dificuldades com objetivos (*Ppb*=0,322; $p < 0,05$). Estes resultados corroboram resultados anteriores de que as variáveis cromáticas do Rorschach, podem refletir dificuldades de controlar afetos e podem contribuir para as interpretações clínicas acerca dos processos afetivos envolvidos nas respostas ao instrumento.

Palavras-chave: Rorschach, Regulação emocional, Desregulação emocional, Abordagem multimétodos.

Introdução

Evidências suficientes sugerem relações entre variáveis do Rorschach a diversos processos cognitivos e afetivos (Meyer, 2016, 2017; Muzio, 2004). Investigação utilizando

instrumentos de autorrelato para avaliação da personalidade, testes de inteligência e o Rorschach, numa abordagem multimétodo em amostra clínica, com objetivo de investigar variáveis do Rorschach associadas a processos de modulação afetiva (regulação emocional), observaram elevação na variável FC do Rorschach associou-se negativamente com indicadores de agressão e psicose, enquanto CF se mostrou positivamente associada a afetos depressivos, ideação suicida, estresse, ansiedade e isolamento social, entre outras dificuldades psicológicas (Malone et al., 2013).

Ao examinarem a produção científica no campo do Método de Rorschach e o suporte empírico para suas evidências interpretativas, o estudo de metanálise trouxe evidências de validade para as hipóteses interpretativas: a) cor acromática relaciona-se a afetos negativos e irritabilidade; b) a proporção do uso da forma e da cor ($CF + C > FC$) está relacionada a impulsividade e reatividade emocional; c) ambas as variáveis prévias estão associadas a maior engajamento com vivência emocional (Mihura et al., 2013). Em conjunto, essas evidências meta-analíticas dão suporte para a noção de que características afetivas dos indivíduos se relacionam com respostas cromáticas no Rorschach. Em direção similar, um estudo avaliou 39 estudantes universitários japoneses com o Rorschach e relacionou seus dados ao desempenho em uma tarefa implícita de regulação emocional e a um questionário de autorrelato. Os resultados indicaram associação positiva entre respostas FC no Rorschach e a tarefa de desempenho em regulação emocional, mas não com o autorrelato, evidenciando relações entre variáveis representativas da afetividade no Rorschach com indicadores de regulação emocional (Matsuda, 2019).

As emoções fazem parte das experiências diárias e, conforme as situações, os indivíduos sentem a necessidade de regulá-las (Gross, 2014) favorecendo ou dificultando sua adaptação aos diferentes contextos. A regulação emocional (RE) é um dentre diversos fenômenos relacionados aos processos afetivos, compreendendo estratégias para modificar a influência das emoções sobre os comportamentos. Tem valor adaptativo para os indivíduos, com impacto sobre as cognições, a qualidade de vida e eventuais psicopatologias (Suchy, 2011). A regulação emocional pode ser entendida como uma série de estratégias, cognitivas e/ou comportamentais utilizadas para controle da experiência emocional, seja antes do surgimento de uma emoção ou quando a mesma já se encontra em curso (Gross & John, 2003). Dificuldades em controlar as

próprias emoções estão presentes em diversas experiências emocionais negativas e em transtornos psicológicos, como na ansiedade social, transtornos de personalidade e transtornos de estresse pós-traumático, geralmente relacionando-se às dificuldades com a duração, a frequência e o tipo de emoções experimentadas (Gross, 2014; Gross & Jazaieri, 2014). Também estão presentes em comportamentos sociais de risco (Kiekens et al., 2019), e variam ao longo do ciclo vital, tanto em função do sexo, quanto do contexto cultural (Gardener et al., 2013; Matsumoto et al., 2008; Mcrae et al., 2008).

Existe grande diversidade de estratégias para equilibrar a influência de uma emoção em determinado contexto social ou mesmo modificar inteiramente a experiência emocional. Comumente, tais estratégias são agrupadas em duas grandes categorias: “estratégias antecedentes”, focadas em comportamentos que antecipam o surgimento de uma emoção, e estratégias “focadas na resposta”, que tem por objetivo controlar uma experiência emocional já em curso (Gross, 2014; John & Eng, 2014). Segundo Gross (2014), observam-se pelo menos cinco grupos de estratégias de regulação emocional, que se diferenciam pelo processo utilizado para modular a resposta afetiva ou por seu momento de implementação durante o processo afetivo.

Asari e colaboradores (2010) que avaliaram a atividade cerebral de 68 voluntários japoneses, de ambos os sexos, utilizando uma máquina de ressonância magnética funcional enquanto respondiam ao Rorschach. Os resultados indicaram maior atividade em regiões relacionadas ao processamento afetivo, e parecem ser moduladas pela atividade da amígdala. (Hiraishi & Haida, 2012), por sua vez, utilizaram uma técnica de espectroscopia por infravermelho próximo (*near-infrared spectroscopy*) para acompanhar 17 adolescentes japoneses, em sua maioria homens, sem histórico de transtornos psiquiátricos, submetidos ao Rorschach e outras tarefas visuais para avaliação da personalidade. Os pesquisadores identificaram claro aumento de atividade no córtex pré-frontal desses voluntários. Em outro estudo (Aizawa et al., 2018) encontraram resultados semelhantes com ativação das regiões pré-frontais. Os pesquisadores compararam as respostas de 29 estudantes japoneses, sem histórico de transtornos mentais, em duas tarefas: uma consistindo em três cartões do Rorschach (I, IV e V) e a outra consistindo em imagens simples. Em seguida os participantes deveriam responder à pergunta “*com o que isso se parece?*”. Os resultados demonstraram maior ativação nas regiões

pré-frontais para o Rorschach, quando comparada com a tarefa com imagens simples. Esta região também está relacionada a processos de regulação emocional (Braunstein et al., 2017)

Diante disso, o presente estudo teve por objetivo avaliar a relação entre variáveis afetivas, especificamente de regulação e desregulação emocional e indicadores afetivos no *Rorschach Sistema de Avaliação por Performance (RPAS)* utilizando para tanto uma abordagem multimétodos de investigação

Método

Este trabalho foi planejado para ser realizado em dois estudos, ambos de natureza quantitativa, transversal, descritivo-interpretativa e correlacional (Cozby, 2003). São pautados pelo uso de instrumentos de avaliação psicológica. fundamenta-se nos princípios teóricos da área de Avaliação Psicológica, conforme diretrizes profissionais elaboradas pela *International Test Commission* (ITC, 2016) e pelo Conselho Federal de Psicologia no tocante ao Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos, SATEPSI (CFP, 2022).

Participantes

Participaram deste estudo 92 voluntários, sendo 63 mulheres (68,5%) e 29 homens (31,5%) com idade média de 25,17 anos ($DP = 6,45$), e com nível elevado de escolaridade ($M=16,15$; $DP=4,35$). Em relação à estratificação socioeconômica 12 estavam na classe A (13,8%), 15 na classe B1 (17,2%), 17 na classe B2 (19,5%), 25 na classe C1 (28,7%), 15 na classe C2 (17,2%) e 3 na classe D-E (3,4%). Quanto ao estado civil, 69 declararam estar solteira (80,3%), 6 casados (7%), 2 divorciados/separados (2,3%), 5 em união estável (5,8%) e 4 (4,3%) declararam estar em outro tipo de estado civil.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico e Escala Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2016): permite caracterizar a amostra quanto a idade, sexo, situação socioeconômica. O Critério de Classificação Econômica Brasil tem por objetivo estimar o poder aquisitivo dos participantes. A classificação é feita a partir de níveis (A, B1, B2, C1, C2, D-E), sendo que o

nível A corresponde ao mais elevado padrão econômico e o nível E o mais baixo padrão econômico, definido a partir da pontuação total no instrumento.

Questionário de Regulação Emocional (ERQ): originalmente elaborado por Gross & John (2003) e traduzido para o português do Brasil por (Boian et al., 2009), é composta por 10 itens em escala do tipo *Likert*, sendo possível escolher entre “discordância total” (1) a “concordância total” (7), avalia duas estratégias de regulação emocional: supressão emocional (“*Eu controlo as minhas emoções não as expressando*”) e reavaliação cognitiva (“*Quando estou perante uma situação stressante, procuro pensar de uma forma que me ajude a ficar calmo*”). O instrumento tem demonstrado evidências de validade e fidedignidade em diversos contextos culturais (John & Eng, 2014; Matsumoto et al., 2008). No Brasil vem sendo estudado por (Batistoni et al., 2013) e (Gouveia et al., 2018), apresentando boas evidências de validade e precisão. Neste estudo, a precisão estimada utilizando o α de Cronbach foi de 0,85 para reavaliação cognitiva e 0,75 para supressão emocional, já o ω de McDonald apresentou valores de 0,83 e 0,72 respectivamente.

Escala de Dificuldades de Regulação Emocional (DERS): Desenvolvida por Gratz e Roemer (2004), a escala é composta por 36 itens que fazem afirmações sobre formas de sentir emoções e devem ser respondidos em uma escala *Likert* de 1 a 5. Avalia seis dimensões de dificuldades de regular emoções, a saber: a) falta de acesso a estratégias para controlar as emoções (Estratégias – “*Quando estou chateado, eu acredito que ficarei assim por muito tempo*”); b) ausência de clareza sobre emoções (Clareza – “*Eu tenho dificuldades de compreender meus sentimentos*”); c) reduzido conhecimento das emoções (Consciência – “*Presto atenção a como estou me sentindo*”); d) dificuldade para controlar impulsos (Impulso – “*Eu experimento minhas emoções como sufocantes e sem controle*”); e) dificuldade para se engajar com objetivos (Objetivos – “*Quando estou chateado tenho dificuldades em fazer meu trabalho*”); f) não aceitação de respostas emocionais (Não aceitação – “*Quando estou chateado, fico com raiva de mim mesmo por me sentir assim*”). A DERS foi adaptada em diversos países, no Brasil, Miguel e colaboradores (2016) investigaram suas propriedades psicométricas, encontrando valores de precisão considerados positivos, bem como evidências de validade de

construto. Neste estudo, os valores de precisão ficaram entre 0,78 para consciência e 0,94 para não aceitação, segundo o alpha de Cronbach, e 0,75 a 0,91 segundo o ômega de McDonald.

Rorschach Performance Assessment System (R-PAS): Desenvolvido por Herman Rorschach (1921/1978), o Método de Rorschach é composto de dez cartões com manchas de tintas sem forma definida, que devem ser apresentadas uma a uma para que o indivíduo responda à pergunta “*Com o que isso se parece?*” A partir das respostas, é possível sistematizar informações relativas a características de personalidade, entre as quais estão estilos de processamento cognitivo, processos perceptuais e de pensamento, manejo do estresse, representação de si e dos outros e vivências afetivas. Neste trabalho optou-se por utilizar as diretrizes técnico-científicas do R-PAS (Meyer et al., 2017). Foram selecionadas variáveis relacionadas a processos afetivos (Tabela 1), de acordo com a literatura científica sobre o Rorschach e conforme definições das variáveis apresentadas no manual (Meyer et al., 2017; Mihura et al., 2013; Mihura & Meyer, 2018). Os estudos do R-PAS no Brasil se encontram em crescente proliferação, com promissores índices psicométricos de sua adequação para a realidade do Brasil (Amaro et al., 2017; Pianowski et al., 2016, 2019; Rovinski et al., 2018; Vieira & Villemor-Amaral, 2015).

Tabela 1. Variáveis afetivas e de tomada de decisão selecionadas para o estudo a partir do Método de Rorschach (R-PAS) de acordo com suas definições teóricas apresentadas no Manual do instrumento.

Variável R-PAS	Definição	Descrição	Interpretação	ICC
MC - PPD	Diferença entre MC e PPD	Relaciona códigos que sugerem recursos (MC) associados à elaboração ideacional (M) e responsividade viva ao mundo a códigos que sugerem dificuldades potenciais (PPD).	Constitui uma medida de eficiência das estratégias de coping.	0,95
MC	Soma de M e WSumC	Indicador da atividade e processamento psicológico = recursos psicológicos e capacidade adaptativa, com base na capacidade	Constitui uma medida da capacidade de processar informações e se adaptar.	0,98

		e na propensão para preencher, animar e colorir seu mundo experiencial.		
M	Movimento humano	Representa um tipo de processo que contribui para a capacidade de empatia, senso de responsabilidade pessoal ativa, capacidade de refletir sobre acontecimentos e experiências e grau de maturidade de desenvolvimento.	É um indicador de capacidade de refletir antes de agir. Ligado aos processos cognitivos superiores, sugere aplicação de intencionalidade às ações.	0,98
V-Comp	Composto de vigilância	Cognição esforçada e focada, intensa constrição afetiva.	Indica um estilo cognitivo de intensa vigilância, com cautela nas relações interpessoais.	0,95
R8910%	Porcentagem respostas cartões VIII-IX-X	Reflete responsividade geral a estímulos coloridos/vibrantes, que representam situações emocionais.	Parece indicar reatividade afetiva aos estímulos com carga emocional.	0,98
WSumC	Soma ponderada determinante Cor	Relaciona-se a interesse e a consciência das características estimulantes, o que pode incluir reações emocionais.	Indica um interesse por aspectos estimulantes e pode sugerir busca por sensações.	0,96
C	Cor pura	Sugere receptividade cognitivamente passiva ou mesmo impotente a experiências ativadoras e estimulantes.	Indica abertura a impressões imediatas e uma vivência sem filtros, o que pode sugerir reatividade emocional.	0,52
CBlend	Cor misturada com sombreado e cor acromática	Sensibilidade emocional ou ambiental em que reações emocionalmente espontâneas podem ser comprometidas por preocupações. Sugere que a pessoa é vulnerável a experiências afetivas mistas.	Vulnerabilidade afetiva, sentimentos negativos.	0,92
CF	Forma com cor dominante	Refere à predominância de cor sobre forma, indicando que a expressão afetiva se associa a controle cognitivo mais relaxado.	Baixo controle cognitivo sobre a experiência afetiva.	0,87

(CF+C)/ SumC	Proporção de CF+C	Indicador de relativa ausência ou relaxamento do controle cognitivo e da modulação nas reações da pessoa, especialmente quando há provocação emocional.	Relaxamento do controle cognitivo sobre as reações afetivas.	0,62
(CF+C) – FC	Proporção de Forma-Cor	Indicador de impulsividade emocional que pode predispor a ações precipitadas.	Pode ser um indicador de impulsividade.	0,86
FC	Cor com forma dominante	Sugere menor reatividade passiva e máximo controle cognitivo.	A experiência emocional é modulada por processos cognitivos sugerindo possibilidade de regulação das emoções através da racionalidade.	0,94
PPD	Determinantes potencialmente problemáticos	Sensibilidade ou sintonia ambiental. Reflete capacidade de animar percepto, ver objetos estáticos em movimento. No entanto, esse tipo de sensibilidade pode ser uma desvantagem, pois estes códigos podem indicar estressores que estão fora de controle em termos de impulsos.	Experiência de ausência de controle. Poderia ser interpretado como locus de controle externo.	0,96

Nota: Definições apresentadas foram retiradas e adaptadas a partir do Manual do R-PAS (Meyer et al., 2017) e (Mihura & Meyer, 2018). ICC = *Intraclass correlation coefficient*.

Procedimentos

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CAAE: 62744516.3.0000.5407), fez-se divulgação *online* da pesquisa em listas de e-mails de instituições de ensino e mídias sociais. A coleta de dados ocorreu no período de agosto de 2017 a agosto de 2019. Todo participante declarou sua concordância com o estudo mediante marcação em uma caixa de diálogo abaixo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Foram informados acerca dos objetivos do estudo e dos procedimentos de coleta de

dados, garantindo-se o sigilo de sua identidade. Os instrumentos de autorrelato foram organizados em uma plataforma para formulários de pesquisa *lime survey* (<https://goo.gl/JhrJzc>).

A coleta de dados se deu em duas etapas. Primeiramente, a participação ocorreu por adesão a convite realizado através de plataformas digitais da internet, em que os voluntários responderam a instrumentos de autorrelato: Questionário de Regulação Emocional (ERQ), que avalia estratégias de regulação emocional, e a Escala de Dificuldades de Regulação Emocional (DERS) que avalia dificuldades de regular emoções, outras medidas de afetos e questionário sociodemográfico. No segundo momento, participantes responderam a uma medida projetiva de personalidade (RPAS) que tem como pressuposto a avaliação através do desempenho.

O conjunto desses dados foi analisado com auxílio do *software* livre R (versão 3.6.1) (R Core Team, 2020) e R-Studio (versão 1.3.959) (RStudio Team, 2020). Preliminarmente foram avaliados os pressupostos de normalidade na distribuição dos resultados e presença de valores extremos (*outliers*) univariados e multivariados. Em seguida, foram realizadas análises estatísticas descritivas dos achados, implicando na caracterização sociodemográfica da amostra e nos dados específicos por instrumento, de modo a permitir sua interpretação tendo por base os referenciais normativos disponíveis para adultos. O conjunto destes resultados apontou para a necessidade de utilização de estratégias de análise resilientes à presença de valores extremos, bem como a desvios da normalidade univariada. Uma solução adequada seria a utilização de métodos estatísticos robustos à quebra dos pressupostos das análises estatísticas paramétricas (Field & Wilcox, 2017). Dessa forma, escolheu-se utilizar versões robustas para as análises de correlação e análises de variância reportadas nos resultados. Primeiramente, foram realizadas análises de correlação robusta, utilizando o método *percentage bend correlation* – (*Ppb*) utilizando o pacote WRS2 (Mair & Wilcox, 2019) entre as variáveis representativas da afetividade obtidas por meio de autorrelato ERQ e DERS e pelo desempenho do R-PAS. Para todas as análises estatísticas realizadas neste trabalho adotou-se o nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Resultados e Discussão

A Tabela 2 apresenta as correlações observadas entre as variáveis afetivas em nível de autorrelato e as relacionadas aos processos automáticos avaliados pelo R-PAS. Destaca-se que poucos processos demonstraram significativas associações entre os tipos de informação.

Não houve relações estatisticamente significativas entre variáveis do R-PAS com estratégias de regulação emocional, avaliadas pela ERQ. Entretanto, observam-se correlações negativas estatisticamente significativas entre FC e vários processos de desregulação emocional, consciência ($Ppb = -0,38; p < 0,05$), clareza ($Ppb = -0,39; p < 0,05$), objetivos ($Ppb = -0,38; p < 0,05$) e impulsos ($Ppb = -0,34; p < 0,05$). Também existiram relações estatisticamente significativas e positivas entre (CF+C)/SumC e dificuldades de clareza ($Ppb = 0,36; p < 0,05$) e objetivos ($Ppb = 0,32; p < 0,05$).

Estes resultados podem indicar que o autorrelato acerca dos afetos vivenciados e o uso habitual de estratégias de regulação emocional envolvem peculiaridades psíquicas distintas dos processos emocionais automáticos avaliados pelo R-PAS. Entretanto, as dificuldades em regular as emoções (expressas por autorrelato) também foram captadas por variáveis do Rorschach. Os achados indicaram que sinais de desregulação emocional se associaram a diminuição de escores na variável FC do R-PAS. Em complemento, quando os participantes referiram dificuldades pessoais para compreender a experiência afetiva e a ausência de objetivos, observou-se elevação na proporção de CF + C do Rorschach, variável representativa de forte mobilização emocional e de descontrole racional.

Tabela 2. Correlações entre variáveis afetivas avaliadas por autorrelato e por desempenho no R-PAS (n=92).

R-PAS	Reavaliação	Supressão	Consciência	Clareza	Objetivos	Impulsos	Estratégia	Não aceitação
R8910%	-0,299	-0,3	-0,125	-0,291	-0,137	-0,079	-0,131	-0,146
M	0,124	0,061	0,18	0,04	0,061	-0,104	-0,111	-0,109
FC	-0,053	0,049	-0,383*	-0,395*	-0,381*	-0,346*	-0,146	0,002
CF	0,295	0,091	-0,188	0,027	0,265	0,277	-0,026	-0,001
C	0,056	-0,083	0,053	0,144	-0,083	-0,127	-0,157	-0,17

CBlend	0,061	0,134	0,083	0,068	0,192	-0,053	0,086	0,145
WSumC	0,058	-0,073	-0,069	0,081	0,000	-0,069	-0,143	-0,159
(CF+C)/SumC	0,074	-0,046	0,265	0,364*	0,322*	0,233	0,061	-0,069
MC	0,17	-0,084	0,009	0,081	-0,045	-0,127	-0,154	-0,225
PPD	-0,079	-0,254	-0,087	0,003	0,2	0,122	0,016	-0,045
MC -PPD	0,237	0,014	0,053	0,041	-0,226	-0,239	-0,198	-0,118
V-Comp	-0,028	0,195	0,102	0,211	0,081	-0,039	0,053	0,068
CFC-FC	0,122	-0,06	0,174	0,314	0,268	0,211	0,02	-0,093

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Diversas variáveis do Rorschach são tradicionalmente associadas a experiências afetivas, dentre elas a somatória de respostas de cor (WsumC), de modo que se supôs relevante associação deste indicador do R-PAS com afetos expressos em nível de autorrelato. Contrariando as hipóteses inicialmente formuladas para este trabalho, não foram observadas relações estatisticamente significativas entre afetos positivos/ negativos e indicadores representativos do afeto no R-PAS. Entretanto, em pesquisa com pacientes com alexitimia, (Porcelli & Meyer, 2002) encontraram escores baixos em WsumC nestes indivíduos quando comparados a grupo controle. Além disso, (Mihura et al., 2013) apontaram evidências de validade de variáveis afetivas do R-PAS (entre elas a soma de respostas cor) e afetos negativos. Desta forma, há que se refletir sobre possíveis razões para os atuais achados de jovens adultos não confirmarem as expectativas inicialmente formuladas de significativa associação entre respostas cor no Rorschach e vivências afetivas expressas por autorrelato.

Ainda discordante de hipótese prevista neste trabalho, não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre variáveis do R-PAS com estratégias habituais de regulação emocional, avaliadas pela ERQ. Uma vez que indicadores como FC e V-comp do R-PAS representam características de controle sobre as experiências emocionais (Mihura & Meyer, 2018), os atuais resultados não confirmaram este sentido interpretativo destas variáveis. Cabe destacar que resultado semelhante foi percebido por Matsuda (2019), referindo ausência

de correlações estatisticamente significativas entre variáveis do R-PAS e ERQ, evidenciando níveis de informação diferenciados entre estes instrumentos avaliativos.

Esta questão já tem sido amplamente discutida na literatura científica, visto que as atividades propostas pelos instrumentais de autorrelato e projetivos possuem natureza diversa e, portanto, acessam níveis específicos de autoconhecimento do indivíduo, envolvendo diferentes processos psicológicos. Enquanto métodos de autorrelato dependem claramente do funcionamento cognitivo, interpretar manchas de tinta (como no Rorschach), além de processamento associativo, exige níveis de funcionamento psicológico não obrigatoriamente conscientes, porém decisivos para a elaboração das respostas, podendo representar níveis mais profundos de organização psíquica. Ao se buscar a associação entre variáveis de natureza diversa, dificilmente se encontram relações estatisticamente significativas, o que, no entanto, não pode ser interpretado como ausência de validade para seus significados teóricos específicos (Bornstein, 2012, 2015; Pessotto & Primi, 2018).

Para (Malone et al., 2013), as variáveis afetivas do Rorschach apresentam poucas evidências empíricas de relevante associação com indicadores advindos de instrumentos de autorrelato. Dado que o Rorschach e as escalas se utilizam de processos de respostas diferentes, pode ser precipitado concluir pela ausência de validade dos indicadores advindos deste método projetivo (Bornstein, 2012). Em complemento a esta linha interpretativa, os atuais resultados indicaram relações consistentes entre variáveis representativas de modulação afetiva do Rorschach e índices extraídos das escalas de regulação emocional. Nesse sentido, cabe destacar a variável FC do R-PAS, que representa controle cognitivo sobre as emoções, a qual apresentou correlações estatisticamente significativas e negativas com dificuldades de regulação emocional derivadas dos componentes Consciência, Clareza, Objetivos e Impulsos da DERS. Por sua vez, a variável (CF+C)/SumC do R-PAS, associada a relaxamento no controle cognitivo, demonstrou correlação estatisticamente significativa e positiva com dificuldades de Clareza e Objetivos na DERS. Na mesma direção, a variável (CF+C) – FC, indicativa de impulsividade, também apresentou correlação positiva com falta de Clareza na regulação emocional (DERS).

De maneira geral, os sinais de desregulação emocional evidenciados na DERS são interpretados como limites nas competências para lidar com emoções intensas (John & Eng, 2014) ou podem ser oriundos de falhas no autocontrole (Heatherton & Wagner, 2011). Estudos

com pacientes borderline indicaram que este grupo clínico evidenciou maior incidência de dificuldades em controlar emoções e pior desempenho em tarefas de controle inibitório (Cackowski et al., 2014; Ibraheim et al., 2017). Por outro lado, a utilização de tarefas com demanda cognitiva com indivíduos borderline favoreceu a redução de expressões de humor negativo (Kim & Kanfer, 2009).

Considerações finais

O conjunto destes resultados parece apontar uma distinção importante entre o uso autorrelatado de estratégias de regulação emocional, especialmente as avaliadas pela ERQ e ausência competências emocionais, ou dificuldades de regular emoções, como avaliadas pela DERS. Aliado ao fato de que os resultados apontaram para relações com seguir e ignorar experiências emocionais negativas, estes resultados indicam que as variáveis do Rorschach, podem refletir processos de dificuldades de controle afetivo, especialmente em relação às experiências negativas.

Referências

- Aizawa, N., Ishibashi, M., Nakamura, Y., Uchiumi, C., Makita, K., & Iwakiri, M. (2018). Near-Infrared Spectroscopy Detects Prefrontal Activities During Rorschach Inkblot Method. *Japanese Psychological Research*, 60(4), 242–250. <https://doi.org/10.1111/jpr.12195>
- Amaro, T. de C., Areco, K. N., & Nascimento, R. S. G. (2017). Avaliação dos aspectos da Personalidade em pessoas idosas na cidade de São Paulo por meio do Rorschach Performance System (R-PAS). *Revista Kairós Gerontologia*, 20(2), 211–228.
- Asari, T., Konishi, S., Jimura, K., Chikazoe, J., Nakamura, N., & Miyashita, Y. (2010). Amygdalar modulation of frontotemporal connectivity during the inkblot test. *Psychiatry Research - Neuroimaging*, 182(2), 103–110. <https://doi.org/10.1016/j.psychresns.2010.01.002>
- Batistoni, S. S. T., Ordonez, T. N., Silva, T. B. L. da, Nascimento, P. P. P. do, & Cachioni, M. (2013). Emotional Regulation Questionnaire (ERQ): Indicadores psicométricos e relações com medidas afetivas em amostra idosa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 10–18. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100002>

- Boian, A. C., Soares, D. S. de M., & Lima, J. (2009). *Questionário de Regulação Emocional*. https://spl.stanford.edu/sites/default/files/portuguese_brazilian.pdf
- Bornstein, R. F. (2012). Rorschach Score Validation as a Model for 21st-Century Personality Assessment. *Journal of Personality Assessment*, 94(1), 26–38. <https://doi.org/10.1080/00223891.2011.627961>
- Bornstein, R. F. (2015). Behavior-Based Assessment in Psychology: Going Beyond Self-Report in the Personality, Affective, Motivation, and Social Domains. Em T. M. Ortner & F. J. R. van de Vijver (Orgs.), *Behavior-based assessment in psychology*. Hogrefe Publishing. <https://doi.org/10.1027/00437-000>
- Braunstein, L. M., Gross, J. J., & Ochsner, K. N. (2017). Explicit and implicit emotion regulation: A multi-level framework. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 12(10), 1545–1557. <https://doi.org/10.1093/scan/nsx096>
- Cackowski, S., Reitz, A. C., Ende, G., Kleindienst, N., Bohus, M., Schmahl, C., & Krause-Utz, A. (2014). Impact of stress on different components of impulsivity in borderline personality disorder. *Psychol Med*, 44(15), 3329–3340. <https://doi.org/10.1017/S0033291714000427>
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. Atlas.
- Field, A. P., & Wilcox, R. R. (2017). Robust statistical methods: A primer for clinical psychology and experimental psychopathology researchers. *Behaviour Research and Therapy*, 98, 19–38. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2017.05.013>
- Gardener, E. K. T., Carr, A. R., MacGregor, A., & Felmingham, K. L. (2013). Sex Differences and Emotion Regulation: An Event-Related Potential Study. *PLoS ONE*, 8(10), e73475. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0073475>
- Gouveia, V. V., de Moura, H. M., de Oliveira, I. C. V., Ribeiro, M. G. C., Rezende, A. T., & Brito, T. R. de S. (2018). Emotional Regulation Questionnaire (ERQ): Evidence of Construct Validity and Internal Consistency. *Psico-USF*, 23(3), 461–471.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41–54. <https://doi.org/10.1023/B:JOBA.00000007455.08539.94>
- Gross, J. J. (2014). *Handbook of emotion regulation* (J. J. Gross, Org.; 2º ed). Guilford publications.

- Gross, J. J., & Jazaieri, H. (2014). Emotion, Emotion Regulation, and Psychopathology. *Clinical Psychological Science*, 2(4), 387–401. <https://doi.org/10.1177/2167702614536164>
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348–362. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.348>
- Heatherton, T. F., & Wagner, D. D. (2011). Cognitive neuroscience of self-regulation failure. *Trends in Cognitive Sciences*, 15(3), 132–139. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2010.12.005>
- Hiraishi, H., & Haida, M. (2012). *Differences of Prefrontal Cortex Activity Between Picture-Based Personality Tests: A Near-Infrared Spectroscopy Study*. August, 37–41. <https://doi.org/10.1080/00223891.2012.666597>
- Ibraheim, M., Kalpakci, A., & Sharp, C. (2017). The specificity of emotion dysregulation in adolescents with borderline personality disorder: Comparison with psychiatric and healthy controls. *Borderline Personality Disorder and Emotion Dysregulation*, 4(1), 1. <https://doi.org/10.1186/s40479-017-0052-x>
- John, O. P., & Eng, J. (2014). Three approaches to individual differences in affect regulation: Conceptualizations, measures, and findings. Em J. J. Gross (Org.), *Handbook of emotion regulation* (2^o ed, p. 321–345). Guilford Press.
- Kiekens, G., Hasking, P., & Boyes, M. (2019). Measurement Invariance of Three Brief Emotion Regulation Questionnaires in People With and Without a History of Non-Suicidal Self-Injury. *European Journal of Psychological Assessment*, 35(6), 835–841. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000464>
- Kim, M. Y., & Kanfer, R. (2009). The joint influence of mood and a cognitively demanding task on risk-taking. *Motivation and Emotion*, 33(4), 362–372. <https://doi.org/10.1007/s11031-009-9147-z>
- Mair, P., & Wilcox, R. (2019). Robust statistical methods in R using the WRS2 package. *Behavior Research Methods*, 36(10), 1336–1338. <https://doi.org/10.3758/s13428-019-01246-w>
- Malone, J. C., Stein, M. B., Slavin-Mulford, J., Bello, I., Sinclair, S. J., & Blais, M. A. (2013).

- Seeing red: Affect modulation and chromatic color responses on the Rorschach. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 77(1), 70–93. <https://doi.org/10.1521/bumc.2013.77.1.70>
- Matsuda, R. (2019). Multiple Emotion Regulation in Rorschach Color Responses: A Study Using IAT and Self-Report. *Rorschachiana*, 40(2), 112–130. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000116>
- Matsumoto, D., Yoo, S. H., & Nakagawa, S. (2008). Culture, emotion regulation, and adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94(6), 925–937. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.94.6.925>
- Mcrae, K., Ochsner, K. N., Mauss, I. B., Gabrieli, J. J. D., & Gross, J. J. (2008). Gender Differences in Emotion Regulation: An fMRI Study of. *Group Process & Intergroup Relations*, 11(2), 143–162. <https://doi.org/10.1177/1368430207088035>
- Meyer, G. J. (2016). Neuropsychological Factors and Rorschach Performance in Children. *Rorschachiana*, 37(1), 7–27. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000074>
- Meyer, G. J. (2017). What Rorschach performance can add to assessing and understanding personality. *International Journal of Personality Psychology*, 3(1), 36–49.
- Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Erdberg, P. (2017). *R-PAS: Sistema de avaliação por performance no Roschach* (1º ed). Hogrefe.
- Miguel, F. K., Giromini, L., Colombarolli, M. S., Zuanazzi, A. C., & Zennaro, A. (2016, outubro). A Brazilian Investigation of the 36- and 16-Item Difficulties in Emotion Regulation Scales. *Journal of Clinical Psychology*, 00(0), 1–14. <https://doi.org/10.1002/jclp.22404>
- Mihura, J. L., & Meyer, G. J. (2018). Introdução ao R-PAS. Em J. L. Mihura & G. J. Meyer (Orgs.), *Uso do sistema de avaliação por performance no Rorschach (R-PAS)* (1º ed). Hogrefe.
- Mihura, J. L., Meyer, G. J., Dumitrascu, N., & Bombel, G. (2013). The validity of individual Rorschach variables: Systematic reviews and meta-analyses of the comprehensive system. *Psychological Bulletin*, 139(3), 548–605. <https://doi.org/10.1037/a0029406>
- Muzio, E. (2004). Le Rorschach Système Intégré en Neuropsychologie: Articulation du cognitif et de l'affectif. *Psychologie Française*, 49(1), 33–49. <https://doi.org/10.1016/j.psfr.2003.11.003>

- Pessotto, F., & Primi, R. (2018). Evidências de validade convergente para o teste de Wartegg. *Psico*, 49(1), 73. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.1.26935>
- Pianowski, G., Meyer, G. J., de Villemor-Amaral, A. E., Zuanazzi, A. C., & do Nascimento, R. S. G. F. (2019). Does the Rorschach Performance Assessment System (R-PAS) Differ from the Comprehensive System (CS) on Variables Relevant to Interpretation? *Journal of Personality Assessment*, 0(0), 1–16. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1677678>
- Pianowski, G., Meyer, G. J., & Villemor-Amaral, A. E. de. (2016). The Impact of R-Optimized Administration Modeling Procedures on Brazilian Normative Reference Values for Rorschach Scores. *Journal of Personality Assessment*, 98(4), 408–418. <https://doi.org/10.1080/00223891.2016.1148701>
- Porcelli, P., & Meyer, G. J. (2002). Construct validity of rorschach variables for alexithymia. *Psychosomatics*, 43(5), 360–369. <https://doi.org/10.1176/appi.psy.43.5.360>
- R Core Team. (2020). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.
- Rovinski, S. L. R., Schneider, A. M. de A., Pariz, J., Santos, Á. Z., & Bandeira, D. R. (2018). Respostas de agressividade no Rorschach (R-PAS) de homens autores de violência conjugal. *Revista Avaliação Psicológica*, 17(2), 199–204. <https://doi.org/10.15689/ap.2018.1702.13998.05>
- RStudio Team. (2020). *RStudio: Integrated Development for R*. RStudio, PBC, Boston, MA.
- Suchy, Y. (2011). *Clinical neuropsychology of emotion*. Guilford Press.
- Vieira, P. G., & Villemor-Amaral, A. E. (2015). Evidence of validity of Rorschach Performance Assessment System in the diagnosis of schizophrenia. *Revista Avaliação Psicológica*, 14(1), 53–62. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1401.06>

Método de Rorschach e trauma psicológico

Liliane Cardoso Ribeiro

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ana Beatriz Peixoto Bargui

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Lucila Moraes Cardoso

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo: O trauma psicológico é compreendido como a exposição a algum evento que ocasione reações de estresse físico e emocional, e que afete as dimensões social, psicológica e/ou espiritual. A avaliação do trauma demanda instrumentos sensíveis à avaliação do trauma seja do ponto de vista psicométrico seja no cuidado com o respondente para não revitimizar a pessoa. Diante disso, buscou-se analisar o uso do Método de Rorschach em relação ao trauma psicológico. Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática por meio dos descritores “Rorschach and Trauma”, nas plataformas digitais PsycNet e Scielo, sem período definido, sendo incluídos artigos que abordassem o Rorschach relacionado ao trauma. A busca resultou em 37 estudos, sendo excluídos 27. Dos 10 estudos incluídos, as publicações variaram entre os anos de 1995 e 2020, sendo todos publicados na Revista Rorschachiana, com autorias diversas. O Rorschach foi relacionado ao trauma por meio da análise de suas variáveis associadas a características presentes no trauma, como a dissociação, estresse, memória traumática e/ou dificuldade de controle emocional, de defesa, de enfrentamento e de adaptação. Além disso, a utilização dos protocolos evitativos ou de conteúdos relacionados ao perigo, ameaça e vulnerabilidade forneceram informações sobre eventos traumáticos. Houve estudos de casos no contexto do luto, violência sexual e situações relacionadas a guerra. Ademais, alguns estudos apresentaram o Rorschach como ferramenta/estratégia de acesso ao evento traumático de forma segura. Assim, os estudos desta revisão evidenciaram o Rorschach como um instrumento útil à investigação do trauma, que auxilia na investigação e no tratamento, possibilitando a compreensão dos sintomas, dos sentidos dados ao evento traumático e das capacidades de enfrentamento e de defesa, bem como a possibilidade de utilização do instrumento como intervenção para acessar conteúdo traumáticos.

Palavras-chave: Rorschach; Método Projetivo; Trauma.

Introdução

O Método de Rorschach é um teste psicológico projetivo baseado no desempenho do avaliando diante de dez pranchas de manchas de tinta, com estímulos visuais traduzidos verbalmente, que serão interpretados sistematicamente como fonte de dados sobre a dinâmica de personalidade. É uma ferramenta que possibilita acessar habilidades cognitivas e processos emocionais que sustentam a forma de ser, de se comportar e de se relacionar de uma pessoa (Villemor-Amaral & Pianowski, 2019). Possui diferentes sistemas interpretativos, sendo os mais utilizados o Sistema Compreensivo de Exner e o Sistema de Avaliação por Performance no Rorschach (Kaser-Boyd, 2021).

O fato de ser um instrumento ambíguo e não estruturado faz com que o respondente comunique situações complexas sem obrigatoriamente se perceber realizando tal função, por isso fornece informações sobre processos psicológicos conscientes e inconscientes. Além disso, tratando-se de um método de avaliação da personalidade, é capaz de ser utilizado como estratégia avaliativa e compreensiva de fenômenos difíceis de serem avaliados e diagnosticados, como o trauma psicológico (Kaser-Boyd, 2021).

O trauma psicológico é mais do que uma experiência ruim, é uma experiência que ameaça a vida e a condição existencial. Vivenciar traumas ao longo da vida é comum, mas se torna patológico quando a pessoa não consegue superar a situação, e mantém-se “congelada” diante de momentos ou de contextos que podem provocar novas exposições ou memórias traumáticas, além de sofrimento emocional. Diante do evento traumático, a pessoa pode apresentar reações emocionais exageradas ou restringir tais emoções, evitando lembranças, sentimentos e experiências que se relacionem com a situação traumática (Armstrong, 2002).

É comum em pessoas traumatizadas sintomas de ansiedade, de estresse, de hipervigilância, de evitação, de dificuldade de regulação emocional, de enfrentamento e de adaptação, de revitimização do evento traumático, de alterações cognitivas, de alterações nas percepções de si e da realidade, de dissociação e de simulação, além da presença de outras comorbidades, como transtornos de humor e de personalidade (Kaser-Boyd, 2021). Apresentam, ainda, sentimentos de baixa autoestima, de culpa, de desesperança, de vergonha, de medo, de raiva, de agressividade, dentre outros. E, frequentemente, os eventos estão relacionados com violência, com acidente e/ou com morte/luto (Ehring & Ehlers, 2021).

Diante da complexidade de sintomas e do próprio contexto do trauma, o diagnóstico pode perpassar desde um estado traumático episódico, limitado a uma situação específica e de curta duração, a um Transtorno de Estresse Pós-Traumático (Complexo), que descreve um estado traumático de longa duração e de repercussão significativa na personalidade e com intenso sofrimento emocional [American Psychiatric Association (APA), 2014]. Há, ainda, a possibilidade de que comportamentos e sentimentos desenvolvidos para enfrentamento e para proteção em relação ao trauma, sejam transmitidos entre pessoas, como na relação pais e filhos. Assim, assinalando a ideia de trauma transgeracional, ou seja, pais que sofreram eventos traumáticos podem transmitir diretamente para as crianças a crença fantasiosa de que elas

vivenciaram a mesma situação traumática dos pais, como se houvesse a “transposição do trauma”. Ou indiretamente, em que os pais ensinam comportamentos advindos do trauma como parte da educação, evitando que a criança experencie algo ou a sobrecarregando de expectativas (Berant, 2002).

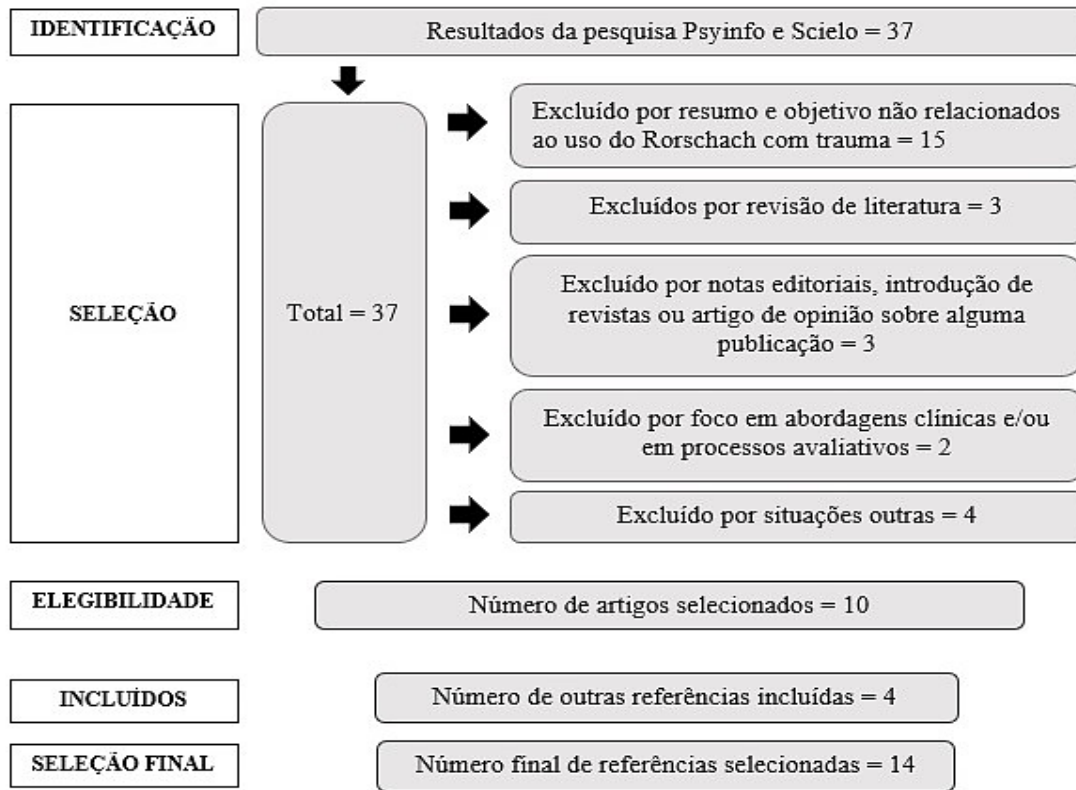
O Método de Rorschach é reconhecido com um instrumento de boa sensibilidade para a investigação dos aspectos traumáticos (Kaser-Boyd, 2021). Diante disso, buscou-se analisar o uso do Método de Rorschach em relação ao trauma psicológico, focando em abranger o diferencial do instrumento quanto à administração e à investigação da situação traumática, além dos principais contextos em que foi utilizado.

Método

Este estudo tratou-se de uma revisão sistemática (sem análise de juiz), visando averiguar a forma como o Método de Rorschach é utilizado em relação ao trauma psicológico. A busca e seleção dos artigos foram organizadas de acordo com o método PRISMA para revisão sistemática (Galvão et al., 2015). Para a busca foram utilizadas as plataformas de dados eletrônicos *Psyinfo* e *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) a partir dos descritores “Rorschach AND Trauma”. Para a seleção, foram considerados como critérios de inclusão quaisquer estudos científicos que abordassem a relação do uso do Rorschach com o trauma psicológico, independente da língua, o que resultou em 37 artigos.

Foram adotados como critérios de exclusão 1. resumo e objetivo não relacionados ao uso do Rorschach com trauma; 2. revisão de literatura; 3. notas editoriais, introdução de revistas ou artigo de opinião de publicações anteriores envolvendo o tema; 4. artigos com foco em abordagens clínicas e/ou em processos avaliativos; e 5. Situações outras, como artigo sem identificação autoral ou sem acesso ao artigo completo. Assim, após a análise foram selecionados dez artigos, além de serem incluídos quatro artigos para introdução das temáticas “trauma” e “Método de Rorschach”. No Fluxograma (Figura 1) abaixo é possível visualizar as etapas seguidas para a seleção dos artigos deste estudo.

Figura 1 - Fluxograma da Revisão Sistemática do uso do Rorschach no Trauma



Fonte: feito pelas autoras.

Resultados e Discussão

Todos os artigos selecionados foram organizados, apresentados e discutidos de acordo com os tópicos 1. Caracterização dos artigos selecionados, 2. Como o Rorschach contribui para o trabalho com o Trauma psicológico e 3. Principais contextos investigados nos estudos de casos.

1. Caracterização dos artigos selecionados

Os artigos foram organizados (Quadro 1) a partir do título, autor, ano, revista, objetivo e sistema interpretativo. Foi possível observar que houve predomínio de publicações sobre a temática Rorschach e Trauma pela Revista Rorschachiana, bem como mais números de artigos no volume 25 e no ano de 2002. Isso ocorreu por haver edições especiais da revista voltadas para uma temática única, no caso foi a edição *Special Section: Rorschach Trauma Assessment*

(Aschieri, 2002). A Rorschachiana é considerada uma das principais revistas sobre atualizações para o Método de Rorschach, possui Qualis A3, suas publicações são em inglês e o acesso é restrito para o artigo completo.

Quadro 1 - Artigos selecionados sobre Rorschach e Trauma

Título	Autores (ano)	Revista	Objetivo	Sistema Interpretativo
Rorschach variables as possible prognostic indicators in cases of serious psychic trauma.	Ros Plana (1995)	Rorschachiana, Vol 20(1)	Ilustrar o grave trauma psíquico que ocorre não como uma ação pessoal, mas passivamente, como resultado das ações de outrem.	Sistema Compreensivo
Deciphering the broken narrative of trauma: Signs of traumatic dissociation on the Rorschach.	Armstrong (2002)	Rorschachiana, Vol 25(1)	Investigar reações dissociativas ao Rorschach em uma ampla variedade de pacientes traumatizados com diferentes diagnósticos.	Sistema Compreensivo
Rorschach psychodiagnosis of psychic trauma in sexually abused children.	Gravenhor (2002)	Rorschachiana, Vol 25(1)	Comunicar como o trauma e o dano psicológico são expressos através do psicodiagnóstico do Rorschach de crianças investigadas por abuso sexual.	Escola Argentina de Rorschach
Rorschach trauma assessment of survivors of torture and state violence.	Ephraim (2002)	Rorschachiana, Vol 25(1)	Apresentar uma abordagem clínica com base conceitual para avaliação do trauma no Rorschach em adultos extremamente traumatizados.	Sistema Compreensivo
Transgenerational transmission of trauma in children of Holocaust survivors: A case study.	Berant (2002)	Rorschachiana, Vol 25(1)	Lançar luz sobre o conhecimento do Holocausto revelado pelo Rorschach, manifestado através de dois tipos de transmissão transgeracional de traumas.	Sistema Compreensivo
Use of the Rorschach in the assessment of war-related stress in military personnel.	Sloan, et al. (2002)	Rorschachiana, Vol 25(1)	Explorar a compreensão do trauma pelo Rorschach relacionado a sobreviventes de guerra.	Sistema Compreensivo
Family violence, immigration law, and the Rorschach.	Evans III (2004)	Rorschachiana, Vol 26(1)	Apresentar o caso de uma mulher nascida no Paquistão cujo marido médico solicitou a permanência nos	Sistema Compreensivo

Título	Autores (ano)	Revista	Objetivo	Sistema Interpretativo
			Estados Unidos devido às extremas dificuldades psicológicas que uma separação lhe causaria.	
Evaluation of an EMDR treatment outcome using the Rorschach, the TAT, and the IES-R: A case study of a human-caused trauma survivor.	Inoue (2009)	Rorschachiana, Vol 30(2)	Compreender melhor o resultado do tratamento através da terapia de trauma de dessensibilização e reprocessamento de movimentos oculares (EMDR).	Sistema Compreensivo
Police trauma and Rorschach indicators: An exploratory study.	Pavšič Mrevlje (2018)	Rorschachiana, Vol 39(1)	Focar na sintomatologia pós-traumática entre investigadores da cena do crime (CSIs) e explorar sua relação com o funcionamento de sua personalidade, conforme medido pelo Rorschach.	Sistema Compreensivo
The Rorschach as a window into past traumas during therapeutic assessment.	Villemor-Amaral & Finn (2020)	Rorschachiana, Vol 41(2)	Discutir o uso do Rorschach para auxiliar clientes a relatarem e discutirem eventos traumáticos passados que não foram resolvidos anteriormente.	Sistema de Avaliação por Performance no Rorschach

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quanto aos autores, chamou a atenção Judith G. Armstrong, quem participou do desenvolvimento de um índice de medida no Rorschach (Sistema Compreensivo) para avaliar o conteúdo traumático, além de ser uma das primeiras pesquisadoras a evidenciar um tipo de protocolo específico para o trauma, nomeados como bifásico (Kaser-Boyd, 2021). Além disso, há a presença da autora brasileira Anna Elisa Villemor-Amaral, quem se destaca na pesquisa com o Rorschach e outros métodos projetivos no Brasil. Ela é autora do “Teste de Zulliger no Sistema Compreensivo” (Villemor-Amaral & Primi, 2020) e “Pfister: as pirâmides coloridas de Pfister” (Villemor-Amaral, 2017).

Quanto ao foco de estudo dos artigos, observou-se a predominância de contextos relacionados a violência, como abuso sexual, tortura, Holocausto, sobreviventes de guerra, investigadores forenses e violência doméstica. Essas temáticas exploraram a sintomatologia e

a repercussão do trauma por meio do Rorschach, considerando critérios de classificação para o trauma, a dissociação, os métodos de evolução/tratamento/intervenção/prevenção para o trauma e a possibilidade de transmissão do trauma.

Quanto ao sistema de interpretação mais utilizado nos estudos, notou-se o uso interpretativo do Rorschach pelo Sistema Compreensivo de Exner, que organiza os dados obtidos em categorias perceptivas e projetivas de forma integrada, avaliando os elementos idiográficos e nomotéticos da personalidade (Exner, 1999). Ademais, o Sistema de Avaliação por Performance no Rorschach (R-PAS) foi utilizado para a interpretação do teste no artigo de autoria de Villemor-Amaral e Finn (2020), sendo o estudo mais recente desta presente revisão. O R-PAS foi introduzido em 2011, e já conta com pesquisas utilizando as variáveis dele para avaliar o trauma (Kaser-Boyd, 2021).

2. Como o Rorschach contribui para o trabalho com o Trauma psicológico

O contato com o Rorschach, enquanto cartões e respostas, pode possibilitar a compreensão tanto do evento traumático quanto da natureza de recursos que a pessoa possui para lidar com situações extremas. Além disso, é possível que as respostas expressem não o momento em si do evento traumático, mas o terreno fértil que já existia na ocorrência do trauma, assim apresentando a dificuldade de “superar” a situação traumática mesmo quando há recursos pessoais para isso. Por isso, ao manejar o Rorschach, é importante não apenas avaliar as variáveis interpretativas mais relacionadas ao conteúdo traumático, mas a relação de cada conteúdo e das representações dadas nas respostas, bem como atenção aos recursos positivos e saudáveis apresentados pela pessoa (Ros Plana, 1995).

Mesmo quando há a possibilidade de um protocolo do Rorschach não ser interpretado, por exemplo, por número insuficiente de respostas (Gravenhorst, 2002) ou mesmo a não conclusão da aplicação padronizada (Villemor-Amaral & Finn, 2020), o Rorschach pode ser útil para análise qualitativa das respostas fornecidas. As manchas de tinta podem atuar como “gatilhos para o trauma” de forma segura, já que são ambíguas e estimulam a percepção do respondente, propiciando respostas relacionadas a memórias intrusivas e angustiantes. Desse modo, por meio das respostas, os conteúdos relacionados ao contexto do trauma, como danos

psíquicos, ego fragilizado e pouca percepção da realidade podem sugerir a ocorrência da vivência traumática (Gravenhorst, 2002).

Uma explicação para esses possíveis “gatilhos para o trauma”, é que as pranchas do Rorschach podem estimular a amígdala e o lobo temporal do cérebro, onde se acredita que as memórias autobiográficas são armazenadas. Isto significa que o teste de Rorschach possibilita o acesso a memórias e a emoções traumáticas que podem nunca terem sido “registradas” na consciência ou que há muito tempo não eram recordadas (Villemor-Amaral & Finn, 2020).

A partir do Rorschach é possível avaliar diferentes situações, comorbidades e complexidades relacionadas ao trauma, por exemplo, o trauma complexo que transcende ao diagnóstico de estresse pós-traumático e/ou a presença de outros transtornos psiquiátricos. Pelo Rorschach, pode-se avaliar sintomas de somatização, de dissociação e de outras comorbidades frequentemente presentes no contexto do trauma, como a depressão, ansiedade e transtorno de personalidade, enfatizando a diferenciação entre esses sintomas e os transtornos propriamente ditos. Isto significa dizer, que a depressão observada no contexto traumático não deve ser confundida com a presença do Transtorno Depressivo. Ademais, o Rorschach é um instrumento que permite identificar alterações nos aspectos da personalidade, de psicopatias e de vulnerabilidade para a ocorrência e/ou vivência de crises emocionais, como crises de suicídio (Efraim, 2002).

Por seu manejo ser menos diretivo e mais ambíguo, o Rorschach contorna a situação de evitação e proteção presentes em pessoas traumatizadas, além de a própria experiência com o Rorschach gerar dados idiográficos, permitindo que “sintomas ganhem vida” (Efraim, 2002, pp.2, tradução própria) mesmo após dez anos do ocorrido. Ademais, outra característica importante quanto ao Rorschach e ao trauma é a presença de protocolos ditos bifásicos, ou seja, protocolos que tem a presença tanto de conteúdos repletos da experiência traumática, como de uma restrição/retraimento nas respostas (Efraim, 2002).

Para uma melhor compreensão do trauma e de sua sintomatologia, é importante uma análise sequencial no Rorschach, isto é, considerar o conjunto de informações quanto às características estruturais, temáticas e de comportamento obtidas pelas respostas do Rorschach. Logo, é necessário realizar uma análise do conjunto de dados como um todo, e não apenas as categorias relacionadas ao trauma (Efraim, 2002). Por exemplo, a exposição a eventos

traumáticos, como mortes e corpos degradados pode ocasionar impactos no comportamento e no pensamento. Por meio da análise dos protocolos do Rorschach, é possível observar que muitos investigadores forenses apresentam um estilo proeminente de evitação, além de perceberem a realidade de maneira alterada. Eles tendem a ignorar, negar ou simplificar a complexidade das situações que vivenciam, e apresentam dificuldades de se adaptarem a novas situações ou modularem emoções (Pavšič Mrevlje, 2018).

Por meio do Rorschach, pode-se avaliar também o desempenho cognitivo alterado pela vivência traumática, como a presença de distúrbios de pensamento presentes no trauma, que não devem ser interpretados como estado psicótico. Além de poder analisar os processos emocionais, muito dos quais, frequentemente, não estão disponíveis para a percepção consciente, sendo poucos reconhecidos e/ou compreendidos pela pessoa. Ademais, considerando o estado traumático, o Rorschach é útil para a detecção do nível de estresse vivenciado ao longo do tempo, podendo ser reaplicado com intervalos de 3 a 5 meses. O que atesta a sua sensibilidade quanto à identificação de variáveis relacionadas ao trauma independente do tempo aplicação do instrumento (Sloan et al., 2002).

Nessa perspectiva de ser reutilizado em intervalos curtos, o Rorschach pode ajudar a investigar a eficácia de tratamentos para o Trauma, como a terapia EMDR, que consiste em uma dessensibilização e reprocessamento oculares para superação de eventos traumáticos. Pelo teste-reteste, o Rorschach possibilitou observar mudanças no tratamento, com destaque para o Índice de Hiper Vigilância, que mudou de positivo para negativo, confirmando a sensibilidade às variáveis relacionadas ao trauma e a possibilidade de reaplicação após um intervalo de tempo (Inoue, 2009).

Diante desse contexto do trauma, em que é preciso ter dados objetivos de aspectos da personalidade, vulnerabilidade emocional e de risco de suicídio, o Rorschach tem sido uma ferramenta muito utilizada para tomadas de decisões judiciais em casos de violência, por exemplo. Por sua sensibilidade para acessar o conteúdo traumático, mesmo quando realizada uma entrevista e a aplicação de outros testes psicológicos em um processo jurídico, os resultados evidenciados pelo Rorschach têm se apresentado mais completos e informativos. (Evans III, 2004).

O Rorschach ainda consegue ser um instrumento sensível a análise da desintegração da experiência (dissociação¹⁵), pois atua contra essa forte tendência de dissociar presente em pessoas traumatizadas. A tarefa do Rorschach obriga (indiretamente e ambigualmente) a pessoa a mergulhar de forma segura em seus conteúdos inconscientes, exatamente o conteúdo que o ato de dissociar ajuda a evitar. O Rorschach provoca sensações sensoriais e emocionais que requer a tradução para o verbal (durante a aplicação do teste e no inquérito pós-teste), estimulando a pessoa para uma experiência mais direta e segura (Armstrong, 2002).

Diante dessa questão da sensibilidade do Rorschach, tem-se que o instrumento pode revelar conteúdos traumáticos que possam ser transmitidos diretamente entre pais e filhos, sendo os principais conteúdos citados relacionados à depressão, à tristeza, à vitimização, à agressão e à morbidez. E indiretamente, esses conteúdos podem ser observados como um “estilo de percepção de sobrevivente”, em que os filhos adotam formas de existir e de se relacionar como se eles próprios fossem sobreviventes do evento traumático, por exemplo, temendo ter sentimentos positivos que possam ser destruídos por algum desastre, sendo que nunca vivenciaram tal situação em suas vidas, mas se espelhando na experiência dos pais (Berant, 2002).

No Quadro 2 foi apresentado um resumo dos principais indicadores relacionados ao trauma evidenciados nos protocolos do Rorschach nos estudos de casos dos artigos selecionados para este capítulo. Os indicadores abordam perspectivas cognitiva, emocional, relacional e comportamental.

Quadro 2 - Indicadores sobre o trauma evidenciadas pelos protocolos do Rorschach

Contexto	Indicadores fornecidos pelo Rorschach associados ao trauma
Trauma por luto (Ros Plana, 1995)	Pontuação alta na Constelação do Suicídio (S-CON); presença de Depressão positiva (DEPI) e de Índices de Déficit de Coping (CDI); vulnerabilidade ao estresse (escore D negativo); pontuações especiais críticas (WSum); Combinação confabulada (FABCOM) mais conteúdos humanos e sexuais; Respostas mórbidas, abstrato e de movimento humano; não ter recurso para autonomia; dependência emocional; dificuldade de autoconhecimento e de compreender as pessoas; somatizações como forma de lidar com o sofrimento; atitudes

¹⁵ Ressalta-se que no contexto do trauma, é comum a presença de outros transtornos, o que por vezes, ocasiona dificuldade no diagnóstico. Por regra, na suspeita de um estado traumático, é considerado para diagnóstico e para tratamento que todos os sintomas sejam relacionados primeiramente ao trauma, e após a estabilidade e/ou redução da sintomatologia traumática, faz-se o diagnóstico de um transtorno subjacente (Armstrong, 2002).

Contexto	Indicadores fornecidos pelo Rorschach associados ao trauma
	de defesa e de proteção de violências não compreendidas; ter uma forma peculiar e pessoal de compreensão da realidade (X+% e Xu%); impulsividade e ambivalência emocional (respostas de cor).
Trauma por abuso sexual (Gravenhorst, 2002)	Respostas de Movimento, de Forma e de Cor; conteúdos de sangue, de agressividade ligado ao masculino, de anatomia e de sexualidade/sexo; combinação confabulada (FABCOM); rigidez defensiva, dissociação, simulação e falha na adaptação; índice de realidade diminuído; determinantes múltiplos como indicador de crise; índice de conflito aumentado; anulação da Consciência Interpretativa com autorreferências negativas; cartão VI, respostas relacionadas a experiência traumática e a sexualidade; e com respostas insuficiente para interpretação, mas que são relevantes para a compreensão do trauma.
Trauma por abuso sexual e psicológico (1) e trauma por morte/luto (2) (Villemor-Amaral & Finn, 2020)	Caso 1: funcionamento muito desorganizado, fragilidade emocional, fortes dificuldades em lidar com as emoções; FQ- e WD- muito elevados; respostas Populares; respostas de movimento e de cor; tendência a evitar situações emocionalmente excitantes; e conteúdo relacionado a anatomia. Caso 2: conteúdo traumático nas pranchas II, III, VIII e IX (como duas pessoas brigando na II ou uma explosão com tudo destruído ao redor na IX). Na prancha X, relatou ter encontrado o pai morto após ter atirado nele mesmo. Elementos dissociativos e muito choro. Não concluiu a aplicação.
Trauma por tortura (Efraim, 2002)	Excesso de Forma pura (constrição); conteúdos sobre animais, anatomia, raio X, humano, agressivo e mórbido; dificuldade de enfrentamento; opinião muito baixa sobre si mesmo; ver-se como pessoa fraca, frágil e indefesa; dissociação, somatização e desregulação afetiva; estimula as lembranças/memórias intrusivas; possibilita amenizar os relatos do evento traumático; documenta como a situação traumática modifica a capacidade de perceber a realidade de forma objetiva, lógica e real; contorna a evitação e o retraimento emocional; apresenta mecanismos de defesa; e Análise Sequencial do protocolo.
Trauma por guerra (estresse traumático) (Sloan et al., 2002)	Acesso a constrição emocional, hipervigilância e pensamentos/memória intrusivo; variações do nível de estresse ao longo do tempo; alto movimento inanimado, sombreamento difuso, afeto constrito/evitação de afeto, afeto não-modulado, PER, conteúdo agressivo ou mórbido, distância interpessoal/hipervigilância; protocolos cortados; conteúdo relacionado a combate; e instabilidade emocional.
Trauma por transmissão transgeracional (Berant, 2002)	WSum alto, COMFAB, Rigidez Defensiva, Movimento Humano feito por animais, conteúdo com cor, Blends, combinação entre Textura e Cor pura; conteúdos tabus ou proibidos associados a animais ou a figuras fantásticas; conteúdos relacionados à depressão, à tristeza, à vítimas, à agressão, à arrependimento, à culpa, ao remorso e à morbidez; enfrentamento fragilizado e evitamento emocional; medo de desastres; demasiadas associações com o esforço de camuflar ansiedade, depressão e agressividade; distúrbios do pensamento com dificuldade de compreensão de limites do que é externo e interno; simbiose entre pais e filhos; identificação com a vítima adotando aspectos comportamentais de vulnerabilidade e de fragilidade; dependência emocional;

Contexto	Indicadores fornecidos pelo Rorschach associados ao trauma
	compreendem o mundo de forma não-convencional; estresse e instabilidade emocional; tendência a atribuir conotações boas e ruins às experiências; dificuldade de compreender o que sente; autocrítica crônica e deficiente; necessidade de se justificar e de provar que está correta; e tendência a racionalizar e distanciar-se em situações de violência.
Trauma por assédio moral e por acidente de trânsito (dissociação) (Armstrong, 2002)	Respostas Forma pura e de dimensionalidade, humano inteiro e evitação de cores, movimento humano e inanimado elevado, conteúdos mórbidos e agressivos; conteúdos de anatomia, PER, Blends, INCOM, FABCOM, baixo X+%, rigidez defensiva; restrição ou evitação de afeto; identificação de outros transtornos presente no contexto do trauma (ansiedade, depressão, borderline e processos psicóticos); Índice de Conteúdo Traumático (respostas sobre sexo, sangue, anatomia, morbidez e agressividade); e utiliza a Lista de Verificação de Comportamentos Dissociativo III-A (reduzida).
Trauma por exposição à morte e violência (Pavšič Mrevlje, 2018)	Estilo proeminente de evitação, tanto para gatilhos internos quanto externos; traço de personalidade mais esquivo; O índice de realidade é menor que o convencional; compreensão menos apropriada do seu mundo interno e externo, percebendo o comportamento de outras pessoas, seus arredores e elas mesmas de forma incorreta. Mediação não convencional ou ainda disfuncional; evitação cognitiva; e problemas de percepção induzidos traumáticamente e percepção da realidade moderadamente prejudicada.
Trauma por violência física, psicológica e abandono (Evans III, 2004)	Dificuldades com percepção da realidade; imprecisa interpretação do mundo ao seu redor; muito vulnerável a experiências depressivas; emocionalmente imatura; apegada e dependente, recorrendo a outras pessoas como suporte emocional; alta vulnerabilidade a dissociação, utilizando padrões não eficientes para lidar com o estresse; pontuação positiva na Constelação de Suicídio (S-CON), concluindo ser um indivíduo psicologicamente vulnerável e com alto risco de suicídio.
Trauma por violência doméstica (Inoue, N. 2009)	Tipo introvertido, o índice de hiper vigilância mudou de positivo para negativo após o tratamento, pois a soma de textura aumentou de zero para um. A mudança de enxergar a face de um animal de Qualidade Formal (FQ-) para dois animais inteiros, envolvendo movimento humano cooperativo sugere a transição dela de perceber os outros como ameaça para uma crescente disposição a cooperar com os outros. Após o tratamento, o nível 2 de Combinação Confabulada também desapareceu.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Em síntese, quanto aos indicadores, o Rorschach é considerado um instrumento de avaliação e de estratégia para o trauma por possibilitar identificar vários critérios diagnósticos, bem como a relação do contexto existencial da pessoa traumatizada, sendo possível investigar conteúdos traumáticos. Porém, ressalta-se que o trauma pode ser uma experiência intensa e, geralmente, duradoura, suas consequências perduram e modificam a forma existencial de uma

pessoa (Armstrong, 2002; Ehrling & Ehlers, 2021), sendo impossível para qualquer instrumento avaliar algo que ocorreu há um longo período de anos. Desse modo, as informações reveladas por meio do Método de Rorschach se referem ao que está presente no momento avaliado. Quanto aos contextos investigados nos estudos de casos apresentados no Quadro 2, eles serão mais bem discutidos no tópico a seguir.

3. Principais contextos investigados nos estudos de casos

Ros Plana (1995) utilizou o Rorschach como uma ferramenta de análise e de estratégia de tratamento para o luto de quatro mulheres que perderam as mães por suicídio. Eram mulheres que não conseguiam ter melhoras ditas positivas nos tratamentos psicológicos e psiquiátricos devido ao intenso trauma psíquico que vivenciavam, e que impactava nas suas formas de se relacionar, já que havia o receio de sofrer novas perdas. O Rorschach serviu para avaliar os mecanismos desadaptativos, como apego emocional e medo da perda, e para gerar estratégias para que essas mulheres desenvolvessem mecanismos mais saudáveis diante do sofrimento. As informações sobre a dinâmica de personalidade dessas mulheres relacionado ao trauma psíquico possibilitou o avanço no tratamento psicoterápico (Ros Plana, 1995).

Outra experiência traumática é vivenciar violência, como o abuso sexual, principalmente quando ocorre na infância/adolescência, em que há o maior desenvolvimento da personalidade de uma pessoa. Nessa situação, a utilização do Rorschach se configurou como uma estratégia segura para evidenciar e ocasionar “gatilhos traumáticos”, desde o contato com o instrumento à interpretação do mesmo, em que a pessoa aborda o conteúdo traumático, muitas vezes, de forma indireta. Além disso, o Rorschach forneceu dados qualitativos e quantitativos sobre fatores associados ao trauma (Gravenhorst, 2002).

O Rorschach também foi utilizado para detectar outras sintomatologias relacionadas ao trauma por violência, bem como a eficácia de tratamentos para o trauma quanto à violência doméstica. Diante da terapia de Dessensibilização e Reprocessamento através do Movimento dos Olhos (EMDR), o Rorschach foi aplicado antes e depois da utilização da técnica, apontando alterações em diversas variáveis, servindo assim de validade para as mudanças possibilitadas pelo tratamento EMDR (Inoue, 2009).

Outro tipo de violência em que foi utilizada a avaliação pelo Rorschach, foi a psicológica, enquanto consequência pelo ato de tortura em refugiados políticos. A tortura é um ato de violência psicológica e física em que há a intenção de provocar dor e sofrimento físico e mental para a obtenção de informações e/ou confissões, bem como é um ato utilizado ainda para punir e/ou intimidar outras pessoas. Diante desse contexto, o Rorschach pôde servir de apoio quanto a informações importantes para o tratamento psicoterapêutico, evidenciando se há sintomas relacionado ao trauma, a veracidade do relato, como a personalidade foi alterada pelo estado traumático, entre outras informações (Efrain, 2002).

O estresse é um dos principais sintomas associado ao estado traumático. Pessoas que foram expostas à guerra tendem a apresentar sintomas de estresse traumático desde níveis e intensidades diferentes a depender do grau de exposição. O estresse traumático quando analisado pode ser percebido como mais intenso no início, e com o passar do tempo, se tornar menos intenso ou mais estável, dificultando sua identificação. O Rorschach possibilita averiguar os níveis de estresse ao longo dos meses/anos, podendo ser utilizado mais de uma vez como forma de acompanhamento e evolução do estado emocional (Sloan et al., 2002).

Outros atos e experiências de guerra deixam marcas traumáticas mesmo em pessoas que não vivenciaram a situação diretamente, por exemplo, o trauma transgeracional vivenciado por filhos de sobreviventes do Holocausto (situação histórica do genocídio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial). Pelo Rorschach, é possível identificar desde aspectos da personalidade transmitidos tanto diretamente, como indiretamente pelos pais aos filhos, podendo os protocolos possibilitarem a compreensão do processo histórico e evolutivo do trauma entre gerações (Berant, 2002).

Diante dos principais diagnósticos para o trauma, tem-se o Transtorno dissociativo que é um dos principais fatores associado ao trauma, mesmo que muitas vezes, tenda a ser considerado como diagnóstico isolado e não como sintoma e consequência do trauma. Nesse sentido, o Rorschach torna-se, mais do que um teste psicológico, mas uma estratégia de evocação e de contato para a dissociação, sendo enfatizada a realização de uma análise sequencial dos indicadores do instrumento. Dessa forma, o Rorschach pode melhor traduzir as reações dissociativas em pessoas traumatizadas, evitando o equívoco no diagnóstico (Armstrong, 2002).

Há, ainda, a capacidade de se acessar conteúdos traumáticos de forma segura através do Rorschach, seja direta ou indiretamente, como apontado por Villemor-Amaral e Finn (2020). Os pesquisadores realizaram a aplicação do teste com pacientes que haviam passado por situações traumáticas há um considerável período de anos, e essas memórias vieram à tona durante a administração do teste de forma muito intensa, o que mostrou que sua ambiguidade e pouca estruturação possibilitaram recuperar eventos inconscientes. Além disso, os autores enfatizaram a necessidade de saber manejar o instrumento, bem como a importância de um bom vínculo terapêutico para lidar com essas situações catárticas (Villemor-Amaral & Finn, 2020).

Há a defesa de que o Rorschach passe a fazer parte da avaliação de futuros policiais. Por não haver “respostas certas” ou uma orientação clara, a pessoa se expressa genuinamente, o que seria uma vantagem sobre inventários de autorrelato, por exemplo, nos quais a pessoa pode tentar impressionar de alguma forma. Logo, a popularização do Rorschach e a ampliação do seu uso na Psicologia Forense são importantes para a área (Pavšič Mrevlje, 2018). Além disso, o Rorschach pode ser uma ferramenta valiosa no contexto jurídico, auxiliando na tomada de decisões pela Corte (Evans III, 2004).

Entende-se, portanto, que o Rorschach, usado em conjunto com outras estratégias de avaliação, é uma ferramenta que pode ser utilizada em diferentes contextos, conseguindo acessar direta ou indiretamente conteúdos traumáticos e a forma como o indivíduo lida com eles. Trata-se de um recurso que pode ser extremamente útil para compreender melhor pacientes na clínica, respaldar sujeitos em contexto jurídico ou mesmo contribuir para um diagnóstico diferenciado em situações de violência.

Considerações Finais

O trauma psicológico é uma experiência que ocasiona sofrimento emocional, pode ser episódico ou duradouro, e apresentar-se de diferentes formas, frequência e intensidade. Os principais contextos observados são relacionados a vivenciar violências em algum momento da vida. O Método de Rorschach se apresentou como um instrumento sensível e de atuação abrangente na avaliação e na estratégia de tratamento quanto ao trauma, conseguindo identificar aspectos específicos e profundos relacionados a situações traumáticas, por vezes, depois de anos do ocorrido, bem como no acompanhamento da evolução sintomatológica. Foi interessante observar o quanto o conjunto de dados e de variáveis do Rorschach forneceram informações

sobre diferentes aspectos do trauma a depender do contexto, o que reafirma a capacidade idiográfica e nomotética do instrumento.

Neste estudo, chama a atenção não haver estudos brasileiros com o Rorschach no tratamento do trauma, bem como estudos abordando mais diretamente a forma de tratamento que pode ser utilizada a partir do Rorschach. Além disso, como limitação, esbarramos na impossibilidade de acesso para alguns estudos que tiveram que ser excluídos desta revisão. Assim, o estudo cumpriu com o seu objetivo de analisar o uso do Método de Rorschach em relação ao trauma psicológico.

Referências

- APA [American Psychiatric Association] (2014). *Manual diagnóstico estatístico de transtornos mentais – DSM-5*. 5ed. Porto Alegre: Artmed.
- Armstrong, J. G. (2002). Deciphering the broken narrative of trauma: signs of traumatic dissociation on the Rorschach. *Rorschachiana*, 25(1), pp. 11-27. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1027/1192-5604.25.1.11>.
- Aschieri, F. (2002). Special Section: Rorschach Trauma Assessment. *Rorschachiana*, 25(1). <https://www.hogrefe.com/us/journal/rorschachiana>.
- Berant, E. (2002). Transgenerational transmission of trauma in children of holocaust survivors: a case study. *Rorschachiana*, 25(1), pp. 28-57. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1027/1192-5604.25.1.28>.
- Ehring, T. & Ehlers, A. (2021). *Como lidar com trauma e transtorno de estresse pós-traumático: guia prático para pacientes e familiares*. São Paulo: Hogrefe.
- Ephraim, D. (2002). Rorschach Trauma Assessment of survivors of torture and state violence. *Rorschachiana*, 25(1), pp. 58-76. <https://doi.org/10.1027/1192-5604.25.1.58>.
- Evans III, F. B. (2004). Family violence, immigration law, and the Rorschach. *Rorschachiana*, 26(1), pp. 147-157. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1027/1192-5604.26.1.147>.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de Classificação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Galvão, T. F. et al. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiol. Serv. Saúde*, 24(2), pp.335-342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>.
- Gravenhorst, M. C. (2002). Rorschach Psychodiagnosis of psychic trauma in sexually abused children. *Rorschachiana*, 25(1), pp. 77-86. <https://doi.org/10.1027/1192-5604.25.1.77>.
- Inoue, N. (2009). Evaluation of an EMDR treatment outcome using the Rorschach, the TAT, and the IES-R a case study of a human-caused trauma survivor. *Rorschachiana*, 30(2), pp. 180–218. <https://doi.org/10.1027/1192-5604.30.2.180>.
- Kaser-Boyd, N. (2021). The Rorschach and Trauma – An Update. *Rorschachiana*, 42(2), pp.118-138. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000133>.
- Pavšič Mrevlje, T. (2018). Police trauma and Rorschach indicators: An exploratory study. *Rorschachiana*, 39(1), pp. 1–19. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000097>.
- Ros Plana, M. (1995). Rorschach variables as possible prognostic indicators in cases of serious psychic trauma. *Rorschachiana*, 20(1), pp. 27-48. <https://doi.org/10.1027/1192-5604.20.1.27>.
- Sloan, P. et al. (2002). Use of the Rorschach in the assessment off war-related stress in military personnel. *Rorschachiana*, 25(1), pp. 86-122. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1027/1192-5604.25.1.86>.
- Villemor-Amaral, A. E. de & Pianowski, G. (2019). O teste de Rorschach e a personalidade em ação. In Baptista, M. N. et al. (org.). (2019). *Compêndio de Avaliação Psicológica*. Pétropolis: Vozes.
- Villemor-Amaral, A. E. de & Primi, R. (2020). *ZSC – teste de Zulliger no Sistema Compreensivo: forma individual*. São Paulo: Hogrefe.
- Villemor-Amaral, A. E. de (2017). *Pfister: As pirâmides coloridas de Pfister*. 5ed. São Paulo: Hogrefe.
- Villemor-Amaral, A. E. de, & Finn, S. E. (2020). The Rorschach as a window into past traumas during therapeutic assessment. *Rorschachiana*, 41(2), pp. 93–106. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000125>.

Avaliação da dinâmica afetiva em indivíduos com bruxismo avaliados por meio do Método de Rorschach

Pedro Henrique Mendrot Monteiro

Universidade de Taubaté (UNITAU)

Armando Rocha Junior

Universidade de Taubaté (UNITAU)

Paulo Francisco de Castro

Universidade de Taubaté (UNITAU)

Resumo: Atualmente, entende-se que os diferentes quadros psicossomáticos afetam os diversos sistemas do organismo humano (cardiovascular, respiratório, digestivo, endócrino, ginecológico, cutâneo, locomotor e neuromuscular, por exemplo) e podem gerar diversas formas de alterações e perturbações funcionais que impactam na constituição psicológica dos indivíduos. Pode-se considerar o bruxismo como um desses quadros psicossomáticos com destaque, uma vez que pode ser identificado em número expressivo dos indivíduos. Entende-se como bruxismo o hábito mórbido de ranger e apertar os dentes, o quadro apresenta causas multifatoriais, das quais os aspectos psicológicos, como a ansiedade e estresse emocional, se sobressaem segundo o posicionamento pautado nas teorias psicodinâmicas. O presente trabalho objetiva avaliar a dinâmica afetiva de indivíduos com bruxismo através do Método de Rorschach, por meio de estudo de caso. A amostra do presente estudo foi composta por dez indivíduos adultos (cinco homens e cinco mulheres) com o quadro de bruxismo diagnosticado por cirurgiões dentistas. Foi aplicada uma entrevista semiestruturada e o Teste de Rorschach de acordo com as especificações técnicas do Sistema Compreensivo. Os índices coletados foram comparados com os dados normativos da população brasileira e, nesta exposição, foram destacadas as informações da seção (ou módulo) de afeto. Em síntese, observou-se aumento da resposta de sombreado difuso - Sum Y ($n = 7$) e aumento das respostas de Cor-Sombreado - determinante de cor acompanhado de um determinante de sombreado difuso ($n = 7$). A presença aumentada desses indicadores demonstra sofrimento na esfera emocional e manifestações afetivas de ansiedade, apreensão, tensão ou inquietação. Os dados do presente trabalho estão de acordo com os pressupostos teóricos da psicossomática psicodinâmica e auxiliam no entendimento multifatorial do quadro de bruxismo, além de colaborar para uma visão biopsicossocial dos fenômenos que afetam o ser humano. Os dados referem-se ao grupo estudado e, pela pertinência do tema, outros estudos devem ser desenvolvidos.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, Psicossomática, Bruxismo.

Apoio: PIBIC – CNPq/Unitau.

Introdução

A psicossomática, termo cunhado pelo psiquiatra alemão Johann Christian Heinroth em 1818, designa um campo de estudo que se configura como um desafio conceitual e interventivo. Mello Filho (2010) entende que, após os grandes científicos do século XX no campo dos estudos sobre os processos de saúde-doença, a psicossomática surge como um campo de intersecção entre a psicanálise, a psiquiatria e os estudos sociais. Assim, se instaura uma visão interdisciplinar que encontra ressonância na atual concepção saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde: o paradigma biopsicossocial, isto é, o entendimento de que “o corpo humano é um organismo biológico, psicológico e social, ou seja, recebe informações, organiza,

armazena, gera, atribui significados e os transmite, os quais produzem, por sua vez, maneiras de se comportar” (Belloch & Olabarria, 1993 *apud* Pereira, Barros & Augusto, 2011, p.526). Nessa linha de raciocínio, a partir do desenvolvimento da Medicina Psicossomática, esse termo passou a ser entendido como um campo do saber que se propõe a investigar e atuar a partir das relações mente (psique) e corpo (somático) e das formas de sofrimento somáticas, oriundas dessa relação (Cerchiari, 2000; Melo-Filho, 2010). Assim, essa área de estudo estende sua análise para além do órgão doente, buscando compreender os fatores dinâmicos envolvidos nesse processo.

Atualmente, a comunidade científica entende que as doenças psicossomáticas afetam os diversos sistemas do organismo humano (cardiovascular, respiratório, digestivo, endócrino, ginecológico, cutâneo, locomotor e neuromuscular, por exemplo) e originam as mais variadas formas de perturbação funcionais (Fonseca, 1997). Dentre essas perturbações, o bruxismo se destaca. Definido como um hábito mórbido de ranger e apertar os dentes (Cardinal, 1958), esse quadro apresenta causas multifatoriais, das quais os aspectos psicológicos, como a ansiedade e estresse emocional, se sobressai (Cariola, 2006). Durante os últimos anos, marcados pela pandemia da COVID-19, a comunidade científica presenciou diversos indicativos do aumento desse quadro na população brasileira (Carneiro *et al.*, 2022; Puppín, 2021).

Fundamentação Teórica

Desde os primórdios da humanidade, houve a necessidade de produzir significações e formas de intervenções diante das mais variadas formas de sofrimento. Causas sobrenaturais, míticas e astrológicas embasaram as primeiras teorizações e, posteriormente, após um longo processo histórico-científico diversas perspectivas foram sendo construídas ao longo do globo (Volich, 2022). Dentre elas, o filósofo francês René Descartes (1596-1650) desenvolveu uma forma de compreensão do ser humano que, em grande parcela, está impregnado no imaginário popular e em seguimentos do campo científico. Para o autor, há uma separação categórica entre o que hoje compreende-se por mente (cogitação) e o corpo (extensão), ideias essas que “fixaram-se rapidamente no debate filosófico do século XVII, como um dualismo entre corpo e alma, e em seguida, no imaginário ocidental como herança cartesiana, associando-o a uma série de posições estranhas à doutrina do filósofo, algumas até explicitamente rejeitadas por

ele” (Levy, 2010, p. 86 *apud* Ramozzi-Chiarottino & Freire, 2013).

Influenciada pelas descobertas da psicodinâmica, a psicossomática surge com pressupostos ontológicos diferentes do cartesianismo, na medida em que compreende que a dissociação mente-corpo é uma ideia totalmente arbitrária e uma herança filosófica que pode confundir o desenvolvimento teórico e a prática interventiva (Zimmerman, 2007). Assim, os estudos psicossomáticos têm como objeto o ser humano em sua totalidade, encontrando, dessa forma, ressonância na perspectiva biopsicossocial.

Para situar esse fenômeno no campo conceitual da psicanálise é necessário estabelecer uma divisão teórica entre psicossomática, conversão histérica e a hipocondria. Fruto dos trabalhos precursores do movimento psicanalítico, o atendimento e observação de fenômenos históricos possibilitaram o desenvolvimento de muitos conceitos basilares desse campo do saber. Nas palavras de Galdi e Campos (2017) “a conversão foi descrita por Freud como um mecanismo inconsciente, presente na matriz clínica da neurose histérica, em que a pulsão ligada a uma ideia é recalçada e convertida em representantes ideativos do próprio corpo” (p.30). Assim, o sintoma corporal histérico, dotado de um valor simbólico, surge como a expressão de um conflito psíquico. Por sua vez, a hipocondria se restringe ao campo da psicose, na medida em que o corpo é colocado como um palco para a manifestação dos fenômenos paranoicos. Segundo Santos Filho (2010):

O hipocondríaco chega à análise mais raramente. É paciente dos clínicos e cirurgiões, os quais procura na busca de curar o seu câncer ou tratar as bactérias que o estão invadindo, ou operar aquele tumor cerebral que com angustiada certeza vai levá-lo à morte (...) Logo que uma lesão ou doença é descartada, outro aparelho, órgão ou sistema corporal se impõe como nova vítima de um inimigo implacável. Há uma mínima relação com a realidade (Santos Filho, 2010, p.154).

Por sua vez, a psicossomática, apesar da estreita relação com a conversão somática, apresenta, como consequência de estados e experiências afetivas, a exteriorização na forma de um adoecimento do corpo, sem que essa expressão tenha necessariamente um valor simbólico. Como exemplo, pode-se pensar em um paciente que devido à diversas intempéries da vida (como a morte de um ente querido, desemprego, separação e migração, por exemplo)

desenvolve um Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e, por conta desse estado afetivo e de suas consequentes repercussões fisiológicas, há o surgimento de uma úlcera gástrica. Em síntese, os fenômenos de somatização surgem como uma resposta à dor mental, sendo esse processo um dos mais comuns que o ser humano é capaz de produzir (Zimerman, 2007).

O Bruxismo é considerado uma desordem parafuncional e orofacial relacionada à disfunção temporomandibular (DTM). Essa patologia pode ser dividida em dois grandes grupos: a funcional, que consiste em alterações nos mecanismos de mastigação, fala e deglutição, e parafuncional, que se relaciona com os processos de apertar ou ranger os dentes (Puppin, 2021). Essa desordem pode acontecer em qualquer faixa etária e se resume no comportamento ranger e apertar, fato que, com o passar do tempo, ocasiona a desgaste anormal desses. O diagnóstico é realizado por um cirurgião dentista e os principais sintomas desse adoecimento são: “desgaste do esmalte, dentes lascados, aumento da sensibilidade dentinária, dor na face e na mandíbula, zumbido no ouvido, estalos ao abrir e fechar a boca e alterações do sono” (Puppin, 2021, p. 92).

Essa repetição crônica dessa modalidade de movimentação mandibular e suas respectivas consequências é o que caracteriza o bruxismo e oferece indícios para diferenciação entre o normal e o patológico. Em indivíduos saudáveis, os dentes ficam em contato por um período de, no máximo, 2h por dia. No mesmo período, os bruxômanos apresentam 10 horas de contato entre as estruturas dentárias (Serrata & Freitas, 2002).

De modo geral, o bruxismo é caracterizado por ser uma manifestação de cunho multifatorial. Puppin (2021) entende que nesse processo podem estar envolvidos problemas oclusais, tensão, ansiedade persistente e disfuncional, alterações no estilo de vida, disfunções neurológicas (a doença de Parkinson, por exemplo), transtornos depressivos e quadros psicóticos. Diante disso, o tratamento se dá através de intervenção multidisciplinar, sendo, a depender do caso, indicado fisioterapia, psicoterapia, controle consciente do paraclusão, terapia oclusal e terapia medicamentosa (Alves *et al.*, 2006).

No campo psicológico a psicanálise se apresenta como uma ferramenta teórica e prática que auxilia no entendimento do fenômeno. Freud (1856-1939) ao desenvolver as bases da teoria psicanalítica propôs as fases do desenvolvimento psicosssexual. Para os autores de base

psicodinâmica, a boca é a primeira zona erógena, isto é, o primeiro aparo físico que possibilita a expressão da sexualidade (no sentido freudiano do termo) e da agressividade. É através dessa estrutura que as pulsões de autoconservação e, posteriormente, por vinculação sustentada, a pulsão sexual se manifestam (Freud, 1905/2016). Dessa forma, é através da manifestação dessas pulsões que as primeiras formas de relação de objeto se estabelecem. Assim, a boca se constitui como uma estrutura que, simbolicamente, possibilita a expressão e, conseqüentemente, as formações de vínculos.

Percebe-se, portanto, que a região bucal, por constituir a primeira zona de estimulação e excitação sensorial, fonte primária de experiências de prazer, frustração e dor, ocupa um lugar privilegiado na expressão dos afetos, constituição do caráter e determinação dos hábitos de vida dos indivíduos (por exemplo, roer unha, fumar, morder objetos etc. constituem resquícios, fixações desse modo primitivo de satisfação) (Serralta & Freitas, 2002, p. 21).

Nessa linha de raciocínio, o bruxismo pode ser entendido como a expressão de ansiedade, tensão e agressividade, sendo que estas, muitas vezes, em pacientes bruxômanos, encontram-se reprimidas, sendo esse fato um dos precursores etiológicos do quadro (Puppi, 2021). Considerando a necessidade de entender a dinâmica psíquica dos indivíduos acometidos por esses quadros psicossomáticos, a análise da estrutura da personalidade, da dinâmica afetiva e áreas de conflito é precípua. Para isso, as ferramentas que possibilitam o estudo desses constructos são os Testes Projetivos, dos quais elenca-se o Teste de Rorschach (Exner, 1999).

Método

A presente pesquisa de delineamento de estudo de caso teve como objetivo principal a avaliação da dinâmica afetiva de indivíduos com diagnóstico de bruxismo. A amostra foi composta por dez colaboradores adultos (cinco homens e cinco mulheres) com diagnóstico de bruxismo realizado por cirurgião dentista. A Tabela 1 apresenta o perfil desses colaboradores.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Escolaridade
P1	Masculino	21 anos	Médio completo
P2	Feminino	23 anos	Médio completo
P3	Feminino	53 anos	Superior completo
P4	Feminino	23 anos	Médio completo
P5	Feminino	57 anos	Superior Incompleto
P6	Feminino	20 anos	Médio completo
P7	Masculino	57 anos	Superior completo
P8	Masculino	50 anos	Médio completo
P9	Masculino	22 anos	Médio completo
P10	Masculino	33 anos	Médio completo

Para a análise do constructo almejado, foi realizada uma entrevista semiestruturada e o Teste de Rorschach (SC) (Exner, 1999), renomado instrumento percepto-projetivo de avaliação da personalidade (Amaro & Hisatugo, 2019). Os protocolos foram analisados acordo com as especificações técnicas do Sistema Compreensivo (Exner, 1999) e os índices coletados foram comparados com os dados normativos da população brasileira (Nascimento, 2008).

Resultados e discussões

Quadro 1. Análise dos resultados que compõe o módulo do Afeto

Variável	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10
FC/(CF+C+Cn)	-	↑	-	↑	-	-	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$
C	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$
WSumC	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$
Sombreamento	↑	↑	↑	↑	↑	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$
SumC'/WSumC'	↑	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$
Cor-Sombream.	↑	↑	↑	↑	↑	↑	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	↑
SumY	↑	↑	↑	↑	↑	↑	$\bar{x}$	$\bar{x}$	↑	$\bar{x}$
SumV	↑	↑	$\bar{x}$	↑	$\bar{x}$	↑	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$
2AB+(Art+Ay)	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$
Afr	$\bar{x}$	↑	$\bar{x}$	$\bar{x}$	↑	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$	$\bar{x}$

O módulo de afeto demonstra como o indivíduo sente e expressa suas emoções, qual o sentido que dá às estimulações emocionais, quais os recursos que apresenta em suas manifestações e qual a interferência do afeto ao tomar suas decisões (Nascimento, 2008).

A maioria da amostra ($n = 7$) apresentou um aumento das respostas de sombreado difuso (Sum Y) e da combinação de Cor e sombreado (Cor-Sombream.). A presença aumentada desses indicadores demonstra sofrimento na esfera emocional e manifestações afetivas de ansiedade, apreensão, tensão ou inquietação (Exner; Sendín, 1999; Nascimento, 2010). Do ponto de vista qualitativo, é importante salientar que os três participantes que não apresentaram essas variáveis aumentadas, tiveram essas no limite mais elevado do desvio padrão (P75), isto é, e uma área fronteira entre o normal e aumentado. Esses dados estão de acordo com a leitura psicodinâmica do bruxismo como apresentada por Puppi (2021) e com outras pesquisas da área que serão brevemente apresentadas.

Cariola (2006) enfatiza que, tanto na origem como na manutenção do quadro de bruxismo, o stress, ansiedade e conflitos emocionais são partes constitutivas. Em sua pesquisa, a autora apontou que 63,7% da amostra de crianças com bruxismo apresentou dois ou mais indicadores de dificuldades emocionais e conflitos latentes no Desenho da Figura Humana (DFH). Na mesma linha de raciocínio, Franco (1998), em estudo de Revisão de Literatura, percebeu nas pesquisas levantadas um consenso entre o desencadeamento dos quadros de bruxismo, como a ansiedade, o estresse, a depressão, a tensão, o neuroticismo, dificuldades

de relacionamento, nervosismo e raiva.

Serralta e Freitas (2002) ao avaliarem pacientes bruxômanos através de três inventários (IDATE, BDI e S.T.A.X.I.) perceberam que essa amostra apresentou um perfil mais ansioso e depressivo que os não-bruxômanos, autoagressividade e uma necessidade de mais mecanismos de controle.

Assim como apontado por Diniz, Silva e Zuanon (2009), as informações obtidas através da avaliação psicológica corroboram para a necessidade de um tratamento multiprofissional de indivíduos bruxômanos, com ênfase para as figuras do cirurgião dentista e do psicólogo em trabalho conjunto.

Considerações finais

Os dados do presente trabalho estão de acordo com os pressupostos teóricos da psicossomática psicodinâmica e auxiliam no entendimento multifatorial do quadro de bruxismo, além de colaborar para uma visão biopsicossocial dos fenômenos que afetam o ser humano. Da mesma forma, destaca a capacidade e a relevância das técnicas projetivas na avaliação de quadros psicossomáticos. Os dados referem-se ao grupo estudado e, pela pertinência do tema, outros estudos devem ser desenvolvidos.

Referências

- Alves, R. F. R. (1998). *Relação entre os fatores psicológicos e o bruxismo*. [Monografia para conclusão do Curso de Odontologia, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas].
- Amaro, T. A. C. & Hisatugo, C. L. C. (2019). *Rorschach: O método: passado, presente e futuro*. São Paulo: Hogrefe.
- Anzieu, D. (1988). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Campus Editora.
- Cardinal, L. (1985). *Dicionário terminológico de Ciências Médicas*. Barcelona: Salvat.
- Cariola, T. C. (2006). O desenho da figura humana de crianças com bruxismo. *Boletim de Psicologia*, 56 (124), 37-52. Recuperado em 31 de março de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100004&lng=pt&tlng=pt.

- Carneiro, R.V., Montalvan, I.A., Silva, L.E.T. & Tognetti, V.M. (2023). Estudo da relação Bruxismo e Pandemia de Covid-19 – Uma revisão de literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8 (3), 808-817. DOI doi.org/10.51891/rease.v8i3.4645
- Cerchiari, E.A.N. (2000). Psicossomática um estudo histórico e epistemológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20 (4), 64–79. Recuperado em 31 de março de 2024, de <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000400008>
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. São Paulo: Vetor.
- Diniz, M.B.; Silva, R.C. & Zuanon, A.C.C. (2009). Bruxismo na infância: um sinal de alerta para odontopediatras e pediatras. *Revista Paulista de Pediatria*, 27 (3), 329–334. Recuperado em 31 de março de 2024, de <https://doi.org/10.1590/S0103-05822009000300015>.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fonseca, A.F. (1997). *Psiquiatria e psicopatologia*. (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Obras completas*. (vol. 6). (Tradução de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1905
- Galdi, M. B. & Campos, E. B. V. (2017). Modelos teóricos em psicossomática psicanalítica: uma revisão. *Temas de Psicologia*, 25 (1), 29-40. DOI <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-03Pt>.
- Mello Filho, J. (2010). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas. Nascimento, R. S. G. F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pereira, T. T. S. O.; Barros, M. N. S. & Augusto, M. C. N. A. (2011). O cuidado em saúde: o paradigma biopsicossocial e a subjetividade em foco. *Mental*, 9 (17), 523-536. Recuperado em 23 de março de 2023, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272011000200002&lng=pt&nrm=iso.

Puppin, C.F. (2021). Bruxismo em época de pandemia: um diálogo entre a odontologia e psicanálise. *Estudos Psicanalíticos*, 55, 91-95. Recuperado em 27 de março de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100009&lng=pt&nrm=iso)

[34372021000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100009&lng=pt&nrm=iso).

Ramozzi-Chiarottino, Z.R. & Freire, J. (2013). O dualismo de Descartes como princípio de sua Filosofia Natural. *Estudos Avançados*, 27 (79), 157-170. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300012>.

Serralta, F.B. & Freitas, P.R.R. (2002). Bruxismo e afetos negativos: um estudo sobre ansiedade, depressão e raiva em pacientes bruxômanos. *Jornal Brasileiro de Oclusão, ATM e Dor Orofacial*, 2 (5), 20-25. Recuperado em 08 de março de 2023, de <https://www.dtscience.com/wp-content/uploads/2015/10/Bruxismo-e-Afetos-Negativos-%C3%BC-um-Estudo-Sobre-Ansiedade-Depress%C3%A3o-e-Raiva-em-PacientesBrux%C3%B4manos.pdf>.

Santos Filho, O.C. (2010). Histeria, hipocondria e fenômeno psicossomático. In: Mello Filho, J. *Psicossomática hoje*. (2ª ed.) (pp. 153-157). Porto Alegre: Artmed.

Volich, R. M. (2022). *Psicossomática: de Hipócrates à psicanálise*. São Paulo: Blucher.

Zimmerman, D.E. (2007). *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed.

Inibição social no Zulliger (Escola de Paris) de pacientes cardíacos com personalidade tipo D

Aline Cristina Antonechen

Universidade de São Paulo (USP)

Sonia Regina Pasian

Universidade de São Paulo (USP)

Erika Tiemi Kato Okino

Universidade de São Paulo (USP)

Rose-Angelique Belot

Université de Franche-Comté (UFC)

Resumo: Síndromes Coronarianas Agudas (SCA) consistem em eventos cardíacos repentinos, ocasionando bloqueio do fluxo sanguíneo no músculo cardíaco, exigindo imediata intervenção médica e internação hospitalar, com risco de letalidade. São patologias com alta prevalência mundial, com milhares de novos casos anualmente. A literatura aponta como fatores de propensão ao adoecimento cardíaco: inibição social e percepção de solidão, caracterizando estressores psicológicos, além de hostilidade e comportamentos de risco à saúde, como tabagismo e etilismo. A inibição social e vivência de afetos negativos funcionam como marcadores da personalidade tipo D (PTD), comumente associada aos casos de cardiopatia. Diante da elevação das taxas mundiais de SCA, este trabalho objetivou identificar sinais de inibição social pelo Teste de Zulliger (Escola de Paris), de modo a contribuir na avaliação psicológica de adultos com variáveis de risco cardíaco. Foram individualmente examinados 20 pacientes hospitalizados após diagnóstico de SCA, divididos em dois grupos: G1 (n=10, pacientes com PTD); G2 (n=10, pacientes sem PTD). Os grupos não apresentaram diferenças estatísticas em relação ao sexo (cinco homens e cinco mulheres em cada grupo), idade (G1=50,70±9,25; G2=45,60±5,44 anos) e anos de estudo (G1=10,40±3,46; G2=10,50±2,55 anos), predominado escolaridade secundária. Todos foram individualmente avaliados em leito hospitalar, após estabilização clínica, respondendo a diferentes instrumentos de avaliação psicológica, incluindo Questionário Sócio-Demográfico e Clínico, Escala DS14 (avaliação da Personalidade tipo D) e Teste de Zulliger (Escola de Paris), aplicados e sistematizados conforme específicas orientações técnicas. Os dados foram analisados em termos descritivo-comparativos, considerando-se respectivos referenciais normativos. Pacientes de G1 apresentaram rebaixamento na média de respostas de conteúdo humano H (G1=0,40±0,69; G2=1,10±0,73; norma=0,9±1,0) e de sua porcentagem H% (G1=11,30±13,22; G2=21,36±11,82; esperado=13-30%), bem como de respostas de movimento humano K (G1=0,60±0,69; G2=1,2±0,78; esperado=1,1±1,0). Em contrapartida, sinalizaram aumento da média de respostas de conteúdo animal A (G1=4,30±2,49; G2=3,50±2,17; norma=3,6±2,0) e de sua porcentagem A% (G1=68,56±24,76; G2=51,45±16,72; esperado=38-63%) e de respostas formais bem vistas F+% (G1=81,54±20,49; G2=64,16±36,44; esperado=43-80%). O conjunto destes indicadores apontaram diminuição de interesse social (diminuição de H, H% e K) e dificuldades nas relações sociais (aumento de A e A% e F+%) nos pacientes com PTD, em comparação aos demais. Além disso, predominou Tipo de Ressonância íntima (TRI) coartado/coartativo (G1=8; G2=8) nos grupos de pacientes cardiopatas, apontando para bloqueio total ou parcial das manifestações afetivas e tendência à inibição. Dessa forma, o Teste de Zulliger (Escola de Paris) mostrou-se sensível para identificação de inibição social, mostrando-se clinicamente útil em processos de avaliação psicológica de adultos com histórico de risco cardíaco.

Palavras-chave: Síndrome coronariana aguda, Isolamento social, Avaliação psicológica, Métodos projetivos. Apoio: Processo 2023/04623-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Introdução

As Síndromes Coronarianas Agudas (SCA) são eventos cardíacos ocasionados por bloqueio total ou parcial de fluxo sanguíneo para o músculo cardíaco, classificadas em dois

tipos principais: Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) e Angina Instável (AI), sendo o primeiro considerado mais grave. Essas condições cardíacas são tratadas como urgência médica, sendo necessários cuidados imediatos, com alto risco de mortalidade (*American Heart Association*, 2022; Setta & Almeida Jr., 2021).

As SCAs apresentam alta incidência e prevalência em todo o mundo. Em 2019 foram registradas mundialmente 1.266.000 internações por SCA, sendo 1.248.000 por IAM e 18.000 por AI (Tsao et al., 2023). Em 2023, no Brasil, foram contabilizadas 170.470 internações por IAM, a maior parte destas entre pessoas de 60 a 69 anos ($n=54.088$; 31,7% dos casos). No entanto, mais recentemente houve significativo número de hospitalizações de adultos em menor faixa etária (30 a 59 anos), representando 35,55% ($n=60.613$) dos casos de IAM (DATASUS, 2024). Não foram encontrados registros referentes às hospitalizações por AI.

O desenvolvimento das doenças cardíacas é considerado multifatorial, influenciado por fatores genéticos, hereditários, associação com outras patologias, hábitos de vida e aspectos psicossociais. Este último componente é considerado como fundamental para a saúde cardiovascular, pois pode impactar em outras áreas da organização do indivíduo, incluindo seus hábitos e qualidade de vida (Filho et al., 2019; Lloyd-Jones et al., 2022). Dentre as variáveis psicossociais frequentemente identificadas em pacientes com cardiopatia destacam-se os componentes de raiva e hostilidade, indicadores de saúde mental, vivência de estresse e a personalidade tipo D (PTD).

Esta terminologia (PTD) foi criada por Denollet et al. (1995) para descrever a prevalência de dois traços de personalidade: vivência de afetos negativos (AN) e inibição social (IS). Em 2005, este autor desenvolveu uma escala de autorrelato para mensuração deste construto, denominada *Type-D-Scale-14* – Escala DS-14 (Denollet, 2005). A DS-14 foi traduzida e validada em diversos países, encontrando resultados consistentes, principalmente em pacientes com quadros cardíacos. A tradução e validação da DS-14 para o contexto brasileiro foi realizada por Suguihura (2014), que avaliou pacientes com doenças cardiovasculares e comparou os resultados a um grupo de não pacientes, identificando bons indicadores psicométricos neste instrumento.

Em relação aos traços que compõem a PTD, a AN trata-se da vivência crônica de

emoções percebidas como negativas. De acordo com Suguihura (2014), “(...) indivíduos com alta AN vivenciam mais sentimentos de disforia, ansiedade, apreensão e irritabilidade, têm uma visão negativa de si mesmos, referem mais sintomas somáticos e têm a atenção voltada para eventos e estímulos aversivos e adversos” (p. 20). Já a IS é descrita como a tendência a inibir expressões de sentimentos, a fim de evitar rejeição e desaprovação de outras pessoas. Em consequência, o indivíduo tende a buscar menos suporte social e manter poucas relações interpessoais (Denollet et al., 1995; Suguihura, 2014). Alguns estudos recentes buscam focalizar este último componente, tendo em vista o impacto do isolamento social para o desenvolvimento e posteriores cuidados em saúde de pacientes com cardiopatia.

Uma pesquisa multicêntrica realizada na Espanha e na Holanda comparou grupos de pacientes com Insuficiência Cardíaca (IC) e resultados positivos ou não para PDT. Verificaram maior prevalência de ansiedade e depressão entre pacientes com PTD em relação aos casos que tinham apenas o diagnóstico cardíaco. Recorreram ao uso de um aparelho GPS (*Global Positioning System*) e acompanharam a rotina de pacientes com PTD, identificando menor participação social e menor frequência a diferentes lugares, restringindo oportunidades de interação social (Habibovic et al., 2020).

Outro estudo longitudinal realizado no Reino Unido investigou a relação entre desenvolvimento de IC e a percepção de solidão e isolamento social. Verificou-se prevalência de IC em indivíduos com percepção de solidão e isolamento social elevadas, independente de fatores genéticos. Os autores ressaltaram a relevância destes achados para o aumento dos quadros de adoecimento cardíaco, em especial entre adultos (30-59 anos), destacando o contexto de pandemia de COVID-19, onde o isolamento social se fez necessário e a percepção de solidão pode ter se intensificado (Liang et al., 2023).

A inibição social pode ser investigada por meio de diversos indicadores e instrumentos de avaliação psicológica, dentre as quais estão os métodos projetivos. Caracterizam-se pela apresentação de estímulos ambíguos e semiestruturados, solicitando respostas de acordo com as percepções do respondente, por meio de associação livre, levando a uma criação pessoal singular. O objetivo é que o respondente recorra a elementos do seu mundo interno para executar a tarefa, o que permite ao avaliador identificar tendências de seu modo de agir e pensar (Villemor-Amaral & Pasian, 2022). Parte-se do pressuposto de

que, para responder ao material, o indivíduo precisará recorrer a recursos internos, ligados a aspectos profundos de sua personalidade (Anzieu, 1986). Segundo Chabert (2019), esta metodologia avaliativa favorece o estudo do funcionamento psíquico em uma perspectiva psicodinâmica, considerando a articulação de componentes conscientes e inconscientes, bem como seu potencial para mudança.

Na literatura científica, é possível identificar alguns trabalhos que utilizaram métodos projetivos para avaliação de pacientes com cardiopatia (Bertran, 1996; Antonechen et al., 2022). Destaca-se o trabalho de Dritto et al. (2015), que utilizou o Método de Rorschach (Escola de Paris) para investigação de PTD em quarenta pacientes com histórico de IAM. Como resultados principais, verificaram prevalência de respostas com conteúdos Animal (A=63%), Humano (H=14%) e Anatômico (Anat=13%), bem como maior frequência de Movimento Humano (K=63%) e Movimento Animal (kan=35%) dentre os determinantes, comparativamente a padrões normativos do instrumento utilizado. Notaram aumento das respostas banais (Ban%=42%) e o tipo de ressonância íntima (TRI) mais frequente foi o introversivo. Os autores associaram o aumento de respostas anatômicas Anat a preocupações somáticas, associadas à saúde física. Já o aumento de determinantes de movimento (especialmente de kan em relação à cor) e elevado Ban% foram compreendidos como indicadores de inibição social, com necessidade de aceitação social pela estereotipia. Desta forma, o uso do Método de Rorschach permitiu a identificação dos traços característicos de PTD (Dritto et al., 2015).

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo identificar possíveis sinais de inibição social no Teste de Zulliger (Escola de Paris) de pacientes adultos com diagnóstico de SCA e PTD em comparação a pacientes sem PTD. Almeja-se verificar se este método projetivo de avaliação psicológica apresentará sensibilidade para identificar este componente, de modo a contribuir na avaliação psicológica de adultos com risco cardíaco.

Método

Contexto de pesquisa

Este trabalho retrata um recorte de pesquisa, ainda em desenvolvimento, voltada a avaliar características de personalidade de pacientes adultos hospitalizados em contexto de

urgência após diagnóstico de SCA. A investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CAAE nº 43199321.6.0000.5407), envolvendo 200 participantes, sendo 100 pacientes hospitalizados com diagnóstico de SCA e 100 voluntários sem cardiopatia prévia. Neste capítulo, serão apresentados dados de uma amostra parcial, composta por 20 pacientes com diagnóstico cardíaco.

Delineamento metodológico

O estudo possui delineamento transversal, observacional e descritivo-comparativo entre grupos, examinados a partir de instrumentos de avaliação psicológica (Cohen et al., 2014). A coleta de dados envolveu o uso de instrumentos de autorrelato e métodos projetivos, configurando uma abordagem multimétodos (Colombarolli et al., 2022).

Participantes

Esta amostra parcial está constituída por 20 pacientes adultos, de ambos os sexos, hospitalizados em urgência cardiológica após receberem diagnóstico de SCA. Os participantes foram divididos em dois grupos, sendo um grupo (G1, n=10) com PTD e o outro (G2, n=10) sem PTD. A presença ou não de PTD entre os participantes foi mensurada por meio da Escala DS-14. Para inclusão no estudo, o paciente deveria estar hospitalizado devido diagnóstico de SCA, ter idade entre 30 e 59 anos, estar consciente e orientado, o quadro clínico estar estabilizado e aceitar participar voluntariamente do estudo, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critérios de exclusão foram considerados: o paciente não estar em condições clínicas, mentais ou emocionais para responder ao protocolo avaliativo, a hospitalização ter sido motivada por outras patologias cardíacas, presença de deficiências sensoriais, não se comunicar verbalmente ou ser detento no sistema prisional.

Os grupos foram pareados em relação ao sexo (cinco homens e cinco mulheres em cada grupo) e balanceados em termos de idade (G1=50,70±9,25; G2=45,60±5,44 anos; $p=0,150$) e escolaridade (G1=10,40±3,46; G2=10,50±2,55 anos; $p=0,942$), não apresentando diferenças estatisticamente significativas nestas variáveis. Desse modo, infere-se que as

diferenças encontradas nos indicadores psicológicos poderão ser devidamente interpretadas, sem influência aparente destas variáveis sociodemográficas (grupos homogêneos).

Instrumentos

Os participantes responderam a um protocolo composto por ampla bateria de instrumentos de autorrelato e métodos projetivos de avaliação psicológica. Neste trabalho serão apresentados dados concernentes aos seguintes instrumentos:

Questionário sócio demográfico e clínico: questionário elaborado pelas pesquisadoras para investigação de dados demográficos, socioeconômicos, hábitos de vida, histórico familiar, e informações clínicas dos participantes. Para identificação do nível econômico, foi considerado o Critério de Classificação Econômica Brasil, estipulado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2022).

Escala DS-14: instrumento desenvolvido por Denollet (2005) para mensuração da PTD, constituída por 14 itens divididos em duas subescalas, referentes à vivência de afetos negativos (AN) e à inibição social (IS). As respostas são mensuradas em escala tipo *Likert*, com pontuações variando de 0 (falso) a 4 (verdadeiro). A pontuação final é calculada a partir da soma dos itens e o resultado final será considerado positivo para PTD caso a somatória da cada subescala seja maior que 10 pontos. Na tradução e validação da DS-14 para o Brasil, Suguihura (2014) encontrou valores respectivos de 0,79 e 0,76 (α de Cronbach) nas subescalas AN e IS indicando alta consistência interna, além de valores de 0,76 e 0,65 em termos de estabilidade temporal (r de Pearson), sugerindo moderada a alta estabilidade dos indicadores (boas evidências de fidedignidade).

Teste de Zulliger (Z-Teste – Escola de Paris): trata-se de um método projeto utilizado para avaliação de aspectos funcionais e estruturais da personalidade. São ofertadas ao participante três pranchas contendo manchas de tinta, seguidas da instrução: “O que isso se parece?”, a ser respondida por meio de associação livre. Após a aplicação do material, é realizado o inquérito, no qual o aplicador verifica a localização, os determinantes e conteúdos envolvidos nas respostas. A partir desta investigação, são realizadas as codificações e interpretações referentes ao material produzido. Neste trabalho, utilizou-se o sistema

avaliativo Escola de Paris, que se baseia em referencial teórico fenomenológico, psicodinâmico e psicanalítico. No Brasil, este sistema foi validado por Resende e Nascimento (2019), encontrando evidências de fidedignidade (teste-reteste) consideradas de moderada a muito alta.

Procedimentos

Após aprovação da pesquisa em Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos a coleta de dados foi iniciada. Os pacientes foram abordados em Unidade Coronariana (UCo) de um hospital de urgência de uma cidade do interior do estado de São Paulo, onde encontravam-se hospitalizados após evento cardíaco. Foram fornecidas informações sobre a pesquisa e realizado o convite para participação. Aqueles que aceitavam, deveriam preencher e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados foi realizada entre setembro de 2021 a setembro de 2023.

Durante a coleta de dados, o participante permanecia sentado em poltrona ao lado do seu leito hospitalar, devido necessidade de monitoramento físico constante. A aplicação do protocolo de avaliação psicológica ocorreu em uma sessão, com duração média de 90 minutos. Após finalização, era realizado um breve fechamento, verificando se o paciente apresentava dúvidas em relação a sua participação na pesquisa e ratificando a possibilidade de entrevista devolutiva com os principais resultados.

Análise de dados

Os resultados foram sistematizados conforme respectivo manual técnico ou artigo de validação dos instrumentos utilizados no estudo. No caso do Teste de Zulliger acrescentou-se exame de indicadores de precisão das variáveis, realizando-se análise da concordância entre juízes independentes. Desse modo, cada caso foi examinado e codificado por duas psicólogas experientes no método de Zulliger (Escola de Paris), sendo uma delas a primeira autora deste capítulo. Diante de eventuais discordâncias entre as classificações das respostas, uma terceira examinadora (segunda autora) foi consultada para desempate e codificação final, chegando-se a um consenso técnico-científico para os conteúdos projetados, fortalecendo os achados (precisão entre examinadores independentes).

Posteriormente, os dados foram sistematizados e tabulados em tabelas do *Microsoft Excel*, para realização das análises descritivas e comparativas. Foram utilizados os softwares *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS, versão 23.0) e JASP (versão 0.8.6, Universidade de Amsterdam, <https://jasp-stats.org/>). Por se tratar-se de amostra com reduzido número de participantes, utilizou-se o Teste de Mann-Whitney, considerando-se o nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$) e tamanho de efeito *Rank-Biserial Correlation* (r).

Resultados

Para composição dos grupos foi considerado o resultado obtido na Escala DS-14, que mensura a PTD. Na Tabela 1 são apresentados os resultados médios e respectiva comparação estatística das duas subescalas entre os grupos que compõe este trabalho.

Tabela 1. Resultados descritivos e comparativos entre os grupos em relação à Escala DS-14.

Subescala	G1 (n = 10)		G2 (n = 10)		Comparação estatística		
	<i>Média(DP)</i>	<i>Min/Max</i>	<i>Média(DP)</i>	<i>Min/Max</i>	<i>U</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Afetos Negativos	16,10(4,93)	10/22	8,60(7,70)	0/20	2,592	0,022	0,610
Inibição Social	11,50(2,17)	10/17	5,70(3,77)	0/11	4,213	0,002	0,810

Nota: G1 = Grupo com PDT; G2 = Grupo sem PDT; DP = Desvio-Padrão; Min = Mínimo; Max = Máximo; U = Teste de Mann-Whitney; p = nível de significância; r = *Rank-Biserial Correlation*.

Os grupos apresentaram diferenças estatisticamente significativas nas duas subescalas da DS-14. Na subescala referente à vivência de afetos negativos (AN), G1 apresentou resultado médio de $16,10 \pm 4,93$ pontos, enquanto G2 obteve média de $8,60 \pm 7,70$ pontos. Quando comparados estes grupos, observou-se diferença estatisticamente significativa e de médio tamanho de efeito. Na subescala de inibição social (IS), a diferença estatística entre os grupos foi maior e com maior efeito, com G1 manifestando resultado médio de $11,50 \pm 2,17$ pontos e G2 de $5,70 \pm 3,77$ pontos ($p=0,002$; $r=0,810$). Destaca-se que para a presença de PTD, é necessário escore maior que 10 nas duas subescalas da Escala DS-14, condição apresentada pelos participantes do G1.

Para os achados com o Teste de Zulliger foram selecionadas as principais variáveis da para análise, seguindo seu manual técnico da Escola de Paris e respectivos valores

interpretativos (Resende & Nascimento, 2019). Na Tabela 2 são apresentados os principais resultados médios obtidos por ambos os grupos e a pontuação esperada de acordo com o manual do instrumento (referencial normativo do psicograma) do Zulliger.

Tabela 2. Resultados médios no Teste de Zulliger (Escola de Paris) em função dos grupos (com ou sem PTD) e referenciais esperados.

Indicadores	G1 (com PTD, n = 10)		G2 (sem PTD, n = 10)		Referencial esperado*
	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	
R	7,50	2,59	6,80	2,57	7 a 11
TRm**	21,10	6,33	22,30	10,87	23 a 43
Banalidade%	37,06	16,32	36,89	26,44	20 a 45%
G%	27,40	14,74	18,06	12,63	9 a 25%
D%	55,24	14,98	55,55	17,04	50 a 75%
Dd%	13,13	13,41	17,21	19,19	Até 22%
Dbl%	2,22	7,02	7,50	8,98	3,9±6,3***
F%	53,71	21,57	47,47	21,39	50 a 86%
F+%	81,54	20,49	64,16	36,44	43 a 80%
F+ext%	79,05	18,45	66,11	25,10	53 a 82,2%
A%	68,56	24,76	51,45	16,72	38 a 63%
H%	11,30	13,22	21,36	11,82	13 a 30%
ΣK	0,60	0,69	1,20	0,78	1,1±1,0***
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	
TRI					
Introversivo	1	10	2	20	-
Extratensivo	1	10	-	-	-
Coartado	2	20	1	10	-
Coartativo	6	60	7	70	-
TL					
Introversivo	3	30	2	20	-

Coartado	1	10	2	20	-
Coartativo	6	60	6	60	-

Nota: G1=Grupo com PDT; G2=Grupo sem PDT; DP=Desvio-Padrão; R=número de respostas; TRm= tempo de reação médio; G%=porcentagem de respostas globais; D%=porcentagem de respostas de grande detalhe; Dd%=porcentagem de respostas de pequeno detalhe; Dbl%=porcentagem de respostas no branco; F%=porcentagem de respostas determinadas pela forma; F+%=porcentagem de respostas de forma bem vista; F+ext%=porcentagem extendida de respostas de forma bem vista; A%=porcentagem de respostas de conteúdo animal; H%=porcentagem de respostas de conteúdo humano; $\sum K$ =soma de respostas de movimento humano; TRI=Tipo de Ressonância Íntima; TL=segunda fórmula afetiva, referente às tendências latentes dos afetos.

*Análise quantitativa do psicograma descrita no manual técnico (Resende & Nascimento, 2019).

**Tempo calculado em segundos.

***Referenciais normativos descritos no manual técnico (Resende & Nascimento, 2019).

Em ambos os grupos foram encontrados resultados médios com pontos estatisticamente diferenciados do esperado no manual do Teste de Zulliger (Escola de Paris). Nos dois grupos o tempo de reação médio (TRm) foi inferior ao esperado, sinalizando rapidez no processo de reagir ao instrumento entre os participantes. Em termos de estilos de vivência afetiva (expressos pelas fórmulas afetivas TRI e TL), houve claro predomínio do tipo coartativo/coartado nos dois grupos, sugerindo inibição emocional. Ocorreram alguns casos de estilos introvertidos, com ausência quase completa de manifestações extratensivas entre os pacientes cardíacos avaliados.

Em termos de áreas destacadas pelos respondentes para localizarem suas interpretações no Teste de Zulliger, observou-se que a porcentagem de respostas globais ($G\%=27,40\pm14,74$) e de respostas formais bem vistas ($F+\%=81,54\pm20,49$) estava acima do esperado em G1, bem como superiores aos dados médios de G2. Pode-se inferir, portanto, que pacientes de G1 pareciam reagir mais à impressão geral dos cartões e da realidade apresentada, comparativamente ao padrão da população e de pacientes sem PTD.

No tocante aos conteúdos interpretados, notou-se que a porcentagem de respostas de conteúdo animal ($G1=4,30\pm2,49$; $G2=3,50\pm2,17$; norma= $3,6\pm2,0$) se mostrou maior em G1 ($A\%=68,56\pm24,76$). Em contrapartida, a porcentagem respostas de conteúdos humanos ($H\%=11,30\pm13,22$), média de conteúdos humanos ($G1=11,30\pm13,22$; $G2=21,36\pm11,82$; norma= $21,6\pm14,3$) e a somatória de determinante de movimento humano ($\sum K=0,60\pm0,69$) estiveram rebaixados neste grupo. De forma geral, assim, infere-se que pacientes de G1 sinalizaram maior apego a conteúdos socialmente estereotipados em sua forma de lidar com

a tarefa do Zulliger.

Ao tentar marcar os pontos característicos da produção de G2 (pacientes sem PTD) neste método projetivo, verificou-se aumento das respostas localizadas na parte branca dos cartões ($\text{Dbl}\% = 7,50 \pm 8,98$) e diminuição da porcentagem de respostas formalmente determinadas ($\text{F}\% = 47,47 \pm 21,39$). As respostas em Dbl podem indicar inteligência superior e que o indivíduo não se prende a regras e formalidades, porém a depender da quantidade em que são ofertadas, indicam oposicionismo diante da solicitação (Resende & Nascimento, 2019). Já a diminuição de F% pode ser interpretada como dificuldade no controle lógico. No entanto, é necessário verificar outros indicadores para adequada interpretação dos achados, como a porcentagem de respostas de forma bem vista ampliada ($\text{F+ext}\% = 66,11 \pm 25,10$), que neste grupo se mostrou dentro do esperado. Infere-se, então, que estes participantes (G2) apresentaram sinais de suficiente controle racional e emitiram respostas integradoras de vários determinantes, como cor (C, C') e movimento (K, kan, kob, kp), sinalizando algum dinamismo interno, comparativamente aos pacientes de G1.

Discussão

Este trabalho teve como objetivo verificar indicadores de inibição social (IS) em dois grupos de pacientes diagnosticados com SCA, divididos em detrimento da presença (G1) ou não (G2) de PTD. Os participantes foram examinados a partir de uma bateria de instrumentos de avaliação psicológica, numa perspectiva de multimétodos, no qual constavam a Escala DS 14 e o método projetivo Teste de Zulliger (Escola de Paris). Foram evidenciadas algumas diferenças entre os grupos, e destes em relação ao esperado na população adulta, segundo o manual técnico do instrumento (Resende & Nascimento, 2019).

Na Escala DS-14, voltada ao exame de indicadores de afetos negativos (AN) e inibição social (IS), G1 apresentou resultados médios mais elevados nas duas subescalas em comparação ao G2. Este resultado acompanhou a hipótese deste trabalho, uma vez que em G1 constam apenas pacientes com PTD que, por literatura científica prévia, teriam predominância destes traços. As médias apresentadas por G1 ($\text{AN} = 16,10 \pm 4,93$; $\text{IS} = 11,50 \pm 2,17$) são semelhantes àqueles indicadores encontrados por Suguhira (2014) em grupo de pacientes com doença cardiovascular ($\text{AN} = 14,3 \pm 6,9$; $\text{IS} = 12,2 \pm 7,1$).

Por sua vez, a contribuição do Teste de Zulliger foi enriquecedora para compreender características psicológicas dos pacientes cardíacos, visto que, em algumas variáveis, ambos os grupos apresentaram resultados diferentes da expectativa normativa em adultos. Eles constituem dois grupos clínicos, com pacientes hospitalizados devido SCA. Logo, tais particularidades podem estar associadas ao impacto do adoecimento no funcionamento psíquico, além de sua própria singularidade interna.

Nos dois grupos, o TRm foi abaixo do esperado, porém com uma diferença considerada mínima e, portanto, sem grande valor interpretativo. O predomínio de estilos de vivência afetiva (TRI e TL) coartado e coartativo em ambos os grupos sinaliza bloqueio parcial ou total de emoções e fantasias, com comportamentos mais formais e maior inibição dos afetos (Resende & Nascimento, 2019). Tais achados também foram apontados por Bertran (1995), ao realizar revisão de literatura sobre o uso do Método de Rorschach para avaliação de pacientes com cardiopatia.

Em relação à inibição social (IS), variável de interesse deste trabalho, alguns indicadores destacaram-se em G1. A porcentagem de G% acima do esperado aponta para empenho especial dos cardíacos com PTD em usar mais uma análise geral dos estímulos, podendo levar a captação superficial e defensiva da realidade. Por sua vez, a porcentagem de F+% e A% e conteúdo A (animal) aumentados podem sinalizar indícios de passividade e estereotipia, preferindo portar-se de maneira socialmente esperada, sem aprofundar relações interpessoais. Em complemento, a porcentagem H%, de conteúdo H (humano) e determinantes de grandes cinestésias (ΣK), rebaixados neste grupo, pode indicar baixo interesse nas relações sociais e no uso da sublimação e criatividade (Resende & Nascimento, 2019). Antonechen et al. (2022), utilizando o Teste de Zulliger (Escola de Paris) em estudo de caso de paciente cardíaco, também encontrou indícios de baixo interesse em contatos sociais e dificuldades de vinculação social, apontados por A% elevado e H% rebaixado.

Os indicadores encontrados neste trabalho realizado com o Teste de Zulliger tendem a se diferenciarem de alguns dos achados descritos por Dritto et al. (2015), a partir do Método de Rorschach. Apesar destas particularidades técnicas nas variáveis, a interpretação dos resultados permitiu identificar indícios de inibição social e dificuldades nas relações interpessoais por parte destes dois métodos projetivos utilizados em pacientes cardíacos.

O conjunto destes indicadores projetivos de avaliação psicológica evidenciou,

empiricamente, marcas de dificuldade dos pacientes com cardiopatia e PTD em relação aos contatos sociais. Tendo em vista o conceito de IS, vinculado à inibição de expressão afetiva, evitação da rejeição social e diminuição das relações interpessoais (Denollet et al., 1995; Suguihura, 2014), pode-se inferir que o Teste de Zulliger se mostrou tecnicamente sensível e útil para identificar sinais de particularidades na socialização em pacientes cardíacos.

Considerações finais

O método projetivo Teste de Zulliger (Escola de Paris) mostrou-se sensível para a identificação de traços de indicadores relacionados à inibição social em pacientes com cardiopatia. Ao comparar dois grupos clínicos, constituídos de pacientes hospitalizados devido adoecimento cardíaco, foi possível encontrar diferenças associadas à presença de PTD e, conseqüentemente de predomínio de inibição social. Sendo assim, o Teste de Zulliger (Escola de Paris) pode ser considerado clinicamente útil em processos de avaliação psicológica de adultos com histórico de doenças cardíacas. Neste trabalho foram destacadas variáveis associadas à inibição social, mas este instrumento fornece diversos indicadores psíquicos, permitindo ampla investigação da psicodinâmica do paciente. Além disso, exige tempo breve para sua aplicação na prática profissional, o que pode favorecer seu uso em contextos como a urgência cardiológica.

Apesar da relevância desses achados e do cumprimento dos objetivos propostos, este estudo apresenta limitações a serem superadas. A amostra é bastante pequena para generalização destes resultados, constituída apenas por dois grupos clínicos (pacientes hospitalizados com SCA), avaliados em contexto hospitalar. Fazem-se necessários estudos complementares para ampliação das evidências promissoras trazidas pelo Teste de Zulliger para compreender psicodinamismos inerentes ao adoecimento cardíaco grave em adultos, bem como o acompanhamento longitudinal dos casos e de sua evolução, sugestões para novas investigações na área.

Referências

American Heart Association (2022). *Acute Coronary Syndrome*.
https://www.heart.org/en/health-topics/heart-attack/about-heart-attacks/acute_coronary_syndrom

- Antonechen, A. C., Colombarolli, M. S., Gomes, G. V. A. (2022). Teste de Zulliger no sistema Escola de Paris. *In* A. E. Villemor-Amaral, S. R. Pasian, & D. Amparo (Orgs.). *Avanços em Métodos Projetivos* (pp. 38-55). São Paulo (SP): Hogrefe.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos*. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. 4a. ed. Rio de Janeiro (RJ): Campus.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2022). *Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/06/2022*. <http://www.abep.org/criteriobrasil>
- Bertran, A. M. T. (1996). The Rorschach in the Study of Coronary Heart Disease: A Review. *Rorschachiana*, 21(1), 18-29. <https://doi.org/10.1027/1192-5604.21.1.18>
- Chabert, C. (2019). Projective Methods in Clinical Psychopathology. *In* B. Verdon, C. Azoulay (Editors). *Psychoanalysis Projective Methods in Personality Assessment: The French School* (pp. 3-18). Paris: Hogrefe.
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e Avaliação Psicológica*. São Paulo (SP): AMG Editora.
- Colombarolli, M. S., Antonechen, A. C., Pinto, A. L. C. B., Giromini, L., & Pasian, S. R. (2022). Abordagem multimétodos para avaliação psicológica: contribuição dos métodos projetivos. *In* C. M. Corradi-Webster, C. Guanaes-Lorenzi, F. C. Barbosa, L. C. S. Elias, S. R. Pasian, (Orgs.) *Comportamento Humano em diferentes vertentes: Estudos contemporâneos* (pp. 191-201). São Paulo (SP): Pedro & João Editores.
- Datasus (2024). *Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS)*. https://datasus.saude.gov.br/acesso-a-informacao/morbidade-hospitalar-do-sus_sih-sus/
- Denollet, J., Sys, S. U. & Brutsaert, D. L. (1995). Personality and mortality after myocardial infarction. *Psychosomatic Medicine*, 57(6), 582-591. <http://10.1097/00006842-199511000-00011>
- Denollet, J. (2005). DS14: Standard assessment of negative affectivity, social inhibition, and Type D personality. *Psychosomatic Medicine*, 67(1), 89-97. <http://10.1097/01.psy.0000149256.81953.49>
- Dritto, I. P., Tummineri, S., Moscuza, V., Perri, M. C. D., Rizzo, A., Liotta, M., Merlo, E. M., & Cicciarelli, C. (2015). Type D Personality in infarcted patients a study with the Rorschach projective technique. *Mediterranean Journal of Clinical Psychology*, 3(3), 1-

10. <https://doi.org/10.6092/2282-1619/2015.3.1115>

- Filho, G. S. F., Peixoto, J. M., Pinheiro, J. E. S., Neto, A. A., Albuquerque, A. L. T., Cattani, A. C., Nussbacher, A., Camarano, A. A., Sichinels, A. H., Sousa, A. C. S., Filho, A. C. A., Gravina, C. F., Filho, D. C. S., Pitthan, E., Costa, E. F. A., Duarte, E. R., Freitas, E. V., Moriguchi, E. H., Mesquita, E. T. ... Esteves, W. A. M. (2019). Atualização das diretrizes em Cardiogeriatría da Sociedade Brasileira de Cardiologia – 2019. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 112(5), 649-705. <https://doi.org/10.5935/abc.20190086>
- Habibovic, M., Gavidia, G., Broers, E., Wetzels, M., Ayoola, I., Ribas, V., PieraJimenez, J., Widdershoven, J., & Denollet, J. (2020). Type D Personality and Global Position System Tracked Social Behavior in Patients with Cardiovascular Disease. *American Psychological Association*, 39(8), 711-720. <http://dx.doi.org/10.1037/hea0000823>
- Liang, Y. Y., Chen, Y., Feng, H., Liu, X., Ai, Q. H., Xue, H., Shu, X., Weng, F., He, Z., Ma, J., Ma, H., Ai, S., Geng, Q., & Zhang, J. (2023). Association of social isolation and loneliness with Incident Heart Failure in a population-based cohort study. *Journal of American College of Cardiology*, 11(3), 334-344. <https://doi.org/10.1016/j.jchf.2022.11.028>
- Lloyd-Jones, D. M., Allen, N. B., Anderson, C. A. M., Black, T., Brewer, L. C., Foraker, R. E., Grandner, M. A., Lavretsky, H., Perak, A. M., Sharma, G., & Rosamond, W. (2022). Life's Essential 8: Updating and Enhancing the American Heart Association's Construct of Cardiovascular Health: A Presidential Advisory From the American Heart Association. *American Heart Association*, 146(5), e18-e43. <https://doi.org/10.1161/CIR.0000000000001078>
- Resende, M. A., & Nascimento, E. (2019). *Z-SEP: Teste de Zulliger no sistema Escola de Paris*. 2ª ed. São Paulo (SP): Hogrefe.
- Setta, D. X. B., & Almeida Jr., G. L. G. A. (Eds.). (2021). *Manual de Síndrome Coronariana Aguda. Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro*. https://socerj.org.br/wp_content/uploads/2021/08/Manual_Sindrome_Coronariana_Aguda_Socerj_Final_Digital_v2.pdf
- Suguihura, A. L. M. (2014). *Personalidade tipo D e doenças cardiovasculares: adaptação de uma escala*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-17072014-142034/publico/ALMSuguihura.pdf>

Tsao, C. W., Aday, A. W., Almarzooq, Z. I., Anderson, C. A. M., Arora, P., Avery, C. L., Baker-Smith, C. M., Beaton, A. Z., Boehme, A. K., Buxton, A. E., Yvonne Commodore-Mensah, Elkind, M. S. V., Evenson, K. R., Eze-Nliam, C., Fugar, S., Generoso, G., Heard, D. G., Hiremath, S., Ho, J. E., Kalani, R., Martin, S. S. (2023). Heart Disease and Stroke Statistics—2023 Update: A Report From the American Heart Association. *American Heart Association*, 1, e1-e529. <https://doi.org/10.1161/CIR.0000000000001123>

Villemor-Amaral, A. E. & Pasian, S. R. (2022). Métodos projetivos de avaliação psicológica: da origem até a atualidade. In A. E. Villemor-Amaral, S. R. Pasian & D. Amparo (Orgs.) *Avanços em Métodos Projetivos* (pp. 9-18). São Paulo (SP): Hogrefe.

Vozes silenciadas, cores que revelam: Um estudo sobre a violência doméstica e a expressão emocional de mulheres através do teste de Pfister em Manaus

Ádria Pimentel Silva

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Harumi Fernandes Oka

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Gisele Cristina Resende

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: A violência contra a mulher é um grande problema de saúde pública e de violação dos direitos humanos, que impacta na saúde das vítimas. Objetivo: Este trabalho objetiva avaliar a dinâmica emocional e os afetos expressos por mulheres vítimas de violência doméstica. Método: O método adotado foi o da avaliação psicológica com recurso do teste projetivo Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC). Participaram 30 mulheres que recorreram à justiça com processos no Juizado Especializado em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher na cidade de Manaus. O teste foi aplicado de acordo com os critérios normativos de seu manual em sala individual no Juizado com a anuência da juíza responsável e aceite das participantes. Para a análise dos resultados focalizaram-se nas variáveis do TPC: frequência das cores, síndromes cromáticas e fórmulas cromáticas. Após a correção do protocolo, os dados foram sistematizados e comparados com a amostra normativa de pacientes não-clínicos, por meio do teste de Wilcoxon no programa estatístico JASP. Resultados: Os resultados na frequência das cores demonstraram que há diferenças significativas entre as mulheres que sofreram violência em comparação com a amostra normativa não-clínica ($p \leq 0.05$). Destaca-se o rebaixamento do uso das cores: Azul (relacionada com a capacidade de controle e adaptação), verde (associada aos relacionamentos interpessoais e insensibilidade emocional) e laranja (ligada a repressões, inibições, influenciabilidade, passividade ou submissão). Entre as síndromes cromáticas a que apresentou maior média foi a normal (média 49.36 e desvio padrão 12.57) que revela a capacidade de adaptação das mulheres participantes, mesmo após a violência sofrida. Já em relação às fórmulas cromáticas a predominante foi a ampla estável em 36,6% da amostra, o que sugere que as mulheres buscam a estabilidade para seguir suas vidas com produtividade e perseverança. Conclusão: Esses achados demonstram que as mulheres vítimas de violência precisam desenvolver controle emocional, pois apresentam dificuldades nos relacionamentos interpessoais que podem ser associadas a repressões, influenciabilidade, passividade e submissão devido às relações violentas que vivenciaram. Todavia, elas apresentaram também capacidade de produtividade e desejo de estabilidade para continuar suas vidas, o que pode ser associado ao comportamento de romper com a violência ao denunciá-la. Desta maneira, o TPC demonstrou ser um instrumento valioso para avaliações psicológicas desse público, fornecendo informações sobre a dinâmica emocional que podem colaborar com intervenções.

Palavras-chaves: Violência doméstica, Pfister, Avaliação Psicológica

Introdução

A violência contra a mulher, uma realidade cruel e silenciada, configura-se como um problema de saúde pública e violação dos direitos humanos, impactando a vida de milhares de mulheres em todo o mundo. Seu significado advém do latim *violentia* e significa o emprego da força ou da dominação sem legitimidade, isto é, na impossibilidade do conflito e da resistência (Bastos, 2011, p. 35, citado por Nascimento, 2017, p. 2).

Para Cavalcanti et al. (2017), a violência doméstica é um reflexo das desigualdades de gênero construída pela ideologia ideo-política instituída no patriarcado, a qual estrutura a sociedade numa visão cultural hierárquica, machista, preconceituosa em que a mulher tem como dever ser submissa, oprimida, violentada frente ao homem.

No Brasil, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023) estima que uma em cada três mulheres já tenha sofrido violência física e/ou sexual ao longo da vida. Em Manaus, os registros da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS, 2023) revelam uma situação alarmante, com mais de 4.600 casos notificados em 2022. Isso equivale a uma média de 13 casos por dia, ressaltando a urgência do problema. Além disso, é no ambiente doméstico que a violência contra a mulher é mais frequente e persistente, estampando o epicentro desse problema social que tem como violências mais comuns a física, responsável por 39,9% dos casos, e a sexual, que representa 21,5% das ocorrências. Notificar e denunciar as violências é o recomendado pela justiça e pela Lei Maria da Penha.

A Lei nº11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, surgiu no contexto brasileiro de intensas lutas a favor dos direitos das mulheres, a qual tipificou como crime qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause a mulher morte, lesão, sofrimento físico, sexual e/ou psicológico, dano moral ou patrimonial (Brasil, 2006). Contudo, conforme os dados apontam, mesmo ela se configurando como pilar fundamental na luta contra a violência de gênero, seus dezessete anos de vigência ainda não foram suficientes para garantir sua implementação integral no sentido de prevenir e eliminar a violência contra a mulher no país.

A maioria dos casos de denúncia tem como agressor homens com quem a vítima tem ou teve algum vínculo afetivo, como namorado, cônjuge ou ex-companheiro. Estudos mostram que mesmo após a denúncia, as mulheres permanecem com os agressores por pelo menos três anos, contexto no qual tendem ao isolamento, cada vez mais acentuado, ocasionando na perda gradativa de sua rede de apoio, de forma que as torna ainda mais vulneráveis (Bueno et al., 2023; Gomes et al., 2013; Gomes & Fernandes, 2018; Quadros & Werlang, 2011).

Há uma complexidade intrínseca na quebra do ciclo de violência, influenciada por uma série de fatores afetivos, emocionais e sociais que destoam de enxergar a problemática por uma

única faceta, tal como, a percepção comum de que a permanência da mulher é motivada pela expectativa de arrependimento e mudança do agressor (Walker, 2009 citado por Silva, 2012).

Entre essas multifacetadas, encontram-se questões: psicológicas (dependência emocional, violência na família nuclear que afeta diretamente na escolha de relacionamentos íntimos); socioeconômicas (dependência financeira do parceiro que frequentemente a proíbe de estudar e trabalhar); e culturais (religião, familiares e do papel da mulher como a que cuida e deve se submeter a tudo pela família) (Bueno et al., 2023; Santos, 2013).

Diferentes pesquisas demonstraram que as vítimas de violência doméstica possuem maior probabilidade de apresentar autolesão, pensamentos e tentativas de suicídio (na ausência de efeito de álcool ou drogas), obsessões, diagnósticos psiquiátricos (síndrome do pânico, fobias e medos excessivos, transtornos alimentares, comportamento violento, depressão, falta de esperança, sentimento de solidão), doenças sexualmente transmissíveis e estresse pós-traumático (Rivera et al., 2019; Scarpati, 2022). Uma análise comparativa de aspectos emocionais das mulheres vítimas de violência com as não vítimas demonstraram que o primeiro grupo possui maior probabilidade de experimentar uma variedade de sintomas negativos, como: autoestima rebaixada, autodesvalorização, desespero, vazio, prostração/desânimo, culpa, angústia, irritação, tristeza/pesar, nunca sentir prazer/alegria, sentir ansiedade a maior parte do tempo, desesperança e ressentimentos em relação a representações de casamento (Hoepers & Tomanik, 2021; Silva, 2012).

No estudo de Bravo (2022), mulheres que sofrem violência apresentam maior dificuldade em responder racionalmente às situações frustrantes e em reconhecer objetivamente a situação e suas consequências. O descontrole pode ser decorrente dos contínuos fracassos vivenciados na tentativa de sair do relacionamento violento, fazendo com que as vítimas percam progressivamente a capacidade de assumir o controle de suas vidas.

Frente a essa complexa problemática, a avaliação psicológica emerge como uma ferramenta fundamental para compreensão da complexa dinâmica emocional e afetiva presentes no contexto de violência doméstica (CFP, 2022). Para isso, é crucial conduzi-la com sensibilidade, levando em consideração a complexidade do fenômeno (aspectos socioculturais e econômicos, questões de gênero), e as consequências da violência para não revitimizar a mulher agredida (Falcke, 2020). Nesse sentido, as avaliações devem considerar que as mulheres

vítimas de violência podem enfrentar dificuldades na manifestação de seus sentimentos, autocrítica, além de experienciar sentimentos de desamparo, culpa e estresse situacional (Sá, 2013).

Dada a complexidade da avaliação com mulheres vítimas de violência doméstica, o emprego de métodos projetivos na avaliação psicológica se mostra uma abordagem valiosa para acessar conteúdos que, por vezes, são de difícil expressão verbal. Por meio desses métodos, como salientado por Fensterseifer & Werlang, (2016), são apresentados estímulos pouco estruturados para que a pessoa avaliada responda de modo que elementos de seu funcionamento psicológico sejam manifestados no formato de resposta às tarefas propostas, sem que se possa controlar informações, isto é, sem o controle da consciência e de questões de desejabilidade social.

Neste cenário, o Teste Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC) pode ser um recurso para a avaliação psicológica. Trata-se de uma ferramenta de avaliação psicológica não-verbal que consiste na construção de três pirâmides por meio de quadrículos coloridos. Desenvolvido por Max Pfister e introduzido no Brasil pelo professor Fernando de Villemor Amaral na década de 1950, o TPC tem como objetivo avaliar diversos aspectos da personalidade e dos afetos. Por ser um instrumento de rápida aplicação, adaptável a diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, ele se torna particularmente útil no contexto do Juizado, uma vez que diminui a possibilidade da pessoa avaliada não se envolver com a tarefa por impaciência ou dificuldade em manter a atenção (Cardoso & Capitão, 2007; Pelisoli & Lago, 2020).

No TPC, Villemor-Amaral (2017) destaca que os aspectos afetivos são avaliados pela frequência das cores, combinação de cores por dupla, síndromes e fórmulas cromáticas que em seu conjunto revelam como a pessoa analisada expressa e vivencia os afetos e emoções, variando de acordo com a faixa etária e maturidade psicológica.

Frente ao exposto, este estudo visa avaliar a dinâmica emocional e os afetos expressos por mulheres vítimas de violência doméstica por meio do TPC. Subsidiariamente, busca-se identificar os padrões de cores, síndromes e fórmulas cromáticas predominantes para esse grupo; comparar os resultados com a amostra normativa de mulheres não-pacientes, visto a ausência de dados normativos específicos para esse público, e assim, verificar se há diferenças

significativas; e avaliar se o TPC é útil como ferramenta para o planejamento do tratamento de mulheres vítimas de violência doméstica.

Método

O presente trabalho se constitui enquanto investigação científica com delineamento transversal, caracterizando-se como estudo descritivo-comparativo e interpretativo (Cozby, 2003), utilizando recursos da avaliação psicológica.

Participantes

A população-alvo consistiu em mulheres vítimas de violência doméstica que buscaram medidas protetivas no Juizado Especializado em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher em Manaus. A amostra incluiu 30 mulheres com idades entre 18 e 60 anos, selecionadas por conveniência, atendendo aos critérios de ser maior de 18 anos, ser alfabetizada, ter sido vítima de violência doméstica no âmbito familiar e concordar em participar da pesquisa após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados neste estudo:

1) Ficha social do Juizado, composta por perguntas de múltipla escolha e descritivas, preenchida pelas partes do processo quando recebem atendimento no Juizado. Ela inclui seis itens: I) Identificação, II) Perfil sociodemográfico, III) Relato sobre sentimentos advindos da violência.

2) Teste Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC), um método projetivo de avaliação psicológica que investiga aspectos cognitivos e a dinâmica emocional de pessoas avaliadas por ele. É composto por três cartões em papel, cada um apresentando um esquema de pirâmide desenhado, acompanhado por um conjunto de quadriculos coloridos, totalizando 10 cores distribuídas em 24 tonalidades diferentes, junto com uma folha de aplicação. Durante a aplicação desse instrumento, os participantes são convidados a executar três pirâmides conforme suas preferências pessoais. Após o preenchimento de cada pirâmide, é solicitado que completem outra e, por fim, uma terceira pirâmide. Ao término da última pirâmide, é conduzido

um inquérito para avaliar a preferência do examinando em relação às pirâmides. (Villemor-Amaral, 2017). Seus indicadores de evidências psicométricas são adequados e o mesmo está aprovado para uso no Sistema de Avaliação Psicológica (SATEPSI) do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2022).

Procedimentos para coleta e análise dos dados

Os procedimentos de coleta e análise de dados iniciaram-se somente após aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas, sob o CAEE 047705918.2.0000.5020. O convite às participantes ocorreu a partir da participação no projeto Maria Acolhe, desenvolvido no 1º Juizado Especializado no Combate a Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. A atuação ocorreu da seguinte maneira: 1) Convite às mulheres da faixa etária desejada durante a realização do grupo Maria Acolhe, momento em que fornecido informações sobre a pesquisa; 2) Àquelas que se mostraram interessadas foi entregue o TCLE e, em seguida, agendou-se com elas um horário para aplicação do TPC no próprio juizado, em sala individual, com anuência da juíza responsável e aceite das participantes.

Na data da aplicação do TPC, a pesquisadora fez o *rapport* e uma breve conversa com a mulher participante, separando sua ficha social preenchida para o juizado para obter dados de identificação. Em seguida, foi realizada a aplicação do TPC de acordo com os critérios normativos de seu manual (Villemor-Amaral, 2017), com duração média de 40 minutos. Durante todo o processo, não houve relato de constrangimento ou desconforto por parte das participantes, que completaram todas as tarefas solicitadas.

A devolutiva foi acordada e realizada com as mulheres participantes no próprio Juizado, sendo conduzida pela equipe psicossocial em formato de palestra, que teve como tema “Violência Doméstica e aspectos emocionais”. Durante o encontro, foram apresentados os principais resultados da pesquisa (necessidade de controle e adaptação diante das experiências e vivência de violência, fragilidade emocional ao vivenciar relacionamentos violentos, repressão das emoções após a violência) e orientação para buscarem apoio psicológico e social.

Para análise dos resultados foram considerados frequência de cores, síndromes cromáticas e fórmulas cromáticas. Após a correção do protocolo, de acordo com os referenciais normativos do TPC, os dados foram sistematizados em planilha excel e transportados para o

JASP 0.18.3, um programa estatístico para análise de dados. As análises foram não paramétricas, pois os dados não apresentaram normalidade, extraiu-se a tendência central dos dados (média e desvio padrão) e eles foram comparados com a amostra normativa de pacientes não-clínicos, por meio do teste de Wilcoxon Pareado. A interpretação dos resultados foi feita à luz da literatura sobre violência doméstica e estudos que utilizaram o teste TPC.

Resultados e Discussão

Dados sociodemográficos das mulheres avaliadas pela ficha do tribunal:

Na identificação (I) percebeu-se que a faixa etária das participantes variou de 25 a 45 anos, sendo 21 mulheres com idades entre 25 a 35 anos e 9 mulheres com idades entre 35 e 45 anos, a média de idade foi 32,8 anos (Desvio Padrão de 6,5 anos).

Quanto ao perfil (II) das participantes constatou-se que a maior parte das mulheres se autodeclararam pardas (n=27), em relação ao estado 52,2% se consideraram solteiras, 30,4% união estável e 17,4% casadas. Quanto à escolaridade analisou-se que 43,3% possuem ensino médio completo; 16,7% ensino fundamental incompleto; 16,7% ensino superior incompleto; 10% fundamental completo. Observou-se que a respeito de Trabalho/Emprego 42,9% das mulheres estavam desempregadas e 14,3% recebem benefício social. Vale salientar, que 23 participantes relataram recebem o equivalente a 1 salário mínimo.

Na seção III (sentimentos advindos da violência pelo autorrelato das mulheres) os sentimentos citados foram: o medo, a tristeza, a vergonha, decepção são os mais recorrentes, a indiferença e o sentimento de impotência são os menos recorrentes nos relatos. Estes dados apontam uma realidade comum entre as mulheres que estão inseridas no ciclo de violência, uma vez que um dos fatores que dificultam o rompimento do relacionamento por parte da mulher é o fator financeiro e aspectos psicológicos (Hoepers & Tomanik, 2021; Rivera et al., 2019; Scarpati, 2022; Silva, 2012).

Dinâmica Emocional na Avaliação Psicológica:

Para a análise foram focalizados os indicadores técnicos da dinâmica emocional expressos no Teste TPC, frequência das cores, síndromes cromáticas e fórmulas cromáticas. Os resultados são apresentados de maneira sistemática, sendo organizados de forma descritiva e

comparados com a média normativa de não-pacientes, conforme apresentado na Tabela 1. Essa abordagem visa detalhar os significados, proporcionando uma compreensão mais abrangente sobre a dinâmica emocional que compõem a personalidade das mulheres estudadas.

Tabela 1. Resultados descritivos das frequências das cores do TPC e sua análise comparativa ao referencial normativo de Mulheres Não-Pacientes.

Cores	Mulheres Vítimas de Violência		Mulheres Não-pacientes*		Classificação	V**	p***
	Média	DP	Média	DP			
Azul	6,67	3,61	18,1	9,0	↓	0.000	<.001
Vermelho	9,20	3,44	13,6	7,3	=	18.000	<.001
Verde	6,33	2,88	19,7	9,8	↓	0.000	<.001
Violeta	5,37	3,94	8,5	7,5	=	64.000	<.001
Laranja	2,43	2,14	10,8	6,4	↓	0.000	<.001
Amarelo	3,30	1,76	9,5	6,1	=	0.000	<.001
Marrom	3,00	4,89	4,0	5,0	=	67.000	0.006
Preto	4,53	9,45	4,5	6,4	=	128.000	0.032
Branco	3,33	3,50	8,3	7,1	=	20.000	<.001
Cinza	1,10	1,09	2,9	3,1	=	13.000	<.001

DP = Desvio Padrão. = de acordo com a média ↓ rebaixado (abaixo da média)

*Estudo de Villermor-Amaral (2017).

V = Valid missing *p = Grau de significância.

Conforme observado na Tabela 1, as cores mais utilizadas foram: Azul (relacionada com a capacidade de controle e adaptação), Vermelho (relacionada à extroversão, irritabilidade, impulsividade e agressividade), e Verde (relacionada com o contato e relacionamentos afetivos e sociais).

Na comparação entre os dois grupos, mulheres vítimas de violência doméstica e mulheres não-pacientes, tornam-se evidentes diferenças significativas quanto ao rebaixamento das cores Azul, significando necessidade de controle, de uso de recursos racionais; Verde,

associada aos relacionamentos interpessoais e insensibilidade emocional e Laranja, ligada a repressão de sentimentos, inibições, autocrítica.

O vermelho na média indica que os níveis de afetividade e impulsividade estão sendo equilibrados, embora haja necessidade de contatos afetivos e a dificuldade de adaptação ao meio (verde e azul rebaixados). As cores marrom e preto apresentaram médias e desvios padrão semelhantes à amostra de mulheres não-pacientes, o que pode significar que as mulheres vítimas de violência doméstica possuem características de perseverança e determinação (marrom na média), além de indicadores de estabilidade e regulação (preto na média); tal achado é significativo, uma vez que as mulheres que participaram do estudo tiveram a iniciativa de denunciar a violência na justiça, revelando que possuem perseverança e desejo de regular e estabilizar as emoções e a vida.

O mesmo padrão na frequência de cores foi observado em participantes com transtornos alimentares por Oliveira-Cardoso e Santos (2014). Essa similaridade pode estar relacionada aos conflitos emocionais que ambos os grupos enfrentam, seja na necessidade de controlar a impulsividade, seja no aspecto da alimentação ou na relação com um parceiro violento em casos de violência doméstica. Estudos, como o de Rivara et al. (2019), sobre os efeitos da violência na saúde, apontam que as mulheres vítimas desse tipo de violência podem sofrer impactos em sua saúde mental, incluindo depressão, ansiedade e ideação suicida, os quais podem interferir diretamente na dinâmica emocional dessas mulheres.

Esses achados revelam que a mulher vítima de violência doméstica enfrenta maior dificuldade em se adaptar ao meio e construir vínculos afetivos interpessoais. Junto a isso, o TPC aponta para uma tendência à repressão dos sentimentos, o que pode desencadear em passividade e submissão. Estudos corroboram essas observações, ressaltando a complexidade e a extensão dos impactos psicológicos da violência doméstica nas vítimas (Lourenço & Costa, 2020; Medeiros et al., 2023; Moura et al., 2012; Sá et al., 2013).

É importante considerar também a presença de fatores histórico-culturais que atuam direta ou indiretamente para os dados citados. A maioria das mulheres que recorrem ao Judiciário enfrenta outros desafios, juntamente com a violência sofrida, como a responsabilidade de cuidar de pelo menos um filho menor de idade, ter baixa escolaridade e falta de rede de apoio. Assim, quando a multiartista Jéssica Ellen (2024) expressa: “Minha mãe

nunca teve a oportunidade de entender todas as violências que ela sofreu e acolher a própria história!”, ela escancara a sobrecarga de afazeres impostos à mulher, a guiando para uma sobrevivência que dificilmente não trará consequências para o seu adoecimento integral.

Outro resultado obtido foi sobre as Síndromes Cromáticas, que consistem em conjuntos de cores com significado próprio, diferenciando-se dos valores de seus componentes quando considerados individualmente. Essas síndromes compreendem quatro categorias principais: Normal (Azul, Vermelho e Verde), Estímulo (Vermelho, Amarelo e Laranja), Fria (Azul, Verde e Violeta) e Incolor (Preto, Branco e Cinza), conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2. Resultados descritivos das frequências nas síndromes cromáticas do TPC e sua análise comparativa ao referencial normativo de Mulheres Não-Pacientes.

Síndromes Cromáticas	Mulheres Vítimas de Violência		Referencial Normativo Não-pacientes		Classificação
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	
Normal	49.367	12.577	51,30	12.40	=
Estímulo	33.133	10.798	33.90	10.8	=
Fria	40.800	12.001	46.30	12.60	↓
Incolor	16.767	11.814	15.80	10.00	=

DP = Desvio Padrão. = de acordo com a média ↓ rebaixado (abaixo da média)

A síndrome cromática predominante foi a Normal, que sugere a capacidade de manter uma conduta normal e adaptada, proveniente de certa estabilidade e equilíbrio emocional; seguida da síndrome fria, que caracteriza pessoas com tendência à introversão e restrição afetiva e social (Villemor-Amaral, 2017). A síndrome fria apresentou-se abaixo da média quando comparada com as normas para não-pacientes, o que pode significar contenção afetiva.

A análise comparativa entre os grupos revela que, na maioria das síndromes cromáticas, não foram encontradas diferenças consideráveis, com exceção da síndrome fria. Esta última teve uma média consideravelmente menor entre as mulheres vítimas de violência doméstica, indicando que elas, apesar de conseguirem manter uma conduta normal e adaptada, com certa estabilidade e equilíbrio emocional diante de estímulos externos, possuem uma propensão à introversão e restrição afetiva nas relações interpessoais.

Quando analisadas em conjunto com outros indicadores de controle no teste, como média normal em síndromes cromáticas (com média de 49,36 e desvio padrão de 12,57) e predominância estável (representando 36,6% da amostra) nas fórmulas cromáticas, essas cores indicam, respectivamente, traços de perseverança e determinação que estão associadas à produtividade e ao desejo de estabilidade e regulação emocional, o que indica possível resiliência presente mesmo em meio a violência doméstica.

Dados semelhantes foram identificados por Souza et al (2018), ao fazerem uso da técnica de Rorschach para examinar as características de personalidade de quatro mulheres vítimas de violência doméstica. Seus resultados destacaram prejuízos não apenas na capacidade de adaptação e nas relações interpessoais, mas também na habilidade em lidar com oposições e tensões devido à percepção de realidade e às aptidões intelectuais.

As características encontradas neste estudo estão alinhadas com as conclusões de pesquisas anteriores a respeito das repercussões da violência doméstica na saúde da mulher. Notavelmente, elas aferem componentes compatíveis com transtornos de personalidade, como ansiedade, depressão, obsessão, borderline e esquizóide (Lourenço & Costa, 2020; Medeiros et al., 2023; Moura et al., 2012; Sá et al., 2013; Souza et al., 2018).

A fórmula cromática, outro dado analisado no estudo, considera o uso das cores na sequência das três pirâmides, ou seja, a utilização e variedade das cores nas três pirâmides, seu significado remete a constância das escolhas e sua variabilidade. Essa fórmula compõe-se de quatro algarismos que são combinados e demonstram a amplitude e a constância das escolhas. O primeiro algarismo se refere à quantidade de cores que foram utilizadas nas três pirâmides (constância absoluta - CA), o segundo indica quantas cores foram empregadas em duas das três pirâmides (constância relativa - CR), o terceiro representa a quantidade de cores usada em apenas uma das pirâmides (variabilidade - V) e o último é o de (ausência - AUS), que indica a quantidade de cores omitidas ou rejeitadas, a fórmula final é CA: CR: V: AUS. Suas variações na classificação e interpretação fornecem insights sobre o nível de abertura e isolamento em relação aos contatos interpessoais e estabilidade emocional, os quais refletem a maturidade emocional do avaliando (Justo & Van Kolck, 1976 conforme citado em Villemor-Amaral, 2012, 2017). A Tabela 3 apresenta o resultado das participantes.

Tabela 3. Resultados descritivos da Amplitude e Estabilidade da Fórmula Cromática em Mulheres Vítimas de Violência Doméstica.

Fórmula Cromática	Frequência f	Percentual %
Ampla Estável	11	36.67
Ampla Flexível	2	6.67
Ampla Instável	3	10.00
Moderada Estável	4	13.33
Moderada Flexível	2	6.67
Moderada Instável	3	10.00
Restrita Estável	3	10.00
Restrita Instável	2	6.67
Total	30	100.00

Neste estudo, verificou-se a predominância da fórmula cromática ampla estável com 36,67% da amostra. A fórmula ampla demonstra menor seletividade e maior abertura aos estímulos/experiências e a fórmula estável significa estabilidade nas escolhas das cores nas três pirâmides, o que é condizente com a frequência de cores utilizadas em todo o teste. De acordo com Villemor-Amaral (2012) o predomínio da fórmula cromática ampla e redução da fórmula restrita ocorre em todas as faixas etárias e indica interesse para explorar o material do teste, sugerindo empenho e disponibilidade afetiva para conhecer o ambiente. Esses resultados revelam que as mulheres tendem a ser mais receptivas e buscam estabilidade para seguir suas vidas com produtividade e perseverança, embora tenham de conseguir a estabilidade emocional para que não sejam levadas ao comodismo, mesmo diante da violência.

Madureira et al. (2014) e Bravo (2022) argumentam que características psicológicas, suas crenças e valores culturais influenciam na tomada de decisão frente a violência, assim como os fatores econômicos. Os achados do atual estudo convergem com essas pesquisas, pois viu-se que as características da dinâmica emocional das participantes da pesquisa (perseverança, determinação, afetividade e racionalidade, mesmo que buscando integração e abertura para novas experiências) demonstram que apesar de toda a violência sofrida, ainda há

recursos internos para lidar e romper com o ciclo de violência, pois procuraram a justiça para denunciar.

Conclusão

Ao longo desta pesquisa foi possível demonstrar que as mulheres vítimas de violência precisam desenvolver controle emocional, pois apresentam dificuldades nos relacionamentos interpessoais que podem ser associadas a repressões, influenciabilidade, passividade e submissão devido às relações violentas que vivenciaram. Por outro lado, elas apresentaram também capacidade de produtividade e desejo de estabilidade para continuar suas vidas, o que pode ser associado ao comportamento de romper com a violência ao denunciá-la. Destaca-se que são necessárias políticas públicas que visem a proteção da mulher, como o aperfeiçoamento da Lei Maria da Penha e a oferta de apoio psicológico às vítimas de violência, bem como a conscientização a respeito das desigualdades de gênero existentes na sociedade.

Desta maneira, o TPC demonstrou ser um instrumento valioso para avaliações psicológicas desse público, fornecendo informações sobre a dinâmica emocional que podem colaborar com intervenções mais eficazes pelos órgãos que atuam como rede de apoio (Atendimento básico à saúde, Delegacias, Juizados Especializados, Ministério Público e afins). Algumas direções para futuras pesquisas nesta área incluem a ampliação da amostra e a utilização conjunta de outros instrumentos. Por fim, este estudo é relevante por oferecer elementos essenciais para problematizar, compreender e promover políticas públicas mais consistentes em prol da igualdade de gênero e do combate à violência contra a mulher.

Referências

- BRASIL. (2006). Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Bravo, J. (2022). Factores psicosociales que inciden en la permanência de mujeres en relaciones sentimentales com violência doméstica. Artículo de revisión. *Revista Estudios Psicológicos*, 2(2), 116–127. <https://doi.org/10.35622/j>.

- Bueno, S. et al. (2023). *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Relatório. [Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil \(forumseguranca.org.br\)](https://forumseguranca.org.br)
- Cabral, M. A. A., & Brancalhone, P. G. (2000). Representações da violência conjugal de 117 mulheres de Campinas-Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 49(8), 277-285.
- Cavalcanti, M. G. et al. (2017). *A violência doméstica em Manaus: a face perversa da dominação masculina*. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 3, pp. 280-288. <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/violenciadomesticaemmanausafaceperversadadominacaomasculina.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2022). Cartilha de avaliação psicológica. Brasília: CFP. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/08/cartilha_avaliacao_psicologica-2309.pdf
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento* (1.^a Ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Falke, D. (2020). Avaliação psicológica na violência intrafamiliar (pp. 297-308). In: Hutz, C. S., Bandeira, D. R., Trentini, et al. (2020). *Avaliação Psicológica no Contexto Forense*. Porto Alegre: Artmed.
- Fensterseifer, L., & Werlang, B. S. G. (2016). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas (pp.15-36). In: Villemor-Amaral, A. E., & Werlang, B. S. G. (Orgs.). (2016). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS). (2023). Monitoramento da Violência contra a Mulher no Amazonas. <https://bit.ly/3zF6j3j>
- Gomes, N. P et al. (2013). Violência conjugal e o atendimento da mulher na delegacia e no serviço de saúde. *Revista Baiana de Enfermagem*, 27(2), 146-153. <https://doi.org/10.18471/rbe.v27i2.6928>
- Gomes, I. R. R., & Fernandes, S. C. S. (2018). A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 55-66. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&tlng=pt.

- Hoepers, A. D., & Tomanik, E. A. (2021). Violência doméstica contra mulheres: um olhar pela via dos afetos. *Psicologia em Revista*, 27(1), 01-20. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2021v27n1p1-20>
- Ellen, J. (2024, abr, 3). Minha mãe nunca teve possibilidade de entender todas as violências que ela sofreu e acolher a própria história!. Instagram: https://www.instagram.com/reel/C5RhBl-p56b/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==.
- Lourenço, L.M, & Costa, D.P. (2020). Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1-18. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais2020130109>.
- Madureira, A. B. et al. (2014). Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: Contribuições para o enfrentamento. *Escola Anna Nery*, 18(4), 600-606. <https://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140085>
- Medeiros, A. P. et al. (2023). Violência doméstica e psicologia: uma revisão integrativa da literatura. *Saúde.Com*, 19(3). <https://doi.org/10.22481/rsc.v19i3.12661>.
- Moura, M.A.P, et al (2024). Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. *Escola Anna Nery* [online], v. 16, n. 3, pp. 435-442. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000300002>
- Nascimento, D. S. (2017). *Violência doméstica e familiar contra a mulher no município de Manaus: Uma análise das políticas públicas voltadas para a mulher a partir do SAPEM*. http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499460009_ARQUIVO_VIOLENCIADOMESTICADEFAMILIARCONTRAAMULHERNOMUNICIPIODEMANAUSdoc.pdf
- Pelisoli, C. L., & Lago, V. M. (2020). Instrumentos de avaliação psicológica no contexto forense (pp. 91-104). In: Hutz, C. S., Bandeira, D. R., Trentini, et al. (2020). *Avaliação Psicológica no Contexto Forense*. Porto Alegre: Artmed.
- Rivera et al. (2019). The Effects of Violence on Health. *Health Affairs*, 38(10), 1622– 1629. <https://doi.org/10.1377/hlthaff.2019.00480>

- Scarpati, A. S. (2022). Violência de Gênero como uma forma de trauma: reflexões para o acolhimento e cuidado das vítimas. In: Lagreca et al. (2022) *Ministério Público Estratégico: Violência de Gênero*. Indaiatuba: Editora Foco.
- Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis. ISSN 2179-510X.
- Oliveira-Cardoso, E. A., & Santos, M. A. (2014). Psicodinâmica dos transtornos alimentares: indicadores do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Psico-USF*, Ago 2014, vol.19, no.2, p.209-220. <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019002006>
- Organização Mundial da Saúde. (2023). *Violência contra a mulher*. [Site da OMS]. Recuperado em 03 de abr. de 2024, de <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>
- Quadros, G. L., & Werlang, B. S. L. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: Contribuições da psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 511-520. Universidade Estadual de Maringá. <https://www.scielo.br/j/pe/a/GShYc5SHq9SVcrwbyXxbSbT/#>
- Sá, S.D., & Werlang, B.S.G. (2013). Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 106-116. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.04>
- Santos, A. P. dos (2013). *De mãe para filha: a transmissão da violência doméstica entre gerações e a trajetória de vitimização entre mulheres* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais]. <http://hdl.handle.net/1843/43826>
- Silva, J. F. L. da. (2012). *As Competências Emocionais em Mulheres Vítimas de Violência Conjugal* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa]. <http://hdl.handle.net/10284/3625>
- Souza, M. B., Silva, M. F. S. da, Tavares, R. N., Souza, N. F. de, Rivas, B. M. B., Costa, C. N. M., & Carvalho, J. L. de. (2023). Características de personalidade das mulheres vítimas de violência doméstica. *Revista ID online*, 12(39), 1003. <https://doi.org/10.14295/idonline.v12i39.1003>
- Villemor-Amaral, A. E. (2018). O teste das pirâmides coloridas de Pfister. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 423-430. In: Hutz, C. S. et al. *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. Porto Alegre: ARTMED, 2018.

- Villemor-Amaral, A.E. et al. (2012). Evidências de validade do teste de Pfister para avaliação de crianças. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 423-434.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000300009&lng=pt&tlng=pt
- Villemor-Amaral, A.E. et al. (2016). A fórmula cromática no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister em diferentes faixas etárias. *Psicologia em Revista*, 22(2), 501-515.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682016000200015
- Villemor-Amaral, A. E. (2017). *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. São Paulo: Hogrefe.

Agradecimentos: À FAPEAM – Agência de Fomento à Pesquisa do Estado do Amazonas, CAPES – pelo apoio à Pós-Graduação e à Universidade Federal do Amazonas – Faculdade de Psicologia.

Teste de Apercepção Temática como instrumento no psicodiagnóstico: Um estudo de caso sobre a relação pós-divórcio paterno-filial na adulez jovem

Nicolli Karen Coelho Koritar

Centro Universitário das Américas (FAM)

Gisele Asseis Tressoldi

Centro Universitário das Américas (FAM)

Rita de Cássia do Amaral

Centro Universitário das Américas (FAM)

Resumo: Na transição para a adulez jovem, os filhos se tornam mais capazes de perceber objetivamente o divórcio dos pais, embora isso não os imunize contra ressentimentos e sintomas psicossociais. A alteração substancial no núcleo familiar inevitavelmente impacta a qualidade da relação parental, refletindo-se na interação com os filhos. O objetivo primordial foi analisar a dinâmica relacional pós-divórcio entre pai e filho por meio do TAT, com foco específico em detectar o possível impacto negativo do divórcio no filho e explorar a relevância do instrumento projetivo na prática clínica. Esta pesquisa consiste em um estudo de caso em psicodiagnóstico atendido presencialmente em Clínica Escola, utilizando o Teste de Apercepção Temática (TAT) e uma abordagem qualitativa para investigação dos aspectos dinâmicos do paciente, atendido por duas estagiárias do sétimo semestre de psicologia, no estágio de práticas diagnósticas, supervisionado por uma docente-supervisora psicóloga. O sujeito de estudo, G., um homem de 21 anos, estudante de humanas. Seus pais se divorciaram quando este atingiu a maioridade, alegando terem concluído a criação dos filhos, o conflito relacional, no entanto, surgiu posteriormente, quando a mãe descobriu que a namorada do pai estava grávida. G. tem um irmão mais velho e dois mais novos, sendo estes últimos filhos apenas de seu pai. Durante as sessões, G. não mencionava seu pai, e o TAT foi empregado como técnica de análise, permitindo ao paciente elaborar questões sobre a relação pai-filho. A ausência de contato e de afeto paterno-filial levou G. a perceber seu ambiente como desfavorável, tornando-o propenso a sentir-se desamparado, especialmente em contextos sociais e familiares, enfatizando a disrupção parental. A carência de apoio o impulsionou a buscar suporte emocional em suas relações, revelando uma necessidade tangível de gratificação e reconhecimento. G. buscava estabelecer conexões mais significativas, mesmo que pouco retributivas, contribuindo para o surgimento de sintomas ligados à dificuldade de procurar apoio após o divórcio. Assim, tornou-se possível dizer que manter apenas a relação de pais e depois viver uma relação permeada por conflito elevado desregulou a vivência no ambiente que antes era suficientemente bom, impactando negativamente o examinando. Isto é, a falta de presença, afeto e recursos financeiros, os quais anteriormente eram providos a G., desencadearam em uma necessidade e cobrança urgente de autonomia e individuação por parte do examinando. A deprivação do vínculo paterno-filial e desestruturação familiar manifestam fragilidades socioemocionais entre pai-filho, ressaltadas na adulez jovem. O rompimento familiar tornou-se ameaça e vulnerabilidade, gerando sintomas. Em suma, pode-se dizer que o TAT respaldou o processo, orientando as intervenções e elaborando a sintomatologia e relação paterna. Por fim, ressalta-se a importância do TAT como instrumento clínico e acesso a resistências.

Palavras-chaves: Psicodiagnóstico, Relação paterno-filial, Teste de Apercepção Temática.
nicollikoritar@hotmail.com, gatressoldi@gmail.com, rita.amaral.ra@gmail.com

Introdução

Pode-se dizer que o ideal de um casamento perfeito persiste no imaginário sociocultural, assim como a ideia de que o divórcio é a causa da desagregação do núcleo familiar. Assim, expõe-se a dificuldade de um divórcio, para além das questões processuais, existem no

rompimento das dinâmicas socioemocionais de uma família, o que pode ser agravado pela idade dos filhos.

Com a adulez jovem, o filho tem maiores condições de aceitar e perceber o divórcio de seus pais de forma objetiva, tornando-o mais resiliente, o que não impede o surgimento de ressentimentos e, conseqüentemente, de sintomas (Gouveia, 2013). Isto é, a separação dos pais acaba por causar mudanças significativas na vida de seus filhos, entre elas destaca-se num primeiro momento o sentimento de divisão dos filhos com relação aos seus pais, refletindo nas dificuldades de escolhas e na gerência de tempo entre pai e mãe (Hack & Ramires, 2010).

Elucida-se que a qualidade relacional entre pai e filho deriva da capacidade dos pais de lidarem entre si durante o fim da relação (Féres-Carneiro, 1998 *apud* Hack & Ramires, 2010), ou seja, os pais devem tanto distinguir quanto manterem suas funções de modo que não impacte significativamente o ambiente.

Assim, a partir de um estudo de caso, objetivou-se usar o Teste de Apercepção Temática (TAT), que consiste em uma técnica projetiva através de pranchas que favorecem a projeção do sujeito, identificando possíveis impulsos, emoções, sentimentos e conflitos, todos através de traços da personalidade (Murray, 2005) e, de modo geral, com ele foi analisado a dinâmica relacional entre pai e filho após o divórcio. E, especificamente, procurou-se detectar se o divórcio impactou negativamente o filho e identificando a importância do instrumento projetivo na clínica.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo de caso clínico em psicodiagnóstico com o uso do Teste de Apercepção Temática (TAT) e uso de metodologia qualitativa para investigação e análise de dados.

Participantes

Participaram duas graduandas do sétimo semestre em Psicologia, as quais realizaram as sessões e aplicaram os instrumentos de avaliação, e uma Psicóloga docente-supervisora. G. trabalhador em uma StartUP e graduando da área de humanas, 21 anos, como examinando, que

compareceu aos atendimentos presencialmente na CEPSE-FAM (Clínica Escola de Psicologia da FAM), localizada no campus Bela Cintra.

Instrumentos/Procedimentos

Realizou-se treze sessões, sendo elas uma sessão para rapport com entrevista inicial, uma sessão para a realização da anamnese e duas sessões de entrevistas livres. Posteriormente, iniciou-se as testagens, sendo usado duas sessões para a aplicação do TAT, que consiste em uma técnica projetiva através de apresentações de pranchas que favorecem a projeção do mundo interno do sujeito, identificando possíveis impulsos, emoções, sentimentos e conflitos, todos através de traços da personalidade (Murray, 2005), uma sessão para a aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade, a qual avalia traços de personalidade baseados na Teoria dos Cinco Grandes Fatores ("BIG FIVE") (Nunes, Hutz & Nunes, 2010), e uma sessão para a aplicação do APM-RAVEN, que avalia inteligência geral (fator g) (Raven, Raven & Court, 2015). Por fim, foram realizadas três sessões de entrevistas livres interventivas e duas sessões para devolutiva.

Resultados e Discussão

O examinando G. é um homem de 21 anos, estudante de graduação na área de humanas e trabalha em uma StartUP. Filho mais novo entre dois meninos, teve desenvolvimento dentro do esperado e uma infância "boa" (sic), apesar da rotina reservada e da pouca presença de seus pais nela, eles mostravam-se mais presentes em eventos comemorativos, como os escolares. Posteriormente, com a maioria dos filhos, os pais decidiram se divorciar após 18 anos de casados, "uma vez que eles mantiveram o casamento apenas pela criação dos filhos" (sic).

O divórcio foi relatado como tranquilo por G., no qual pai saiu de casa deixando os filhos com a mãe e acordando informalmente a divisão financeira dos custos com os filhos. O paciente relatou que a conturbação na relação pai-filho deu-se com a descoberta da gravidez no novo relacionamento de seu pai, momento em que sua mãe decidiu processá-lo tanto pelo divórcio quanto pela pensão, tornando a relação com a família do pai complicada e quase nula.

Estudos apontam que "quanto mais os filhos experimentaram o conflito entre o pai e a

mãe, piores foram seus relacionamentos com seus pais e mais sofrimento sentiam, quando jovens adultos, sobre o divórcio dos pais” (Fabricius & Luecken, 2007 *apud* Oliveira & Crepaldi, 2019).

Atualmente, a família de G. consiste em pais divorciados e 3 irmãos, sendo: um irmão mais velho de 22 anos e dois mais novos, um de 5 e um de 2, sendo que os mais novos são irmãos por parte de pai com sua atual esposa.

Ressalta-se que durante as entrevistas iniciais o examinando era resistente quanto a expor a relação parental e o parco dito descrevia-se como uma boa convivência, o que foi particularmente acessado durante a análise do TAT e elaborado posteriormente durante as entrevistas interventivas.

Prancha 7RH (Pai e filho): “Parece um pai e filho, alguma parte paterna dele. Parece que eles trabalham juntos. Parece que é um foco importante em alguma coisa que eles estejam trabalhando e que talvez o mais velho seja responsável, ele seja o dono do negócio e do dinheiro também, o que é ali muito importante. O homem mais novo não está com uma cara tão legal, então talvez seja alguma coisa que realmente o dono não vai aprovar e eles não vão ter contato mais depois desse negócio, dessa empresa que talvez eles estejam tendo alguma relação e ele vai querer, já que é uma empresa do mais velho o outro vai querer abrir uma empresa dele, acho que pela cara que ele está fazendo, parece uma empresa mais tradicional, que ele talvez não queira novos investimentos. Eu acho que esse cara da direita pensa em outras coisas, outros objetivos que o outro aqui não aprova, então ele vai abrir mão e procurar outro negócio ali pra focar e o deixar de fora. Acho eles são parceiros, talvez de família e sempre foram. Talvez ele cresceu junto com ele. Então esse é o mais novo aqui que cresceu na empresa, brincou e tudo mais como ele e no momento decisivo ali que ele cresceu, quis dar uma opinião e talvez ele teve uma outra ideia que realmente o dono não aprovou. Assim, por ter uma experiência legal, ele vai tentar abrir uma outra coisa e cada um do seu lado, não vejo eles mais juntos”.

Isto é, segundo resultados obtidos no TAT, pode-se dizer que o ambiente no qual G. está inserido é visto como desfavorável, fazendo com que ele sinta-se desamparado em determinados meios sociais, como quicá em sua própria família, com ênfase na relação coparental disruptiva. Assim, ele pode sentir que não lhe foi oferecido o mínimo e devido apoio

e manteve-se buscando uma urgência de suporte emocional em suas relações, demonstrando uma tangível necessidade de ser gratificado, reconhecido e apoiado em suas ações, estabelecendo assim uma busca por maior relação com as pessoas, mesmo que pouco retributivas, o que corrobora com o surgimento de sintomas, como autocobrança, elucidado pela incapacidade de buscar fontes de apoio, resultante da maneira resiliente e racional que lhe é cobrada de compreender o divórcio dos pais com a proximidade da maioridade (Souza, 2000 apud Hack & Ramires, 2010).

Assim, tornou-se possível dizer que manter apenas a relação de pais e depois viver uma relação permeada por conflito elevado desregulou a vivência no ambiente que antes era suficientemente bom, impactando negativamente o examinando. Isto é, a falta de presença, afeto e recursos financeiros, os quais anteriormente eram integralmente providos a G., desencadearam em uma necessidade e cobrança urgente de autonomia e individuação por parte do examinando.

Conclusão

É viável dizer que a privação do vínculo paterno-filial uniu-se com a desestruturação familiar, tornando manifesto a fragilidade socioemocionais entre pai-filho. Em suma, o rompimento familiar, mesmo que esperado, tornou-se tanto uma ameaça quanto uma vulnerabilidade, o que gerou sintomas, ainda mais com o vínculo abruptamente rompido ou até mesmo trocado - com o estabelecimento de outra família do pai.

O TAT proporcionou respaldo clínicos às estagiárias, que utilizaram-se dos resultados do teste para direcionar as intervenções psicodiagnósticas desse caso. Já ao examinando, favoreceu a possibilidade de acessar e elaborar sua sintomatologia e relação paterna. Por fim, ressalta-se a importância como instrumento para a clínica e o acesso a resistências de métodos projetivos.

Referências

- Gouveia, M. J. C. (2013). *Conflito interparental, vinculação aos pais e competências sociais do jovem adulto* (Tese de Doutorado).
- Hack, S. M. P. K., & Ramires, V. R. R. (2010). Adolescência e divórcio parental: continuidades

e rupturas dos relacionamentos. *Psicologia Clínica*, 22, 85-97.

Oliveira, J. L. A. P., & Crepaldi, M. A. (2018). Relação entre o pai e os filhos após o divórcio: revisão integrativa da literatura. *Actualidades en Psicología*, 32(124), 92-110.

Murray, H. A. (2005). *T.A.T: Teste de apercepção temática*. Henry A. Murray e colaboradores da Clínica Psicológica de Harvard (adaptação e padronização brasileira: Maria Cecília Vilhena da Silva), 3ª Ed. adaptada e ampliada. São Paulo: *Casa do Psicólogo*. (Original publicado em 1943).

Contribuições de uma avaliação multimétodo na Avaliação Terapêutica

Larici da Silva Alves

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Milena Pinheiro Duarte

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Liliane Cardoso Ribeiro

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fernanda da Fonseca Giasson

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Lucila Moraes Cardoso

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo: Na avaliação multimétodo integram-se diferentes fontes de informação sobre a pessoa avaliada, como testes psicológicos de autorrelato e métodos projetivos, possibilitando ampliar as informações advindas de características explícitas e implícitas da dinâmica de personalidade do indivíduo. Essa prática confere mais confiança nos resultados de uma avaliação. A prática de avaliação multimétodo tem sido amplamente recomendada à etapa de testes padronizados da Avaliação Terapêutica (AT) visando analisar os resultados à luz do que o cliente reconhece em si e os seus padrões de funcionamento que nem sempre é sabido ou reconhecido pelo próprio. Neste trabalho, objetivou-se analisar as contribuições da avaliação multimétodo sobre dificuldades de relacionamentos interpessoais no contexto laboral. Realizou-se um estudo de caso em AT com uma professora universitária. Os instrumentos de autorrelato utilizados foram a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), o Inventário de Trabalho e Risco de Adoecimento (ITRA) e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-2), e o projetivo Rorschach pelo Sistema R-PAS. A AT ocorreu em oito sessões de 90 minutos cada. Por meio da BFP, a cliente apresentou necessidade de receber atenção dos outros, ter uma postura mais conservadora e pouco flexível com valores e conceitos diferentes dos seus e ser mais impulsiva e pouco tolerante à frustração. No ITRA, foi possível observar um excesso de trabalho e fiscalização, havendo prejuízo cognitivo, danos físicos e sociais em nível grave, indicando sofrimento em decorrência do trabalho. Os dados do IHS-2 apontaram para a desenvoltura social e dificuldade em expressar afetos e lidar com críticas. No Rorschach, destacou-se a dificuldade de relaxar e reduzir o controle cognitivo, além de conflitos relacionados à ansiedade, ao trauma e a uma manobra defensiva emocional, como forma de se proteger/defender. Ademais, possui pouca flexibilidade e dificuldade em compreender os outros e o ambiente, com relativa dependência emocional. Na integração dos resultados, pode-se perceber que houve convergência e divergência diante das informações obtidas dos autorrelatos e do teste projetivo. Notou-se que os resultados observados na BFP e no ITRA corroboram com as informações do Rorschach acerca do pensamento inflexível, bem como em relação às dificuldades afetivas de ansiedade e dinâmica interpessoal de oposição. Além disso, pelo Rorschach podemos compreender que a cliente, apesar de apresentar um comportamento que demandava mais atenção (BFP), não o compreendia como dependência emocional. E pode-se perceber que ela mantinha comportamentos relacionados a sua vivência traumática. Assim, a integração dos dados dos testes permitiu aprofundamento de informações que auxiliaram na compreensão das autopercepções e do funcionamento psíquico da cliente. Além disso, foi verificado a utilidade da avaliação multimétodo no processo de AT, sendo empregada na combinação dos resultados dos instrumentos, na identificação dos níveis de informações e na devolutiva ao cliente.

Palavras-chave: Avaliação multimétodo, Métodos projetivos, Avaliação terapêutica.

Introdução

A avaliação multimétodo se refere à prática de usar múltiplos métodos e ferramentas, tendo como finalidade obter um entendimento mais abrangente, preciso e confiável dos

indivíduos (Bornstein & Hopwood, 2014). Há uma pluralidade de técnicas possíveis de serem utilizadas, como os autorrelatos, os heterorelatos, as observações, as entrevistas, os testes projetivos e os testes de desempenho. Nesse estudo, o enfoque foi em dois tipos, a saber, testes de autorrelato e teste projetivo. Desse modo, é importante levar em consideração o tipo de informação que é fornecida por cada tipo de teste. Os testes de autorrelato fornecem dados sobre as percepções conscientes e as autorrepresentações dos indivíduos. Por outro lado, os testes projetivos revelam características implícitas e dilemas dos indivíduos, explorando respostas a estímulos evocativos e ambíguos. Os projetivos tendem a fornecer informações que vão além das autopercepções imediatas, revelando traços e estados afetivos não conscientes (Fantini et al., 2020).

Os dois tipos de técnicas possuem ações em diferentes áreas cerebrais. Segundo Finn (2012), as técnicas projetivas, por serem mais emocionalmente estimulantes, conseguem estimular o hemisfério direito do cérebro humano e o do funcionamento subcortical, pois tem funções mais direcionadas ao sensorial, às emoções e à intuição. Já os instrumentos de autorrelato, devido ao seu formato verbal e por possuir uma administração que não evoca primordialmente a emoção, utiliza mais das funções corticais do hemisfério esquerdo, que tem função mais analítica e racional. Seu uso em conjunto, então, possibilita uma complementaridade dos dados, visto que são estímulos de naturezas distintas (Villemor-Amaral et al., 2022). Dessa forma, a integração de ambas as técnicas, especialmente quando medem construtos similares, é fundamental para identificar aspectos não conscientes da personalidade e afeto dos indivíduos, bem como para construir uma conceituação de caso de forma aprofundada.

A avaliação multimétodo confere uma maior confiança nos resultados de uma avaliação. Essa prática tem sido amplamente recomendada à etapa de testes padronizados da Avaliação Terapêutica (AT), na qual visa analisar os resultados à luz do que o cliente reconhece em si e os seus padrões de funcionamento que nem sempre é sabido ou reconhecido pelo próprio. A AT consiste em um modelo colaborativo e semiestruturado de avaliação psicológica com foco no cliente. Os pilares que norteiam o processo da AT são colaboração, respeito mútuo, humildade, compaixão, abertura e curiosidade. Este modelo parte do pressuposto de que o próprio processo avaliativo pode funcionar como uma forma de intervenção terapêutica, na medida em que favorece a exploração e a compreensão dos padrões de pensamento, de emoção

e de comportamento do cliente, em um contexto de interação significativa e empática com o avaliador (Finn, 2007/2017; Fantini et al., 2022).

O processo de AT baseia-se em seis etapas, a saber, sessões iniciais, testes padronizados, intervenção, resumo e discussão, devolutiva por escrito e acompanhamento. Dentre essas etapas, destaca-se a segunda que diz respeito a aplicação padronizada de testes psicológicos, os quais devem ser selecionados conforme as perguntas elaboradas (Finn, 2007/2017). Nesta etapa a AT baseia-se na abordagem multimétodo com uso de testes de autorrelato e testes projetivos. É por meio desses instrumentos que a visão do cliente acerca de seus dilemas e história de vida é ampliada, permitindo aumentar seu autoconhecimento (Villemor-Amaral, 2016).

Durante o processo de AT, o avaliador busca facilitar a compreensão do cliente sobre si mesmo, promovendo mudanças em suas autopercepções e ampliando seu autoconhecimento. De acordo com Fantini et al. (2020), cada indivíduo cria uma narrativa sobre sua própria vida, as quais, quando distorcidas, podem ocasionar sofrimento psíquico. Assim, na AT, trabalha-se a construção de uma nova narrativa de vida, mais coerente e empática.

Finn (2007/2017) identificou três níveis de informação relacionados às características pessoais. O Nível 1 de informação inclui dados de avaliação familiares ao cliente e congruentes com suas autoimagens existentes. O Nível 2 difere um pouco das autopercepções atuais do cliente, mas não provoca ansiedade excessiva, nem ativa as defesas do cliente quando compartilhado pelo psicoterapeuta, podendo ampliar sua autopercepção e dar um novo sentido à narrativa do cliente. Já o Nível 3, apresenta informações significativamente diferentes das autoimagens do cliente e, sem a devida preparação, pode elevar a ansiedade do cliente, ocasionando a rejeição dos resultados (Finn, 2007/2017).

Durante a AT, é preciso identificar esses níveis, ou seja, identificar o que o cliente sabe e não sabe ainda sobre si mesmo, pois somente com essas informações é possível realizar a intervenção e as etapas subsequentes. A utilização de testes psicológicos, tanto os de autorrelato como os projetivos, é essencial para a análise dos níveis de informação por possibilitarem ampliar o conhecimento tanto de aspectos conscientes como latentes da dinâmica de personalidade do indivíduo.

Além da utilização para os níveis de informações, há a análise de padrões estabelecidos pelos clientes a partir da relação entre o autorrelato e o projetivo. Finn (2007/2017) evidenciou

possibilidades de combinação dos resultados entre um teste de autorrelato e um projetivo, exemplificando essa associação com o MMPI-2 e o Rorschach. Um dos padrões comumente observados é quando o cliente apresenta uma percepção de si correspondente ao que é revelado por meio do método projetivo, evidenciando que o problema vivenciado pelo cliente é consciente e perpassado em seu cotidiano. Outro padrão se refere às situações que em ambos os testes, os clientes não apresentam demandas, demonstrando que tanto em situações estruturadas como as não estruturadas o cliente funciona bem (Finn, 2007/2017). Nessas duas situações há concordância entre a autopercepção e o modo de atuar do cliente. Nesses casos, a conversa sobre os resultados dos testes costuma ser mais facilmente conduzida e os achados tendem a fazer sentido à pessoa avaliada.

Há situações, no entanto, que ocorre uma discordância entre os testes. Cita-se quando o autorrelato apresenta baixa perturbação emocional enquanto o projetivo oferece indícios graves de perturbação, podendo significar que o cliente ainda não possui total consciência de suas dificuldades ao ponto de informá-las no autorrelato (Finn, 2007/2017). Existe também a possibilidade contrária, em que ocorre uma alta perturbação no autorrelato e baixa no projetivo. As interpretações para esse padrão podem ser em decorrência de uma possível manipulação do autorrelato em prol de tentar justificar uma psicopatologia ou quando não há uma motivação para aparentar possuir uma psicopatologia, mas que o cliente apresenta uma facilidade em revelar suas demandas ao responder o autorrelato e há uma constrição ao responder o projetivo, podendo ser devido a ficarem superestimulados e confusos com a situação do teste. A análise desses padrões permite ampliar a perspectiva e a veracidade de informações sobre a dinâmica da personalidade.

Percebe-se, dessa forma, que a AT utiliza da avaliação multimétodo na análise de padrões de combinação de resultados entre autorrelato e projetivo, bem como para comparar os resultados a nível de padrão de respostas do que é e não sabido pelo cliente. Tendo isso em mente, esse estudo objetivou analisar as contribuições da avaliação multimétodo em um processo de AT envolvendo dificuldades de relacionamentos interpessoais no contexto laboral.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo qualitativo, em que foi realizado um estudo de caso em AT para deslindar sobre a relevância da avaliação multimétodo. O estudo integra um projeto mais amplo com o título: “Avaliação Terapêutica em Situações de Vulnerabilidade Social no Contexto Cearense”, que recebeu parecer favorável pelo Comitê de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Estadual do Ceará (UECE), comparecer nº 6.027.023.

Participante

Clarice (nome fictício) era uma mulher cis, com 40 anos, residente de Fortaleza, casada e tinha uma filha. Era professora na graduação e na pós-graduação na área da saúde, com histórico de busca de atendimento psicológico devido a questões laborais. Suas principais queixas foram em torno das cobranças excessivas em seu trabalho e da dificuldade que sentia em delegar funções, além de acumular muitas atividades para si. Suas demandas estavam relacionadas ao estresse, à impaciência, ao cansaço e à irritabilidade. Além disso, relatou ter dificuldade de relacionamento interpessoal, bem como baixa autoestima e sintomas de ansiedade.

Instrumentos

Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): é um instrumento de autorrelato baseado na Teoria dos Cinco Grandes Fatores de personalidade, a saber, Neuroticismo, Extroversão, Socialização, Realização e Abertura à Experiência. Possui 126 itens autoavaliativos numa escala *Likert* de 1 a 7, é aplicável a indivíduos com no mínimo ensino fundamental completo, visando avaliar a personalidade por meio dessas cinco dimensões (Nunes et al., 2014). O instrumento possui consistência interna satisfatória para amostra geral, com alfa de Cronbach para as dimensões extroversão (0,84), socialização (0,85), realização (0,83), neuroticismo (0,89) e abertura às experiências (0,74).

Inventário de Trabalho e Risco de Adoecimento (ITRA): avalia dimensões relacionadas ao trabalho e ao processo de subjetivação. Sua finalidade é analisar o autorrelato sobre os riscos de adoecimento promovidos pelo trabalho, no que diz respeito a exigências físicas, cognitivas e afetivas, bem como vivências e danos (Mendes, 2007). O ITRA é composto

por 128 itens divididos em quatro sub-escalas, sendo elas: Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho, Escala de Custo Humano do Trabalho, Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho e Escala de Avaliação de Danos Relacionados ao Trabalho. Seu estudo de consistência interna foi considerado alto, com Alfa de Cronbach acima de 0,75; 0,84; 0,80 e 0,88, respectivamente.

Inventário de Habilidades Sociais (IHS-2): é um instrumento psicológico de autorrelato que mede as habilidades de interação social de uma pessoa em diversos ambientes. É constituído por 38 questões com itens do tipo *Likert* de cinco pontos, as quais exploram competências importantes para o estabelecimento de relações interpessoais e positivas (Del Prette & Del Prette, 2018). Os fatores do IHS-2 apresentaram consistência interna satisfatória a alta e foram nomeados como: F1 - Conversação assertiva (0,934); F2 - Abordagem afetivo-sexual (0,774);

F3 - Expressão de sentimento positivo (0,894); F4 - Autocontrole/enfrentamento (0,840); F5 - Desenvoltura social (0,840).

Método de Rorschach – Sistema de Avaliação por Performance no Rorschach: é um teste projetivo composto por dez pranchas com borrões de tinta ambíguos. Durante o teste, o indivíduo deve responder a pergunta “com o que isso se parece?”, fornecendo respostas que revelam aspectos da sua personalidade e capacidade cognitiva. A avaliação ocorre em duas fases, o participante, inicialmente, descreve o que as manchas sugerem; em seguida, detalha o porquê de suas interpretações (Meyer et al., 2017). O R-PAS apresenta estudos de precisão, nos quais os resultados revelaram de boa a excelente concordância entre juízes para a codificação dos códigos da página 1 e para quase todos os códigos em ambas as páginas (97%) (Meyer et al., 2017). Resende e Martins (2015, citado por Pianowski et al., 2017) realizaram um estudo de verificação de precisão com o sistema R-PAS em 60 protocolos infantis. Como resultado dos 49 indicadores avaliados, obteve-se uma concordância entre avaliadores com valores entre 0,79 e 1,00.

Procedimentos

A cliente concordou em ser participante da pesquisa, e assinou o Termo de Consentimento Livre e Informado (TCLI) e o Termo de Autorização Audiovisual, já que as sessões de AT são, comumente, filmadas. O processo de AT foi desenvolvido de acordo com os pressupostos de Finn (2007/2017). O processo total ocorreu em um período de três meses, com oito sessões de 90 minutos cada. A análise dos dados foi realizada por meio da integração dos dados fornecidos pelos instrumentos de autorrelato e do projetivo, bem como da organização dos resultados dos testes em níveis de informação sobre a cliente, como sugerido por Finn (2007/2017).

Resultados e Discussão

O processo avaliativo de Clarice foi realizado de acordo com os pressupostos da AT. Neste trabalho, objetivou-se analisar as contribuições da avaliação multimétodo no caso. Primeiramente serão apresentados os dados obtidos pelos testes psicológicos, em seguida identificar as convergências e divergências obtidas nos testes e separar os dados em níveis de informações, bem como verificar sua contribuição para responder as perguntas da cliente.

Dito isso, durante a sessão inicial Clarice, junto com a psicóloga, definiu as perguntas avaliativas que guiaram o processo. Assim, as perguntas tinham associação com o seu trabalho e com seus relacionamentos interpessoais, sendo elas: “Por que tenho dificuldade de ouvir críticas?”, “Por que quando minha opinião não prevalece me incomoda?”, “Por que não consigo desligar e tenho que estar sempre em alerta?” e “Por que gero tanta expectativa em ser valorizada pelos outros?”. Para contemplar as perguntas da cliente, utilizou-se de quatro instrumentos psicológicos divididos em três sessões.

Na etapa de testes padronizados, foi administrada a **BFP**, com objetivo de obter informações nível 1 e 2 sobre a personalidade da cliente. A BFP evidenciou que Clarice tem facilidade em falar em público, conhecer novas pessoas, expressar suas opiniões (Nível de Comunicação com escore muito alto). Clarice exerce um empenho maior na realização de tarefas, buscando ser valorizada pelo trabalho que executa (facetas Competência e Empenho com escore alto). Tem necessidade de receber atenção dos outros e pode acreditar que os demais a invejam (Altivez com escore muito alto). Tende a ser proativa para resolver os problemas dos outros (nível muito alto de Amabilidade). Apresentou uma postura rígida e pouco flexível com valores e conceitos que sejam diferentes dos seus (faceta Abertura com escore muito baixo,

faceta Liberalismo com escore baixo). Clarice apresenta indicativos de impulsividade devido à falta de planejamento de suas ações e tendência a ser independente emocionalmente em relação aos demais, além de pouca necessidade de agradar as outras pessoas com suas ações diante dessas situações.

O **IHS-2** evidenciou a capacidade de Clarice para a desenvoltura social, com facilidade em lidar com desconhecidos, falar em público, abordar ou discordar de autoridade (acima da média desenvoltura social). A cliente apresentou dificuldade com demandas de expressão de afeto positivo, incluindo fazer e agradecer elogios, e de lidar com críticas (Expressão de sentimento positivo abaixo da média). Clarice pode ter resistência para pedir ajuda a amigos, pedir favores a colegas e recusar pedidos abusivos e lidar com chacotas e cobrar dívidas.

Quanto à aplicação da **ITRA**, foi com o propósito de investigar as dificuldades apresentadas no contexto laboral. Nos resultados da ITRA, foi possível averiguar situação de sofrimento moderado e uma situação crítica em relação ao ritmo de trabalho, o que apontava excesso de tarefas a serem cumpridas com pressão de prazos, forte cobrança por resultados, (Organização do Trabalho com nível moderado/crítico). Pela ITRA, Clarice expressou que o trabalho exige que ela sempre controle suas emoções, tendo que lidar com ordens contraditórias, além de ser obrigada a lidar com a agressividade dos outros, disfarçar os sentimentos, ser obrigada a ter bom humor, cuidar da aparência física, e ser boazinha com os outros (Custo afetivo com nível moderado/crítico). Ainda como potencial agravante, Clarice sentia insensibilidade em relação aos colegas, dificuldades nas relações fora do trabalho, vontade de ficar sozinha, conflitos nas relações familiares, agressividade com os outros, dificuldade com os amigos e impaciência com as pessoas em geral (Danos Sociais nível Grave).

Na última sessão de testes padronizados, utilizou-se o Método de Rorschach [R-PAS], que possibilita acesso a informações dos níveis 1, 2 e 3. Clarice apresenta tendência para conflitos relacionados à ansiedade, provavelmente devido a um trauma que resultou na perda da sensibilidade, utilizando manobras defensivas para ocultar aspectos de si mesma (Complexity = 80). Sua forma de processar traumas é idiossincrática, podendo causar dissociação e uma identificação com comportamentos agressivos, os quais não expressa abertamente (CritCont% = 135). Mostra-se inflexível em entender diferentes perspectivas, o que pode estar ligado a dificuldades afetivas como depressão e ansiedade, e tem problemas para relaxar diante de estímulos emocionais ((CF+C)/SumC = 75). Sua percepção do mundo e dos

detalhes é limitada ($P = 50$, $Dd\% = 75$), apresentando pensamento inflexível e baixa criatividade ($SI = 75$). As representações que faz do mundo são frequentemente distorcidas por traumas passados ($EII-3 = 125$), levando a um raciocínio imaturo ($WSumCog = 130$, $SevCog = 120$) e uma compreensão errônea das relações interpessoais e de si mesma, marcada por uma forte dependência dos outros ($PHR/GPHR = 130$, $ODL = 120$), refletindo em uma vulnerabilidade em sua imagem corporal ou psíquica ($An = 125$).

Durante as sessões de testes padronizados, Clarice se mostrou participativa e interessada no processo. Ao integrar os resultados dos diversos testes psicológicos usados, pode-se perceber que houve convergência e divergência nas informações obtidas nos testes de autorrelatos e do teste projetivo. Os resultados observados na BFP e no IHS-2 corroboram com as informações do Rorschach acerca do pensamento inflexível, bem como em relação a dificuldades de expressar e lidar com demandas de afetivo positivo, de ansiedade e dinâmica interpessoal de oposição.

Os resultados indicaram que a cliente age de modo defensivo como uma tentativa de suprimir o que sente, sendo uma manobra defensiva emocional para não lidar com sentimentos de afeto positivo e ansiedade. Os dados do ITRA complementam essa análise, já que Clarice demonstra ter que lidar com uma alta exigência de trabalho, levando-a sempre a controlar suas emoções, reconhecendo que por vezes precisa disfarçar seus sentimentos para lidar com os outros. As informações obtidas permitem elucidar que essas demandas de Clarice eram predominantemente conscientes e manifestadas em seu cotidiano, uma vez que tanto suas percepções, expressadas nos testes de autorrelato, como seu funcionamento psíquico, evidenciados no teste projetivo, foram congruentes.

Além disso, ressalta-se que houve divergência ao comparar a BFP e o Rorschach, uma vez que Clarice se mostrou como se fosse independente emocionalmente em relação aos demais e tivesse pouca necessidade de agradar as outras pessoas. Contudo, no Rorschach, Clarice expressou ter fortes necessidades implícitas de dependência dos outros no amparo, orientação e apoio, sendo sensível à rejeição. Informações divergentes são esperadas nos resultados, tendo em vista a natureza diferente dos instrumentos utilizados e que nem sempre haverá uma convergência (Villemor-Amaral et al., 2022). A combinação das informações divergentes obtidas indica que a cliente ainda não possuía ampla consciência sobre suas dificuldades emocionais que são, possivelmente, relacionadas a seus traumas e, por isso, não foram

evidenciadas nos instrumentos de autorrelato.

A integração dos resultados de testes de autorrelato com as técnicas projetivas favoreceu a compreensão do funcionamento da cliente. Finn (2011) e Finn e Smith (2014) destacaram a importância da avaliação multimétodo como uma ferramenta crucial para promover mudanças na autoimagem dos clientes e na maneira como eles interagem com outras pessoas. Segundo Finn (2011), esta abordagem permite reconhecer padrões comportamentais e emocionais nos clientes que vão além da mera identificação de sintomas ou ações observáveis. Com isso, passa-se a ter conhecimento de questões cognitivas e emocionais que os clientes enfrentam, proporcionando uma compreensão mais profunda de suas experiências emocionais, individuais e nas relações interpessoais.

Faz-se importante ressaltar que, ao utilizar o teste de Rorschach, foi percebido que a cliente mantinha comportamentos relacionados à vivência traumática, chegando a se identificar com a atividade agressiva, mas não revelando a atitude, possivelmente por medo ou afastamento. Além disso, indicou demonstrar inflexibilidade em ver as coisas de múltiplas perspectivas, o que, possivelmente, está associado com dificuldades afetivas. Essas informações foram de grande importância para compreender o funcionamento da cliente. De acordo com Sholander et al. (2018), o Rorschach é um teste essencial na avaliação multimétodo, pois fornece informações que não estão disponíveis no teste de autorrelato. Relacionando com o processo de AT, testes de performance, como é o caso do Rorschach, auxiliam a obter informações de nível 2 e 3, ou seja, aquelas que dificilmente são conhecidas e entendidas pelo cliente (Villemor-Amaral & Finn, 2020).

É por meio da junção dessas informações que surge um novo dado no processo que compara as informações conscientes de Clarice com as latentes, ou seja, por meio dessa comparação, inicia-se o processo de separação em níveis de informações. Por exemplo, no caso de Clarice, foi considerado nível 1 sua dificuldade em relaxar e reduzir sua produtividade. Enquanto nível 2, destacou-se seu modo defensivo como uma forma de lidar com seus afetos e insegurança. E como nível 3, observou-se as fortes necessidades de dependência que não são conscientes e que podem impactar em suas relações interpessoais.

O diferencial do uso da Avaliação Multimétodo na AT, desse modo, é que o nível das informações apresentadas pelos testes é analisado, bem como as discrepâncias relacionadas aos diferentes níveis de consciência do funcionamento psicológico do indivíduo e seus traços de

personalidades expressados nos diferentes contextos ampliados e possibilitados pelos testes (Smith & Finn, 2014; Fantini et al., 2020). Assim, a AT faz uso da análise de padrões de convergência/divergência entre testes de autorrelato e testes baseados em desempenho, analisando os níveis de informação 1, 2 e 3 para compreender com precisão o funcionamento psicológico dos clientes, os seus dilemas de mudança e o que auxiliar em seu processo de mudança (Smith & Finn, 2014).

A partir disso, compreende-se que se pode atingir dois objetivos da AT por meio de uma avaliação multimétodo: (1) trabalhar uma nova narrativa acerca dos dilemas da cliente; e (2) fornecer respostas às perguntas avaliativas. No caso da Clarice, a compilação dos dados obtidos de diversos testes aplicados nas análises revelou informações adicionais, enriquecendo a interpretação dos resultados obtidos e expandindo o entendimento sobre os perfis dos clientes. Esse enriquecimento de dados ocorre à medida que testes que requerem diferentes processos e tipos de respostas, ao serem aplicados, estimulam várias regiões do cérebro, tanto corticais quanto subcorticais (Finn, 2012). Essa variedade de estímulos facilita o acesso a informações mais profundas, que não estão imediatamente disponíveis à consciência, ou seja, dados de nível 2 e 3. Assim, essas informações podem divergir das próprias narrativas que os clientes criam sobre si, fornecendo insights sobre novas formas de ver sua história de vida, auxiliando o avaliador a ampliar a autopercepção do cliente (Finn, 2012; Villemor-Amaral, 2016).

Clarice, ao longo de sua história de vida, ela sempre necessitou trabalhar por si mesma e pelos outros, sendo a pessoa que dava apoio e não a que recebia. Com isso, passou a se ver como uma pessoa independente, que deveria sempre fazer tudo sozinha e ser produtiva. Dessa forma, é como se a sua dificuldade de lidar com críticas não porque é uma pessoa defensiva e incompreensível, como chegou a ponderar nas sessões, mas porque a valorização e reconhecimento do trabalho é a forma como ela conhece o amparo, não tendo vivenciado variedade nas formas de receber apoio ao longo da sua vida. A partir disso, pode trabalhar, em conjunto com a cliente, uma forma mais empática e útil de compreender seus dilemas e como lidar com eles em seu cotidiano.

A integração dos testes também proporcionou responder às perguntas elaboradas pela cliente. A título de exemplificação, uma das perguntas de Clarice foi “Por que gero tanta expectativa em ser valorizada pelos outros?”. Durante o processo, foi possível identificar que a cliente teve que enfrentar muitas situações difíceis em sua vida, nas quais desde cedo teve

que aprender tomar decisões por si e pela sua família, e, por isso, lidar expressões de afetos positivos e se permitir contar com o outro poderia ser difícil para a cliente.

No decorrer do processo, percebe-se que o uso dos testes possibilitou responder à pergunta da cliente, na medida em que a integração dos resultados viabilizou identificar um cenário mais amplo do funcionamento psicológico da cliente e entender os dilemas de mudança que ela vivenciava. Corroboramos os achados de Smith e Finn (2014), que afirmaram que a avaliação multimétodo facilita o fornecimento do *feedback* para o cliente, já que auxilia a identificar os níveis de informações. Dessa forma, é possível determinar o que será passado para o cliente, auxiliando-o a vincular os achados dos testes a as experiências de sua vida, tornando o conteúdo mais acessível e útil. De modo geral, os autores defendem que a avaliação multimétodo permite entender os dilemas e mudança dos clientes e determinar o nível de informação dos principais achados, ampliando o alcance de resultados terapêuticos.

Considerações finais

Neste trabalho, objetivou-se analisar as contribuições da avaliação multimétodo sobre dificuldades de relacionamentos interpessoais no contexto laboral. Obteve-se que a avaliação multimétodo permitiu o aprofundamento de informações sobre a cliente, tendo em vista que a combinação de informações advindas de instrumentos com naturezas distintas possibilitou acesso a dados sobre autopercepções e do funcionamento psíquico da cliente. O resultado também proporcionou verificar a avaliação multimétodo como uma ferramenta válida no processo de AT, sendo utilizada em diversas partes, como na análise de padrões de combinação de resultados entre autorrelato e projetivo, na identificação dos níveis de informações e na devolutiva ao cliente. Como limitação, cita-se que foi um estudo no qual apresentou análises baseadas em um único caso, podendo os estudos futuros comparar as contribuições da avaliação multimétodo em múltiplos casos e utilizando-se de outras demandas.

Referências

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2018). *Inventário de Habilidades Sociais 2 (IHS2-Del-Prette)*: Manual de aplicação, apuração e interpretação. Casa do Psicólogo. Fantini, F., Aschieri, F., David, R.D., Martin, H., & Finn, S.E. (2022). *Therapeutic assessment with*

- adults: using psychological testing to help clients change*. New York, NY: Routledge.
- Finn, S. E. (2011). Journeys through the valley of death: Multimethod psychological assessment and personality transformation in long-term psychotherapy. *Journal of Personality Assessment*, 93(2), 123-141. <https://doi.org/10.1080/00223891.2010.542533>
- Finn, S. E. (2012). Implications of recent research in neurobiology for psychological assessment. *Journal of Personality Assessment*, 94(5), 440-449. <https://doi.org/10.1080/00223891.2012.700665>
- Finn, S. E. (2017). *Pela perspectiva do cliente: teoria e técnica da avaliação terapêutica*. São Paulo: Hogrefe. (Obra original publicada em 2007).
- Mendes, A.M., & Ferreira, M.C. (2007). Inventário sobre trabalho e riscos de adoecimento - ITRA: Instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In Mendes, A.M., *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. (pp.111-126). Casa do Psicólogo.
- Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Edberg, P. (2017). *Sistema de avaliação por performance no Rorschach*. Hogrefe.
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2014). *Bateria Fatorial de Personalidade - BFP: Manual técnico*. Casa do Psicólogo.
- Pianowski, G., Villemor-Amaral, A.E., Yazigi, L., Nascimento, R.S., Miguel, F. (2017). Apêndice à edição brasileira do R-PAS. In Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Edberg, P., *Sistema de avaliação por performance no Rorschach*. Hogrefe.
- Sholander, L., O’Gorman, E., & Roy, M. (2018). Using the Rorschach Performance Assessment System (R-PAS) in Therapeutic Assessment. *The TA Connection*, 6(2), 3-9.
- Smith, J. D., & Finn, S. E. (2014). Therapeutic presentation of multimethod assessment results: Empirically supported guiding framework and case example. In C. J. Hopwood & R. F. Bornstein (Eds.), *Multimethod clinical assessment of personality and psychopathology* (pp. 403–425). New York, NY: Guilford Press.
- Villemor-Amaral, A. E. (2016). Perspectivas para a Avaliação Terapêutica no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 249-255. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1502.13>
- Villemor-Amaral, A. E., & Finn, E. E. (2020). The Rorschach as a window into past traumas during Therapeutic Assessment. *Rorschachiana*, 41(2), 93-106

<https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000125>.

- Villemor-Amaral, A.E., Gomes, G.V., Fernandes, S.B., & Moraes, M.S. (2022). Contribuições da avaliação multimétodos na Avaliação Terapêutica. In: A.E. Villemor-Amaral, S.R. Pasian, & D. Amparo, *Avanços em Métodos Projetivos* (pp. 323-338). Hogrefe.
- Pasian, & D. Amparo, *Avanços em Métodos Projetivos* (pp. 323-338). Hogrefe.
- Villemor-Amaral, A. E., & Resende, A.C. (2018). Novo Modelo de Avaliação Psicológica no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online], 38, 122-132. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208680>

Contágio emocional: Análise do efeito das risadas de fundo na percepção de humor em uma série de comédia

Rafaela Costa Crisostomo

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Fabiano Koich Miguel

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo: O estudo das emoções, assim como a maioria dos tópicos na psicologia, é diversificado e amplo. No presente estudo, o enfoque é uma emoção positiva, mas pouco pesquisada: a alegria. Ainda que essa emoção tenha importantes componentes fisiológicos, esse texto pretende discorrer a respeito do seu caráter social. O contágio emocional, também chamado de empatia afetiva, consiste na capacidade de disseminação inerente às emoções. O objetivo dessa pesquisa foi compreender o efeito das claquas - as risadinhas de fundo - na percepção de humor em uma série de comédia. A análise contou com a participação voluntária de 40 universitários que foram divididos em “Grupo Controle” e “Grupo Experimental”: Esses assistiram a um episódio previamente modificado, em que as claquas foram inseridas, ou seja, assistiram ao episódio com risadas, enquanto aqueles assistiram ao mesmo episódio, mas sem as modificações, isto é, sem risadas. De início, os participantes pontuaram seu humor, variando de 1 a 5, com base nas 5 emoções básicas (alegria, tristeza, raiva, surpresa, medo e nojo). Depois disso, eles assistiam a um episódio de uma série de comédia. Por último, eles reavaliavam o seu humor e também davam uma nota ao episódio. Esperava-se que os resultados corroborassem com o que há na literatura: pelo efeito do contágio emocional, o Grupo Experimental julgaria o episódio como mais cômico devido à presença das claquas, ainda que seja o mesmo conteúdo. No entanto, os grupos julgaram os episódios com e sem risadas com um grau muito semelhante de comicidade, porém, o Grupo Experimental demonstrou maior felicidade e menor tristeza após assistir ao episódio, quando comparado ao Grupo Controle. Esse achado demonstra que as experiências individuais têm impacto na percepção do episódio e que provavelmente a empatia afetiva, que não foi mensurada individualmente, impactou os resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Emoções, Alegria, Contágio emocional.

Introdução

Por ser um termo cotidiano, definir o que são “emoções” parece, à primeira vista, uma tarefa simples. Uma vez que a ciência psicológica é extremamente plural e diversificada (Neubern, 2000), vários autores tentaram postular uma definição de caráter científico para o termo: de forma genérica, uma das noções mais aceitas, entende que as emoções são fenômenos pontuais que geram algum tipo de afeto, isto é, alguma alteração, em níveis psicológicos e/ou fisiológicos do ser (Atkinson, 2005 citado por Miguel, 2015). Algumas linhas de pensamento defendem que o principal papel das emoções esteja ligado ao seu caráter social: a expressão emocional estaria intimamente ligada à cultura e às interações sociais (Miguel, 2015). Aprofundando a temática, pontuar quantas e quais são as emoções existentes é algo ainda mais diversificado. Na aplicação desta pesquisa, foi levada em consideração as seis emoções citadas por Paul Ekman: alegria, medo, surpresa, tristeza, nojo e raiva (Ekman, 2003). Segundo ele,

não só os seus estudos, como também a maioria dos estudos que tangenciam ao campo das emoções, focam nos estados negativos, por isso, há mais conhecimento sobre a patologia do que sobre a saúde mental (Ekman, 2003). Partindo disso, o presente texto discorreu sobre a alegria.

No que toca ao sentido neurofisiológico da alegria, sabe-se que tal emoção induz à ativação dos núcleos da base, os quais estão intimamente ligados com os neurônios dopaminérgicos e esses, por sua vez, estão associados à geração de prazer (Esperidião-Antonio, 2008). Na expressão facial, nota-se que o músculo zigomático maior aparece erguido, o qual culmina com a formação do sorriso, manifestação típica da alegria (Miguel, 2015). Entende-se que a capacidade humana em reconhecer expressões faciais, como o sorriso, é algo inato (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009). A expressão emocional fornece informações sobre estímulos tanto exteriores como interiores (Fonseca, 2016). A vocalização, que consiste, basicamente, na emissão de sons não verbais, é uma das maneiras mais ancestrais de comunicação, uma vez que elas não dependem da linguagem (Mendes, 2022). Por exemplo, em uma situação de perigo, se uma pessoa grita e esboça uma expressão facial de medo, isso informa os indivíduos ao seu redor que algum tipo de perigo se aproxima, permitindo o preparo para luta ou fuga. Para Otta (1994), isso vai além: o reconhecimento de expressões está relacionado com a evolução da espécie humana, e as emoções teriam um importante papel social.

Damásio (2004) citado por Roazzi et al (2011), enfoca esse quesito do social das emoções em sua teoria sobre o tema: para ele, as emoções teriam um fundo, que pode ser classificado como agradável ou desagradável. A partir disso, existiriam emoções primárias - que seriam as seis citadas por Ekman - e as secundárias, que implicariam em uma interação social: dentre elas, destaca-se o ciúme, a compaixão, o orgulho e várias outras. Tal teoria demonstra como as emoções citadas por Ekman são como uma base para que outras emoções floresçam. Ainda segundo Roazzi et al (2011), ao interagir com o ambiente, as pessoas afetam o meio e são afetadas por ele, assim, as diferenças culturais influenciaram na formação e expressão das emoções. Monteiro (2011) discorre em sua tese sobre a visão de diferentes autores sobre o riso e a alegria. Em Martin (2007), compreende-se que o humor é mais provável de ocorrer quando estamos acompanhados ou quando lembramos de alguma coisa que envolve

terceiros.

Ainda no caráter social das emoções, o contágio emocional, também chamado de empatia afetiva, aparece com frequência na literatura das emoções. Para Le Bon (1896/2001), as emoções poderiam acontecer de forma grupal: ele propõe que os sentimentos seriam compartilhados por causa da existência de uma “mente coletiva”. Já para Doherty (1997), os indivíduos tendem a imitar as expressões emocionais alheias. Como já dito, o reconhecimento de emoções possivelmente é inato e tem caráter evolutivo. Nesse contexto, o contágio emocional citado por Doherty também teria uma origem genética, uma vez que essa imitação aconteceria de forma inconsciente. Monteiro (2011) também cita Provine (2000) para embasar a explicação do caráter contagiante do riso: o autor explica que os humanos possuem um circuito neuronal que detecta os risos ao ouvi-los e os repete. Por essa explicação, gargalhar na presença de uma gargalhada alheia é algo involuntário.

Segundo Cai (2019), as claque, famosas “risadas de fundo” das séries de comédia, começaram a ser utilizadas nas obras audiovisuais e na rádio para que o público se sentisse participante da produção, como uma audiência: no caso do rádio, especificamente, o público não costumava perceber a comicidade das piadas. Ainda nos estudos de Cai (2019), humoristas profissionais contavam “piadas ruins” para pessoas com e sem autismo. Essas piadas eram pareadas com risadas, sendo que uma parte delas estava com risadas espontâneas e a outra com risadas forçadas. Ambos os grupos julgaram as piadas pareadas com risos espontâneos como mais engraçadas do que aquelas pareadas com os risos forçados. A simples adição das risadas faz com que os indivíduos julguem as piadas como mais cômicas.

Especificamente, o objetivo desta pesquisa foi analisar o efeito das claque na percepção de humor dos sujeitos de pesquisa. A hipótese da pesquisadora seguia o que há de disponível na literatura da área: pelo efeito do contágio emocional, os participantes expostos ao episódio com risadas de fundo achariam esse mais cômico do que os participantes que foram expostos ao mesmo episódio, mas sem risadas. Além disso, era esperado que, caso haja uma variação no grau de felicidade dos participantes antes e depois da apresentação do episódio, essa variação seria positiva e mais emblemática no grupo exposto às claque. Pretende-se que essa pesquisa contribua não só com o estudo das emoções, ampliando o conhecimento sobre a alegria e o contágio emocional, mas que também forneça informações para um possível uso terapêutico

das séries, uma vez que elas podem representar uma forma de entretenimento, atuando como reforço positivo para diferentes públicos.

Método

Participantes

Para a realização da pesquisa, foram recrutados exatamente 40 universitários, com idades variando entre 18 e 26 anos ($M = 20,15$; $DP = 2,10$), sendo que o número de homens e mulheres foi aproximadamente igual. Esses participantes foram divididos em dois grupos: metade deles formou o Grupo Controle, que, no restante do texto, é referido como "Grupo C", enquanto a outra metade formou o Grupo Experimental, que é referido como "Grupo E". Os grupos também foram equilibrados em relação ao sexo biológico e a idade.

Instrumentos

A coleta de dados ocorreu na Universidade Federal de São Carlos, sede São Carlos, em ambientes silenciosos. O vídeo exibido foi um episódio de uma série de comédia que não possui claquês. A série utilizada foi "Copan - websérie", que está disponível gratuitamente pelo *YouTube*. O primeiro episódio foi utilizado e pode ser assistido pelo seguinte link: https://youtu.be/Lg_OAald-gg

Para o Grupo C, foi exibido o episódio exatamente como está disponível no *YouTube*. Já para o Grupo E, o episódio foi propositalmente alterado: foram adicionadas risadas após momentos de humor da série. Foi utilizado um notebook, que é de propriedade da pesquisadora, para a transmissão do episódio. Os participantes utilizaram fones de ouvido - que também foram cedidos pela pesquisadora - durante toda a exibição.

Para a realização da análise de dados, algumas perguntas foram feitas para os participantes. Antes da exibição, a pesquisadora pediu que eles respondessem a uma escala com as 6 emoções básicas, classificando de 1 a 5 o quanto estão sentindo de cada emoção (alegria, medo, surpresa, tristeza, nojo e raiva). Após a exibição, as mesmas perguntas foram feitas, sendo que também foi perguntado o quanto o episódio em questão foi divertido, em uma escala de 1 a 5.

Procedimentos

Inicialmente, foi divulgado um convite para a participação voluntária da pesquisa. Nesse convite, constava que o objetivo da pesquisa era estudar as diferentes percepções de humor. A divulgação ocorreu em grupos de WhatsApp. A pesquisadora entrou em contato com quem se propôs a participar, para tirar possíveis dúvidas e combinar data, horário e local da coleta. Cabe ressaltar que foi informado aos participantes que a pesquisa conta com riscos mínimos, seguindo o que é previsto pela resolução 510, de 7 de abril de 2016.

No dia da coleta, foi apresentado o TCLE e foi perguntado se os participantes já conheciam a série utilizada: caso algum deles já conhecesse, o dado seria coletado, mas não seria utilizado nas análises devido a possibilidade de viés. Quando o participante optou por continuar na coleta, a pesquisadora realizou e registrou as perguntas sobre emoções (citadas anteriormente na seção).

Após isso, a mesma cedeu os fones de ouvido e iniciou a transmissão do episódio, que foi feita via *tablet*. A pesquisadora continuou na sala durante toda a transmissão, certificando-se se o participante estava ou não distraído. Ao final do episódio, o participante acionava a pesquisadora, que perguntava novamente sobre as emoções e o episódio, registrando as respostas. Após isso, o participante era dispensado.

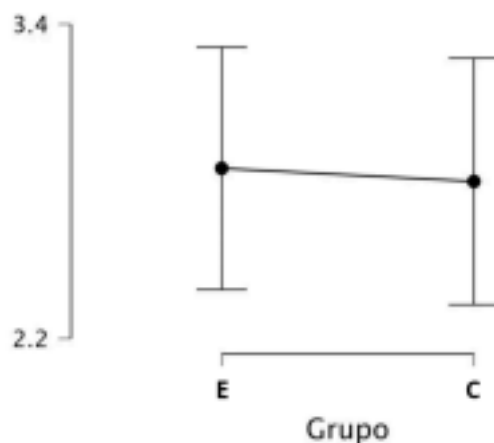
Análise de Dados

Ao final da coleta de dados, as variações de humor e o nível de comicidade da série foram tabulados em uma planilha. O objetivo da análise foi comparar o Grupo E com o Grupo C, a fim de perceber diferenças entre as percepções de humor dos diferentes grupos. Para tanto, foi utilizado procedimento estatístico para comparação entre grupos *t* de Student, avaliando-se a magnitude da diferença (*d* de Cohen) e o nível de significância estatística (*p* valor).

Resultados

De início, buscou-se encontrar diferenças na atribuição das notas para o caráter cômico da série. Nesse sentido, não houve diferença significativa entre os Grupos C e E ($t = 0,16$; $p = 0,875$; $d = 0,05$), o que pode ser visto por meio do seguinte gráfico:

Figura 1: Gráfico das notas atribuídas à comicidade da série dividido por grupo experimental e controle.



No entanto, ainda que estatisticamente o Grupo E não tenha achado o episódio mais divertido do que o Grupo C, análises estatísticas demonstram que esse grupo ficou significativamente mais feliz, menos triste e menos raivosos, como ilustrados nas Figuras 2, 3 e 4.

Figura 2: Comparação da diferença do grau de felicidade antes e após a exibição do episódio entre os Grupos E e C.

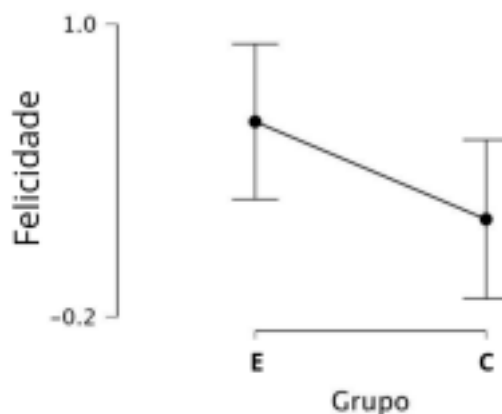


Figura 3: Comparação da diferença do grau de tristeza antes e após a exibição do episódio entre os Grupos E e C.

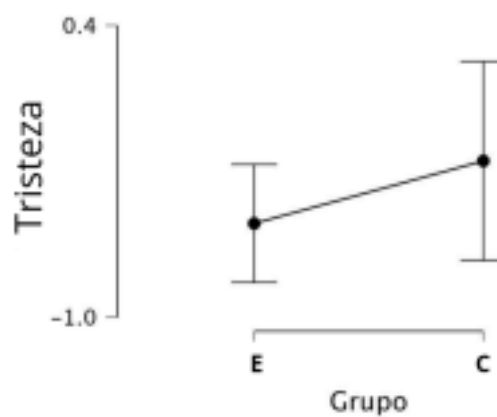
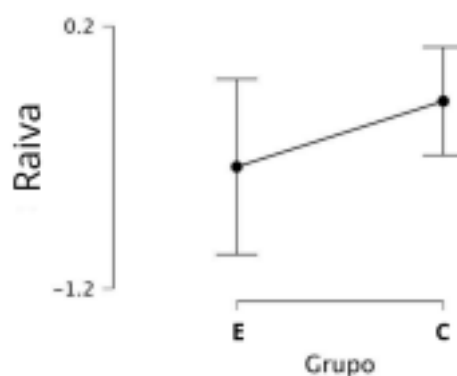


Figura 4: Comparação da diferença do grau de raiva antes e após a exibição do episódio entre os Grupos E e C.



As demais emoções tiveram diferenças menos expressivas. Pode-se concluir isso por meio da análise da Tabela 1.

Tabela 1. Diferenças de médias entre os grupos para a seis emoções básicas

	t	df	p	Cohen's d
Felicidade	1.838	38	0.074	0.581
Tristeza	-1.132	38	0.265	-0.358
Raiva	-1.334	38	0.190	-0.422
Medo	0.400	38	0.692	0.126
Nojo	-0.954	38	0.346	-0.302
Surpresa	-1.150	38	0.257	-0.364

Discussão

Antes de tudo, vale destacar que, durante a coleta, os dados de dois participantes foram descartados e não foram utilizados nas análises já apresentadas: um pois a participante em questão já conhecia a série utilizada, ela foi a única que conhecia a produção e, como já havia sido mencionado, seu dado não poderia ser analisado pois teria influência de outros vieses. O segundo descartado foi por conta de erros na exibição do vídeo: o aparelho utilizado travou em alguns momentos e o áudio do vídeo foi apresentado sem a imagem, o que comprometeu o entendimento da série, logo, optou-se por descartar o dado desse indivíduo.

Por meio das figuras e tabelas, pode-se concluir que a inserção de risadas no episódio da série *Copan* não influenciou para um aumento da percepção do episódio como engraçado, por isso o vídeo com e sem risadas tiveram notas muito semelhantes de comicidade.

Todavia, quando foram comparadas as emoções dos participantes antes e após a exibição do episódio, o Grupo E demonstrou maiores níveis de alegria e menores níveis de tristeza, raiva e nojo quando confrontado com o Grupo C. Aqui, cabe analisar que a adição de risadas não impactou no julgamento do episódio como mais engraçado, mas fez com que o grupo ficasse mais relaxado, o que corrobora, em partes, com a hipótese inicial.

Uma das limitações do presente estudo foi a não mensuração da empatia afetiva, que é um termo sinônimo na literatura psicológica para contágio emocional. Estudos futuros podem mensurar esse tipo de empatia por meio de testes e utilizá-lo na análise de dados. É sabido que a empatia afetiva relaciona-se com sentir o que os outros estão sentindo, por exemplo, sentir tristeza quando outros indivíduos estão tristes (Miguel et al., 2018). Isso aplica-se às demais emoções: em estudos posteriores, pode-se utilizar uma cena com uma trilha sonora triste, uma música de tensão ou sons irritantes e verificar como se dá o contágio emocional dos

participantes. Caso o método seja replicado, é importante emparelhar uma cena triste com e sem um trilha triste, a fim de perceber como a mudança no áudio impactaria no humor. Outras pesquisas podem utilizar as mesmas trilhas e cenas diferentes, com a finalidade de analisar o impacto visual das cenas. No entanto, ainda que a empatia afetiva seja um componente que impactou a pesquisa, isso não explica o porquê não houve distinção na avaliação da comicidade do episódio, apenas no julgamento das emoções. Nesse quesito, entende-se que a interpretação cognitiva tenha impacto na ativação emocional (Miguel, 2015).

Outra limitação do presente estudo pode ter sido nos procedimentos: a pesquisa foi feita ao decorrer do semestre letivo da universidade, sendo que o Grupo C respondeu antes e o Grupo E respondeu próximo ao final do semestre: o contexto de estresse desse período pode ter impactado como os participantes estavam se sentindo e, consequentemente, suas respostas. Recomenda-se que pesquisas futuras alternem a aplicação: por exemplo, no método usado, um participante do Grupo C, outro do Grupo E, depois o Grupo C e assim sucessivamente. No Grupo E, alguns participantes comentaram que não acharam o episódio engraçado pois as risadas deixavam o episódio forçado e que esse tipo de claque é comum em séries americanas, não em produções brasileiras, e isso teria causado estranhamento para alguns voluntários: aqui, nota-se como a percepção de humor é fortemente influenciada pela culturalidade. Caso a pesquisa fosse aplicada com uma série americana e legendada, os resultados poderiam ser diferentes. Além disso, caso fosse aplicada em estadunidenses, cujas diversas produções fazem uso de clagues, as conclusões poderiam ser outras também.

Referências

- Cai, Q., Chen, S., White, S. J., & Scott, S. K. (2019). Modulation of humor ratings of bad jokes by other people's laughter. *Current Biology*, 29(14), R677-R678. <https://doi.org/10.1016/j.cub.2019.05.07>
- Doherty, R. W. (1997). The emotional contagion scale: A measure of individual differences. *Journal of Nonverbal Behavior*, 21(2), 131–154. <https://doi.org/10.1023/A:1024956003661>
- Ekman, P. (2003). *Emotions revealed*. Times Book.
- Esperidião-Antonio, V., Majeski-Colombo, M., Toledo-Monteverde, D., Moraes-Martins, G.,

- Fernandes, J. J., Assis, M. B., & Siqueira-Batista, R. (2008). Neurobiologia das emoções. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 35(2), 55–65.
<https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000200003>
- Le Bon, G. (1896/2001). *The crowd: A study of the popular mind*. Kitchener, Canadá: Batoche Books.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2009). O sorriso humano: Aspectos universais, inatos e os determinantes culturais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 109–120.
- Mendes, R. M. M. (2022). Associações entre o processamento de emoções vocais e traços de psicopatia, autismo e alexitimia [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte.
<http://hdl.handle.net/10071/27310>
- Miguel, F. K. (2015). Psicologia das emoções: Uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-USF*, 20(1), 153–162. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114>
- Miguel, F. K., Hashimoto, E. S., Gonçalves, E. R. D. S., Oliveira, G. T. de, & Wiltenburg, T. D. (2018). Estudos de validade do questionário online de empatia. *Temas em Psicologia*, 26(4), 2203-2216.
<https://doi.org/10.9788/TP2018.4-18Pt>
- Monteiro, M. C. (2011). *Humor e prazer perante a alegria e o infortúnio dos outros: Identificação empática, contágio emocional ou prazer malicioso?* Tese de Doutorado, Instituto Universitário de Lisboa.
- Neubern, M. S. (2000). As emoções como caminho para uma epistemologia complexa da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(2), 153–163. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000200008>
- Otta, E (1994). *O sorriso e seus significados*. Vozes.

Caso Vitória: Evidências de validade clínica do OPD-CA-2

Gabriela Quadros de Lima Stenzel

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Denise Ruschel Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Vera Regina Röhnelt Ramires

Atitus Educação

Resumo: O Diagnóstico Psicodinâmico Operacionalizado para a Infância e Adolescência (OPD-CA-2) é um sistema de avaliação psicodinâmica multiaxial composto por quatro eixos: relações interpessoais, conflitos, estrutura e pré-requisitos para o tratamento. Permite que o clínico possa fazer uma estimativa da dinâmica psíquica de crianças e adolescentes a partir de entrevistas psicológicas e/ou outros instrumentos avaliativos e incluir os resultados em formulários objetivos, sistematizados e padronizados. As principais aplicações do sistema são proporcionar uma melhor compreensão do paciente e ajudar a estabelecer o planejamento da psicoterapia, permitir que o clínico avalie as mudanças alcançadas durante o processo terapêutico, além de constituir um sistema complementar aos diagnósticos baseados na CID e no DSM. O objetivo deste trabalho foi contribuir com os estudos de validade do OPD-CA-2 para a realidade brasileira por meio da apresentação de um estudo de caso (validade clínica). A participante foi uma menina de 11 anos de idade que estava em tratamento psicoterápico há cerca de dois anos e foi encaminhada para psicodiagnóstico para a investigação da personalidade e de sintomas psicopatológicos. Os procedimentos realizados foram: entrevistas, Procedimento Desenho-Estória, Inventário de Depressão de Beck, Teste de Apercepção Infantil – Figuras Humanas e a Escala Wechsler de Inteligência para Crianças – 4ª Edição. Após a aplicação destes instrumentos foram preenchidas as Folhas de Avaliação do OPD-CA-2. A partir dos procedimentos realizados foi possível identificar sintomas condizentes com o diagnóstico de Transtorno Depressivo Maior, com os seguintes especificadores: intensidade grave, com características psicóticas congruentes com o humor e sintomas ansiosos. Também foi possível identificar o diagnóstico de Disforia de Gênero. A caracterização destes diagnósticos foi realizada com base no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. Considerando a Seção III do referido Manual identificou-se também o Transtorno da Personalidade *Borderline* com Prejuízo grave de acordo com a Escala de Funcionamento da Personalidade. Os resultados do OPD-CA-2 descreveram o funcionamento mental da paciente correspondendo ao nível baixo de integração com a presença de sintomas psicóticos como ilusão e alucinação. Os conflitos acontecem em termos interpessoais ao invés de intrapsíquicos. Existe difusão de identidade e baixa tolerância aos afetos negativos. Atuações impulsivas estão presentes (autolesão e comportamento suicida). Assim, o trabalho psicoterapêutico deve priorizar as vulnerabilidades da estrutura de personalidade da menina. Entende-se que os resultados encontrados a partir dos procedimentos utilizados no processo avaliativo de Vitória e da análise do caso com base no OPD-CA-2 são congruentes, demonstrando evidências de validade clínica do instrumento alvo deste estudo.

Palavras-chave: Psicopatologia, Personalidade, Validade clínica.

Introdução

No ano de 1990, na Europa, um grupo de profissionais da área da saúde mental (psicólogos e psiquiatras) desenvolveu um protocolo de diagnóstico clínico de embasamento psicodinâmico com o objetivo de ampliar a classificação diagnóstica baseada unicamente na descrição de sintomas. A partir deste protocolo foi criado um manual de treinamento e aplicação clínica em psicologia e psiquiatria, o *Operationalized Psychodynamic Diagnosis* (OPD), na Alemanha. O sucesso alcançado com a proposta de uso desse sistema levou a uma expansão

posterior que gerou o OPD-2 (Force Task, 2008). Mais tarde, frente à ampla aceitação da versão do OPD para adultos, também foi desenvolvida a versão do OPD para crianças e adolescentes, nomeada primeiramente de *Operationalized Psychodynamic Diagnosis in Childhood and Adolescence (OPD-CA)*. Após nova revisão e expansão, uma segunda versão foi publicada (Resch et al., 2016).

O OPD-CA-2 permite que o clínico possa fazer uma estimativa da dinâmica psíquica do paciente a partir de entrevistas psicológicas e/ou outros instrumentos clínicos e incluir os resultados em formulários de avaliação objetivos, sistematizados e padronizados. Trata-se de um sistema multiaxial composto por quatro eixos que devem ser avaliados e preenchidos pelo entrevistador. O Eixo I contempla as relações interpessoais, sendo que para o preenchimento deste eixo devem ser levados em consideração o padrão relacional básico do paciente e os sentimentos despertados no clínico durante a entrevista. O Eixo II diz respeito aos conflitos psíquicos apresentados pelo paciente. Existem seis subitens para esse eixo, sendo que, para fins diagnósticos, o terapeuta deve optar por dois conflitos que julga proeminentes, ordenando-os pela importância que possuem na dinâmica psicológica do paciente. O Eixo III, por sua vez, avalia a estruturação psíquica, com cinco subitens que devem ser pontuados da seguinte forma: bem integrada, moderadamente integrada, pouco integrada ou desintegrada. Por fim, o Eixo IV diz respeito à experiência subjetiva com o problema que o paciente enfrenta e os pré-requisitos para o tratamento, apresentando 13 subitens que devem ser pontuados de acordo com a seguinte regra: 0 ponto para “ausente”, 1 ponto para “leve”, 2 pontos para “moderado” e 3 pontos para “grave” (Resch et al., 2016).

Em resumo, as principais aplicações do sistema, de acordo com os seus autores, são: proporcionar uma melhor compreensão das fases de tratamento e ajudar a estabelecer o foco circunstancial da psicoterapia; avaliar e indicar terapêutica subsequente; formar um sistema de avaliação que complemente os diagnósticos baseados na CID e no DSM e permitir que o clínico avalie as mudanças alcançadas durante o processo terapêutico. Assim, o propósito original que levou à criação do OPD-CA-2 foi o desenvolvimento de um instrumento que permita o acompanhamento e a investigação empírica do processo clínico. Considera-se promissora a contribuição do OPD-CA-2 para a realidade brasileira. Então, um primeiro estudo de adaptação do instrumento para a língua portuguesa foi desenvolvido resultando na publicação da versão

brasileira do manual do instrumento, intitulado “Diagnóstico Psicodinâmico Operacionalizado para a Infância e Adolescência”¹⁶ (Resch et al., 2024). O objetivo deste trabalho é contribuir com os estudos de validade do OPD-CA-2 para a realidade brasileira por meio da apresentação de um estudo de caso, considerando a abordagem de validade clínica proposta por Tavares (2003).

Quem é Vitória?

É uma menina de 11 anos que realizava tratamento psicológico clínico há aproximadamente dois anos, após passar por uma avaliação psiquiátrica. Na ocasião, a médica entendeu que ela se beneficiaria com o processo psicoterápico tendo em vista o início da adolescência. Não foram prescritas medicações. A psicóloga responsável pela psicoterapia de Vitória solicitou a realização de um psicodiagnóstico para a investigação da personalidade e de sintomas psicopatológicos.

Vitória mora com a mãe e o pai e foi adotada com dois dias de vida. Antes da adoção, a mãe havia passado por seis abortos espontâneos e o casal dedicava cuidados especiais ao filho mais velho que havia sofrido paralisia cerebral. Vitória conviveu com o irmão até os dois anos de idade, quando ele faleceu (aos 17 anos). Sobre a gestação e parto de Vitória, segundo as informações que os pais adotivos possuem, não aconteceram intercorrências, assim como não houve dificuldades relacionadas ao seu desenvolvimento.

De forma geral, os pais desejam investigar o entendimento e sentimentos da filha em relação ao fato de ser adotada, assim como possíveis dificuldades de aprendizagem. Ainda, eles mencionaram a sexualidade como um aspecto importante a ser considerado no processo avaliativo. Vitória enfrenta intenso sentimento de não pertencimento ao seu sexo anatômico, apresentando-se como transexual desde o primeiro contato com a avaliadora.

No primeiro encontro, realizado com toda a família, Vitória se mostrou mais calada, introvertida. A mãe foi quem se responsabilizou por iniciar a explanação das demandas de avaliação. O pai complementava a fala da mãe e todos se mostraram disponíveis e interessados na realização da avaliação psicológica. A partir do segundo encontro, Vitória demonstrou

16 A primeira e a terceira autoras deste trabalho participaram da publicação desta obra como tradutora e revisora técnica, respectivamente.

excelente capacidade de estabelecer vínculos afetivos e, no decorrer da avaliação, se beneficiou de forma significativa de mais uma oportunidade de escuta e compreensão a respeito do seu sofrimento emocional.

Procedimento

O processo avaliativo da menina ocorreu no período de dois meses, totalizando 14 encontros. Os procedimentos incluíram a realização de entrevistas psicológicas com os pais de Vitória, com a paciente e a psicoterapeuta. Foi administrado o Procedimento Desenho-Estória (PDE, Trinca, 2020; Trinca & Tardivo, 2007), técnica psicológica projetiva gráfica, para investigar características de personalidade e ao final deste encontro foi realizada uma intervenção psicológica com Vitória e o pai por conta do intenso sofrimento relacionado com as características de sexualidade e a constatação de risco de suicídio. No encontro seguinte foi realizada a administração do Inventário de Depressão de Beck – II (BDI-II, Gorenstein et al., 2011) para investigar sintomas depressivos, assim como seguir monitorando o risco de suicídio. Após foi aplicado o Teste de Apercepção Infantil – Figuras Humanas (CAT-H, Miguel, et al., 2016), teste psicológico projetivo temático que investiga características de personalidade, a estrutura afetiva e a dinâmica das relações interpessoais. Por último, foi realizada a aplicação da Escala Wechsler de Inteligência para Crianças – 4ª Edição (WISC-IV, Wechsler, 2013), teste psicológico que teve por finalidade investigar o funcionamento intelectual e cognitivo de Vitória. Após cerca de 1 ano do final do processo avaliativo realizado foram preenchidas as Folhas de Avaliação do OPC-CA-2 (Resch et al., 2024).

Com relação aos cuidados éticos, destaca-se que ao longo de toda a avaliação manteve-se contato com a psicóloga responsável pela psicoterapia de Vitória, assim como foram realizadas entrevistas com os pais dela, para estabelecer cuidado ativo e constante em relação aos sintomas apresentados pela menina, como o risco de suicídio. Os pais da paciente assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o projeto maior no qual este estudo se insere foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). A condução da avaliação psicológica de Vitória foi de responsabilidade da primeira autora deste estudo.

Resultados e Discussão clínica

A partir das entrevistas realizadas foi possível conhecer os principais acontecimentos da história de vida de Vitória, as características do seu contexto familiar, assim como explorar a demanda de avaliação. Sobre a adoção de Vitória, há cerca de um ano seus pais iniciaram um processo judicial para que a menina também fosse reconhecida legalmente como filha da mãe adotiva. No momento da adoção, o pai adotivo assumiu a paternidade em conjunto com a mãe biológica. Vitória desconhece algumas informações a respeito de como a sua adoção aconteceu. A mãe referiu que deseja que a filha guarde um bom registro a respeito da sua origem e sua história de vida, já que soube da sua própria adoção de uma forma que considera inapropriada.

Com relação ao histórico escolar da menina, ela nunca repetiu de ano e possui facilidade para desenhar e nos conteúdos de matemática. As dificuldades surgem, de acordo com a mãe, nas tarefas que exigem maior concentração como a leitura e a interpretação de textos, ortografia e retenção do conhecimento. A psicoterapeuta de Vitória referiu que a menina possui poucos amigos no contexto escolar. Vitória relatou situações em que sofreu *bullying* ou que outros colegas sofreram, o que também a mobiliza. Ela entende que os conflitos com os colegas diminuíram quando ela entrou na puberdade e seu corpo começou a se modificar, chamando a atenção dos meninos. Em casa, os pais precisam estar envolvidos em todas as tarefas da filha para que elas sejam cumpridas, como arrumar o quarto e tomar banho, por exemplo.

Do ponto de vista emocional e do comportamento atual de Vitória, os pais se mostraram preocupados com a entrada na adolescência, a sexualidade e o início precoce da puberdade que ocorreu aos 9 anos de idade. Os pais afirmaram que Vitória prefere estar envolvida em atividades que incluam dispositivos eletrônicos, como o telefone celular, e que ela tem o costume de assistir a filmes que eles consideram violentos e/ou depressivos e, ainda, consideram que a filha possui baixa autoestima. Eles também relataram episódios em que ela apresenta comportamentos de automutilação, cortando os braços, por exemplo. A psicoterapeuta de Vitória, por sua vez, relatou que esses comportamentos incluem dar socos e/ou bater a cabeça na parede quando ela se sente frustrada.

Mais especificamente sobre a sexualidade, Vitória relatou e apresentou intenso sofrimento desde a primeira entrevista com a psicóloga avaliadora. Ela afirmou que se percebe como um menino desde os 5 anos de idade (momento em que soube da sua adoção) e por isso

não acredita que esse sentimento esteja relacionado somente a fase da adolescência. Vitória relatou ficar dois dias sem tomar banho para não ter que entrar em contato com o seu corpo feminino. Ela narra com facilidade sobre os conceitos que fazem parte do contexto da sua sexualidade e sobre os movimentos e preconceitos sociais sobre o assunto. Ao se referir sobre a temática da sexualidade se motiva e apresenta muita desenvoltura na fala, além de extenso domínio do vocabulário, evidenciando seu potencial cognitivo. Ao mesmo tempo, se emociona em diversos momentos da sua narrativa, chora e menciona a preocupação com a sua mãe e família extensa no enfrentamento e aceitação do seu modo de ser. Segundo Vitória, a mãe não aceita que a menina expresse a sua identidade de gênero, não permitindo o corte de cabelo como ela gostaria, o uso de roupas essencialmente masculinas e incentiva comportamentos femininos, como cuidar das unhas na manicure. A menina possui um nome masculino do qual gostaria de ser genuinamente chamada: Victor (motivo da escolha do nome fictício Vitória).

Para compreender as características de personalidade de Vitória e o modo como a sua identidade está se desenvolvendo, foram administradas técnicas e testes projetivos. Tais ferramentas, reconhecidas científica e tecnicamente pela psicologia, permitiram a exploração e aprofundamento de aspectos importantes das emoções e relações de Vitória. O Procedimento Desenho-Estória (PD-E) se mostrou eficaz para a demonstração dos conflitos emocionais que mobilizam a paciente de forma significativa. A produção de Vitória, nesta técnica, evidenciou sentimentos de menor valia, menor competência, insegurança e identificação com o sexo oposto. A figura materna foi identificada nesta técnica como controladora e até mesmo rejeitadora, já que Vitória não se sente aceita pela mãe. Sentimento de culpa e medo do abandono ganharam destaque no seu funcionamento atual. Da mesma forma, a necessidade de suprir faltas básicas, de ser cuidada, protegida, contida e amada são a consequência direta dessas características descritas. Sentimentos depressivos se fizeram presentes por meio da produção de Vitória no PD-E, e durante todo o processo avaliativo. A ambivalência entre o desejo de ser amada e oferecer apoio incondicional às figuras importantes da sua vida, como o pai e, principalmente, a mãe, surge para dar conta das ansiedades depressivas e do desamparo sentido. Vitória deseja fortemente expressar seu modo de funcionar e ser aceita dessa forma, mas, ao mesmo tempo, se diz disposta a sofrer e sufocar sua identidade para não desagradar a mãe, já que ela desejava tanto uma filha menina e é quem a acolheu, adotando-a. Desta forma, percebe-

se que a projeção dos seus conflitos de origem (adoção) e sexuais, que são a base da construção da personalidade, é maciça e constantemente presente em suas produções. Nesse sentido, pesquisadores (Machado et al., 2019) afirmam que para o filho adotivo constituir a sua identidade, sua família adotiva precisa legitimar seu lugar na cadeia geracional. Ou seja, legitimar a sua história, sendo que uma das formas de legitimação é narrar sobre a sua origem e o encontro com a nova família. Para os autores, um dos maiores impasses em torno do mito de origem da criança adotada é a mistura de fantasia e realidade. Então, se os pais não puderem entrar em contato com o possível sofrimento que a origem dos filhos lhes causa, este perceberá que o tema é motivo de ansiedade e até mesmo proibido. Com a chegada da puberdade e da adolescência, meninos e meninas revivem a ansiedade ligada à sua origem e às vivências da sexualidade. Muitas vezes o adolescente adotado se identifica com a criança que foi abandonada pela mãe biológica, uma criança não amável. Assim, este estudo evidencia a importante relação entre os constructos de adoção, identidade e sexualidade, como no caso de Vitória.

Antes da aplicação do Teste de Apercepção Infantil – Figuras Humanas (CAT-H), para a sequência e aprofundamento da investigação dos aspectos mencionados anteriormente (características de personalidade), optou-se pela aplicação do Inventário de Depressão de Beck – II (BDI-II) para melhor avaliar os sintomas depressivos manifestados por Vitória. As suas respostas alcançaram 50 pontos, indicando a presença de sintomas depressivos em intensidade grave. Um importante aspecto avaliado por este instrumento são os pensamentos ou desejos suicidas, sendo que Vitória escolheu a seguinte afirmativa: “Tenho pensamentos de me matar, mas não levaria isso adiante”. Ressalta-se que a ideação suicida da menina se mostrou de forma mais branda no momento da aplicação do BDI-II como consequência direta da intervenção realizada anteriormente com os pais, momentos nos quais ela conseguiu afirmar diante deles ser “transexual” (sic.) e sofrer com a percepção de não se sentir aceita. Antes de poder se expressar de forma direta e protegida pelo ambiente clínico, Vitória relatou desejos suicidas mais fortes e tentativa de estrangulamento com as próprias mãos, evidenciando a gravidade do seu sofrimento e o risco ao qual estava submetida. Outros exemplos de afirmativas escolhidas por Vitória no BDI-II que chamam a atenção são: “Eu me sinto triste grande parte do tempo”, “Não espero que as coisas deem certo para mim”, “Sinto que como pessoa sou um fracasso total”, “Sinto que estou sendo punida”, “Eu me culpo por tudo de ruim que acontece”,

“Eu me sinto completamente sem valor”.

Na aplicação do CAT-H, no qual a tarefa é contar uma história com início, meio e fim para cada um dos 10 cartões que compõem o teste, Vitória apresentou narrativas com temáticas incomuns, considerando os conteúdos geralmente evocados pelos estímulos. Em 9 cartões Vitória percebe formas (na maioria das vezes olhos), vultos ou identifica pessoas e bebês no sombreado dos desenhos. Em situações mais específicas ela evidencia sintomas de ilusão e alucinação. No cartão 2, um bebê identificado no sombreado representa os bebês que a mãe perdeu (6 abortos). No cartão 3 Vitória identificou um vulto, dos que costuma ver em outras situações da sua vida, que, no cartão, conversa com o seu avô planejando matar ou prender alguém. No cartão 4 ela identificou um vulto grande que destrói a cidade, além de outros vultos em diferentes sombreados da imagem. No cartão 5, Vitória percebeu vultos, caras e olhos em um orfanato, fazendo referência a sua origem na versão que conhece. No cartão 7, sendo um dos que gerou grande mobilização emocional na menina, ela percebeu um homem que mata uma criança e nessa ocasião relatou estar vendo um vulto na sala de atendimento (sintoma de alucinação visual).

Durante toda a aplicação do teste, ela se mostrou muito mobilizada e angustiada, sendo que o primeiro cartão acionou conteúdos considerados bizarros, já que Vitória percebeu crianças comendo tripas e órgãos humanos. Nessa história o avô de Vitória mata seus filhos (tios da menina), poupando apenas a sua mãe por ser adotada. Constata-se, assim, que desde o início da testagem Vitória evocou sentimentos relacionados a adoção da mãe, sua adoção e seu contexto familiar, pois todos os filhos biológicos da sua mãe adotiva morreram, apenas ela ainda sobrevive. O tom das histórias denota ameaça e hostilidade. No cartão 9 Vitória se relacionou com o bebê da imagem, sendo que este olhou para ela (sintoma de ilusão) e a deixou paralisada pelo intenso sofrimento. No cartão 10 ela percebeu a avó batendo na mãe enquanto conta que ela (a mãe) é adotada. Nessa ocasião Vitória percebeu a avó (personagem feminina do cartão) piscando para ela (sintoma de ilusão). Ressalta-se que durante toda a aplicação do teste Vitória se sentiu desconfortável, verbalizando sentir-se agoniada, cansada, paralisada.

Os dados apresentados sugerem, de acordo com o Manual do CAT-H, que Vitória vivencia conflitos significativos que remontam a sua origem e que se mostram fortemente presentes por meio de conflitos que fazem alusão à vida *versus* morte. Sentimentos de

aniquilamento/morte e desamparo se fazem constantemente presentes. Vitória mencionou no cartão 7 que “todas as histórias têm alguma coisa de morte” (sic.). O teste de realidade (contato com a realidade) não está totalmente preservado (ilusões e alucinações), sinalizando dificuldades que comprometem seu funcionamento de forma global. Os desenlaces das histórias são predominantemente negativos, sendo que a maioria dos personagens identificados por Vitória morrem, são mortos e/ou são machucados e estão em intenso sofrimento. Também, as narrativas de Vitória se apresentam de forma pouco organizada, sem a presença significativa de enredos com início, meio e fim. A ineficiência das defesas psíquicas utilizadas por ela possibilita a emergência da ansiedade, comprometendo de forma intensa o uso adequado dos seus recursos cognitivos. A menina relatou em diversos momentos do processo avaliativo que não consegue prestar atenção e se envolver em outras atividades da sua vida, como as tarefas escolares, devido a ansiedade e sofrimento que sente constantemente. Ou seja, seu aparelho psíquico se encontra inundado pela dor, não sobrando recursos suficientes para que ela possa investir a energia necessária para, por exemplo, aprender a partir de todo o seu potencial cognitivo.

Ainda, no que diz respeito as relações interpessoais e ao ambiente do qual Vitória faz parte, ela se sente, de acordo com a sua produção no CAT-H, parte de um contexto em que a violência, a punição, a hostilidade, a desavença, a agressividade e o sofrimento se fazem presentes. Em apenas dois cartões a menina conseguiu identificar elementos de apoio nessas duas categorias (relações interpessoais e ambiente). Sua autoimagem, como consequência de todas as características detalhadas nessa apreciação, é identificada predominantemente como vulnerável e fragilizada diante de tantos desafios internalizados por ela como perigosos e ameaçadores. Tais desafios, relacionados a sua origem, sua identidade e contexto do qual faz parte, chegam a gerar confusão mental acerca do mundo e de si própria.

Apesar de os resultados apresentados até este momento justificarem de forma clara e consistente as dificuldades que Vitória manifesta em seu comportamento no que diz respeito a demanda de avaliação, optou-se, em conjunto com a psicóloga responsável pelo tratamento psicoterápico de Vitória, por investigar o seu funcionamento cognitivo de forma mais detalhada para auxiliar ainda mais no entendimento do seu comportamento em termos gerais e, principalmente, demonstrar suas habilidades e dificuldades intelectuais para a instituição

escolar. Então, a menina foi submetida a aplicação dos subtestes da Escala Wechsler de Inteligência para Crianças - 4ª Edição (WISC-IV).

O QI Total (QIT) é considerado a estimativa mais representativa do funcionamento intelectual global. A habilidade cognitiva geral de Vitória supera aproximadamente 58% das crianças da sua idade (QIT=103). Esta estimativa já identifica o potencial cognitivo/intelectual que Vitória possui, que se encontra na média esperada para a sua idade. A tabela abaixo apresenta de forma resumida os resultados encontrados:

Tabela 1. Resultados do WISC-IV

Índice	Pontuação	Interpretação
QI Total	103	Média
Índice de Compreensão Verbal	101	Média
Índice de Organização Perceptual	106	Média
Índice de Memória Operacional	88	Média Inferior
Índice de Velocidade de Processamento	115	Média Superior

Ainda sobre o seu funcionamento cognitivo, ressalta-se que o subteste em que Vitória apresentou maior dificuldade de desempenho foi “Dígitos”. Tal tarefa visa avaliar a memória auditiva de curto prazo, sequenciamento, atenção e concentração. Parte da tarefa envolve aprendizagem por memorização, atenção, codificação e processamento auditivo. Outra parte envolve memória operacional, transformação de informações, agilidade mental e imagens visuais e espaciais. Este resultado ainda pode ser justificado pelos sintomas depressivos e intenso sofrimento psíquico. Contudo, uma reavaliação psicológica, incluindo a investigação cuidadosa dessas funções, pode ser benéfica no futuro. Os dados oriundos do OPD-CA-2 serão apresentados a seguir de acordo com cada eixo que compõe o instrumento.

Eixo I – Relacionamentos Interpessoais

A partir da análise das díades “Vitória-Mãe” e “Vitória-Avaliadora” foi possível identificar que a paciente modifica de forma significativa sua forma de vivenciar as relações interpessoais de acordo com o parceiro de interação. A paciente menciona que representa um personagem ao se relacionar com os seus pais na tentativa de agradá-los e garantir o amor e

proteção. A menina demonstra afeto, interesse e, principalmente, permite e tolera todo o comportamento manifesto pela mãe na interação que estabelecem. No entanto, a paciente se mostra altamente ansiosa, insatisfeita e submissa ou sob pressão durante a maior parte do tempo em que interage com a figura materna. Já no que concerne a relação estabelecida com a psicóloga avaliadora, Vitória demonstra abertura para expressar seus desejos de forma amigável, assim como se sente feliz e confortável durante a interação.

A ressonância interna da avaliadora resultou na percepção da paciente como interessada, afetuosa e aberta para a experiência; e na autopercepção como confortável e livre na relação. Por fim, no que diz respeito ao relacionamento de Vitória com ela mesma, destacam-se a auto reprovação e o auto tormento.

Eixo II – Conflitos

Tendo em vista o nível de funcionamento mental e o diagnóstico da estrutura de personalidade de Vitória (descrito a seguir), não é possível identificar conflitos intrapsíquicos de acordo com o OPD-CA-2. No entanto, outras fontes de informações como o PD-E e o CAT-H indicam a presença de conflitos que fazem alusão a *cuidar de si mesmo vs ser cuidado*.

Eixo III - Estrutura

Vitória apresenta incoerência de identidade, desempenhando constantemente um papel diante dos seus pais a fim de atender às suas expectativas e desejos, prejudicando sua autopercepção, assim como a percepção dos outros. Esta condição resulta em limitação para o estabelecimento da sua autonomia.

Afetos negativos, como forte ansiedade, surgem para Vitória de forma incontrolável, sendo expostos em ações. Nestas ocasiões, a menina pode perder o controle e reagir por meio de comportamento autodestrutivo. A sua autoestima é constantemente questionada por ela mesma, demonstrando fragilidade e instabilidade. Vitória não demonstra condições de encontrar valor em si própria diante das exigências externas, renunciando aos seus desejos em prol dos interesses das figuras de apego. Em termos do seu mundo interno, fragmentos de fantasias, por vezes, não podem ser distinguidos da realidade, desencadeando ações destrutivas (autolesões e comportamento suicida) e/ou sensações e percepções estranhas (ilusões e

alucinações).

As imagens internas de apego que a paciente dispõe são predominantemente negativas, com pouca flexibilidade e mais direcionadas a agir no sentido de suprir necessidades básicas. As emoções desencadeadas são de ansiedade, perseguição e desespero, sendo que nenhuma representação interna pode ser ativada para gerar segurança. Assim, Vitória apresenta maiores condições de obter constância e tranquilidade diante de figuras que não sejam de apego primário, como profissionais da área da saúde mental. A menina demonstra possuir capacidade criativa e simbólica expressas principalmente por meio das atividades gráficas projetivas (desenhos). No entanto, tais capacidades encontram-se em parte bloqueadas em função do intenso sofrimento psíquico atual.

Eixo IV – Pré-requisitos para o tratamento

Vitória apresenta e reconhece um alto nível de sofrimento mental, assim como algumas queixas somáticas (como dor de garganta e coceira nos olhos). A menina compreende o seu sofrimento como tendo relação direta com a não aceitação da sua sexualidade e identidade por parte da família e principalmente da mãe. Vitória demonstra excelente vínculo com a sua psicoterapeuta, assim como com a psicóloga avaliadora. Ela demonstra aproveitar positivamente os espaços de escuta, cuidado e intervenção em saúde mental. A tabela abaixo descreve as conclusões alcançadas a partir do processo clínico avaliativo realizado com a menina e as conclusões obtidas por meio do OPD-CA-2.

Tabela 2. Conclusões alcançadas a partir do processo psicodiagnóstico e do OPD-CA-2

Psicodiagnóstico	OPD-CA-2
Vitória apresenta sintomas condizentes com o diagnóstico de Transtorno Depressivo Maior, com os seguintes especificadores: intensidade grave, com características psicóticas congruentes com o humor e sintomas ansiosos. Também foi possível identificar o diagnóstico	O funcionamento mental de Vitória corresponde ao nível baixo de integração com a presença de sintomas psicóticos como ilusão e alucinação. Os conflitos acontecem em termos interpessoais ao invés de

de Disforia de Gênero. Tal diagnóstico representa a forte incongruência entre o gênero expresso por Vitória (masculino) e o gênero designado (feminino). A caracterização destes diagnósticos foi realizada com base no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (APA, 2014). Considerando a Seção III do referido Manual (Modelo Alternativo do DSM-5 para os Transtornos da Personalidade), identifica-se o Transtorno da Personalidade Borderline com Prejuízo grave de acordo com a Escala de Funcionamento da Personalidade. Entende-se que a história de adoção de Vitória e, principalmente, a forma como a família maneja com a história de vida da menina possui valor imperioso na construção da sua personalidade e na produção dos seus sintomas.	intrapsíquicos. Existe difusão de identidade e baixa tolerância aos afetos negativos. Atuações impulsivas estão presentes (autolesão e comportamento suicida). Desta forma, o trabalho psicoterapêutico deve priorizar as vulnerabilidades da estrutura de personalidade da paciente.
--	---

A partir das conclusões foi possível sugerir como encaminhamento a manutenção do tratamento psicoterápico com o aumento da frequência de atendimento para, no mínimo, duas vezes por semana considerando a intensidade dos sintomas depressivos apresentados e o risco de suicídio. Vitória demonstrou excelente capacidade de se vincular com profissionais da área da saúde, o que indica recursos psicológicos para se beneficiar de forma significativa desse espaço de cuidado clínico. Ainda, ficou evidente durante o processo avaliativo o quanto Vitória preserva os pais do seu sofrimento, utilizando o ambiente clínico para tal expressão. Nesse sentido, trabalhar de forma próxima e constante com os pais de Vitória se torna fundamental para que haja uma única compreensão do sofrimento e funcionamento da menina, assim como uma única narrativa sobre a sua história de vida.

Sugeriu-se, além do já exposto, a realização de nova avaliação psiquiátrica em função dos graves sintomas depressivos, risco de suicídio e o surgimento de sintomas psicóticos conforme descrito na análise do Teste de Apercepção Infantil (CAT-H). Por fim, sugere-se que passado um ano da presente data uma nova Avaliação Psicológica seja realizada para averiguar a evolução dos tratamentos sugeridos e possível esbatimento de sintomas. Após o controle do intenso sofrimento psíquico ao qual Vitória está submetida, a avaliação das suas funções

cognitivas pode revelar diferentes habilidades e/ou dificuldades. Os problemas de ordem atencionais, por exemplo, podem ser amplamente solucionados com o tratamento proposto ou se manterem presentes em algum grau, justificando, avaliações com outros profissionais.

Conclusões

O caso apresentado exemplifica de que maneira o OPD-CA-2 pode ser utilizado como instrumento integrante do processo psicodiagnóstico, auxiliando o clínico de embasamento psicodinâmico a organizar e compreender a dinâmica de funcionamento do paciente em investigação. O instrumento também possibilita o estabelecimento do foco circunstancial de tratamento, contribuindo para a realização dos encaminhamentos necessários. Para além dessa exemplificação, é possível concluir que o uso do OPD-CA-2 permitiu a identificação dos três critérios preconizados por Tavares (2003) para a confirmação da validade clínica: aspecto interno, congruência externa e congruência teórica. Segundo o autor “uma boa avaliação deverá articular essas informações de validade interna, externa e teórica para integrar e fundamentar o significado das conclusões e de suas implicações” (p. 134). As conclusões apresentadas na Tabela 2 demonstram o resultado dos critérios de validade clínica encontrados.

Como aspecto interno pode-se apontar a congruência entre as informações alcançadas por meio dos diferentes instrumentos utilizados para a avaliação de construtos semelhantes, como o PD-E, o CAT-H e os Eixos de “Conflitos” e “Estrutura” do OPD-CA-2, por exemplo. Como fator externo pode-se considerar o fato de as conclusões apresentadas pelo processo psicodiagnóstico serem congruentes com as conclusões produzidas a partir do OPD-CA-2, sendo que o último instrumento foi preenchido 1 ano após o término do processo avaliativo, identificando características que emergem em contextos diferentes. Ou seja, a consistência das informações obtidas se mantém apesar da diversidade dos métodos, das variadas fontes de informação e do tempo. Tavares (2003) salienta que as situações favoráveis ao exame da congruência externa não devem se restringir a instrumentos nomotéticos, mas devem incluir a convergência de situações não estruturadas, como a entrevista, relatos subjetivos e da história de vida, relatos de familiares ou profissionais, observações diretas, prontuários clínicos prévios etc., exatamente como ocorreu no caso Vitória. E, por fim, a validade teórica se expressa a partir dos diagnósticos apresentados que se basearam em diferentes aportes teóricos de

classificação (DSM-5 e diagnóstico psicodinâmico), mas que produziram a sistematização dos mesmos comportamentos e sofrimentos da paciente. Além disso, a ligação entre os constructos de adoção, identidade e sexualidade identificados durante o processo avaliativo foram corroborados pelo estudo conduzido por Machado et al. (2019). Estes construtos auxiliaram de forma significativa para a compreensão do sofrimento vivenciado por Vitória, evidenciado por meio do psicodiagnóstico e do OPD-CA-2.

Assim, entende-se que este estudo contribui para a confiança nas informações obtidas por meio do OPD-CA-2 no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que demonstra a sua aplicabilidade na avaliação psicológica clínica. Destaca-se que outras pesquisas seguem em andamento, como a fidedignidade entre avaliadores.

Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Gorenstein, C., Pang, W. Y., Argimon, I. L., & Werlang, B. S. G. (2011). *Inventário de depressão de Beck II*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, R. N., Féres-Carneiro, T., Magalhães, A., & Mello, R. (2019). O mito de origem em famílias adotivas. *Psicologia, USP*, 30, e160102. Epub 21 de março de 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e160102>.
- Miguel, A., Tardivo, L. S. P. C, Moraes, M. C. V., & Tosi, S. M. V. (2016). *CAT-H: Teste de apercepção infantil: figuras humanas*. São Paulo: Vetor.
- Resch, F., Romer, G., Schmech, K., & Seiffge-Krenke, I. (2016). *OPD-CA-2: Operationalized Psychodynamic Diagnosis in Childhood and Adolescence: Theoretical basis and user manual*. Cambridge, MA: Hogrefe.
- Resch, F., Romer, G., Schmech, K., & Seiffge-Krenke, I. (2024). *OPD-CA-2: Diagnóstico Psicodinâmico Operacionalizado para a Infância e Adolescência: base teórica e manual do usuário*. São Paulo: Hogrefe.
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-USF*, 8(2), 125-136.
- Trinca, W. (2020). *Formas lúdicas de investigação em psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias*. São Paulo:

Vetor.

Trinca, W., & Tardivo, L. S. L. P. (2007). *Desenvolvimentos do Procedimento de Desenhos Estórias*. In: J. A. Cunha (Org.). *Psicodiagnóstico-V*, (pp. 428-438). Porto Alegre: Artmed.

Wechsler, D. (2013). *WISC IV: Escala Wechsler de Inteligência para Crianças*. Porto Alegre: Editora Pearson.

O papel do perdão como fator de proteção na adolescência

Irani Iracema de Lima Argimon

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC -RS)

Esther Abigail Helena Maciel Nunes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC -RS)

Leonardo Möller Pedroso de Souza

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC -RS)

Resumo: Na adolescência, a força de caráter do perdão pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicológico dos adolescentes, influenciando positivamente sua saúde mental, relacionamentos interpessoais e bem-estar geral. O objetivo deste estudo foi avaliar, em contextos educacionais, aspectos no bem-estar e saúde mental de adolescentes e sua relação com a força de caráter do perdão. Foram analisados dados coletados presencialmente. Delineamento transversal. Foram utilizadas a Heartland Forgiveness Scale, a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes e a Escala de Bem-Estar Psicológico. Foram entrevistados 730 adolescentes entre 11 e 21 anos. Os adolescentes tardios (16 anos ou mais) apresentaram médias maiores de perdão em todas as esferas analisadas (em relação a si mesmo, aos outros e situações) bem como adolescentes do sexo masculino apresentaram médias mais altas de perdão em comparação a adolescentes do sexo feminino, assim como os que praticavam atividades físicas, em comparação a aqueles que não praticavam. O perdão a si mesmo e a situações se correlacionou negativamente com ansiedade, depressão e estresse e positivamente com relações positivas, autonomia, domínio sobre o ambiente, propósito na vida e auto aceitação. O perdão a si mesmo se correlacionou positivamente com crescimento pessoal. Em relação a perguntas abertas, de quanto tempo permanecia na escola, houveram respostas de que ficavam “tempo suficiente para querer se matar”. Quanto ao gênero, foram expressos mais de 40 “termos” para identificar as identidades de gênero, além de ser a pergunta que mais houve burburinho entre os participantes das diferentes salas. Os resultados contribuem para a conscientização dos profissionais de educação e saúde. Intervenções com técnicas específicas e de escuta podem atender particularidades, principalmente em casos de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Adolescência, Escala do perdão.

Introdução

A partir das últimas décadas, a atenção dos psicólogos têm se dirigido a temas como bem-estar, esperança, otimismo, gratidão, perdão, além de outros aspectos do desenvolvimento humano, passaram a fazer parte de estudos. Neste contexto, o perdão se tornou objeto de investigação em diferentes etapas do ciclo vital devido ao seu papel positivo de lidar com condições adversas. Estudos sobre a relação entre personalidade e perdão identificou que as pessoas que possuem o traço do perdão em maior propensão têm uma abordagem específica para situações dolorosas, o que o torna mais facilmente alcançado. O perdão é uma das atitudes que permite mudar o foco das experiências negativas, gerar emoções positivas e com isso aumentar a satisfação da pessoa e seu sentimento em relação às ações de outras pessoas (Rashid e Seligman, 2019).

De acordo com Seligman e Rashid (2019) o perdão é uma das atitudes que permitem

mudar o foco das experiências negativas e gerar emoções positivas e, com isso, aumentar a satisfação da pessoa e seu sentimento em relação às ações de outras pessoas. Os autores afirmam que é possível fazer mudanças na cognição, comportamento, emoções e nas motivações da pessoa. As medidas que avaliam a propensão para perdoar são correlacionadas positivamente com medidas de saúde mental e bem-estar. Neste sentido, o perdão se tornou objeto de investigação em diferentes etapas do ciclo vital devido ao seu papel positivo de lidar com condições adversas.

Falando em adolescência, essa é uma fase de transição crucial na vida humana, marcada por mudanças físicas, emocionais, sociais e cognitivas significativas (Bo Peng et al., 2023). Durante esse período, os jovens estão expostos a diversos fatores de influência que podem afetar sua qualidade de vida. O perdão pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicológico dos adolescentes, influenciando positivamente sua saúde mental, relacionamentos interpessoais e bem-estar geral. Investir em intervenções em ambientes escolares com essa temática pode permitir que os adolescentes processem e liberem emoções negativas associadas a eventos traumáticos ou conflitos (Verguet et al., 2023). Ao ressignificar vivências adversas através da aceitação e perdão, é possível experimentar uma redução significativa no estresse, ansiedade e raiva, promovendo um estado emocional mais equilibrado e saudável (Rodrigues et al., 2019).

Objetivo

O objetivo deste estudo foi avaliar, em contextos educacionais, aspectos no bem-estar e saúde mental de adolescentes e sua relação com a força de caráter do perdão.

Método

No que se refere ao delineamento, foi transversal, e foram analisados dados coletados presencialmente de Novembro de 2022 a Janeiro de 2023, de forma presencial em 3 instituições escolares públicas da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foram utilizadas a *Heartland Forgiveness Scale* (HFS), a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes (EDAE-A) e a Escala de Bem-Estar Psicológico (EBEP). A HFS é uma escala auto aplicável que mede a disposição de alguém a perdoar e é dividida entre três

subescalas: Autoperdão, Perdão dos Outros e Perdão das Situações Além do Controle de Qualquer Pessoa (Rodrigues, 2022). A EDAE-A é uma versão da *Depression Anxiety and Stress Scale* (DASS-21), adaptada para adolescentes brasileiros e mapeia os níveis de ansiedade, estresse e depressão de um indivíduo (Patias, 2016). A EBEP é uma forma da *Psychological Well-being Scale* adaptada para a população brasileira e avalia o bem estar psicológico a partir de seis domínios: relações positivas com outros, autonomia, domínio sobre o ambiente, crescimento pessoal, propósito na vida e autoaceitação (Machado, 2013).

Antes do desenvolvimento presencial da pesquisa, a mesma passou pelo Comitê de Ética da PUCRS (CAAE 63955322.3.0000.5336). Os dados foram analisados a partir do software SPSS, versão 17 para Windows e as análises foram desenvolvidas por meio do programa estatístico JASP versão 0.17.2.0. As variáveis investigadas foram analisadas por meio do teste de Shapiro-Wilk, adotando-se nível de significância de 0,05. Todas as variáveis deste estudo violaram o pressuposto da normalidade, portanto, foram adotados testes estatísticos não paramétricos neste estudo. Por fim, para correlação entre fatores da HSF e resultados na EDAE-A e EBEP, utilizou-se da correlação de Spearman. Escores de correlação entre 0,10 e 0,30 foram considerados baixos, escores de correlação entre 0,30 e 0,50 foram considerados moderados, e escores entre 0,50 e 1,00 foram considerados altos (Cohen, 1988).

Resultados

Foram entrevistados 730 adolescentes entre 11 e 21 anos, com uma média de 14,9 anos ($DP = 1,9$) de uma escola municipal, uma escola estadual e de um Instituto Federal. Falando mais sobre a região escolhida para essa pesquisa, a cidade em questão apresenta altos índices de violências, com mais de 180 mil habitantes e com menores índices de renda domiciliar *per capita* (IBGE, 2022). Dessa amostra, 45,1% são do sexo masculino e 54,8% do sexo feminino, residentes em mais de 20 bairros distintos. Os adolescentes tardios (16 anos ou mais) apresentaram médias maiores de perdão em todas as esferas analisadas (em relação a si mesmo, aos outros e situações), bem como adolescentes do sexo masculino apresentaram maiores médias de perdão em comparação a adolescentes do sexo feminino (Tabela 1).

Tabela 1. Cmparações entre os escores da HFS com sexo e faixa etária

Categorias			Eu	Outros	Situações
			M (DP)	M (DP)	M (DP)
Sexo	Masculino	325	26 (7,4)	26 (7,1)	26 (6,9)
	Feminino	405	22 (7,4)	25 (7,3)	22 (6,1)
Faixa Etária	11-13	209	23,2 (7,9)	24,8 (7,5)	23,2 (6,9)
	14-15	231	23,8 (7,9)	25 (6,9)	24 (6,2)
	16-18	181	24,8 (8)	24,4 (7)	25 (7,2)
	18+	108	25,4 (8)	26,2 (7,6)	25,1 (6,8)
Total		730	25,5 (2)	26 (7)	24 (8)

Nota : M= média ; DP= desvio padrão;

Apesar da diferença não exceder o limite do desvio padrão, os adolescentes que praticavam atividades físicas obtiveram médias de perdão em décimos de diferença em comparação a aqueles que não praticavam, assim como aqueles que não possuíam reprovação na escola, conforme observado na Tabela 2.

Tabela 2. Comparações entre os escores da HFS com reprovações e atividade física

Categorias			Eu	Outros	Situações
			M (DP)	M (DP)	M (DP)
Reprovação	Ao menos uma reprovação	530	24,1 (7,6)	24,7 (7,1)	23,9 (6,2)
	Sem reprovações	206	24,1 (7,9)	26,1 (7,3)	24,2 (7)
Atividades Física	Prática	294	25 (7,7)	25,8 (7,1)	24,8 (7)
	Não Prática	443	22,1 (7,7)	25,5 (7,5)	23,1 (6,3)
Total		730			

Nota : M= média ; DP= desvio padrão;

Tabela 3 apresenta as correlações entre os fatores da HFS e as demais escalas. Observa-

se uma correlação positiva e alta entre o Autoperdão e o Perdão das Situações (0.590) e uma correlação positiva baixa do Perdão dos Outros com as demais formas de perdão avaliadas. Em relação às variáveis de psicopatologia, houve correlação negativa forte entre Autoperdão e Depressão, correlações negativas moderadas entre autoperdão e estresse e ansiedade, bem como com perdão das situações com ansiedade, depressão e estresse. Quanto aos fatores relativos ao bem estar psicológico, o auto perdão e o perdão das situações tiveram correlação positiva forte com autoaceitação e moderada com relações positivas, autonomia, domínio sobre o ambiente e propósito de vida, enquanto crescimento pessoal se correlacionou de forma moderada com autoperdão e baixa com perdão das situações. O perdão dos outros teve baixa correlação negativa com as variáveis de psicopatologia e baixa correlação positiva com todas as variáveis de bem estar, exceto autonomia.

Tabela 3. Correlação de Spearman entre os fatores HFS, EBEP e EDAE-A

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 – Autoperdão	—										
2 – Perdão dos Outros	0.226	—									
3 - Perdão das situações	0.590	0.254	—								
4 – Depressão	-0.520	-0.198	-0.486	—							
5 – Ansiedade	-0.499	-0.140	-0.462	0.726	—						
6 – Estresse	-0.470	-0.189	-0.475	0.745	0.802	—					
7 – Relações Positivas	0.352	0.219	0.306	-0.358	-0.313	-0.280	—				
8 - Autonomia	0.443	0.077	0.373	-0.347	-0.371	-0.335	0.338	—			
9 – Dominio Sobre o Ambiente	0.499	0.159	0.441	-0.541	-0.465	-0.487	0.371	0.493	—		
10 – Crescimento Pessoal	0.364	0.211	0.280	-0.218	-0.165	-0.158	0.280	0.367	0.405	—	
11 – Propósito na Vida	0.487	0.191	0.396	-0.500	-0.392	-0.409	0.406	0.444	0.662	0.598	—
12 - Autoaceitação	0.607	0.199	0.509	-0.632	-0.557	-0.520	0.483	0.540	0.691	0.507	0.710

Nota : Para todas correlações analisadas, o valor de p foi de < .001.

Em relação a perguntas abertas, de quanto tempo permanecia na escola, houveram

respostas de que ficavam “tempo suficiente para querer se matar” (SIC). Quanto ao gênero, foram expressos mais de 40 “termos” para identificar as identidades de gênero, além de ser a pergunta que mais houve burburinho entre os participantes das diferentes salas. Algo observado durante a aplicação da pesquisa de forma presencial, foi relacionado as participantes do sexo feminino que apresentaram maiores demandas de atenção dos pesquisadores devido a relatos de sofrimentos pessoais externos ao ambiente escolar, externalizando dúvidas e descontentamentos a respeito do ambiente escolar e ataques de pânico.

Considerações Finais

O perdão desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos adolescentes, capacitando-os a lidar com desafios emocionais, construir relacionamentos saudáveis e cultivar uma mentalidade resiliente diante das necessidades. Por tudo isso, o contexto escolar como cenário de pesquisa foi relevante, uma vez que as instituições de ensino desempenham um papel central na vida dos adolescentes. Além de fornecer educação, as escolas são locais onde os jovens podem estabelecer relações interpessoais, desenvolver habilidades sociais e adquirir conhecimentos importantes para o seu futuro (Nakano & Siebra, 2018). É importante citar que houveram limitações em relação ao adquirir informações de alunos com TDAH e TEA, alguns sendo excluídos da fase de coleta devido ao excesso de demanda dos colaboradores da pesquisa no atendimento/acolhimento dos alunos neurotípicos. Estima-se que em futuros estudos acerca dessa temática, pesquisadores debruçam-se no entendimento da violência doméstica e/ou do bullying como possíveis mediadores do perdão, bem como o papel das demais forças de caráter como possíveis fatores de proteção, em especial a autoaceitação.

Os resultados obtidos contribuem para a conscientização dos profissionais de educação e saúde em relação às necessidades específicas dos adolescentes em ambientes mais vulneráveis devido a violência e menores oportunidades inclusivas. Intervenções com técnicas específicas, sensíveis e de escuta podem atender particularidades, principalmente para contribuir no desenvolvimento de um ambiente escolar mais equitativo. Pensar em intervenções com a Psicologia Positiva em contextos de maior vulnerabilidade social pode ser uma ferramenta importante para lidar com as adversidades, a falta de acesso para tratamento em saúde mental (em casos de falta de rede de apoio funcional), menor segurança ou maior contato em situações

de violência, como os adolescentes desta pesquisa.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) bem como às direções das instituições escolares que viabilizaram a realização da pesquisa.

Referências

- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd edition). Lawrence Erlbaum.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022): “*Cidades e Estados: Rio Grande do Sul: Panorama censo 2022*”. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pesquisa/10101/0>>. Acesso: 2023.
- Machado, Wagner de Lara, Bandeira, Denise Ruschel, & Pawlowski, Josiane. (2013). Validação da Psychological Well-being Scale em uma amostra de estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, 12(2), 263-272. Recuperado em 05 de abril de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000200017&lng=pt&tlng=pt.
- Nakano, T. C., & Siebra, M. V. S. (2018). Competências socioemocionais no contexto educacional: Importância e usos. Em Nakano, T. C (Org.), *Psicologia Positiva Aplicada à Educação* (Ed. 1). (pp. 63-80) São Paulo: Vetor .
- Patias, N. D., Machado, W. D. L., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D.. (2016). Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) - Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros. *Psico-USF*, 21(3), 459–469. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210302>
- Peng, B., Reeves, K. K. L., Lee, S. W. Y., Chung, T. H. Y., Hui, H. W. L., Leung, A. H. L., & Pang, J. C. Y. (2023). Physical, psychological, and behavioral problems among children and adolescents in countries with different economic statuses during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis. *Frontiers in pediatrics*, 11, 1181186. <https://doi.org/10.3389/fped.2023.1181186>

- Rashid, T., & Seligman, M. (2019, March 14). *Psicoterapia Positiva: Manual do Terapeuta*. Artmed Editora.
http://books.google.ie/books?id=CNSMDwAAQBAJ&dq=Psicoterapia+positiva:+manual+do+terapeuta&hl=&cd=1&source=gbs_api
- Rodrigues, G. V. A. ., Quiroga, C. V., & Argimon, I. I. de L. (2022). Adaptação transcultural da Heartland Forgiveness Scale (HFS) em amostra de idosos brasileiros. *PSI UNISC*, 6(1), 07-18. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v6i1.17278>
- Rodrigues, G. V. A. Giacomoni, C. H. Argimon, I. I. de L. (2019) *Perdão: ressignificando vivências adversas*. Capítulo 14, Avaliação e Intervenção no Ciclo Vital: da promoção da saúde à prática clínica. Hogrefe; 1ª edição (25 setembro).
- Verguet, S., Gautam, P., Ali, I., Husain, A., Meyer, S., Burbano, C., Lloyd-Evans, E., Coco, M., Mphangwe, M., Saka, A., Zelalem, M., Giyose, B. B., Li, Z., Erzse, A., Hofman, K., Giner, C., Avallone, S., Kuusipalo, H., Kristjansson, E., Schultz, L., Angrist, N. (2023). Investing in school systems: conceptualising returns on investment across the health, education and social protection sectors. *BMJ global Health*, 8(12), e012545. <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2023-012545>

Uso dos métodos projetivos na avaliação clínica de crianças Amazônídas durante o período pandêmico

Paula Tavares Amorim

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Marck de Souza Torres

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado e objetivou analisar a organização psíquica das crianças amazônídas no contexto da pandemia da COVID-19 por meio do uso dos métodos projetivos. A escassez de estudos voltados para investigação do impacto psíquico desta nova realidade em crianças com idade escolar teve como principal justificativa para a realização deste estudo, em paralelo aos maiores achados de pesquisas teóricas e empíricas voltadas para o sofrimento emocional em pessoas adultas. Para o alcance do objetivo, foi utilizado um protocolo de avaliação com 06 crianças de ambos os sexos, com os instrumentos: anamnese, Hora do Jogo Lúdica, Procedimento Desenho Estória com Tema (PDE-T) e o Teste de Apercepção Temática Infantil com Figuras de Animais (CAT-A). Os instrumentos foram analisados de acordo com os critérios a seguir: 1) Anamnese para coleta do histórico de vida e as mudanças comportamentais percebidas durante e após o período de isolamento social, 2) Hora do Jogo Lúdica: roteiro de entrevista lúdica diagnóstica, 3) PDE-T com roteiro de análise do tipo compreensivo adaptado para a teoria winnicottiana; e 4) CAT-A: manual original do teste. Os resultados indicaram que as crianças tiveram impacto negativo durante o período do isolamento social e do afastamento escolar que ocasionaram forte angústia sem possibilidades de elaboração. Concluiu-se que além da evidência do sofrimento emocional e as dificuldades psicodinâmicas para lidar com o contexto, os métodos projetivos tiveram implicações culturais relevantes para a avaliação de crianças que indicam a necessidade de realizar maiores contribuições de pesquisas científicas na região Norte.

Palavras-chaves: Métodos projetivos, Crianças, COVID-19, Teste de Apercepção Temática Infantil, Procedimento Desenho Estória com Tema.

Introdução

No Brasil, o vírus foi notificado oficialmente em fevereiro de 2020, vitimando mais de 642.024 mil pessoas e deixando milhares de famílias enlutadas. Somente no Amazonas, 14.493 mil pessoas foram mortas pelo coronavírus (FVS/AM, 2024) e diversas problemáticas sociais e de acesso à saúde foram colocados em pauta, devido à escassez de acesso ao sistema de saúde, além da precariedade dos cuidados e do rápido esgotamento de leitos para os enfermos, inclusive a crise de oxigênio em Manaus em 2021, que levou a óbito dezenas de pessoas por falta de ar.

Diante desse ambiente caótico e ameaçador, as pessoas se depararam com a vulnerabilidade física e consequentemente emocional diante das possibilidades de luto ou morte existente, o que acarretou elevada taxa de adoecimento mental neste período, destacando transtornos ansiosos, depressivos e de estresse pós-traumático (Pfefferbaum & North, 2021).

Em crianças, apesar do baixo índice de contaminação aparente, as impossibilidades de contato com o ambiente externo podem afetar seu pleno desenvolvimento emocional, fator decisivo para a saúde, pois por meio da oferta de cuidados e segurança, proporcionados principalmente pela escola e a família, é possível buscar equilíbrio com as forças intrapsíquicas.

A pandemia se tornou o ambiente externo ameaçador e imprevisível, além das relações sociais restritas, diante das barreiras de acesso a ambientes que possam prover elaborações dos conteúdos conflitivos dos sujeitos. Assim, justifica-se o presente estudo como forma de impulsionar fatores relevantes que possam subsidiar estudos futuros para o cuidado à saúde mental infantil. Apesar de a pandemia ter sido oficialmente extinta há dois anos, os aspectos emocionais e psíquicos ainda precisam ser investigados, pois seu impacto pode ter interrompido o desenvolvimento emocional e psíquico das crianças. A investigação deve ser realizada a partir da percepção das próprias crianças, diante da sua visão de mundo e da compreensão do seu fortalecimento interno para lidar com os conflitos resultantes.

Para compreensão da psicodinâmica infantil, é importante a utilização de instrumentos adequados que permitam acessar a lógica inconsciente em complexa inter-relação. Para isso, os métodos projetivos são ferramentas adequadas, principalmente na aplicação com crianças, que possuem maior dificuldade na realização da associação livre por meio da fala, pois ainda não dispõem dos mesmos recursos cognitivos e psicológicos do que os adultos, e por isso o acesso ao universo simbólico infantil deve ser feito com auxílio de recursos que permitam expressar suas fantasias, fatos da realidade e seus desejos (Klein, 1981). Os métodos projetivos possuem características lúdicas, expressivas e narrativas, com técnicas que permitem compreender a espontaneidade do indivíduo, seu verdadeiro *self*. São instrumentos não estruturados e ambíguos que permitem acesso ao inconsciente para compreensão mais profunda do funcionamento da personalidade e, por isso, alcançam nível psíquico tanto manifesto quanto latente que questionários e escalas não conseguem alcançar. Com os resultados, é possível dar mais sentido ao sintoma e realizar a orientação e intervenção de forma mais adequada (Lauzon, 2016).

Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar a organização psíquica das crianças amazônidas durante a pandemia de COVID-19, por meio do uso dos métodos projetivos.

Método

Delineamento

O delineamento do estudo foi baseado no modelo de investigação clínico-qualitativo de Turato (2018), que preconiza a interpretação de significações e sentidos dentro da lógica psicanalítica.

Participantes

Participaram seis crianças, 3 meninas e 3 meninos com idade entre 7 e 10 anos, cursando do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, residentes na cidade de Manaus. As crianças do sexo feminino tinham idade de 08, 09 e 10 anos e as do sexo masculino com idade de 07, 08 e 09 anos. Como critério de inclusão, ter disponibilidade de horário para participar de encontros presenciais, idade entre 7 e 10 anos, estar cursando os anos iniciais do ensino fundamental e o responsável acompanhante comprovar ter tomado no mínimo duas doses da vacina contra COVID-19. Como critério de exclusão, crianças portadoras de psicopatologia grave.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados no presente estudo foram baseados no modelo de protocolo de avaliação psicológica infantil de Amorim et al., (2022).

Quadro 1. Descrição dos Instrumentos do Protocolo de Avaliação

Técnica	Parâmetro de Análise
Anamnese	Coleta do histórico de vida e as mudanças comportamentais percebidas pelo responsável surante e após o período de isolamento social, considerando a lógica relacional existente (Silva & Bandeira, 2016)
Hora do Jogo Diagnóstica	Roteiro de entrevista lúdica diagnóstica sob o referencial psicanalítico de Efron et al., (2009)
Procedimento Desenho-Estória com Tema (PDE-T)	Foi adaptado pelos autores o roteiro de análise do tipo compreensivo de Tardivo (1985) para a teoria winnicottiana

Teste de Apercepção Temática Infantil (CAT-A)	Utilizado para investigar a dinâmica da personalidade infantil, a partir da interpretação do manual original do teste psicológico
---	---

Coleta de dados

Os dados foram coletados nos meses de maio e junho de 2022 respeitando as medidas sanitárias necessárias de distanciamento físico e uso de equipamentos para prevenção do contágio do coronavírus. A amostra foi recrutada por conveniência, a partir do preenchimento do formulário do *Google Forms* que foi disponibilizado nas redes sociais (*Instagram, Facebook e WhatsApp*) nos meses de março e abril de 2022.

Após a triagem inicial, em consonância com os critérios de seleção, os responsáveis foram contatados via telefone para o agendamento dos encontros. O protocolo de avaliação consistiu em quatro encontros para cada participante e foi realizado por duas pesquisadoras treinadas nos instrumentos de coleta. No primeiro encontro realizou-se a leitura e assinatura do TCLE e a anamnese com os pais e/ou responsáveis pela criança; no segundo encontro realizou-se a leitura e assinatura do Termo de Assentimento pela criança e a aplicação da Hora Lúdica e do PDE-T; o terceiro encontro foi realizada a aplicação do Teste de Apercepção Temática Infantil; e no último encontro a devolutiva para os participantes.

Análise de dados

- Anamnese: Os dados coletados na anamnese foram analisados para compreender o ambiente da criança, desde os aspectos da primeiríssima infância até os comportamentos e emoções vivenciados na pandemia, considerando a lógica relacional existente (Silva & Bandeira, 2016).
- Hora do Jogo Diagnóstica: utilizado o roteiro de entrevista lúdica diagnóstica com referencial psicanalítico de Efron et al., (2009).
- Procedimento Desenho Estória com Tema: Análise psicanalítica a qual considerou aspectos psicodinâmicos e conteúdos inconscientes a partir da interpretação globalística da livre inspeção do material produzido pelo participante. (Tardivo, 2020). Dessa forma, foram analisados o conjunto da produção, compreendendo os

desenhos, as narrativas e as respostas aos inquéritos realizados, de acordo com a adaptação do modelo da Tardivo (1985):

Quadro 2. Adaptação da grade de análise do PDE-T

Adaptação da Grade Procedimento Desenho Estória-Tema (Pde-T)	
Área de análise da Tardivo (1985)	Adaptação proposta da área
<i>Atitudes básicas em relação à realidade e ao outro</i> 1. Aceitação 2. Oposição 3. Insegurança 4. Identificação positiva; 5. Identificação Negativa	<i>Atitudes básicas em relação ao ambiente.</i> 1. Adaptativa 2. Oposição; 3. Dependência 4. Identificação positiva; 5. Identificação Negativa
<i>Figuras Significativas</i> 6. Figura materna positiva; 7. Figura materna negativa; 8. Figura paterna positiva; 9. Figura paterna negativa; 10. Figura fraterna positiva e/ou outras figuras; 11. Figura fraterna negativa e/ou outras figuras	<i>Percepção do ambiente</i> 6. Seguro/cuidadoso/amoroso; 7. Intrusivo; 8. Ausente; 9. Privativo.

<i>Sentimentos expressos</i> 12. Sentimentos derivados do instinto devida; 13. Sentimentos derivados do instinto demorte; 14. Sentimentos derivados do conflito (ambivalentes);	<i>Relação com o conflito</i> 11. Ansiogênica; 12. Agressiva; 13. Adaptativo/criativa; 14. Ambivalente. 15. Passiva
<i>Tendências</i> 15. Necessidades de suprir faltas básicas; 16. Tendências destrutivas; 17. Tendências construtivas;	<i>Necessidade egóica e corporal</i> 15. Necessidades de holding; 16. Tendências antissociais; 17. Tendências construtivas
<i>Impulsos</i> 18. Amorosos; 19. Destrutivos.	<i>Impulsos</i> 18. Amorosos; 19. Agressivos.
<i>Ansiedades</i> 20. Paranoides e 21. Depressivas	<i>Ansiedades</i> 20. Ansiedades impensáveis/agonia (primitivas) 21. Depressivas (<i>concern</i>).

<i>Mecanismos de defesa</i>	<i>Mecanismos de defesa</i>
22. Cisão;	22. Cisão;
23. Projeção;	23. Projeção;
24. Repressão;	24. Repressão;
25. Negação/Anulação;	25. Negação/Anulação;
26. Repressão ou fixação a estágios primitivos;	26. Regressão à dependência
27. Racionalização;	27. Racionalização
28. Isolamento;	28. Isolamento;
29. Deslocamento;	29. Aceitação/Passividade;
30. Idealização;	30. Idealização;
31. Sublimação;	31. Sublimação;
32. Formação reativa;	32. Formação Reativa;
33. Negação maníaca ou onipotente.	33. Negação maníaca ou onipotente.
	34. Perda da identidade

- d) CAT-A: as narrativas produzidas pelos participantes nos cartões foram analisadas conforme manual original do teste (Bellak e Abrams, 2010). Para padronizar a síntese analítica, escolheu-se itens que estão em consonância com a abordagem psicanalítica de Winnicott, a saber: autoimagem, integração do ego, ansiedade, concepção do ambiente, necessidades, mecanismos de defesa e interpretação diagnóstica.

Resultados

Os resultados desse estudo foram analisados por instrumento para, em seguida, realizar a síntese interpretativa dos resultados, considerando a lógica relacional existente entre as técnicas aplicadas (Turato, 2018).

A partir dos procedimentos realizados pela coleta de dados, foram partícipes da pesquisa 06 crianças, sendo 03 do sexo masculino com idade de 07, 08 e 09 anos e 03 do sexo feminino com idade de 08, 09 e 10 anos, todos estudantes devidamente matriculados em rede de ensino no município de Manaus do 2º ao 5º ano do ensino fundamental.

1) Anamnese

Conforme observado nas entrevistas de anamnese com pais e/ou responsáveis pelos participantes, maioria obedeceu o período de isolamento social imposto pela pandemia, com 1 ano e 06 meses com a família em confinamento, exceto os pais de um participante que retomaram o formato presencial em decorrência da atividade laboral e, consequentemente, o participante ficou em restrição de saída do lar por apenas quatro meses. Todos tiveram contato com o ensino de forma remota e os cuidadores mencionaram a percepção do impacto do afastamento presencial dos professores e colegas da escola.

Em decorrência das privações ambientais tanto da criança quanto dos membros da família, os responsáveis perceberam mudanças significativas de comportamento nos infantes durante o período de isolamento social, como ansiedade, medo dos pais irem a óbito, irritabilidade, tentativas de fuga do domicílio, compulsão alimentar, quebra da rotina diária e aumento do uso de redes sociais. A gravidade do comportamento desadaptativo foi proporcional à qualidade das relações familiares analisadas pelo seu histórico de vida e modo de lidar com as restrições sociais, o qual a maioria dos participantes vivenciou experiências traumáticas até os dois primeiros anos de vida. Como exemplo, podemos citar o caso de um dos participantes que possui figuras femininas (mãe e avó) que possuíam relacionamento entre seus membros da família de forma castradora e persecutória. Em consequência, nos atendimentos foram observados comportamentos igualmente persecutórios, ansiosos e de extremo medo, tanto na projeção do entendimento sobre o vírus, como da própria pesquisadora.

2) Hora lúdica

Na aplicação desta técnica, observou-se dificuldade em iniciar a atividade e busca pouco adaptada para os recursos criativos e de elaboração de conteúdos com baixa capacidade fantasmática. Os participantes também apresentaram indícios de apresentação de mecanismos

de defesa pouco adaptativos, como regressão à dependência, falso *self* e repressão. Poucos participantes apresentaram qualidade adequada de busca de recursos criativos intrapsíquicos destinados a lidar com o ambiente externo.

3) Procedimento Desenho Estórias com Tema

A partir da análise realizada desta técnica baseada na linha teórica de Winnicott que foi adaptada da grade de interpretação compreensiva de Tardivo (1985), foram observados o que se segue nas categorias criadas.

Conforme a primeira categoria de análise – atitudes dos participantes em relação ao ambiente, ou seja, a maneira de relacionar-se de forma saudável com o meio, foram observados, em sua maioria, atitudes desadaptativas como a dependência, a qual a criança sempre recorre a um terceiro para sua proteção e atitudes necessárias a sua vida; e também a identificação negativa, que está atrelado a internalização e externalização de conteúdos negativos do ambiente, mostrando dificuldade de estabelecer-se de forma saudável no ambiente.

O ambiente da pandemia também teve percepção negativa dos participantes, que consideraram privativo, intrusivo ou até mesmo ambivalente. Essa categoria atrela-se à seguinte, que é a forma como que a criança se relaciona com o conflito, o que indicou neste estudo, uma relação passiva, ou seja, de imobilizar-se diante das privações impostas, e ansiogênica, mobilizando-os internamente e fazendo com que busque alternativas de fuga do conflito, como a compulsão alimentar e vício em redes sociais, por exemplo.

Os impulsos e as ansiedades, que são as duas categorias seguintes de análise, tiveram diferentes resultados, dentre positivos e negativos. Foram observados impulsos agressivos e amorosos e ansiedades primitivas, as quais Winnicott denomina como agonias impensáveis, indicando significativa falta de amadurecimento emocional, mas também ansiedades depressivas, denotando maior capacidade egóica das crianças.

Por fim, a última categoria de análise da grade adaptada refere-se aos mecanismos de defesa. Neste estudo os participantes apresentaram indícios de repressão, regressão à dependência, aceitação/passividade, negação/anulação, isolamento, perda da identidade, idealização.

4) CAT-A

A partir da análise das histórias relatadas pelos participantes com os estímulos do CAT-A, procurou-se identificar as projeções das crianças quanto a sua imagem, relações familiares, o ambiente pelo qual está inserido e, conseqüentemente, ansiedades e defesas diante do conflito ambiental vivenciado.

Foram observados conteúdos desadaptativos, como sentimentos de desamparo, insegurança, repressão e necessidade de *holding* que se manifestaram não só pela qualidade e padrão das relações ao longo do desenvolvimento, mas pelo período pandêmico que a família experienciou imprevisivelmente associado ao fato da imaturidade egóica dos participantes para lidarem com seu efeito traumático.

O ambiente é visto como desprotegido ou privativo e ambivalente. Manifestam mecanismos defensivos imaturos, como a regressão, repressão e o isolamento, em sua maioria. O ambiente persecutório é visto em um dos participantes que possui uma família semelhantemente persecutória. Os participantes tiveram o medo do abandono/solidão como o aspecto mais sobressalente.

Discussão

Realizou-se a síntese interpretativa da anamnese com os três instrumentos projetivos que foram aplicados, sendo a Hora do Jogo Lúdica um recurso não estruturado, o Procedimento Desenho Estória com Tema (PDE-T) como técnica semi-estruturada e o Teste Psicológico de Apercepção Temática Infantil com Figuras de Animais (CAT-A), tendo como base teórica o desenvolvimento emocional de Winnicott (1962/2022).

Pode-se compreender que os instrumentos convergiram nos resultados apresentados na avaliação infantil. Alguns comportamentos desadaptativos foram relatados na anamnese com os responsáveis e percebidos na análise dos instrumentos de diferentes formas, como: compulsividade (excesso de comida e aumento do uso das redes sociais), impulsividade (agressividade, fuga de casa), maior isolamento (da família) e regressão à dependência. Tais defesas são reações ao ambiente com formato mais rígido e estereotipado devido à incapacidade de adaptar-se a ele, o que interrompe o amadurecimento emocional e o fortalecimento egóico (Winnicott, 1962/2022).

Os conteúdos desadaptativos que foram identificados como mais regredidos e imaturos em alguns dos participantes correlacionam com sua história de vida familiar com eventos traumáticos, privações e falta de *holding* em períodos de desenvolvimento anterior. É o caso, por exemplo, de participantes com intenso conteúdo persecutório, problemas de identificação com a autoimagem e as sensações de abandono e medo latente.

A imaturidade e regressão observadas denota atraso no desenvolvimento emocional, já que este compreende-se a partir das relações existentes entre o indivíduo e o ambiente. Os recursos internos são inicialmente desenvolvidos por meio da sustentação física e psíquica do ambiente materno que promove adaptação necessária para a sobrevivência do bebê e, posteriormente, a sustentação familiar, que provê condições satisfatórias e adaptativas para a integração e adaptação da criança em novos ambientes disponíveis na sociedade, como a escola, trabalho e a vida cultural de forma geral (Winnicott, 1962/2022). A influência do ambiente acompanha toda a vida do sujeito e os mecanismos que dispõe para enfrentamento de frustrações e falhas ambientais encontradas dependerá da concentração de introjeções e recordações de cuidado oferecidas ao longo do tempo e das projeções das necessidades desse cuidado, sustentadas pelo ambiente confiável (Fulgêncio, 2020).

Além disso, percebeu-se que, independentemente do histórico de vida, houve impacto psicológico significativo nos participantes, que demonstraram comportamentos e sintomas latentes, como isolamento, ansiedade, medo, o que condiz com os achados de outros estudos sobre as consequências psicológicas da pandemia em infantes. (Schnaiderman, *et al*, 2021; Aydogdu, 2020).

Acerca dos sintomas ansiosos percebidos, como compulsão alimentar, sintomas de agressividade e fuga de casa, denota-se que são conteúdos orais relacionados à voracidade, relacionados a junção de conteúdos psíquicos e físicos, com fantasias orais primitivas de internalização do mundo interno, considerado, desta forma, um fenômeno secundário de defesa contra ansiedade e depressão (Winnicott, 1936/2021). A agressividade e os comportamentos disfuncionais como fuga de casa, pode indicar reatividade impulsiva ademandando conflitiva do princípio da realidade, em decorrência do fracasso da experiência que provocou frustração (Winnicott, 1950/2021). Os sentimentos de persecutoriedade também configuram reações ao ambiente que é percebido como invasivo (Dias, 2000). Trata-se de um sintoma mais arcaico,

relacionado ao medo intenso do ambiente, em decorrência do sentimento de segurança não ter sido desenvolvido adequadamente ao longo do seu crescimento (Winnicott, 1962/2022).

Portanto, o impacto psíquico da pandemia no público infantil exigiu maior necessidade de *holding*, pois a privação do ambiente isolado deste período foi vivenciado de maneira imprevisível pelo infante e sua família, o que impossibilitou estratégias mais adaptativas para elaborar o efeito traumático que foi a pandemia e tornou o ambiente mais estressor com poucos recursos de apoio emocional (Clemens *et al*, 2020).

O *holding* permite a elaboração dos conflitos psíquicos ao proporcionar ao ambiente sentimentos de confiança e previsibilidade que são condições favoráveis para a adaptação da nova realidade vivenciada (Winnicott, 1994). Diante do isolamento social, a família foi o principal e talvez único recurso externo da criança que poderia promover a sustentabilidade ambiental. Conforme relatado por alguns responsáveis na anamnese, existiram formas criativas de algumas famílias para lidarem com o imprevisível período pandêmico, como o estabelecimento de horários para as atividades - que tiveram o apoio da escola ao estabelecer horário para as aulas - permitindo maior integração temporal e espacial da criança no novo cotidiano; e as atividades compartilhadas com seus membros, como brincadeiras, jogos, refeições - que proporcionaram maior tempo de convívio entre si.

Assim, as disfuncionalidades encontradas na análise dos métodos projetivos leva a pressupor que não ocorreu totalmente o desenvolvimento das estruturas psicológicas que possuem o objetivo de suportar a frustração e a manter o senso de continuidade, ou seja, a função simbólica, responsável pela recriação de objetos em fantasia para torná-los menos ansiogênicos, a qual encontra-se, dessa forma, menos desenvolvida (Carstea, 2023).

As dificuldades dos participantes em elaborar seus conteúdos nas narrativas do PDE-T e no CAT-A, bem como as dificuldades no desenho e no brincar na Hora Lúdica corroboram com a afirmativa das dificuldades simbólicas das crianças. Conforme afirma Winnicott (1971/2019), as experiências simbólicas modificam as experiências conflituosas de forma criativa e espontânea, e isto é sinônimo de amadurecimento emocional, base para a elaboração psíquica. O brincar em sentido amplo, é um fenômeno transicional que utiliza da criatividade na escolha dos recursos externos e permite projetar a personalidade integral e a descoberta do verdadeiro *self*.

Considerações Finais

O uso de um protocolo de Avaliação Psicológica Infantil no contexto de isolamento social da pandemia confirmou hipóteses dos autores quanto às possibilidades de análise da influência dos fatores externos e o desenvolvimento emocional ao longo do processo de amadurecimento infantil estão inter-relacionados e sua interpretação possível.

No presente estudo, as técnicas utilizadas permaneceram em consonância entre si, demonstrando coerência e evidências significativas de seus resultados, o que permite compreender adequadamente o desenvolvimento psíquico infantil e lançar possibilidades de intervenção em saúde mental e futuros programas de prevenção à possíveis novos eventos sociais que acarretam impacto emocional significativo dessa população.

A pandemia da COVID-19 foi um evento traumatizante para as crianças com idade escolar e pode estar imbricada com a forma disfuncional da família em lidar com as (im)possibilidades do isolamento social.

Os instrumentos foram de grande relevância para a compreensão psicodinâmica das crianças amazônicas e tiveram importantes implicações culturais nos seus resultados, evidenciando a necessidade de ampliar pesquisas com métodos projetivos na Região Norte, as quais ainda são incipientes (Amorim et al., 2022). Também pudemos compreender a partir deste estudo a importância do ensino presencial para a promoção da saúde psíquica infantil, pois o afastamento escolar significou o próprio isolamento social, na medida em que a relação entre os pares e as atividades presenciais na escola são ferramentas utilizadas pelas crianças na elaboração de seus conteúdos e conflitos.

Acredita-se, dessa forma, que os resultados deste estudo podem oferecer subsídios técnico-científicos para processos de intervenção e prevenção no campo clínico, escolar, familiar e social das crianças. Estar a par da vida emocional infantil diante das incertezas sociais e ambientais auxiliará a intervenção de profissionais que atuam com a infância, como também o poder público para subsidiar futuras políticas sociais, programas e procedimentos terapêuticos para as crianças que apresentam consequências emocionais negativas e desadaptativas originadas do sofrimento da pandemia ou outras adversidades endêmicas futuras.

Como limitações do estudo, acredita-se que: (1) o protocolo de avaliação deveria incluir mais uma hora lúdica para estabelecer maior vínculo com os participantes; (2) a intervenção de

duas pesquisadoras no estudo pode ter gerado diferentes perspectivas de coletade dados; e (3) o protocolo foi restrito para crianças com idade escolar entre 7 e 10 anos.

Referências

- Amorim, P. T.; Ferreira, B. De O.;Martins, A. De S.; Torres, M. de S. (2022) Projective techniques utilization with brazilian children: systematic review . *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 9, p. e44811932197. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.32197>
- Amorim, P. T.; Torres, M. S. ; Resende, G. C. (2022) . Uso dos métodos projetivos na avaliação dos impactos psicológicos da pandemia de Covid-19 em crianças. In: Resende, A. C; Okino, E.T.K; Pizeta, F.A; Osório, F.L (...) Rovinski, S.L.R. (Org.). *Desafios Contemporâneos dos Métodos Projetivos*. (1ed.Ribeirão Preto: ASBRO, v. 1, p. 266-277). <https://dx.doi.org/10.29327/565418.1-21>
- Aydogdu, A. L. F. (2020). Saúde mental das crianças durante a pandemia causada pelo novo coronavírus: revisão integrativa. *Journal Health NPEPS*, 5(2). <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/4891>
- Bellak, L. E Abrams, D. V. (2010). *CAT-A: Teste de apercepção infantil figuras de animais*. Adaptado à população brasileira por Adele de Miguel (et. al.). São Paulo: Vetor.
- Carstea D.(2023). Donald Winnicott’s vision of health. Creative processes as defense mechanisms against anxiety and trauma. *J Psychol Clin Psychiatry*. <https://doi.org.10.15406/jpcpy.2023.14.00728>
- Clemens, V. et. al (2020). Potential effects of “social” distancing measures and school lockdown on child and adolescent mental health. *European Child e Adolescent Psychiatry* 29:739–742. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01549-w>
- Dias, E. O. (2000) Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza Humana* 2(1):9-48.http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100001&lng=pt&tlng=pt.
- Efron, A. M. et al. (2009). A Hora do jogo diagnóstica. In: Arzeno, M. E. G. Ocampo, M. L. S. Piccolo, E. G. de. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. (11ª ed. pp. 207 – 237). WMF Martins Fontes

- Fulgencio, L. (2020). A importância do ambiente emocional, como subsídio para o trabalho de tomada de decisões no Judiciário. *Cadernos jurídicos*, 21(56), 29-40. http://www.tjsp.jus.br/download/EPM/Publicacoes/CadernosJuridicos/cj_n56_03_a%20import%C3%A2ncia%20do%20ambiente%20emocional_.pdf?d=637376739679651414
- Fundação de Vigilância Sanitária do Amazonas (FVS/AM). (2024). Painel Epidemiológico de Covid-19 no Amazonas. Recuperado em 03/04/2024: <https://www.transparencia.am.gov.br/covid-19/monitoramento-covid-19/#painel-de-monitoramento-covid-19>
- Klein, M. (1981). Fundamentos psicológicos da análise de criança. In: *Psicanálise da criança*. Editora Mestre Jou. (3ª edição. pp 23-36).
- Lauzon, M.-C. (2016) Convergence d'indices des méthodes projectives et non projectives dans l'évaluation de l'enfant anxieux. [s.l.]. *Doctorat en Psychologie: Université Du Québec*, 2016. <http://depot-e.uqtr.ca/id/eprint/7922>
- Pfefferbaum, B; North, C.S. (2021). Mental Health and the Covid-19 Pandemic. *The New England Journal of Medicine*. p. 510-512, Recuperado em: <https://www.nejm.org/doi/pdf/10.1056/NEJMp2008017?articleTools=true>.
- Schnaiderman, Diego, et. al. (2021) Psychological impact of COVID-19 lockdown in children and adolescents from San Carlos de Bariloche, Argentina: Parents' perspective. *Arch Argent Pediatr*. <https://doi.org.10.5546/ap.2021.eng.170>
- Silva, M. A., Bandeira, D. R. (2016). A entrevista de anamnese. In: HUTZ, C.S et. al. *Psicodiagnóstico*. Porto Alegre: Artmed.
- Tardivo, L. S. L. P. C. (2020). Procedimento de Desenhos-Estórias: diferentes formas de interpretação. In: Walter Trinca. (Org.). *Formas Lúdicas de Investigação em Psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias*. 1ªed.São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica, v. 1, p. 67-85.
- Tardivo, L. S. L. P. C. (1985) Normas para avaliação do Procedimento Desenho com Estórias numa amostra de crianças paulistanas de 5 a 8 anos de idade. [*Dissertação de Mestrado não Publicada*]. Instituto de Psicologia da USP.

- Turato, E. R. (2018). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Winnicott, D. W. (2022). *Processos de Amadurecimento e ambiente facilitador*. (Trad: Irineo Constantino Schuch Ortiz). São Paulo: Ubu Editora. (Original publicado em 1962).
- Winnicott, D.W. (2021) A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu Editora. 544 pp. (Original publicado 1950).
- Winnicott, D.W. (2021) O apetite e os distúrbios emocionais. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu Editora, 544 pp. (Original publicado 1936).
- Winnicott, D.W. (2019) *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora. (Original publicado em 1971).
- Winnicott, D.W. (1994) *O bebê e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Vamos jogar? Elaboração, construção e devolução final para pais e filho

Cicera Andréa Oliveira Brito Patutti

Universidade Paulista (UNIP)

Luiz Guilherme Gobbo

Universidade Paulista (UNIP)

Isabela Martins Emidio

Universidade Paulista (UNIP)

Mariane dos Santos Andregheto Diaz

Universidade Paulista (UNIP)

Regina Célia Ciriano Calil

Universidade Paulista (UNIP)

Resumo: Sabe-se que o processo de psicodiagnóstico é um recorte da vida do examinando que visa a compreensão de suas dificuldades e potencialidades. A entrevista devolutiva final, foco do presente trabalho, é crucial para o fechamento do processo. Geralmente é realizado com os pais e com a criança em atendimentos separados, conforme os critérios do psicodiagnóstico tradicional e mesmo do psicodiagnóstico interventivo. Porém, levando em conta apontamentos de Moreira (2019) que abrangem aspectos das consultas terapêuticas com pais e filhos, com base na teoria winnicottiana – como o resgate do espaço potencial na experiência compartilhada do brincar – bem como as inovações na técnica colocadas por Patutti, Calil, Sardelli e Santiago (2018), na técnica aqui pontuada a entrevista devolutiva é realizada em conjunto, criança e pais. Dentro dessa perspectiva, apresentamos o caso do menino Téo, 11 anos, concebido sem planejamento. Seus pais tiveram uma separação marcada por conflitos. A queixa apresentada relaciona-se à linguagem (fala), de difícil compreensão, e impasses na socialização com seus pares. Para os pais, sua dificuldade de socialização o leva a se envolver em situações de *bullying* na escola e, por vezes, tendem a resolver, eles próprios, os conflitos do filho. O objetivo é relatar a experiência dos alunos-estagiários no processo de elaboração e de construção de um jogo-história como recurso para a entrevista devolutiva final no estudo de caso do menino Téo. O método e resultados envolve o estudo de caso único, dentro do método clínico de investigação. O processo da entrevista devolutiva final se desenvolveu no Serviço Escola de Psicologia-UNIP-Campinas/SP (2023), durante o estágio de Psicodiagnóstico Interventivo. Foram realizadas 11 sessões, sendo 4 com os pais e 7 com Téo, além de supervisão semanal. A devolutiva final foi fornecida para os pais e para a criança, um relatório foi elaborado sobre os atendimentos realizados e, com base nele, houve a criação da narrativa do jogo-história, inspirado em um jogo de tabuleiro chamado “A jornada de Vesper”. A devolutiva foi dividida em duas etapas: a primeira envolveu Téo, onde lhe foi apresentado o jogo e foi estimulado a jogar e a dar suas impressões; na segunda os pais, como jogadores, se juntaram a Téo. Ao final, os pais foram incentivados a compartilhar suas impressões, e a família foi solicitada a contribuir para a continuação da história por meio de desenhos, frases ou verbalizações. Conclui-se que o jogo de tabuleiro se mostrou válido, ajudou a alinhar os envolvidos em harmonia, permitindo que a família compreendesse a proposta do jogo sem confundir o paciente, ou deixá-lo no meio dos conflitos. Foi notável que Téo necessita de um ambiente acolhedor e estável para que possa se abrir e entrar em contato com os aspectos de sua vida que normalmente nega, como seus sentimentos e suas dificuldades de socialização. Todos foram participativos, compreensivos e receptivos, absorvendo o conteúdo do jogo e ressignificando seus papéis e condutas na dinâmica familiar e diante do sintoma apresentado pelo menino.

Palavras-chave: entrevista devolutiva, psicodiagnóstico, relação pais e filho, livro história, clínica-escola

Introdução

O processo de psicodiagnóstico interventivo foi fundamentado a partir das publicações de Ancona-Lopez, M. (1995) e de Ancona-Lopez, S. (2013). Ele é um recorte da vida do examinando que visa a compreensão de suas dificuldades e potencialidades. Para isso, o papel

da família e da escola são fundamentais para prosseguir com o desenvolvimento saudável do infante.

Faz parte do processo psicodiagnóstico a realização de uma entrevista devolutiva final, que engloba os dados da investigação sobre o caso, integrando sintomas, conflitos e descobertas realizadas pelo trio criança-pais-psicólogo.

A entrevista devolutiva final, foco do presente trabalho, é crucial para o fechamento do processo. Geralmente é realizado com os pais e com a criança em atendimentos separados, conforme os critérios do psicodiagnóstico tradicional e mesmo do psicodiagnóstico interventivo. Porém, levando em conta apontamentos de Moreira (2019) que abrangem aspectos das consultas terapêuticas com pais e filhos, com base na teoria winnicottiana (1974, 1994) – como o resgate do espaço potencial na experiência compartilhada do brincar, promovendo o amadurecimento emocional das crianças, bem como as inovações trabalhadas por Calil, Patutti, Sardelli e Santiago (2018), na técnica aqui pontuada, a entrevista devolutiva, é realizada em conjunto, criança e pais. É o momento em que a criança encontra um ambiente facilitador, importante para a realização da tendência inata ao amadurecimento para o desenvolvimento de sua identidade pessoal e construção de uma realidade compartilhada e comprometida.

No processo psicodiagnóstico interventivo, a narrativa fornecida pelos pais traz consigo as suposições, angústias e o repertório pessoal daquele que está contando os fatos. É na hora lúdica e nos procedimentos junto à criança, que ela tem a oportunidade de trazer sua própria visão do conflito, sintoma ou fatos psíquicos.

Com a utilização dos princípios acima destacados na realização da entrevista de devolutiva final com pais e criança em conjunto, buscou-se aprofundar a experiência na percepção de ambos, facilitando o caminho para o alcance de descobertas significativas sobre o sintoma, a queixa e as angústias que lhes sucedem, facilitando mudanças e a oportunidade de se encontrar, bem como sobre os meios esperançosos de alcançá-las, dando continuidade a suas histórias pessoais e familiares, assim como criando a possibilidade de uma nova narrativa ao final: “E agora, como essa história continuará?”.

A história do jogo foi elaborada com base no modelo do livro-estória que contém a história de vida (familiar e da criança); o sintoma; a busca de atendimento e a relação com o psicólogo; a explicitação dos sentimentos do personagem de identificação e a integração dos

diferentes aspectos observados através da hora de jogo, testes e visitas (Becker; Donatelli & Santiago, 2013).

Dentro dessa perspectiva ocorreu a entrevista devolutiva final de Téo, púbere de 11 anos de idade, alfabetizado, cursando o 5º ano do ensino fundamental II. Ele reside desde os 2 anos com a mãe, padrasto e irmã, mantendo convívio com o pai. Foi concebido sem planejamento, sendo fruto de um “encontro”. Seus pais tiveram uma separação marcada por conflitos, mas moraram juntos em prol de sua criação no início de sua vida. Ao longo do tempo, com a guarda compartilhada, passou a morar apenas com a mãe e visitar o pai. Os pais buscam responsabilizar um ao outro pelas dificuldades do menino, a comunicação é predominantemente ruidosa. A queixa inicial centrava-se no estabelecimento de relações sociais saudáveis, uma vez que as possibilidades apresentadas eram vividas ora como vítima, ora como agressor, na prática do bullying. Além disso, havia a dificuldade da linguagem falada, cujo acompanhamento fonoaudiológico foi interrompido devido à perda do plano de saúde, assim com o psicológico que fazia a mesma época. Os pais concordam com a queixa, porém mantêm condutas que geralmente desfavorecem a manutenção de uma orientação dada por um, ou pelo outro. Por outro lado, tendem a resolver pelo menino os conflitos que se envolve entre seus pares, em especial, relacionados ao bullying. Embora não tenha havido queixa escolar formalizada, informaram sobre os desafios na aprendizagem.

De acordo com Trentini, Bandeira e Krug (2016), a escolha dos instrumentos de avaliação durante o processo psicodiagnóstico desempenha um papel fundamental e para Téo foram utilizados procedimentos que contribuíram para esclarecimentos e compreensão para além da queixa. A partir disso, prosseguiu-se com a entrevista devolutiva final realizada com a criação de uma história metafórica específica para o caso. A narrativa apresentada não deixa óbvio qual é o/a personagem que teoricamente identificaria Téo e seus pais, pois isso cabe a eles manifestarem a sua identificação, assim como seus pais enquanto se percebem nesta posição. Neste sentido, como refere Bilbao (2013), entendemos que à medida que uma experiência é expressa por meio da fala, permite com que o sujeito ouça e reflita sobre o cenário que montou, ao passo que o livro história se ocupa enquanto cenário, tendo como objetivo a transmissão de algum conhecimento do existir humano, neste caso, da própria história, seja total, ou de alguma situação específica, de seus conflitos. Por assim se dar, percorre camadas

do psiquismo e de forma metafórica, sempre adequadas às suas possibilidades de compreensão, abraça os conflitos vividos pelo atendido e os comunica, agora para a família (Becker, Donatelli, Santiago, 2013).

Método e Resultados

O processo da devolutiva final infantil se desenvolveu no serviço-escola de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP) - Campinas/ SP no ano de 2023, diante da realização de estágio da disciplina de Psicodiagnóstico Interventivo. Foram realizadas 11 sessões, sendo 4 com os pais e 7 com o púbere, além de supervisão semanal. Para abranger de modo amplo a história de vida da criança e a queixa, foram realizados com os pais entrevistas inicial, anamnese e devolutivas parciais. Com Téio: sessões lúdicas individuais para a hora do jogo diagnóstica (Efron, 1990), visitas domiciliar e escolar, aplicação de testes projetivos CAT-H (Bellak & Bellak, 1981) e HTP (Buck, 2003).

A devolução foi preparada de forma cuidadosa para que os pais e púbere tivessem acesso às informações. Foi apresentado material construído pelos estagiários, a partir da criação da narrativa da história, neste caso, um jogo história, com o intuito de facilitar a construção de um novo conhecimento sobre os fatos de natureza psicológica investigados, preservando os papéis individualizados dos participantes, assim como sua compreensão. Também foi elaborado e lido um relatório psicológico (pedagógico), seguindo as diretrizes da resolução CFP 006/2019, ambos sob orientação e aprovação o professor supervisor.

Para a fundamentação teórica um levantamento bibliográfico se deu dos temas abordados para maior esclarecimento do caso acompanhado, como também do recurso adotado para a devolutiva final infantil e, sobretudo a inspiração dos estagiários da compreensão do processo psicodiagnóstico, sendo elaborado um jogo de tabuleiro guiado pelo “jogo da vida”, nomeado para o caso: “A jornada de Vesper”

A proposta é que a devolutiva final com a criança se dê em duas etapas, sendo a primeira contando com a participação apenas da criança, onde se contextualiza o momento final do processo, a atividade a ser realizada, o combinado da participação dos pais após aquele momento e, na sequência, finalmente o jogo é apresentado, assim como os demais recursos que dispõe, uma vez que foram confeccionados e guardam em si uma história. Esta fase é finalizada

abrindo espaço para a criança deixar suas impressões a partir de algumas estimulações por parte dos estagiários, como por exemplo: “Qual a parte da história que mais gostou; Qual a parte da história que menos gostou e se aquele jogo/história já jogou ou ouviu algo parecido, ou se lhe faz lembrar de algo”. A segunda etapa os pais são convidados a participarem e, com a ajuda dos estagiários, que se mantêm como facilitadores, a criança explica o jogo e os convida a uma jogada. Esta etapa é finalizada estimulando os pais a deixarem também suas impressões, onde as mesmas questões são colocadas e como última solicitação para o jogo é solicitado para que família construa, por meio de um desenho, ou uma frase, ou apenas verbalizem como acham que a história continua.

Na primeira etapa da devolutiva propriamente dita, Téo recebeu as orientações sobre como seria aquele encontro e sobre as regras do jogo que estava disponível, chamado de “A jornada de Vesper”. A partida foi iniciada, sendo notável as dificuldades na leitura e, apesar do personagem ser fictício, ficou evidente manobras para evitar temáticas difíceis, relacionadas a sua dificuldade de confiar e encarar seus medos, por exemplo. Já na segunda etapa do jogo, com os pais presentes, se retraiu, inclusive propondo jogar um outro dia. Com incentivo dos estagiários, que o apoiaram nas explicações das regras, a partida iniciou com pai, mãe e filho, cada um assumindo seu lugar no jogo, com limites inerentes à proposta. A dinâmica foi mediada por intervenções facilitadoras ofertadas pelos pais, por vezes alinhadas, a fim de que Téo lidasse com emoções difíceis, esclarecimentos de dúvidas, desafios do jogo metáfora da vida, desafios inclusive, enfrentado pelos próprios pais, que assumiram suas dúvidas e dificuldades. Embora, tenha-se observado que durante todo o encontro, os pais se mostrassem participativos, compreensivos e abertos, assimilando o conteúdo do jogo, em alguns momentos houve tensão entre eles e foi notória a presença de desentendimentos e intolerância. Portanto, se faz necessário, que ambos os genitores se alinhem para a estabelecimento de funções parentais mais estáveis, de modo a adotarem a mesma linguagem, sem confundir o menino e sem o deixar náufrago no oceano de conflitos de ambos.

A análise dos dados coletados, assim como a análise das técnicas projetivas adotadas, foi possível considerar, de modo geral, que Téo apresentou preservação do desenvolvimento motor e cognitivo, a inteligência dentro do esperado. Quanto às questões apresentadas na queixa e relacionadas a suas atuais dificuldades, estas se confirmaram e requereram a retomada do

acompanhamento fonoaudiológico, além de aulas de reforço. Ademais, suas dificuldades se mostraram relacionadas aos conflitos existentes entre seus pais e de ambos com ele e entre eles.

A contradição de orientações recebidas por Téo parece ganhar espaço, extrapolando para suas relações extrafamiliar, onde o menino ora é agressor, ora é vítima, mas também pareceu como uma forma de chamar a atenção para seu sofrimento, sendo evidente a falta de recursos emocionais para lidar com seus conflitos, destacando a insegurança e desconfiança. Téo parece carecer de um ambiente acolhedor e estável para que consiga se abrir, confiar e entrar em contato com aspectos de sua vida, dos quais parece negar, como a forma que se sente, das dificuldades enfrentadas na escola e as relacionadas ao contato interpessoal.

Conclusão

Ocampo *et al.* (2001) apontam que a entrevista de devolução, conduzida pelo psicólogo, é fundamental para os envolvidos em processo psicodiagnóstico já que tem por objetivo informar, de forma clara e discriminada os aspectos adaptativos, dosificando aqueles que refletem algum desajuste. Desta forma, deve-se comunicar o que se pensou a partir de toda coleta de informação realizada e qual compreensão do que se passa com a pessoa que participou do processo. Este momento também é caracterizado como oportunidade de se dar orientações sobre as considerações após o final do processo. Esta comunicação é fundamental para que os atores principais reintegrem as suas identidades dentro do núcleo ao qual pertencem, mas agora retroalimentados por informações oriundas do processo de avaliação, favorecendo a possibilidade de mudanças e comprometimentos com estas.

O jogo de tabuleiro realizado em conjunto, pais e filho, se mostrou válido, ajudou a alinhar os envolvidos, permitindo que pai, mãe e filho compreendessem a proposta do jogo sem confundir, em especial o avaliado, e sem deixá-lo no meio dos conflitos. Os pais puderam perceber as dificuldades do filho em reconhecer e admitir o que sente ou pensa, confirmando a busca que faz na tentativa de escondê-los e negá-los. Tal aspecto, inclusive, foi confirmado pela dificuldade que a criança teve de reconhecer a sua história ali retratada e de dar uma continuidade, aspecto que mobilizou os pais que, ao contrário, se identificaram com a metáfora adotada e aplicada no jogo da vida. Foi, então, compreendida a indicação de acompanhamento psicoterápico para o menino, mediante as dificuldades vivenciadas ali, durante a aplicação da

técnica.

Para o grupo de estagiários, a oportunidade de vivenciar a prática clínica no processo de Psicodiagnóstico, colaborando com o processo de formação acadêmica, abrindo interesse pela trajetória neste campo de atuação, ofereceu a oportunidade do desenvolvimento da compreensão da demanda psicológica a partir de uma situação apresentada. Dessa forma, o aluno é capaz de relacionar o conteúdo apreendido ao longo do curso, com a fundamentação teórica e com a queixa apresentada.

Referências

- Becker, E.; Donatelli, M.; Santiago, M. E. (2013). *Metáfora e Devolução: O Livro de História no Processo de Psicodiagnóstico Interventivo*. In: ANCONA-LOPEZ, S. (org.) *Psicodiagnóstico Interventivo: Evolução de uma Prática*. São Paulo: Cortez Ed., p. 179-196.
- Bellak, L. & Bellak, S.S. (1981). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras Humanas*. São Paulo: Mestre Jou. (Original publicado em 1965).
- Bilbao, G.G.L. (2013). O psicodiagnóstico interventivo sob o enfoque da narrativa. In: Ancona Lopez, S. (org.), *Psicodiagnóstico Interventivo: Evolução de Uma Prática*. 1. ed. A São Paulo: Cortez.
- Buck, J. N. (2003). *H-T-P: Casa – Árvore – Pessoa. Técnica Projetiva de Desenho: Manual e Guia de Interpretação*. (1ª ed.). São Paulo: Vetor.
- Calil, R.C.C., Santiago, M.D.E.; Sardelli, L.R.; Patutti, C.A.O.B. (2018). *Entrevista devolutiva conjunta pais-crianças por livro história: uma visão construtivista*. In: XXIV Encontro de Serviços Escolas de Psicologia do Estado de São Paulo, VII Encontro Nacional de Supervisores de Estágio em Psicologia e III Encontro Nacional de Serviços Escolas de Psicologia: A formação do psicólogo frente aos desafios ético-políticos emergente, Campinas. Mesa redonda, **Anais** <http://186.200.52.76/sistemas/encontro_psicologia/>. Centro Universitário Salesiano de São Paulo, de 26 a 28 de setembro de 2018, Campus Liceu Salesiano, Campinas, SP.
- Conselho Federal De Psicologia (2019). Resolução n.º 06/2019.
- Efron, A. M., Fainberg, E., Kleiner, Y., Sigal, A. M. E Woscoboinik (1990). A hora de jogo

- diagnóstica. In: Ocampo, M.L.S.; Arzeno, M.E.G & Piccolo, E.G.. O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas. Trad. Miriam Felzenszwalb. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 6ª ed. p. 169-191.
- Moreira, L. M. A. G. (2019) Consultas Terapêuticas com Pais e Filhos: Resgatando o Espaço Potencial na Experiência Compartilhada do Brincar. In: MOREIRA, L. M. A. G. *Consultas Terapêuticas com Pais e Filhos – Resgatando a Experiência Compartilhada do Brincar*. Curitiba: Juruá Editora, 2019, p. 59-73.
- Ocampo, M. L. S. de & Arzeno, M. E. G. (1981). Devolução de informação no processo psicodiagnóstico. In: Ocampo, M. L. S. de; Piccolo, E. G. de; Arzeno, M. E. G. & cols. (1981). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. Trad. Miriam Felzenszwalb. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 6ª ed. p.383-406
- Patutti, C.A.O.B., Sardelli, L.R.; Calil, R.C.C & Santiago, M.D.E.(2018). *Psicodiagnóstico Interventivo: uma prática em evolução*. In: XXIV Encontro de Serviços Escolas de Psicologia do Estado de São Paulo, VII Encontro Nacional de Supervisores de Estágio em Psicologia e III Encontro Nacional de Serviços Escolas de Psicologia: A formação do psicólogo frente aos desafios ético-políticos emergente, 2018, Campinas. Mesa redonda, Anais <http://186.200.52.76/sistemas/encontro_psicologia/>. Centro Universitário Salesiano de São Paulo, de 26 a 28 de setembro de 2018, Campus Liceu Salesiano, Campinas, SP.
- Sardelli, L. R.; Patutti, C.A.O.B.; Calil, R.C.C. & Santiago, M.D.E. (2018). *Devolutiva Conjunta pais e criança: Apresentação de um Caso Clínico*. In: XXIV Encontro de Serviços Escolas de Psicologia do Estado de São Paulo, VII Encontro Nacional de Supervisores de Estágio em Psicologia e III Encontro Nacional de Serviços Escolas de Psicologia: A formação do psicólogo frente aos desafios ético-políticos emergente, 2018, Campinas. Mesa redonda, Anais <http://186.200.52.76/sistemas/encontro_psicologia/>. Centro Universitário Salesiano de São Paulo, de 26 a 28 de setembro de 2018, Campus Liceu Salesiano, Campinas, SP.
- Trentini, C. M., Bandeira, D. R., & Krug, J. S. (2016). Escolha dos instrumentos e das técnicas no psicodiagnóstico. In: Hutz C.S.; Bandeira, D. R.; Trentini, C. M. & Krug, J. S.(Eds.), *Psicodiagnóstico*. (pp. 68-72). Porto Alegre, RS: Artmed, 2016.

Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, pag.61 - 93

Winnicott, D. W. (1994). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, pag. 247-

261

“Situación Persona Aprendiendo” (Fernández, 1991): Técnica projetiva instrumentada para a detecção de sintomas no aprender

Cláudia Moscarelli Corral

Universidad de Ciencias Empresariales Y Sociales (UCES)

Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP)

Instituto de Altos Estudios en Psicología y Ciencias Sociales (IAEPCIS)

Centro de Investigación en Psicopedagogía e Investigaciones Psicopedagógicas (CIPsp)

Resumo: Apresenta-se um recorte da tese de Doutorado em Psicologia realizada na Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES - Argentina), com o título: Problema de Aprendizagem-Sintoma: A Intersubjetividade Familiar do Latente (2022). Para a escrita deste artigo escolheu-se o caso de “João o Menino que Finge”, e, procurou-se evidenciar o uso da Técnica Projetiva: “Situación Persona Aprendiendo” (Fernández, 1991, 2004), que mostrou ser uma técnica muito eficiente, na detecção e análise de conteúdos simbólicos inconscientes do aprender dos investigados, haja vista que capta os conteúdos por associação livre, tendo por indicadores de interpretação o sujeito, objeto, a ação representada, além de ser um instrumento a auxiliar no conhecimento do tipo de modalidade de aprendizagem do sujeito. A investigação objetivou descrever o vínculo intersubjetivo entre a criança latente com problema de aprendizagem-sintoma e seus pais. No estudo utilizou-se o modelo metodológico quadripolar de Bruyne *et al.* (1977) usado em pesquisas qualitativas do tipo descritivo-analíticas, numa abordagem de estudo de caso. No percurso da tese analisaram-se os componentes de expressões plásticas, icônicas e linguísticas de quatro casos clínicos, investigou-se o significado do aprender para os sujeitos. Utilizaram-se, também entrevistas semiestruturadas. Os resultados confirmaram que a violência intrafamiliar participa da configuração do sintoma no aprender, inclusive podendo produzir inibição cognitiva, interferindo na formação profunda do pensamento, e causar fixações nas fases psicosssexuais. Verificou-se que a modalidade de aprendizagem tal qual um *aparelho-digestório-psíquico*, processa e operacionaliza conteúdos simbólicos inconscientes tornando-os observáveis, possibilitando o diagnóstico diferencial, contribuindo com a prevenção e tratamento de forma inovadora.

Introdução

A escolha do uso de técnicas projetivas para trabalhar com a interpretação dos resultados, associadas à história de vida e aos diferentes indicadores observados se justifica por elas em geral poderem ser associadas ao conceito de “hipóteses ponte” porque, as técnicas projetivas nos permitem fazer um enlace entre uma análise macro, mais global, com outra análise micro, mais detalhada e complexa, que em combinação darão uma ampla e rica quantidade de informações. Nesse caso, Didier Anzieu (1981) aborda em sua publicação “Los Métodos Proyectivos” que eles promovem uma regressão do aparato psíquico aos processos primários, e deixam surgir um pensamento por imagens ligado à percepção. Essas produções são comparadas pelo autor a fantasias diurnas e sonhos e, quando se refere à atividade infantil diz que, à medida que a criança vai organizando a linguagem (entre 2 e 5 anos), sua atividade psíquica se reestrutura, assim como sua vida imaginária, que pode ser captada por cenas

interiores, de forma organizada como as palavras em uma frase. Dirá que através dessa atividade o sujeito expõe seu drama pessoal e coloca em imagem seus conflitos defensivos. Além de que os personagens que desempenham os diferentes papéis dão corpo às identificações do sujeito, tornando-as objetivas e observáveis. Nessa perspectiva, coincidimos à Sneiderman (2011) que afirma: “Consideramos a los resultantes obtenidos mediante la aplicación de las técnicas proyectivas como productos del inconsciente y preconsciente, permitiendo pues una vía bastante directa de acceso al conocimiento de la subjetividad”. (Sneiderman, 2011, p.14). Corroborando com essa afirmação da autora, consideramos as técnicas projetivas instrumentos capazes de ampliar nosso foco de visão quando o interesse recai sobre os conteúdos simbólicos inconscientes dos sujeitos.

Método

Para a apresentação deste recorte da tese, optou-se por dar ênfase ao instrumento utilizado pela Psicopedagogia Clínica de Fernández, psicopedagoga, psicóloga, psicanalista e psicodramatista Argentina: “Situación Persona Aprendiendo” (Fernández, 1991, 2004), que mostrou ser uma técnica muito eficiente, na detecção e análise de conteúdos simbólicos inconscientes do aprender dos investigados, haja vista que capta os conteúdos por associação livre, tendo por indicadores de interpretação: o sujeito, o objeto e a ação representados em interrelação, diferentemente da técnica projetiva “Par Educativo, ou Dupla Educativa” proposta por Jorge Visca¹, Psicopedagogo Argentino. Porque para Fernández quando solicitamos uma dupla educativa, estamos induzindo a que apareça uma relação dupla, o que ensina e o que aprende e, segundo a autora, queremos investigar como o sujeito da aprendizagem significa o aprender, estes conteúdos podem se manifestar sem a presença de outro sujeito que ensina, desta maneira ele fica livre para expressar seus conteúdos.

Nela, analisam-se os componentes de expressões plásticas, icônicas e linguísticas presentes no material projetado, mas tendo por rigor levar o sujeito a expressar através do desenho duas cenas, a primeira com a consigna de desenhar uma pessoa aprendendo, posteriormente, solicitando que o sujeito imagine que saiu fora do ar a cena desenhada e que imediatamente entra outra cena, que por associação livre deve ser desenhada.

Após, aplica-se um inquérito com as seguintes perguntas? Esta pessoa que foi desenhada está conseguindo aprender? Ela conseguiu, vai conseguir ou está conseguindo aprender? Como ela faz para aprender? É fácil ou é difícil? Alguém a ensina? Aprender para quê?

Considera-se o desenho como “discurso gráfico” através do qual a criança expressa sua subjetividade e as características de seu mundo interno. Nele a criança cria, recria e assim também expressa fantasias, desejos e conflitos e, por sua vez, pode elaborá-los. Ele é uma atividade natural de expressão e de descarga de satisfação das necessidades do desenvolvimento psíquico. (Sneiderman, 2011). Portanto, pode-se considerá-lo análogo aos sonhos, como uma escritura do desejo e que carrega consigo a situação traumática, pela qual podemos inferir que surge do ponto de vista tóxico deixando à mostra os processos inconscientes: simbolização, condensação, substituição, elaboração figurativa, entre outros, e compostos ainda por aspectos pré-conscientes e conscientes. Do ponto de vista do conteúdo, o desenho expressa o momento do desenvolvimento do sujeito e encontra-se atravessado pelas vicissitudes que cada um vivenciou na construção de seu psiquismo. Por isso, a técnica de interpretação de um desenho gráfico poderá responder a diferentes objetivos: inferir o nível intelectual, a maturidade mental do sujeito, problemas cognitivos, atencionais ou neurológicos, ou também, explorar e aprofundar os aspectos vinculares, emocionais ou defensivos, os conflitos, a imagem inconsciente do corpo, entre outros objetivos.

Indicadores de Interpretação da Técnica Projetiva: “Situación Persona Aprendiendo”
(Fernández, 1991, 2004)

Fernández (2004) afirma que quando a criança cria um conto, a partir de uma figura projetada no papel este passa a fazer parte de si, pois de alguma forma é sua criação. A criança apropria-se da história e a lembrança da figura poderá modificá-la, neste momento ela aprende de si mesma, e de sua própria capacidade construtiva. Sob essa ótica, todo o grafismo deve ser compreendido como um discurso, portanto, vamos verificar às omissões, substituições, modificações, aspectos como localização, pressão no desenhar, caracterização do traço, simetria e detalhes no desenho, movimentos, tamanho das figuras, uso da borracha, rasuras no papel, ou seja, a impressão geral do desenho. Contudo, principalmente, os temas associados ao desenho, o relato que a criança constrói sobre ele será de nosso interesse, porque para Fernández

(2004) nunca é neutro, e essa é a condição de possibilidade de percebermos a subjetividade dos sujeitos. Segundo a autora, as pessoas equivocadamente pensam que a objetividade seria a neutralidade, então assegura que essa é a objetividade dos objetos, mas na análise do material projetado, vai nos interessar a objetividade dos sujeitos, ou seja, o trabalho dirigir-se-á a poder fazer pensável a intervenção dessa subjetividade.

Para a autora o momento de relatar é muito rico pois está associado ao guardar, ou seja, é o momento de fazer pensável aquilo que aconteceu, porque será a oportunidade do sujeito de se incluir na inter-relação com o outro, no momento presente, fazerem-se sujeitos pensantes sobre aquilo que vivenciaram.

Os indicadores de interpretação dirigem-se a análise do **sujeito** da cena (personagem), sua **ação**, ou seja, o que ele está fazendo e o **objeto** que a criança vai representar nas cenas, porque a consigna solicita que a criança desenhe: “Uma Pessoa Aprendendo”. Nesse sentido, o pensar em cenas, sugerido na técnica, é também “um modo de escutar, uma postura, uma atitude clínica, a partir da qual vai intervir-se psicopedagogicamente”. (Fernández, 2004, p.50). Nessa linha de raciocínio, é como um pensar flutuante, e para esclarecer essa técnica, a autora cita Eduardo Pavlovsky, que propunha o trabalho do psicodrama, para recuperá-lo à psicopedagogia clínica. Faz referência ao pensar e recordar flutuante para intervir psicopedagogicamente, a trama das cenas, passa a constituir, uma “tela auditiva transicional”. (Fernández, 2004, p.52).

A análise se dirige a observar a representação que o sujeito faz na primeira cena e, quais conteúdos simbólicos inconscientes surgem na segunda cena, onde a consigna aprofunda a possibilidade de o sujeito fazer a associação livre e deixar surgir a cena inconsciente. De posse dos conteúdos do segundo desenho vamos **atentar para o sujeito, a ação e o objeto da cena**. Por fim, para compreender o significado simbólico do aprender, precisaremos responder se ele remete ao prazer, à satisfação, à construção, logo, representando o aprender como processo saudável, ou o inverso, como perigoso, doloroso, que remeta a sofrimento, dificuldade, conflito, entre outros. Para tanto, a atenção e a compreensão destes aspectos basearam-se no entendimento do “como” e da “ação”. Em síntese, como agem os personagens desta cena?

História Clínica de João: o menino que finge

João é um menino de 07 anos e meio que vive com sua tia avó (de 69 anos) professora

aposentada, ela possui a sua guarda judicial. O menino está na primeira série de um colégio particular e como apresentou problemas em aprender foi encaminhado pela escola para o CAPS I (Centro de Atenção Psicossocial Infantil) para avaliação no qual esteve em atendimento psicológico por três anos. O menino faz parte de um núcleo familiar que protagonizou por três gerações a violência simbólica, a violência do não- dito, do segredo, do secreto. Observamos que o drama familiar tem início com sua avó, que ao ser expulsa do ambiente familiar por seu pai, por estar grávida e ser solteira (naquela época era considerado uma desonra familiar), abandona a família para sempre.

Mônica (mãe biológica de João) foi criada pensando que sua mãe biológica era a sua avó e que Regina (tia avó de João) seria sua irmã, quando na verdade Regina era sua tia. Nesse caso o desenvolvimento dela se deu com uma falsa informação, porque o seu saber pessoal (aquele inconsciente), não condizia com a informação que recebeu da família. Quando cresceu, pelos seus 12 anos de idade, ela descobre a verdade. Em consequência disso, teve uma crise psicótica, tendo sido diagnosticada com transtorno de humor. Ao dar à luz ao menino, ainda no hospital, ela tenta dar feijão na boca de João recém-nascido. A família já havia conseguido com o médico a esterilização dela, sem seu consentimento. Mais tarde veio a desconfiar, porém após alguns anos, Regina novamente age sem seu consentimento e consegue a guarda do menino na justiça. Mônica ao não conseguir fazer a adesão ao tratamento medicamentoso, perde o apoio psicossocial e a guarda do menino, mas ainda nessa época viviam todos na mesma casa de família.

Na entrevista com a professora ela conta um fato marcante: a mãe biológica de João e seu companheiro, tentaram tirar João de dentro da sala, e da escola e que tentaram bater em Regina dentro da escola e ela corria pelos corredores. Diz que aquele dia ele “degringolou”, não conseguiu fazer nada, passou toda a tarde quieto. A professora do AEE (Sala de Atendimento Educacional Especializado), diz que encontrou Regina atordoada no corredor dizendo: *“Eles estão aí, estão aí, eles querem me bater”* e falou que ela ficasse em sua sala. *“Eles queriam dinheiro dela, e ameaçavam que queriam mais dinheiro (...) uma outra mãe levava eles para casa todos os dias”*.

A professora de classe diz: *“eu tô colocando as crianças para dentro da sala e vejo um homem esquisito e uma mulher também e ele me disse que ia levar o João naquela hora, e eu*

disse que não, que só entregaria para a tia, porque ela era a responsável por ele. Só com sua autorização. (...) Ele me empurrava e eu pus o pé na porta e consegui fechar com chave aporta". Coloquei ele no colo, acalmei os outros, porque ficaram nervosos. João perguntou: "Eles vão entrar aqui tia? Eles vão me pegar? Eu respondi, não vão te pegar, não vão te tirar daqui e ele me abraçou tanto, me apertava de uma maneira que ele nunca tinha feito assim. (...) Tinha medo, muito medo deles. Perguntava: tia está fechado o portão? Não me deixa!"

Resultados

Primeira Sessão Diagnóstica de João

João foi atendido pela pesquisadora e por uma integrante da equipe de investigação. Ao entrar na sala de atendimento (esta sala não continha brinquedos de propósito, na verdade a caixa simboliza o objeto de conhecimento e, portanto, observa-se como o sujeito se aproxima deste), estava preparada com uma caixa com tampa, sobre uma mesa e apenas um armário fechado. Nela haviam materiais escolares diversos (folhas coloridas, lápis de cor, massa de modelar, canetas, cartolina, tintas e pincéis, alguns jogos, entre outros objetos) que ao serem disponibilizados permitiam verificar que conduta seria tomada pelo sujeito ao entrar em contato com esse material. Quando iniciou a sessão, João não se interessou em princípio pela caixa, imediatamente, fez um jogo dramático com as pesquisadoras, muito ativo, destinando papéis a serem desenvolvidos a partir do tema do desenho animado chamado "Scooby-Doo". É um desenho animado em que o personagem principal é um cachorro de estimação e companheiro do "Salsicha". Eles possuem diversos traços de personalidade, principalmente sendo covardes e sempre famintos. O "Salsicha" é um personagem que possui uma característica importante, ele tranquiliza o Scooby, porém se apresenta como quem tem um grande coração e é muito comilão. Além do mais existem os seus amigos (Velma, Daphne e Fred) que os incentivam a ir atrás dos vilões fantasiados, através dos "Biscoitos Scooby", (geralmente em forma de osso, ou, nas versões mais recentes das caricaturas, em forma do cão Scooby).

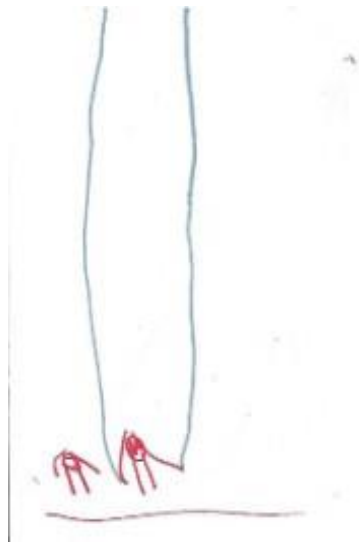
João ao trazer os personagens do desenho animado como a Velma (tem a característica de ser aquela que descobre os enigmas da trama que se desenrola em cada episódio) solicita à terapeuta/pesquisadora que represente este papel e destina o outro de Daphne para a outra integrante da equipe. Ele inicia a dramatização dirigindo-se às pesquisadoras: "Finge"...

“finge”... “finge”, com uma voz infantil e sedutora e, quando as terapeutas/pesquisadoras entraram no jogo dramático e responderam assumindo o papel que ele propunha, manifestou muito prazer naquele jogo. Em seguida, foi para baixo da mesa, e de lá seguia, solicitando que atuassem com ele, e se portava como um diretor da cena. Além do mais, trouxe o personagem do esqueleto, para dar sentido ao mistério e mais colorido ao tema do medo, marcando a necessidade de encontrar uma forma de descobrir o que aconteceu. Nesse momento ele estava comunicando que havia um mistério a desvendar e colocava a terapeuta nesse papel, porque a personagem Velma no desenho animado tem a característica de ser a intelectual, a investigadora, que estilisticamente usa óculos e é a personagem que ao final do episódio desvenda o enigma. Na trama, esse desenho animado se faz por episódios, e em cada um deles os personagens principais devem descobrir o enigma, e desvendar o mistério, que é sempre concluído com a descoberta ao final.

Resultados da Técnica “Situación Persona Aprendiendo” de João

Na aplicação da técnica foi pedido a João que desenhasse uma pessoa aprendendo, e ao término do primeiro desenho foi solicitado que modificasse a cena, desenhando outra cena diferente, a que estava em sua mente. Nessa segunda cena, por associação livre, surgem **os conteúdos simbólicos inconscientes do aprender** dos sujeitos.

Figura 1. Primeiro desenho



Ao ser solicitado a João que falasse sobre o seu primeiro desenho, ele diz: *“A Velma está descobrindo o mistério. A outra Velma é um esqueleto”*. Ao ser questionado se a pessoa estava aprendendo ele responde: Que ela estava *“resolvendo os mistérios”*. Ao ser perguntado se era fácil ou difícil, diz que *“fácil”*. E ao ser questionado sobre quem a ensina, João responde: *“O Fred”*. Ao ser novamente perguntado, sobre como a pessoa faz para aprender, responde: *“não sei”*. E, ao ser questionado sobre para que aprender, responde: *“Aprender para resolver os mistérios, para fugir e para se defender”*.

Figura 1. Segundo desenho



Ao ser solicitado que João descrevesse o seu segundo desenho, ele diz: *“É a Velma presa por uma corda pelos pés. Ela foi para o céu e puxou a monstra. A monstra estava presa”*. E segue falando: *“Os “esqueletos Velma” são perigosos querem destruir a Dafni e a Velma. São muitos, são caveiras. A Velma preta é a rainha, está toda ligada. As amigas não conseguiram pegar a Velma. Elas estão se transformando”*. E, perguntado sobre porque elas querem pegar a Dafni e a Velma, não responde. E, questionado sobre qual é o seu poder? Responde: *“Me transformar em monstro, múmia”*. Dizendo: *“Vai se transformar em uma noiva monstra. O Fred vai tirar a máscara da caveira. Finge que estamos invisíveis”*.

Interpretação da Técnica “Situación Persona Aprendiendo” de João

a) *Primeira Cena*: Quando João conscientemente se refere que “*A menina está descobrindo o mistério*” ele expressa de uma maneira clara a confusão presente na história de sua família. E, ainda afirma que ela está “*fugindo para se defender*”, de certa maneira o menino compõe através dos personagens que interpreta a saga que vive. Manifesta o desejo de fugir dessa confusão mental que ele foi envolvido através de uma dinâmica familiar que se utiliza do mecanismo de defesa desmentida, pacto de silêncio e, violência concreta e simbólica.

b) *Segunda Cena*: Quando João se refere à Velma presa pelos pés, lutando com a monstra, supomos que ele atribui à Velma o personagem que vai lhe defender e ajudá-lo a descobrir o mistério. Defende-se, dos “*esqueletos Velma*”, que ele atribui às caveiras, ou seja, dos personagens perigosos que relacionamos com a cena traumática na escola. Ademais, ele comenta que as caveiras perseguem a Dafni e a Velma, entende-se que esses personagens fazem correspondência à professora de classe e a professora do AEE.

O menino monta a cena, chamando a atenção para a “*Velma preta*”, observa-se que Regina (tia avó), se bem é branca, tem uma pele escura. E ele afirma, “*está toda ligada*”, entende-se que ela está atenta aos ataques. Mais adiante ele diz: “*as amigas não conseguiram pegar a Velma*”, o que podemos relacionar com as professoras que não conseguiram pegar sua mãe biológica e o companheiro. Ao ser questionado sobre qual era o poder que ele tinha, responde: “*Me transformar em monstro múmia*” – ou seja, alguém que através de um disfarce, assusta, e espanta o perigo. *O Fred vai tirar a máscara da caveira. Finge que estamos invisíveis*”.

Análise e Discussão dos Resultados

Análise e Interpretação da Primeira Sessão Diagnóstica de João

O primeiro momento de contato de João com o processo diagnóstico se apresenta como instigante e denunciante, ou seja, o menino encena o drama familiar vivido na transgeracionalidade. Sem termos conhecimento dos fatos que marcaram sua história de vida, fomos sendo introduzidos por ele no enigma. Só fomos compreender a cena dramática dirigida

por João, após o relato da reconstrução de sua história feita por Regina. O episódio da escola ocorreu pouco tempo antes da primeira sessão diagnóstica, o que se observa que João seguia afetado com a situação. Contudo, salienta-se de extrema importância o apoio dado pelas professoras que acolheram João e Regina.

Verifica-se um drama familiar de desamparo recorrente, em que a violência simbólica dá lugar à física e se instala na dinâmica da família, que inclusive o menino presencia. Um desamparo que tem início por tabus sociais, que se desencadeiam em sofrimentos e dores protagonizadas por um mau manejo das situações de conflitos familiares. Essa transmissão traumática intergeracional, descrita por De Paula (2021) pode chegar a estender-se à terceira geração, dependendo de sua intensidade, o que se verifica no caso de João, a autora comenta que esse acontecimento repercutirá nos processos de vinculação. Faz referência às teorias de apego e vinculação que tratam dos efeitos desses laços de significação, e estudam o lugar da memória e do testemunho desses sujeitos que, apresentam uma história na qual construíram sua identidade.

Se o sujeito marcado por esta dor conseguir que ela possa ser acolhida e escutada, se ele puder vivenciar o luto, causado pelas perdas e violência sentida, poderá ir elaborando lentamente este trauma, desde que se abra um espaço para dar voz a ele, para que possa dizer de sua dor, passar pelo processo de re-subjetivação e, então, permitir a ressignificação do trauma e evitar que ele seja perpetuado para as seguintes gerações. De Paula (2021) explica que é como se este pedaço dessa vivência ficasse enclausurado, sem ser tocado, nem possível de ser olhado, devido a essa cisão psíquica.

O trauma vivido pela avó e depois pela mãe do menino, tendo sido sufocado, se transformou em uma lesão, implicou uma ruptura, fragmentou o psiquismo de Mônica, diante deste conjunto de possibilidades e de variáveis a que ela esteve exposta, formou-se uma “cripta”. Consideramos que essa fratura psíquica, vivida pela mãe biológica de João, e que provocou uma dissociação em seu psiquismo, dificilmente será ressignificada, o que inevitavelmente repercute no menino, fazendo com que ele tenha que lançar mão de mecanismos de defesa arcaicos para poder lidar com a realidade, fugindo para a fantasia, na sua fala: *“fugindo para se defender”*.

Fernández (1991) corrobora com Maldavsky (1991) quando afirma: “Aquilo não

confessado pelos pais, nos filhos aparece como um saber inconsciente, que pode ficar reprimido, do qual derivam sintomas, ou bem pode ser transmutado em atos que em última instância constituem uma denúncia inconsciente daquele segredo que foi captado e cujo ego ignora". (Maldavsky, 1991, p.17). Segundo o autor, além de ser importante o conhecimento do conjunto de desejos reprimidos do sujeito, é fundamental o conhecimento do processamento psíquico mediante as defesas, do que ele chama "entrelaçado intrapsíquico e interindividual". (Maldavsky, 1991, p.17).

Fernández (1991) em seus estudos não encontrou um tipo de família que corresponda ao paciente problema de aprendizagem-sintoma, mas considera que alguns aspectos diferenciais da família promovem um terreno fértil para a formação de um sintoma na aprendizagem, o que relaciona com um tipo de circulação do conhecimento e especialmente com o acionar do segredo no núcleo familiar. Liberman (1984) cita Rosenfeld (1965) que alerta que a necessidade de um excessivo "*acting out*" estaria ligada a um distanciamento muito agressivo do objeto primário. O que se observa através da história clínica de João, tendo sido afastado do vínculo com sua mãe biológica abruptamente. O autor afirma também que se a criança consegue lidar com esta frustração no nível depressivo, infere-se que terá condições de distanciar-se daquele vínculo e passar a um objeto secundário sem odiar demais aquele, por não o considerar totalmente mau.

João causa a impressão no terapeuta de que é um ator que "sobreatua", ou seja, Liberman (1984) observou que determinados pacientes têm uma postura elegante e tratam de não produzir impressão no terapeuta de rechaço nem nojo, são simpáticos e amáveis, frente à agressão produzem formação reativa. No que se refere ao desenvolvimento da simbolização, eles sugerem ter matrizes conceituais "Tenen un proceso de pensar, una simbolización, y la utilizan para instrumentar un tipo de comunicación donde el mensaje que se emite es que algo de lo que está actuando es cierto". (Liberman, 1984, p.88).

São pacientes que não usam muito os brinquedos, pois o que mais interessa é o uso do papel que desempenham e que fazem desempenhar o analista, "Juego y jugar se transforman en un fin con beneficio secundario de control de la angustia". (Liberman, 1984, p.89). O terapeuta experimenta a vivência contratransferencial de fascinação, devido a um elemento erótico predominante. Ademais, o elemento depressivo instiga no terapeuta o afeto de

comiseração e a tendência ao contato corporal. Por sua vez, provocam também uma curiosidade tingida de temor, em que não pode evitar a tarefa de decodificar o que lhe produz esse terror, ou seja, fantasias ligadas à sedução, incesto e a castração. Para o autor essa dramatização diferencia-se da elaboração, pois se constitui por uma tentativa fracassada de elaboração da situação traumática real. O sujeito ao estar fixado no trauma faz com que os demais repitam o personagem e a cena que os traumatizou. No caso da situação traumática repetitiva, o sujeito busca o personagem traumatizador e consegue colocá-lo no lugar do personagem original, com a intenção de repetir a situação. Em contrapartida, na elaboração ele trocaria de posição, fazendo-se ativo, num processo vivido passivamente. São os chamados “atores da vida real”, nesse caso João insistentemente pede que o terapeuta finja, demonstrando que representa um papel na vida real.

Segundo a psicanálise, se olharmos por um caleidoscópio poderemos ver através dele o modo como a criança joga, os meios que usa seus comentários verbais, teremos uma visão do significado, no entanto, a interpretação se dá da mesma forma que fazemos com a interpretação do sonho no adulto. Porque a criança realiza tantas associações com os elementos do jogo, como o adulto com os elementos do sonho.

Nessa atuação o paciente, ainda que não se trate de um aspecto do Ego e do objeto reconhecidos e diferenciados, sugere um estilo comunicacional. A partir de uma cena não digerida, o paciente impõe ao analista, sem explicitações, e atua exercendo um dos papéis. (Lieberman, 1984). Ainda que a cena tenha sucedido apenas no mundo interno do paciente, como nos sonhos, para ele é como se fosse externo. Então, põe em jogo a situação traumática em forma dramática, para escapar do conflito latente.

João está preso num conflito familiar e atua na sessão pedindo socorro, pedindo que a personagem Velma possa desvendar o mistério pelo qual ele está enredado. Ademais, o jogo é um meio de representação indireta de fantasias, desejos e experiências, em síntese, o jogo é uma linguagem. Lieberman *et al.* (1984), vem corroborar com essa afirmação ao escrever a obra “Semiótica y psicoanálisis de niños” os significados do jogo na criança. Freud explica essas características dos pacientes que ao simularem um gineceiro, acreditam estar dirigindo o cavalo quando na realidade estão obrigados a ir aonde ele os leva. Então, nessa ação dramática os pacientes fazem crer que também acreditam que fazem ativamente, o que, na realidade, sofrem

passivamente. O autor comenta que esse mecanismo é denominado por Fenichel de “fuga da passividade em atividade”. “Son pacientes que niegan la angustia mediante la representación de un papel en la realidad” (Lieberman, 1984, p.91). Ele considera que estes pacientes são sujeitos que sofrem crises passivas de angústia, como sonhos diurnos, que tentam controlar através da “sobreatuação”. À diferença dos psicóticos, necessitam público, ou que os outros se assustem, que não os abandonem, ou que fiquem pendentes deles. “Son fobias que inundan de ansiedad al yo del niño, quien en lugar de hacer contrafobias o de reprimirlas, las dramatiza”. (Lieberman, 1984, p.92).

Por ocasião da sessão de aplicação da técnica projetiva, João novamente constrói duas cenas que expressam seu drama, a angústia de luta e fuga. A esse jogo o autor chama de ação dramática e esclarece que nestas condições uma criança não consegue brincar, pois para isso, precisaria dominar a angústia da fobia como condição indispensável, para então, introduzi-la no jogo. “Niños que padecen de una fobia al abandono, es decir, de un temor a la indefensión total, suelen, frente a esta amenaza, representar el hecho que temen”. (Lieberman, 1984, p.92). O analista passa a representar o personagem que a criança precisa para diminuir sua ansiedade. O autor continua dizendo que lhes falta um espaço interno imaginário, para que possa surgir o jogo.

Diferentemente na psicose histérica, há uma invasão de toda a percepção, ou seja, o juízo de realidade está tomado pelos sonhos diurnos, que se transforma em delírio, e alucinações. Na ação dramática, em contrapartida, não há ruptura da estrutura do aparelho psíquico. Entretanto a ação dramática, diz respeito, desde o ponto de vista psicopatológico, corresponde ao *traço de caráter histérico*, não há conversão. Nessa linha de raciocínio o paciente incorpora as fantasias históricas que dizem respeito ao terceiro excluído, surge o ciúme edípico e as fantasias pré-genitais, ou seja, na ação dramática poderemos encontrar ingredientes edípicos, e o ego absorve as pulsões e as defesas.

Lieberman (1984) diferencia este paciente do atador dizendo que o primeiro não se trata de um atador que promove no outro o que ele não faz como seria o psicopata fóbico, na verdade ele é um diretor de um psicodrama, no qual ele também intervém. Contudo, não pretende causar dano ao analista, apresentam fantasias perversas, porém não se trata de satisfazer as pulsões pré-genitais, incluindo o analista na dramatização, na situação

específica de João observa-se justamente o que o autor afirma, o menino atuou como um diretor de cena.

Afirma ainda, que se a ação dramática não é codificada de maneira adequada, eles sendo confundidos com pacientes psicopatas ou esquizofrênicos, pode-se chegar a um mau final de tratamento, que acaba repetindo o destino do “niño rebotado”. (Lieberman, 1984, p.95). Portanto, a análise deve transcorrer, apesar da dificuldade técnica, com a instrumentação da contenção com a interpretação simultânea, com o objetivo de não colocar a criança na posição de abandono, assim como, evitar a erotização do vínculo, mediante o estabelecimento de limites. Pouco a pouco, a saída dessa ação dramática poderá dar lugar ao relato, à queixa, ou a construção de uma cena para mostrar o que havia sofrido passivamente, ou seja, um abandono.

Lieberman (1981-1984) afirma que investigamos a sessão desde o ponto de vista do intercâmbio comunicativo que se produz entre o analisando e o analista e nos sistemas intrapessoais de cada um deles. Incluímos os elementos verbais, paraverbais e os não-verbais desse intercâmbio, assim as ansiedades e fantasias e defesas próprias dos sistemas intrapessoais. Acrescenta mais duas hipóteses: o jogo proporciona critérios diagnósticos de saúde e enfermidade entre as crianças. Cita Klein (1983) que chama a atenção para a personificação, ou seja, para ela quanto mais equilíbrio entre fantasia e realidade maior capacidade para modificar a realidade e maior capacidade para tolerar a frustração. O autor encerra estas considerações dizendo que a criança pode mostrar-nos com mais facilidade suas experiências e fixações, porque o faz de maneira mais direta que o adulto, enquanto ele chegará a elas apenas por reconstruções.

Conclusão

Em conclusão o uso da Técnica Projetiva “Situación Persona Aprendiendo” oportunizou a detecção da modalidade de aprendizagem e ensino de João, podendo-se chegar mais perto de seus conteúdos simbólicos inconscientes de medo, angústia e fuga, demonstrando a patologia que estava se instalando no menino. Fernández (1991) alerta para que os problemas de aprendizagem, ancorados sobre uma estrutura psicótica em geral, mostram-se através desta modalidade de aprendizagem, chamada de hiperassimilativa-hipoacomodativa. Segundo ela, o problema de aprendizagem provoca uma má articulação inteligência-desejo, pelo que os

recursos comunicacionais da gramática simbólica estão alterados, disfarçando de aborrecidos, banais ou inexistentes, conteúdos que não o são. Portanto, a transmissão inconsciente vem a corroborar para contextualizar os processos intersubjetivos presentes na história de vida de João, que fazem parte das suas relações imaginárias, simbólicas e reais, que compõem seu grupo familiar. Nesse caso os significados simbólicos inconscientes do aprender e ensinar para João e sua família se verificam nos conteúdos inconscientes expressos pelo “fingir”.

Ressaltamos o papel da aprendizagem e dos vínculos escolares, na medida em que a professora de classe protege o menino da situação de abordagem violenta na escola, colocando limites estabelece uma clara distinção entre o mundo interno e o mundo externo do menino o que possibilitou ressignificar aquelas experiências traumáticas que João vivenciou, e que ocasionaram, de certa maneira, uma ruptura de continuidade em seu desenvolvimento².

Observa-se que essa acolhida promovida pela rede de vínculos destinados à escuta de João, abriu um espaço que colocou o menino na posição de sujeito ativo do seu processo de constituir-se, possibilitando que através de seu testemunho, de sua importância nessa cadeia transgeracional, pudesse ir experimentando as relações interpessoais saudáveis, para sua ressubjetivação e ressignificação, oportunizando a elaboração e metabolização, através da elaboração simbólica.

Ao término da investigação, nesse percurso singular, encontrou-se um fio condutor que liga todas as crianças pesquisadas, de fato em todas elas, o saber e a construção do conhecimento estão marcados por dor, sofrimento, medo angústia. Dessa forma, a pesquisa comprovou a hipótese de que uma vivência de violência concreta ou simbólica, primária ou secundária, se apresenta como forte indício de fator desencadeante de bloqueio no aprendente, o que evita que o sujeito possa lidar com o conhecimento e o saber de maneira construtiva e prazerosa, construindo um muro que evita a elaboração de sentido, levando a um empobrecimento simbólico que deriva da rigidez defensiva. O diagnóstico da Modalidade de Aprendizagem (Fernández, 1991) através do instrumento projetivo “Situación Persona Aprendiendo” constitui-se em uma lente mais potente para vislumbrar essas fraturas no aprender dos sujeitos aprendentes.

Porque, ao considerar-se que a violência concreta ou simbólica sofrida pelos sujeitos (des) considera-os e, torna-os desapropriados da verdade, lhes retirando a condição de seres

legítimos como são, em resumo, lhes expropria a condição de humanização, porque toda a violência é a negação do outro, por consequência, possui efeitos desastrosos. Contudo, a verdade, por mais dura que seja, permite a estruturação do eu, possibilita que o sujeito possa enfrentar e enfrentar-se. E a relação com o conhecimento e o saber seja preservada. Podendo permitir que ele possa desenvolver-se como sujeito pensante. Do contrário, estará afetando sua capacidade pensante, construindo um aprisionamento constante. Logo, o que a investigação evidenciou foi que as palavras que compõem a história do sujeito, pronunciadas por todos, exprimem a estrutura da linguagem do sintoma, e, com efeito, estão emaranhadas na significação do próprio sintoma não aprender, nesse aspecto remetem a não poder crescer, desenvolver-se, aprender, o que sugere a interpretação de um bloqueio grupal, onde uns aprisionam os outros, no processo de não mudança.

Concluiu-se que a criança é uma *pele, boca e esfíncteres psíquicos*, que conformam um idioma próprio, ou seja, uma modalidade de aprendizagem e ensino peculiar e, sendo assim, o momento da aprendizagem do controle esfinteriano torna-se paradigmático no desenvolvimento infantil; a forma, o clima e as oportunidades que a criança teve do meio para mostrar o seu saber e vivência, são decisivas para que ela possa construir uma modalidade de aprendizagem saudável ao longo da vida.

Referências

- Anzieu, D. (1981). *Los Métodos Projectivos*. Editorial Ábaco de Rodolfo Depalma: Buenos Aires.
- Bruyne, P., Herman, J., & Schoutheete, M. (1977). *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- De Paula, G.G.M. (2021). *Trauma, Transmissão Traumática e Vinculação*. Texto apresentado no Ciclo de Conferência Trauma, Transmissão Traumática, Vinculação e Testemunho realizado em 23-02-2021 no Instituto de Psicologia e Psicanálise Sophie Scientia (ISS): https://www.youtube.com/watch?v=XMB88VhX_Yw&t=137s.
- Fernández, A. (1991). *A inteligência aprisionada*. 2. ed., Porto Alegre: Artes Medicas.
- Fernández, A. (2004). *Psicopedagogia em Psicodrama*. Morando no Brincar. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

- Klein, M. (1981). *Psicanálise da Criança*. 3 ed. São Paulo: Mestre Jou. (1882-1960).
- Liberman, D.; Podetti, R. F. B.de; Miravent, I. & Waserman, M. (1984). *Semiótica y psicoanálisis de niños*. Editores Amorrortu. Buenos Aires.
- Maldavsky, D. (1991). *Procesos y estructuras vinculares. Mecanismos, erogeneidad y lógicas* [*Processos e estruturas vinculares. Mecanismos, erogeneidade e lógicas*]. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- Sneiderman, S. (2011). *El Cuestionario Desiderativo de Jaime Bernstein: aportes y actualización para una interpretación psicoanalítica*. Tesis Doct. UCES, Buenos Aires.

O uso de *chatbots* na avaliação psicológica de adolescentes: Revisão sistemática

Eduardo dos Santos de Lima
Universidade de Passo Fundo (UPF)
Silvana Alba Scortegagna
Universidade de Passo Fundo (UPF)

Resumo: Soluções tecnológicas podem incorporar ou combinar avaliações com o uso de testes projetivos oferecendo ao avaliador informações por meio de autorrelato, respondendo às demandas das avaliações, otimizando processos e promovendo um ambiente mais colaborativo. Em pesquisa prévia (no prelo), um Chatbot buscou avaliar crianças e adolescentes vítimas de violência sexual e verificar sua associação com o Zulliger no Sistema Compreensivo. Esse software foi capaz de avaliar a presença de sintomas de ansiedade e depressão atuando como instrumento complementar na avaliação psicológica dessa amostra. Apesar das contribuições observadas, são escassos e quase inexistentes os estudos sobre o potencial e as limitações do uso Chatbots com adolescentes. Assim, este trabalho objetivou revisar, de forma sistemática o estado da arte sobre a utilização de *Chatbots* em populações juvenis. A revisão seguiu as recomendações do PRISMA, incluindo artigos publicados entre 2019 e 2023 nas bases de dados ScienceOpen, Pepsic, Indexpsi e ScienceDirect. Utilizou-se como descritores de busca a string “*Chatbot AND Adolescents OR Psychological assessment*”. Foram excluídos comentários, editoriais e artigos de revisão de literatura. Não houve restrição quanto à linguagem. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram identificados quatro estudos internacionais que utilizaram *Chatbots* em populações juvenis. Destes, dois estudos seguiram para a etapa de análise de dados e os resultados foram apenas descritivos. Em estudo realizado na Suíça em 2021, a utilização de um *Chatbot* foi projetada para aumentar as habilidades cognitivas e comportamentais em 49 adolescentes de 10 a 15 anos de idade, com asma. Os resultados indicaram uma alta taxa geral de cumprimento de metas terapêuticas e melhores pontuações nos testes de conhecimento sobre asma. Em outro estudo realizado nos Estados Unidos, em 2023, um chatbot foi utilizado para intervenções em adolescentes com depressão por meio de interações pautadas em psicoeducação, comportamentos ativos e mudança de pensamentos negativos. Participaram 23 adolescentes entre 13 e 18 anos de idade. Os resultados indicaram diminuição dos sintomas de depressão e boa aceitação da ferramenta. Dois estudos realizados na Nova Zelândia (2020) e África do Sul (2022), em fase de aplicação piloto, não apresentaram resultados sobre o uso dos *softwares* para auxiliar os procedimentos investigativos. Não há, até o momento, estudos sobre evidências de validade ou de confiabilidade no uso de *Chatbots* em adolescentes. Observa-se uma significativa lacuna sobre pesquisas que utilizem *Chatbots* como recurso auxiliar em processos de avaliação psicológica, e as informações sobre seus benefícios são ainda insuficientes no campo científico. A combinação de *Chatbots* com instrumentos projetivos pode ser um recurso promissor em avaliações multimétodos emergindo como uma possível alternativa para preencher essa lacuna da investigação científica, contudo requer a continuidade de pesquisas.

Palavras-chave: E-health, Saúde digital, Dispositivos móveis.

Introdução

Desde o início dos estudos sobre a computação e a escrita dos primeiros códigos e comandos informatizados, os indivíduos têm explorado estratégias para promover uma comunicação eficaz na interação humano-máquina. Nessa trajetória, o pesquisador Weizenbaum desenvolveu o pioneiro Chatbot denominado ELIZA, em 1966. Embora limitada em sua capacidade de interação devido às restrições tecnológicas da época, muitos indivíduos compartilhavam detalhes íntimos de suas vidas com ela, mesmo cientes de sua natureza

artificial, chegando a estabelecer vínculos emocionais com o processo (Weizenbaum, 1976).

Chatbots ou agentes conversacionais são programas de computador inteligentes desenvolvidos para simular uma conversa real por meio de interações de texto ou de voz (Herbert & Kang, 2018; Lin et al, 2023). De acordo com a IBM do Brasil (2022), chatbots podem ser desenvolvidos utilizando inteligência artificial ou técnicas de processamento de linguagem natural, permitindo que esses programas adquiram ou melhorem suas habilidades de comunicação com humanos.

Recentemente o mundo enfrentou a pandemia de COVID-19. Além dos sintomas físicos da doença, o contexto traumático de restrição, mudança de comportamento e as mortes noticiadas constantemente, trouxeram também sintomas psicológicos nas diversas populações. Panda et al. (2021), identificaram que crianças e adolescentes apresentaram altos índices de irritabilidade (42,3%), depressão (41,7%), ansiedade (34,5%) e desatenção (30,8%) em uma amostra de 22.996 crianças e adolescentes avaliados em 15 diferentes estudos. Os autores identificaram que estes sintomas emergiram predominantemente em concomitância com a vivência da crise pandêmica.

Adolescentes se encontram cada vez mais conectados à internet por meio de dispositivos eletrônicos como computadores e smartphones. Nesse contexto, recursos informatizados que possam atuar como ferramentas complementares em processos de avaliação psicológica podem ganhar destaque ao incorporar elementos protetivos as condições de saúde mental dessa população utilizando recursos computadorizados como base para sua aplicação e correção de escores avaliativos (Reppold, 2021). A incorporação de dispositivos tecnológicos nas avaliações psicológicas pode tornar o processo mais atrativo e envolvente, e também refletir a realidade contemporânea dos adolescentes, na qual a tecnologia desempenha um papel central. Isso pode resultar em uma participação mais ativa e motivada na condução dos processos avaliativos, criando um ambiente mais confortável e familiarizado com as ferramentas e abordagens empregadas.

A avaliação psicológica é entendida como um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos cujo objetivo é o levantamento de informações que auxiliem a tomada de decisões (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2022). Desempenha assim, um papel fundamental na compreensão do funcionamento psíquico e comportamental do indivíduo (American Educational Research [AERA], American Psychological Association [APA],

National Council Of Measurement In Education [NCME], 2014). Se faz necessário, entretanto, adequar o processo avaliativo, a escolha de técnicas e de instrumentos à fase evolutiva em que o indivíduo se encontra.

O avanço acelerado da tecnologia tem aumentado significativamente a presença de instrumentos informatizados na área da avaliação psicológica. Atualmente, no Brasil, o Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI; CFP, 2023), registra 30 instrumentos com aplicação informatizada que contam com parecer favorável para uso. Destes, apenas oito podem ser aplicados em crianças e adolescentes e dentre suas metodologias estão escalas ou questionários (n=5), seleção de símbolos (n=2) e completar figuras (n=1).

A possibilidade de integrar elementos multimídia, com cores, sons e movimentos nos estímulos pode ser um importante fator atrativo ao público adolescente. Miguel (2017), afirma também que instrumentos informatizados na avaliação psicológica podem diminuir o risco de falhas de cálculo ou cansaço, gerando maior precisão na aplicação e correção após muitos protocolos.

Em uma investigação sobre a aplicação de chatbots na área da saúde, Pereira e Díaz (2019) analisaram 30 artigos. Os resultados ressaltaram os distúrbios nutricionais e neurológicos como as principais áreas de doenças abordadas, destacando a busca por mudanças de humor, personalização e aplicabilidade como os principais facilitadores técnicos valorizados. No entanto, foram observadas limitações significativas, como a falta de adesão das populações alvo e relatórios superficiais ou com fragilidades metodológicas

Abd-Alrazaq et al. (2020), conduziram uma revisão sistemática com o objetivo de avaliar a eficácia e a segurança do uso de chatbots para melhorar a saúde mental. Oito estudos foram avaliados e apontaram, ainda com poucas evidências, eficácia para melhorar sintomas de depressão e angústia. Apesar de não ter sido encontrado efeito estatisticamente significativo, no bem-estar, os resultados sinalizaram que Chatbots apresentaram segurança para a saúde mental das populações avaliadas, não sendo identificados eventos adversos ou danos dessas interações.

Estudos com populações infantis ou juvenis são mais escassos. Em pesquisa recente (Lima, Scortegagna & De Marchi, no prelo), um Chatbot conseguiu detectar sintomas de ansiedade e depressão atuando como instrumento complementar na avaliação psicológica de adolescentes vítimas de violência sexual. Este Chatbot utiliza 20 perguntas que mapeiam

aspectos físicos e psicológicos de ansiedade e depressão. Neste estudo, o Chatbot avaliou 10 crianças e adolescentes vítimas de violência sexual documentada e com idade média de 11,02 anos (DP= 1,87). O instrumento identificou presença acentuada de sintomas de ansiedade (n=4), depressão (n=4) ou ambas (n=3). Além disso, apresentou correlações significativas e positivas com indicadores do Zulliger no Sistema Compreensivo relativos à agressividade (AG), percepções errôneas da realidade (FM; FQ-; X-%), conteúdos traumáticos (BI) e dificuldade em perceber os fatos objetivamente (XA%), consistentes com a sintomatologia apresentada após eventos traumáticos dessa natureza.

Este modelo de ferramenta multifacetada pode ser incorporado a processos de avaliação psicológica, podendo incluir combinações com instrumento projetivos, ou mesmo integrar elementos projetivos em suas interações, o que pode gerar uma avaliação mais ampla do sujeito. Observa-se um crescente interesse na utilização destas ferramentas nos campos comerciais e educacionais, o que sugere que as interações humano-máquina em andamento estão em alta, indicando um campo científico a ser explorado (Almeida, Mendonça & Filgueiras, 2023), contudo, quando voltados à saúde mental e a avaliação psicológica de adolescentes, os estudos são raros. Assim, este trabalho objetivou revisar, de forma sistemática o estado da arte sobre a utilização de Chatbots em populações juvenis.

Método

Esta revisão sistemática foi conduzida com base nas recomendações propostas pelo guia PRISMA - *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (Page et al., 2021). A busca dos estudos foi efetuada em quatro bases de dados, seguindo as recomendações da Cochrane Collaboration: ScienceOpen, Pepsic, Indexpsi e ScienceDirect, não sendo aplicados filtros de idioma. Utilizou-se como descritores de busca a *string* “Chatbot AND Adolescents OR Psychological assessment”. A busca compreendeu os anos de 2019 a 2023. Como critério de inclusão foram contemplados artigos completos que avaliaram o desenvolvimento e aplicação de chatbots em processos de avaliação psicológica de adolescentes.

Excluíram-se títulos duplicados; comentários, editoriais, cartas ao editor e artigos de revisão da literatura; artigos que abordaram populações não-juvenis e publicações que não

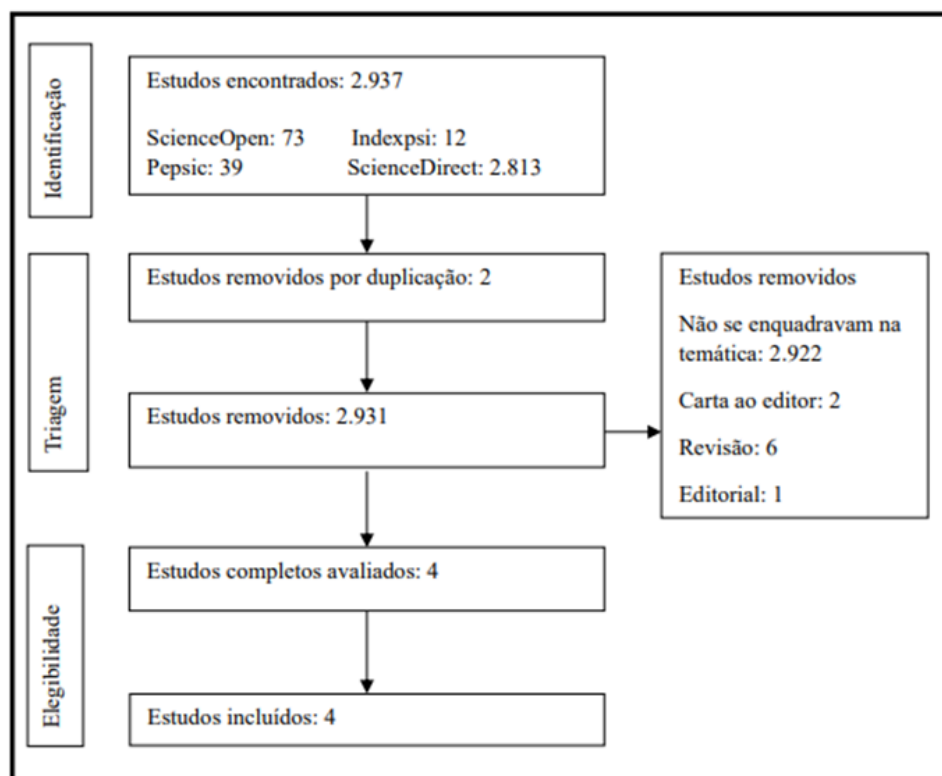
forneceram informações suficientes em seus respectivos resumos ou no corpo do texto, descrevendo as idades das amostras, metodologia de avaliação e instrumentos utilizados, impedindo a análise de adequação aos critérios adotados nesta revisão.

Inicialmente, a seleção dos estudos começou com a pesquisa nas bases de dados usando as palavras-chave escolhidas. Em seguida, os autores revisaram os títulos e resumos dos trabalhos encontrados na busca, aplicando os critérios de exclusão para determinar sua relevância. Os materiais que continham informações pertinentes foram selecionados para a próxima fase. Os artigos que atenderam aos critérios de inclusão foram então avaliados na íntegra pelos autores deste estudo.

Resultados

Os resultados das buscas nas bases de dados totalizaram 2.937 publicações. A Figura 1 apresenta o fluxograma do processo de seleção utilizado neste estudo.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos artigos



A leitura e análise dos quatro artigos selecionados possibilitou a identificação e a descrição dos elementos metodológicos e seus conteúdos. Foi possível apontar as etapas de desenvolvimento dos chatbots, a população-alvo e quais estudos já conseguiram iniciar as aplicações dos instrumentos em populações de adolescentes. A tabela 1 apresenta esses dados.

Tabela 1. Estudos sobre o desenvolvimento de Chatbots para adolescentes (2019-2023)

Autor / Ano / país	Chatbot	Objetivo	População	Resultados	Limitações
Merry et al. / 2020 / Nova Zelândia	HABITs (Health Advances through Behavioural Intervention Technologies) ecosystem	O ecossistema de soluções digitais busca integrar diversos serviços de atenção à saúde mental facilitando e guiando o acesso da população aos serviços disponíveis na plataforma	Adolescentes, suas famílias e profissionais de saúde da Nova Zelândia e integrantes da cultura Maori.	A implementação do ecossistema HABITs nas escolas está em andamento. O software tem sido usado para responder demandas da pandemia por meio da interação e implementação de soluções digitais, de testes abertos on-line Chatbots tem sido mais flexível para criação e utilização de texto.	Fornecer orientação para navegar na expressiva quantidade de recursos disponíveis. Fornecer acesso equitativo frente aos processos de exclusão digital.
Kowatsch et al. / 2021 / Suíça disponíveis na plataforma.	MAX	(1) descrever uma intervenção de asma fornecida por um agente de conversação (MAX) que dá suporte aos profissionais de saúde voltados	49 adolescentes entre 10 a 15 anos com diagnóstico de asma, suas famílias e profissionais de saúde.	Houve uma alta taxa de cumprimento geral das metas terapêuticas (75,5%), melhores pontuações nos testes de conhecimento	O número restrito de participantes. O Chatbot não foi testado com outros profissionais da saúde não especializados em asma.

		para as equipes de pais e filhos; (2) avaliar o alcance do MAX, (b) aliança de trabalho entre o agente de conversação e o paciente, (c) aceitação do MAX, (d) taxa de conclusão da intervenção, (e) resultados cognitivos e comportamentais e (f) esforço humano e capacidade de resposta dos profissionais de saúde		sobre asma e habilidades comportamentais, além de maior motivação dos membros da família em apoiar os pacientes jovens, especialmente quando solicitados (97,8%).	
Hall et al. / 2022 / África do Sul	STARS (The WHO Sustainable Technology for Adolescents and Youth to Reduce Stress)	Conceber e avaliar uma intervenção psicológica digital embasada em evidências para jovens com elevados níveis de estresse psicológico.	Adolescentes entre 15 e 18 anos.	O produto final não foi predefinido, mas sim moldado ao longo do processo de design, culminando em um chatbot que disponibiliza conteúdo de terapia cognitivo-comportamental.	
Dosovitsky e Bunge / 2023 / Estados Unidos	Beth Bot	Intervir na depressão em adolescentes por meio de interações fundamentadas em	23 adolescentes com idades entre 13 e 18 anos.	Mais da metade (56,5%) dos participantes concluíram a intervenção completa e compartilharam	Amostra pequena e restrita geograficamente. Apenas 56,5% da amostra

		psicoeducação, comportamentos ativos e modificação de pensamentos negativos.		feedback online sobre sua experiência. A pontuação média do Net Promoter Score (NPS) foi de 6,04 (desvio padrão = 2,18), com 64,3% (n = 9) expressando intenção de utilizar o chatbot no futuro. Das respostas sobre a experiência do usuário, 54,5% foram positivas, com destaque para a melhora dos sintomas (61,1%) e a disponibilidade da ferramenta (52,8%). As recomendações mais comuns estavam relacionadas à resolução de problemas técnicos (66%).	responderam sobre a experiência do usuário. Exclusão digital pode ter dificultado o acesso à jovens sem recursos tecnológicos disponíveis.
--	--	--	--	--	--

Observa-se uma produção científica sobre o uso de Chatbots com adolescentes, voltados à área da saúde, ainda muito incipiente. Um possível efeito observável desse evento é a utilização de Chatbots diferentes, criados para cada pesquisa, com objetivos diferentes e a inexistência de múltiplos estudos que compartilhem softwares já desenvolvidos. Ressalta-se que nenhum estudo indicou a utilização de outros recursos ou materiais além do Chatbot.

Discussão

Ao revisar, de forma sistemática o estado da arte sobre a utilização de *Chatbots* em

populações juvenis observa-se que a produção é inteiramente internacional e não foram identificados estudos com populações brasileiras. Ainda assim, estudos que efetivamente realizaram a aplicação dessas ferramentas em adolescentes são raríssimos se restringindo a Suíça e Estados Unidos.

Os estudos de Kowatsch et al. (2021), e de Dosovitsky e Bunge (2023) descreveram os resultados das aplicações dos Chatbots nas amostras de adolescentes. Observa-se que as ferramentas foram desenvolvidas com elementos de psicoeducação e de suporte as demandas clínicas das amostras. Os resultados dessas aplicações parecem condizentes com os de Abd Alrazaq et al. (2020), ao identificar melhoras nos sintomas de depressão e na diminuição da angústia.

O Chatbot desenvolvido por Kowatsch et al. (2021), parece suprir um espaço de comunicação ao qual os profissionais de saúde nem sempre conseguem estar disponíveis para responder perguntas e tirar dúvidas dos pacientes. Ao oferecer elementos de psicoeducação, o Chatbot parece transmitir as informações necessárias ao paciente no momento em que as dúvidas surgem e com um banco de informações acessível e em linguagem adaptada à fase de desenvolvimento do usuário.

Dosovitsky e Bunge (2023), desenvolveram um Chatbot com metodologia interventiva baseada na terapia cognitivo-comportamental. De modo semelhante, esta ferramenta parece estar disponível quando os adolescentes estão sentindo mais fortemente os sintomas depressivos, oferecendo intervenções iniciais em momentos críticos, o que foi destacado nas avaliações do software como algo positivo.

Observa-se que a produção científica acerca de processos de avaliação psicológica de adolescentes por meio de Chatbots é praticamente inexistente apesar da significativa na frequência de utilização de aparelhos eletrônicos por esta população. Dos quatro estudos mencionados, apenas dois avançaram para a fase de análise de dados, apresentando resultados de natureza descritiva. Os outros dois estudos ainda estavam em fase de teste piloto. Até o momento, não foram realizadas investigações que abordassem de forma rigorosa, do ponto de vista estatístico, a validade e a confiabilidade do uso de Chatbots em avaliações psicológicas de adolescentes.

O artigo escrito por Merry et al. (2020), ainda em fase de estudo piloto, sugere que o Chatbot irá atuar em um ecossistema de softwares que irão se adaptar as necessidades dos

usuários e incorporar elementos culturais e regionais. Esse empreendimento ousado de intercomunicação com vários dispositivos, ainda em fase de testes, traz indícios na necessidade de adaptar não só a interface do dispositivo, mas também a sua linguagem para ser utilizado por diversas populações dentro de um determinado país.

Um fator que pode explicar a restrição no desenvolvimento de Chatbots com propósitos de saúde mental e de avaliação psicológica é a própria comunicação. A linguagem humana é complexa e dinâmica, podendo abranger diversos significados ou conceitos em uma mesma palavra, o que pode se tornar um desafio para as máquinas (Hill, Randolph & Farreras, 2015). Ainda assim, houve um salto exponencial na capacidade das máquinas entenderem a linguagem natural em muitos contextos, possibilitando que dispositivos incorporem e aprimorem a recepção de comandos por Chatbots como os mundialmente conhecidos ChatGPT (OpenAI, 2021) e a Alexa (Amazon, 2023). Entretanto, para conversas que necessitem de uma maior profundidade para entendimento de subtemas, os Chatbots ainda necessitam de um banco de dados adequado e configurações específicas.

O Chatbot desenvolvido por Hall et al. (2022), também em estudo piloto, parece agregar mais elementos em sua construção. Além das intervenções baseadas em terapia cognitivo comportamental, a ferramenta incorpora outros elementos que estimulam o usuário e estar em contato com a ferramenta. Embora em sua descrição os autores não mencionem que o software realize avaliações psicológicas, foram incorporados testes avaliativos sobre os conteúdos disponibilizados objetivando a internalização dos conteúdos trabalhados. Este modelo pode ser ampliado e incorporar questões que possam fazer o rastreio da sintomatologia de interesse.

Abd-Alrazaq et al. (2020), apontam o vasto potencial de aplicação dessas ferramentas e indicam que chatbots demonstram ser seguros para uso. Os pesquisadores observaram que os usuários dessas ferramentas não apresentaram relatos de danos, angústia, agravamento de sintomas ou desconforto geral. No entanto, eles enfatizam a necessidade de investigações adicionais.

Ao analisar as limitações apresentadas nos estudos, observa-se que as amostras ainda são pequenas. Este indicador, juntamente com o número reduzido de artigos publicados pode sinalizar que as pesquisas sobre o uso de chatbots com adolescentes voltados para a saúde mental ainda são muito recentes. Concomitante a isso, dois artigos foram publicados ainda na

fase de estudos piloto, o que parece corroborar a ideia de que estes estudos ainda carecem de um campo teórico mais ampliado.

Chama a atenção também o apontamento de que a exclusão digital possa ser um fator limitante para o avanço dos estudos. Fadanelli e Porto (2020), discorrem sobre o recente fenômeno da exclusão digital partindo do pressuposto de que o acesso à tecnologia não é igual para todos, não se tratando simplesmente sobre os sujeitos não acessarem dispositivos eletrônicos, mas da incapacidade dos sujeitos de pensar e manusear os dispositivos para além do uso em redes sociais, por exemplo. Assim, elementos como a falta de letramento digital resulta em sujeitos com acesso a elementos digitais, mas com dificuldades para se beneficiar efetivamente das políticas de transformação digital, o que pode aprofundar desigualdades já existentes (Moura et al., 2020).

Identifica-se um campo de pesquisa praticamente inexplorado acerca da utilização de Chatbots em processos de avaliação psicológica, especialmente quando combinados com instrumentos projetivos que possam aproveitar dos recursos multimídias dos dispositivos eletrônicos. Tal combinação tem o potencial de coletar informações dos sujeitos avaliados de modo amplo. Concomitante a isso, com a pandemia da COVID-19, surgiu uma demanda crescente de crianças e adolescentes com sintomas de ansiedade e depressão que requerem processos avaliativos adequados e que podem se beneficiar de instrumentos informatizados (Panda et al. 2021).

Conclusão

Existe uma notável falta de pesquisas que explorem o potencial dos Chatbots como ferramentas auxiliares na avaliação psicológica, apesar dos benefícios evidentes que poderiam trazer. A integração de Chatbots com instrumentos projetivos surge como uma abordagem promissora para avaliações multimétodos, representando uma possível solução para preencher essa lacuna na pesquisa científica. No entanto, para que essa integração seja eficaz, são necessárias mais investigações e estudos contínuos. A sinergia entre essas tecnologias pode oferecer uma visão mais abrangente e detalhada dos processos mentais e emocionais dos indivíduos, contribuindo significativamente para a evolução e aprimoramento das práticas de

avaliação psicológica. Essa abordagem representa um avanço importante na aplicação de recursos tecnológicos para a compreensão mais profunda e precisa da psique humana.

Contudo este estudo precisa ser visto dentro de suas limitações. A busca de artigos limitou-se ao período dos últimos cinco anos. Este período abrangeu uma crescente do desenvolvimento de Chatbots com uso comercial e/ou educacional, impulsionados pela demanda oriunda da pandemia de COVID-19. Entretanto, a área da saúde e em especial a avaliação psicológica ainda se encontra em fases iniciais de pesquisa sobre essa ferramenta. A faixa etária de interesse também limitou os resultados e pesquisas com populações adultas, também em pouca quantidade podem ser encontradas, mas ainda com resultados iniciais.

Sugere-se que pesquisas futuras possam dar destaque ao desenvolvimento e buscar evidências de validade de instrumentos baseados em Chatbots, e que consigam integrar elementos ou instrumentos projetivos nos processos avaliativos de adolescentes. A facilidade de manejo com dispositivos eletrônicos e o grande interesse por parte dessa população em soluções informatizadas pode expandir os paradigmas da avaliação psicológica com processos que oferecem agilidade e precisão na forma de aplicação e correção dos novos instrumentos.

Referências

- Abd-alrazaq, A. A., Rababeh, A., Alajlani, M., Bewick, B. M., & Househ, M. (2020). Effectiveness and safety of using Chatbots to improve mental health: Systematic review and meta-analysis. *Journal of Medical Internet Research*, 22(7). <https://doi.org/10.2196/16021>
- Almeida, V., Mendonça, R. F., & Filgueiras, F. (2023). ChatGPT: tecnologia, limitações e impactos. *Ciência Hoje*, 396(1). <https://cienciahoje.org.br/artigo/chatgpt-tecnologia-limitacoes-e-impactos>
- Amazon. (2023). *Alexa* (3ª Geração) [Software]. <https://www.amazon.com/b?node=21576558011>
- American Educational Research Association [AERA], American Psychological Association [APA], National Council Of Measurement In Education [NCME]. (2014). *The standards for educational and psychological testing*. AERA: Publications Sales.
- Conselho Federal De Psicologia [CFP]. (2022). *Resolução Nº 31, de 15 de dezembro de 2022. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional*

- da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI e revoga a Resolução CFP Nº 09/2018. Brasília. <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-31-2022-estabelece-diretrizes-para-a-realizacao-de-avaliacao-psicologica-no-exercicio-profissional-da-psicologa-e-do-psicologo-regulamenta-o-sistema-de-avaliacao-de-testes-psicologicossatepsi-e-revoga-a-resolucao-cfp-no-09-2018?origin=instituicao&q=31/2022>.
- Conselho Federal De Psicologia [CFP]. (2023). *Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI)*. <https://satepsi.cfp.org.br>.
- Dosovitsky, G., & Bunge, E. (2022). Development of a Chatbot for depression adolescent perceptions and recommendations. *Child and Adolescent Mental Health*, 28(1), 124-127. <https://doi.org/10.1111/camh.12627>
- Fadanelli, E. L., & Porto, A. P. T. (2020) Cibercultura, Tecnologias e Exclusão Digital. *Revista Literatura em Debate*, 14(26), 33-44.
- Hall, J., Jordan, S., van Ommeren, M., Au, T., Sway, R. A., Crawford, J., Ghalayani, H., Hamdani, S. U., Luitel, N. P., Malik, A., Servili, C., Soesdahl, K., Watts, S., & Carswell, K. (2022). Sustainable Technology for Adolescents and Youth to Reduce Stress (STARS): a WHO Transdiagnostic Chatbot for Distressed Youth. *World Psychiatry*, 21(1), 156-157. <https://doi.org/10.1002/wps.20947>
- Herbert, D., & Kang, B. H. (2018). Intelligent conversation system using multiple classification ripple down rules and conversational context. *Expert Systems with Applications*, 112(1), 342–352. <https://doi.org/10.1016/j.eswa.2018.06.049>
- Hill, J., Randolph, F. W., & Farreras, I. G. (2015). Real conversations with artificial intelligence: A comparison between human–human online conversations and human–Chatbot conversations. *Computers in Human Behavior*, 49(1), 245–250. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.02.026>.
- IBM. (2022). *What is a Chatbot?* <https://www.ibm.com/topics/Chatbots>.
- Kowatsch, T., Schachner, T., Harperink, S., Barata, F., Dittler, U., Xiao, G., Stanger, C., Wangenheim, F., Fleisch, E., Oswald, H., & Möller, A. (2021). Conversational Agents as Mediating Social Actors in Chronic Disease Management Involving Health Care Professionals, Patients, and Family Members: Multisite Single-Arm Feasibility Study.

- Journal of Medical Internet Research*, 23(2), e25060. <https://doi.org/10.2196/25060>
- Lima, E. S. L., Scortegagna, S. A., & De Marchi, A. C. B. (no prelo). A robot understanding feelings! Chatbot applied on children and adolescent victims of sexual violence. *Revista Argentina de Clínica Psicológica*.
- Merry, S. N., Cargo, T., Christie, G., Donkin, L., Hetrick, S., Fleming, T., Holt-Quick, C., Hopkins S., Stasiack, K., & Warren, J. (2020). Debate: Supporting the mental health of school students in the COVID-19 pandemic in New Zealand – a digital ecosystem approach. *Child and Mental Health*, 25(4), 267-269. <https://doi.org/10.1111/camh.12429>
- Miguel, F. K. (2017). A utilização da informática nas pesquisas em avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 16(4), 387-504. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1604.ed>.
- Moura, L. M. F., Luciano, E. M., Palacios, R. A., & Wiedenhöft, G. C. (2020). Exclusão Digital em processos de Transformação Digital: uma revisão sistemática de literatura. *Revista Gest@o.Org*, 18(2), 198-213.
- OpenAI. (2021). *ChatGPT* (Versão 3.5) [Software]. <https://openai.com/>
- Page, M. J., Moher, D., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., & Mulrow, C. D., McKenzie, J. E. (2021). PRISMA 2020 explanation and elaboration: updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372(160), 1-36. <https://doi.org/10.1136/bmj.n160>
- Panda, P. K., Gupta, J., Chowdhury, S. R., Kumar, R., Meena, A. K., Madaan, P., Sharawat, I. K., & Gulati, S. (2021). Psychological and Behavioral Impact of Lockdown and Quarantine Measures for COVID-19 Pandemic on Children, Adolescents and Caregivers: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Journal of Tropical Pediatrics*, 67(1), 1-13. <https://doi.org/10.1093/tropej/fmaa122>
- Pereira, J., & Díaz, O. (2019). Using Health Chatbots for Behavior Change: A Mapping Study. *Journal of Medical Systems*, 43(1), 1-13. <https://doi.org/10.1007/s10916-019-1237-1>.
- Reppold, C. T. (2022). Instrumentos informatizados. Em J. C. Borsa, M. R. C. Lins & H. L. R. S. Rosa (Orgs). *Dicionário de Avaliação Psicológica*. São Paulo: Vetor.
- Weizenbaum, J. (1976). *Computer Power and Human Reason: From Judgment to Calculation*. New York: W. H. Freeman And Company.

Pessoas com deficiência e testes projetivos: Revisão integrativa

Gisele Pereira da Silva

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Gisele Cristina Resende

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: O processo de inclusão e acessibilidade para pessoas com deficiência no Brasil está assegurado pela legislação desde 2015 com a promulgação da Lei Nacional nº 13.146 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), contudo, sua implementação tem encontrado barreiras e entraves nos mais diversos âmbitos. No que diz respeito ao procedimento de Avaliação Psicológica, ainda é possível identificar dificuldades para a avaliação adequada de pessoas com deficiência através dos instrumentos e técnicas existentes. Dessa forma, o estudo objetivou investigar o status da produção na área de avaliação psicológica de pessoas com deficiência e o uso de testes e técnicas projetivas. Foi realizada uma revisão integrativa a partir dos resultados de busca nas plataformas eletrônicas Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), PubMed e Periódicos CAPES. Os descritores empregados foram: avaliação psicológica AND testes projetivos OR técnicas projetivas AND deficiência AND pessoas com deficiência; e *disability AND psychological assessment AND projective tests OR projective techniques*. Conforme os critérios de elegibilidade, foram incluídos na amostra artigos originais que possuem acesso gratuito ao seu texto completo nos idiomas português, inglês, espanhol e/ou francês que discutem a tónica da avaliação psicológica de pessoas com deficiência e o uso de testes e técnicas projetivas. Para compor a amostra analisada, foram incluídos 5 artigos originais com livre acesso na íntegra e publicados no período de 2003 a 2024. Este recorte temporal foi adotado pela escassez de produções sobre a temática, bem como para abranger o recorte temporal de existência do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos, regulamentado pela Resolução CFP nº 2/2003. Os resultados demonstram a prevalência de produções nacionais sobre o uso de testes projetivos na população com deficiência, bem como maior frequência do uso dos instrumentos Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister e Teste Gestáltico Visomotor Bender. Foram elaboradas quatro categorias de análise e discussão: 1) adaptação para acessibilidade de instrumentos consolidados; 2) necessidade de implementar a inclusão de amostras da população de pessoas com deficiência no processo de construção de instrumentos; 3) fidedignidade e validade das adaptações de testes; e 4) urgência da construção de instrumentos mais inclusivos para procedimentos de avaliação no contexto da deficiência. Portanto, as reflexões e investigações sobre a utilização de testes projetivos para processos de avaliação psicológica de pessoas com deficiência figuram como campo desafiador para a efetivação da acessibilidade e inclusão desse grupo, visto que os instrumentos que abarcam essa população ainda são incipientes. Desse modo, faz-se urgente a realização de estudos para elaboração e adaptação de testes adequados para a avaliação psicológica de pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, Testes projetivos, Pessoas com deficiência.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio para o desenvolvimento da presente pesquisa bem como sua divulgação em congresso científico.

Introdução

Os procedimentos e movimentos iniciais no âmbito da Avaliação Psicológica (AP) datam o século XIX quando alguns teóricos da área dos estudos preliminares em psicologia como Wundt, Galton, Cattell, Binet e Simon produziram reflexões e experimentos inaugurais no campo da testagem para a compreensão de processos fisiológicos do comportamento humano, bem como das diferenças individuais que embasam testagens de inteligência

(Wechsler, Hutz & Primi, 2019). O panorama atual compreende a AP para além da construção de ferramentas profissionais e instrumentos de mensuração. De igual modo, tem sido ampliado o entendimento de que se trata de uma esfera onde teorias psicológicas são operacionalizadas com vistas a fornecer subsídios para tomadas de decisão adequadas e para o manejo assertivo de casos clínicos (Primi, 2010).

No contexto brasileiro, a Avaliação Psicológica origina-se a partir da década de 1950 com a difusão de processos de construção de testes psicológicos principalmente no âmbito da avaliação psicotécnica organizacional e do trânsito. Ao final da década de 1980 e início de 1990 houve a criação e organização de grupos de trabalho cujo enfoque estava em estudos relacionados à construção, padronização e elaboração de instrumentos adequados à realidade nacional através do intercâmbio entre pesquisadores da área. Somente em 1964, o Decreto nº 53.464/64 reconheceu como função exclusiva das profissionais psicólogas os procedimentos de utilização de testes e técnicas psicológicas para fins diagnósticos. Ao longo desse período houve significativo declínio na credibilidade das práticas em AP visto que diversos instrumentos utilizados neste campo não estavam devidamente padronizados para o recorte brasileiro, bem como demonstraram validade questionável (Noronha, Reppold, Bandeira & Santos, 2023).

Em resposta ao cenário desafiador e diante da premente construção de regulamentação e fiscalização das práticas em Avaliação Psicológica, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) criou - no ano de 2003 - o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). O sistema propõe a avaliação contínua dos instrumentos psicológicos em relação a: área de aplicação; requisitos básicos; listagem atualizada de testes favoráveis ou desfavoráveis para uso; bem como a divulgação de tais informações para a categoria profissional. Para que as ações do SATEPSI mantenham a qualidade e o compromisso com a regulamentação das práticas em AP, o CFP instituiu a Comissão Consultiva de Avaliação Psicológica (CCAP) constituída por um grupo de conselheiros e profissionais pesquisadores da área designados a partir de edital público (Reppold & Noronha, 2018). Além do sistema regulador criado pelo CFP existem outras iniciativas dedicadas a pesquisas e estudos em AP tais como o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP) e Associação Brasileira de Rorschach e Técnicas Projetivas (ASBRo) (Zanini et al., 2021).

Dessa forma, é possível compreender o papel imprescindível da AP no processo de fornecimento de informações essenciais para tomadas de decisão em relação ao curso de tratamento psicológico ou uma melhor compreensão do funcionamento global de determinada pessoa. Nesta seara, os testes e métodos projetivos possibilitam identificar traços de personalidade, relações interpessoais, dinâmicas emocionais e outros aspectos importantes para a compreensão do sujeito e das situações vivenciadas por ele, auxiliando na elaboração de hipóteses clínicas que subsidiarão decisões e planejamentos terapêuticos (Fensterseifer & Werlang, 2016). Os testes e métodos projetivos partem do pressuposto de que a partir do caráter ambíguo e impreciso dos estímulos apresentados o sujeito poderá projetar elementos de seu funcionamento psíquico (Fensterseifer & Werlang, 2016; Pinto, 2014), sem que utilize de recursos que podem ser controlados pela desejabilidade social.

No contexto da avaliação psicológica de pessoas com deficiência os testes projetivos figuram como uma possibilidade de promover acessibilidade e adaptação para as especificidades de determinadas vivências por seu cunho interpretativo e subjetivo de apreensão de características. Em estudo realizado por Cardoso e Capitão (2007), o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC) foi utilizado para avaliar a dinâmica emocional e afetiva de crianças surdas e seus aspectos de personalidade. O instrumento foi escolhido por seu caráter visual e não verbal que facilita a avaliação e aplicação em pessoas surdas. De igual modo, Almeida e Silva (2023) relatam a experiência de adaptação de testes projetivos para avaliação de pessoas com deficiência física, auditiva e visual, com vistas à promoção da inclusão dessa população. Conforme as Diretrizes para Avaliação e Intervenção com Pessoas com Deficiência (*Guidelines for Assessment of and Intervention with Persons with Disabilities*) elaborada em 2011 pela Associação Americana de Psicologia (*American Psychological Association - APA*), a deficiência deve ser compreendida como intrínseca ao aspecto diverso da vida humana, juntamente com outros marcadores sociais bem como individuais como garantia de equidade e acessibilidade na aplicação da testagem psicológica (American Psychological Association [APA], 2011).

Diante do compromisso ético e social do fazer em psicologia norteados pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo, faz-se necessária a ruptura com processos segregativos e discriminatórios, bem como é primordial que se assuma a responsabilidade de desenvolver o

aprimoramento contínuo da prática e produção de conhecimentos na área (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005). Dessa forma, a presente revisão teve como objetivo compreender o *status* das produções científicas sobre avaliação psicológica de pessoas com deficiência através do uso de testes projetivos com vistas a ampliação e continuidade de reflexões e práticas inclusivas e acessíveis neste contexto.

Método

O presente estudo propôs uma revisão integrativa dos conhecimentos atuais sobre a tônica investigada. Para isso, faz-se necessário compreender os objetivos da utilização desta metodologia de revisão de literatura científica. Conforme Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa possibilita a identificação, análise e síntese de conhecimentos em determinada seara com vistas a fornecer não somente contribuições para o desenvolvimento de melhorias em procedimentos, práticas, protocolos e elaboração de políticas públicas como também para fomentar o pensamento crítico essencial para a atuação profissional. Deste modo, a construção da investigação foi pautada no modelo apresentado pelas autoras citadas as quais organizam a produção de revisões integrativas em 6 etapas: 1) elaboração da pergunta norteadora; 2) busca na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos da amostra; 5) discussão e resultados; e 6) apresentação da revisão. Destarte, a indagação de pesquisa que o estudo busca elucidar trata-se de: *Qual é o status da pesquisa sobre avaliação psicológica de pessoas com deficiência e o uso de testes projetivos?*

Para as buscas foram utilizadas as plataformas eletrônicas nacionais e internacionais Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *PubMed* e Periódicos CAPES. Os descritores empregados foram: avaliação psicológica *AND* testes projetivos *OR* técnicas projetivas *AND* deficiência *AND* pessoas com deficiência; e *disability AND psychological assessment AND projective tests OR projective techniques*. Conforme os critérios de elegibilidade, foram incluídos na amostra artigos originais que possuem acesso gratuito ao seu texto completo nos idiomas português, inglês, espanhol e/ou francês que discutem a tônica da avaliação psicológica de pessoas com deficiência e o uso de testes e técnicas projetivas. No que diz respeito ao recorte temporal estabelecido, o período de 2003 a 2024 foi adotado diante da escassez de produções que versam sobre a temática investigada, bem como pela regulamentação do Sistema de Avaliação de

Testes Psicológicos (SATEPSI) realizada pelo Conselho Federal de Psicologia brasileiro no ano de 2003 através da Resolução CFP nº 2/2003. Foram excluídos da análise produções duplicadas, literatura cinzenta (capítulos de livros, teses e dissertações), ensaios teóricos e outras revisões.

O resultado das buscas nas plataformas totalizou amostra de 131 produções e foi utilizado o aplicativo *Rayyan* para a organização do banco de dados inicial e para filtragem dos materiais (Ouzzani et al., 2016). A seguir foi realizada a leitura dos títulos e resumos e ao final desta etapa foram incluídos no estudo 7 artigos. Na etapa seguinte foi empreendida a leitura integral e excluídos 2 estudos por não abordarem a temática investigada. Dessa forma a amostra analisada foi composta por 5 artigos originais completos.

Resultados

Para a sumarização dos dados dos estudos componentes da amostra foi adotada a organização através do título, autoria, ano de publicação, local de origem, tipo de deficiência abordada, instrumentos projetivos utilizados e principais resultados das investigações. Os resultados alcançados pelo presente estudo demonstram a predominância do idioma inglês nas produções analisadas ($n=3$). Em relação ao local de origem das produções, a América do Sul, representada pelo Brasil, apresenta maior número de produções ($n=3$), seguida de um estudo advindo da Europa (Itália) e um da Ásia (Japão).

No que diz respeito ao tipo de deficiência apresentado nos estudos a deficiência auditiva aparece em duas ($n=2$) das cinco produções analisadas, em um dos estudos é abordada de forma exclusiva, enquanto no segundo está ao lado de outras formas de deficiência tais como: visual e física. O estudo japonês tem como participantes pessoas que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA). Enquanto a produção italiana dedica-se a investigar a população com doença de Alzheimer e comprometimento cognitivo leve. Por fim, uma das produções brasileiras versa sobre o contexto da deficiência intelectual.

Ademais, os dados relacionados a quais testes projetivos foram utilizados nos estudos demonstram que o Teste Gestáltico Visomotor Bender e o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister foram adotados como ferramenta de avaliação em duas ($n=2$) das produções da amostra analisada sendo empregados como instrumento exclusivo em uma das duas produções

destacadas. Os instrumentos *House-Tree-Person Test* (HTP) ou Teste do Desenho da Casa – Árvore – Pessoa, Teste de Apercepção Temática (TAT), Teste de Apercepção Infantil – Figuras Humanas (CAT-H), foram utilizados em conjunto com o Teste Gestáltico Visomotor Bender em um dos estudos analisados. Os demais instrumentos, Teste de cores de Lüscher e Testes de conclusão de frases (SEIKEN SCT - versão japonesa), foram utilizados em estudos exclusivos e separadamente conforme detalhado na Tabela 1.

Tabela 1. Sumarização de dados dos estudos analisados.

Título e autoria	Ano	Origem	Tipo de deficiência abordada	Instrumentos projetivos	Principais resultados
Relato de experiência: reflexões sobre docência em curso de Psicologia e atividade interdisciplinar para adaptação de testes projetivos por estudantes para pessoas com deficiência (Almeida & Silva)	2023	Brasil	Deficiência física, visual e auditiva.	HTP, Teste Gestáltico Vismotor Bender, Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, TAT e CAT-H.	Os resultados indicam ser viável a adaptação dos testes para a população específica, contudo é ressaltada a importância de se levar em consideração questões de acessibilidade desde o primeiro momento da construção dos instrumentos. De igual modo, foi destacada a necessidade de avaliar se há alteração da fidedignidade dos instrumentos após a adaptação.
Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (Cardoso & Capitão)	2007	Brasil	Perda auditiva neurossensorial bilateral congênita ou perinatal.	Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.	Os resultados do estudo de comparação entre crianças ouvintes e crianças surdas demonstrou a validade do instrumento para aplicação no contexto da surdez em crianças. Além disso, indicam que, na presente amostra, crianças surdas apresentaram evidências de traços de ansiedade em comparação com ouvintes.
Android Robot Promotes Disclosure of Negative Narratives by Individuals With Autism Spectrum Disorders (Kumazaki et al.)	2022	Japão	Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Testes de conclusão de frases SEIKEN SCT (versão japonesa).	O estudo demonstrou que a aplicação do teste realizada por um robô androide possibilitou maior auto-revelação, especialmente de tópicos negativos, por pessoas com TEA em comparação com o contexto onde há presença de entrevistador humano.

Color Choice Preference in Cognitively Impaired Patients: A look inside Alzheimer's disease through the use of Lüscher Color Diagnostic (Maserati et al.)	2019	Itália	Pacientes com doença de Alzheimer (DA) e pacientes com Comprometimento Cognitivo Leve.	Teste de cores de Lüscher.	Os resultados demonstraram comparações entre os grupos estudados destacando a importância do uso de técnicas projetivas, como o instrumento utilizado na investigação, para ampliar a compreensão das vivências emocionais de pessoas com Alzheimer. Além disso, foi identificado que pessoas com DA experimentam sentimentos de mudança pessoal como reflexo da insegurança e instabilidade emocional, bem como apresentam necessidade física de um espaço de acolhimento adequado.
The Bender Gradual Scoring System for Assessment of People with Intellectual Disabilities (Rueda & Jesuino)	2018	Brasil	Deficiência intelectual.	Teste Gestáltico Visomotor Bender: Sistema de Pontuação Gradual (BGSS).	Os resultados indicam que as medidas do instrumento são adequadas. Além disso, os dados analisados demonstram que o teste discerne mais adequadamente amostras de crianças com funcionamento típico na faixa etária entre 6 e 10 anos. Os autores destacam a importância de levar em consideração fatores como a faixa etária dos avaliados e o nível de estímulos aos quais foram expostos em seu desenvolvimento.

Fonte: elaboração própria.

Discussão

Após a leitura integral e análise dos materiais constituintes da amostra de revisão foram elaboradas quatro categorias de discussão: 1) adaptação para acessibilidade de instrumentos consolidados; 2) necessidade de implementar a inclusão de amostras da população de pessoas com deficiência no processo de construção de instrumentos; 3) fidedignidade e validade das adaptações de testes; e 4) urgência da construção de instrumentos mais inclusivos para procedimentos de avaliação no contexto da deficiência.

No que concerne ao processo de adaptação para acessibilidade de instrumentos consolidados é possível verificar esta prática na literatura analisada, seja em uma perspectiva de adaptação no manejo e aplicação do instrumento ao levar em consideração as barreiras interacionais entre pessoas com TEA e entrevistadores humanos (Kumazaki et al., 2022), seja na elaboração de ferramentas alternativas para compreensão e efetiva inclusão de tipos de deficiências específicas como a utilização de figuras em alto relevo, o uso de sinalização em

língua de sinais ou a adequação do espaço físico para a aplicação dos testes (Almeida & Silva, 2023). Dessa maneira, a prática de profissionais psicólogas encontra desafios e barreiras no que tange à dimensão ética diante da escassez de instrumentos validados para o contexto de pessoas com deficiência e suas especificidades (Barros, 2019; Campos & Spadari, 2020).

A Resolução 31/2022 (CFP, 2022) versa no capítulo IV sobre os direitos humanos na avaliação psicológica, que psicólogas(os) devem desenvolver pesquisas, produção de conhecimento e tecnologias que considerem as características das pessoas com deficiência visando a inclusão desse grupo. Frente à escassez de instrumentos psicológicos adaptados, foi possível observar em todos os estudos da amostra analisada a necessidade de lançar mão de estratégias alternativas de adaptação na aplicação dos instrumentos para que fosse minimamente viável promover acessibilidade do teste na população de pessoas com deficiência mesmo diante das barreiras relacionadas à validade e fidedignidade (Cardoso & Capitão, 2007; Maserati et al. 2019; Rueda & Jesuino, 2018; Almeida & Silva, 2023; Kumazaki et al., 2022).

Almeida e Silva (2023) chamam a atenção para a necessidade de implementar a inclusão de amostras dessa população no processo de elaboração e construção de instrumentos de avaliação psicológica através do Desenho Universal presente na Lei Nacional nº 13.146/2015, Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015). Tal proposição diz respeito à construção de ferramentas, estratégias de acolhimento, espaços físicos, equipamentos e mecanismos acessíveis à população como um todo, de forma a abranger pessoas com e sem deficiência (Oliveira, Nuernberg & Nunes, 2013). De igual modo, as diretrizes elaboradas pela APA para os processos de avaliação e intervenção com pessoas com deficiência corroboram esta perspectiva ao destacar que a deficiência deve ser compreendida como um aspecto da diversidade humana de forma a fundamentar as práticas e reflexões dos profissionais de psicologia (APA, 2011).

Diante da adaptação das práticas de avaliação no contexto da deficiência, foi possível verificar a preocupação das produções de Cardoso e Capitão (2007) e Maserati et al. (2019) em relação à necessidade de realização de estudos sobre a validade e fidedignidade dos instrumentos utilizados. No que diz respeito à validade, Pacico e Hutz (2015) apresentam o conceito como a legitimidade do instrumento na mensuração daquilo que se propõe medir. Em relação ao aspecto da fidedignidade, compreende-se como a qualidade, consistência e precisão

dos resultados do teste (Zanon & Filho, 2015). Dessa forma, ao realizar adaptações na aplicação dos instrumentos às especificidades de determinada deficiência, faz-se necessário avaliar a validade e fidedignidade (CFP, 2022), visto que a população de pessoas com deficiência não foi inserida nas avaliações iniciais de construção de testes consolidados. Maserati et al (2019) em sua investigação sobre o estado emocional de pacientes com Alzheimer e pessoas com comprometimento cognitivo leve através do Teste de cores de Lüscher, indicam que seu uso como ferramenta na investigação do estado emocional da população estudada mostra-se adequado.

Conforme observado no relato de experiência de Almeida e Silva (2023), para cada teste utilizado foi elaborada uma forma específica de aplicação e acessibilidade conforme o tipo de deficiência vivenciada pelo avaliando, com vistas a possibilitar a compreensão desta amostra, bem como proporcionar contribuições para estudos futuros e para abordagem desta temática no ambiente formativo dos profissionais de psicologia, ressalta-se que a experiência ocorreu no contexto da disciplinas do curso de Psicologia denominada Psicologia: Entrevistas e Testes Projetivos com a proposta de adaptação de instrumentos de avaliação psicológica para pessoas com deficiência. De igual forma, Cardoso e Capitão (2007) optam pelo uso do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister por sua natureza visual e não verbal ser mais aproximada a vivência de pessoas com deficiência auditiva ou surdez de modo a possibilitar a compreensão dos aspectos de personalidade investigados. Maserati et al. (2019) com vistas a adequação à realidade cognitiva de pessoas com Alzheimer e comprometimento cognitivo leve, utilizam o Teste de cores de Lüscher como ferramenta de compreensão e acesso aos estados emocionais e aos níveis de comprometimento desses pacientes, pois o teste não requer habilidades cognitivas complexas mostrando-se acessível para viabilizar o processo de avaliação. No estudo realizado por Kumazaki et al. (2022) foram levados em consideração os desafios comunicacionais e interacionais de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Dessa forma, buscou-se utilizar recursos tecnológicos para a aplicação do instrumento, uso do robô androide, para auxiliar na ruptura dessas barreiras, bem como proporcionar um ambiente mais confortável para que os examinandos compartilhassem aspectos do seu mundo interno. Rueda e Jesuíno (2018) providenciaram um ambiente de aplicação individual e reservado para o grupo de pessoas com

deficiência intelectual para evitar interferências e possibilitar a melhor compreensão dos aspectos avaliados pela investigação.

Na análise dos estudos foi possível observar a urgência da construção de instrumentos inclusivos e acessíveis que levem em consideração a diversidade humana, em específico a população de pessoas com deficiência. Não somente nos processos da prática avaliação psicológica, como também a inclusão dessa população nas investigações científicas sobre o uso de instrumentos psicológicos no contexto das vivências de pessoas com deficiência (Rueda & Jesuíno, 2018). Desse modo, as investigações contidas nesta revisão lançam mão de instrumentos consolidados que proporcionam maior aproximação com as possibilidades de compreensão por parte da população estudada, demonstrando a necessidade de ampliação de pesquisas voltadas para as pessoas com deficiência no que tange à acessibilidade em processos de avaliação psicológica e em especial, com testes e métodos projetivos, garantindo a justiça e proteção dos direitos humanos.

Considerações Finais

Este estudo buscou compreender o *status* das produções científica sobre avaliação psicológica de pessoas com deficiência através do uso de testes projetivos desde o ano de criação do SATEPSI, em 2003, e identificou que o processo de AP no contexto da deficiência defronta-se com barreiras no que diz respeito aos procedimentos de adaptação da aplicação dos instrumentos, os aspectos de validade e fidedignidade dos resultados alcançados na prática, bem como a escassez de estudos para elaboração de testes que levem em consideração a diversidade humana representada também na vivência de pessoas com deficiência.

A lacuna no que diz respeito aos instrumentos de avaliação psicológica inclusivos figurou como principal achado do estudo. Visto que as cinco produções analisadas utilizam testes que mais se aproximem de certa forma de um cenário de acessibilidade conforme a vivência específica dos avaliandos. Para mais, foi possível verificar a importância da adoção das perspectivas do Desenho Universal para o desenvolvimento e construção de instrumentos que levem em consideração a diversidade de vivências encontradas no contexto da deficiência.

Além disso, faz-se necessário o destaque para a principal limitação deste estudo, a qual está relacionada à baixa produção na área de avaliação psicológica com grupos de pessoas com

deficiência, mesmo com o recorte temporal de aproximadamente vinte anos. Ademais, destaca-se também a escassez de referenciais teóricos que se dediquem a interface entre a AP e processos de inclusão e acessibilidade de modo a oferecer subsídios para futuras investigações relacionadas a este campo, bem como, para a atuação no dia a dia profissional. Dessa maneira, sugere-se que estudos futuros possam ampliar as reflexões sobre processos de intervenção e avaliação de tipos específicos de deficiência que proporcionem materiais robustos para a implementação efetiva da inclusão assegurada pela legislação vigente, bem como pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo.

Referências

- Almeida, D. D., & Silva, L. S. (2023). Relato de experiência: reflexões sobre docência em curso de psicologia e atividade interdisciplinar para adaptação de testes projetivos por estudantes para pessoas com deficiência. *Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco*, 13(30), 255–273. <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1863>
- American Psychological Association. (2011). *Guidelines for Assessment of and Intervention with Persons with Disabilities*. <http://www.apa.org/pi/disability/resources/assessment-disabilities.aspx>
- Campos, C., & Spadari, G. F. (2020). Campos C.R., Nakano. T.C. (2019) - Avaliação Psicológica Direcionada a Populações Específicas: Técnicas, Métodos e Estratégias - Volume II - Vetor Editora. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 40(99), 287-289. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Cardoso, L. M., & Capitão, C. G. (2007). Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Psico-usf*, 12(2), 135–144. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000200002>
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). Resolução CFP nº 010/2005. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). Resolução CFP nº 031/2022. *Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do*

psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga a Resolução CFP nº 09/2018. Brasília, DF: CFP.

- Dias, A. S. (2007). Facetas do fazer em avaliação psicológica. *Psic: revista da Vetor Editora*, 8(1), 109-111. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142007000100014&lng=pt&tlng=pt.
- Fensterseifer, L., & Werlang, B. S. G. (2016). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In A. E. Villemor-Amaral, & B. S. G. (Orgs.), *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica* (pp. 15-36). Casa do Psicólogo.
- Kumazaki et al. (2022). Android Robot Promotes Disclosure of Negative Narratives by Individuals With Autism Spectrum Disorders. *Frontiers in psychiatry*, 13, 899664. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2022.899664>
- Maserati et al. (2019). Color Choice Preference in Cognitively Impaired Patients: A Look Inside Alzheimer's Disease Through the Use of Lüscher Color Diagnostic. *Frontiers in psychology*, 10, 1951. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01951>
- Noronha, A. P. P., Reppold, C. T., Bandeira, D. R., & Santos, A. A. A. (2023). The Development of Psychological Assessment in Brazil and Current and Future Challenges. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 39(spe), e39nspe10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39nspe10.en>
- Oliveira, C. M., Nuernberg, A. H., & Nunes, C. H. S. S. (2013). Desenho universal e avaliação psicológica na perspectiva dos direitos humanos. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 421-428. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000300017&lng=pt&tlng=pt
- Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Validade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 71-84). Artmed.
- Pinto, E. R. (2014). Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 17(1), 135–153. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000100009>
- Primi, R. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(spe), 25–35. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500003>

- Reppold, C. T., & Noronha, A. P. P. (2018). Impacto dos 15 Anos do Satepsi na Avaliação Psicológica Brasileira. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 38(spe), 6–15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208638>
- Rueda, F. J. M., & Jesuíno, A. D. S. A. (2018). The Bender Gradual Scoring System for Assessment of People with Intellectual Disabilities. *Paidéia (ribeirão Preto)*, 28, e2807. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2807>
- Wechsler, S. M., Hutz, C. S., & Primi, R. (2019). O desenvolvimento da avaliação psicológica no Brasil: Avanços históricos e desafios. *Avaliação Psicológica*, 18(2), 121-128. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1802.15466.02>
- Zanini et al. (2021). Por Que Regular o Uso e Acesso aos Testes Psicológicos? *Avaliação Psicológica*, 20(3), 390-399. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2003.22437.13>
- Zanon, C., & Filho, N. H. (2015). Fidedignidade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 85-95). Artmed.

Revisão breve sobre o uso do Teste de Rorschach na escola de Paris

Pedro de Leon Brito

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Andreza de Souza Martins

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Marck de Souza Torres

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: O teste de Rorschach é um método que visa compreender a dinâmica interna com base em teorias psicodinâmicas do comportamento humano. O presente trabalho objetiva analisar as publicações que utilizaram o teste de Rorschach, na abordagem francesa, com a finalidade de evidenciar os principais resultados encontrados. Para a realização deste estudo, optou-se pela revisão de escopo acerca dos artigos que usaram o método de Rorschach na abordagem da escola de Paris publicados entre 2012 e 2022 nos anais digitais da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos. Foram encontrados 67 trabalhos, dos quais 16 aplicaram o teste, seja na avaliação da personalidade, da psicopatologia de adultos, adolescentes, crianças e idosos em diferentes contextos ou comparando as variáveis dos padrões de respostas com diferentes amostras populacionais. Relativos ao público infantil, são necessários estudos que explorem o tema das psicopatologias em diferentes situações e estágios do desenvolvimento. Já o público idoso carece de estudos com o teste de Rorschach que detectem se as demandas são de origem neurobiológica ou da personalidade, sendo uma lacuna para investigações posteriores. Entretanto, é possível afirmar a validade do método quando o público-alvo se constitui de adultos ou de adolescentes, porém urge mais evidências para infantes e/ou idosos. Conclui-se que o teste de Rorschach, na abordagem da Escola de Paris, é uma ferramenta com evidências robustas e potencial de investigação em diferentes temáticas ainda pouco exploradas, entretanto é necessário atualizar os referenciais normativos desse instrumento que se encontram desfavoráveis.

Palavras-chave: Testes projetivos, Rorschach, Revisão.

Introdução

Alguns anos após o falecimento de Hermann Rorschach, alguns pesquisadores começaram a investigar as potencialidades do instrumento criado por ele, afinal não consolidara nenhum sistema de correção (Freitas, 2005). O teste de Rorschach foi levado aos Estados Unidos por Davi Levy, que havia estudado com o psicanalista Emil Oberholzer, e logo após sua entrada no continente americano, vários acadêmicos desenvolveram estudos com esse instrumento, tais como Samuel Beck, Bruno Klopfer e Marguerite Hertz (Nascimento & Semer, 2018).

Atualmente, coexistem diversas maneiras de corrigir o teste e uma delas é a Escola de Paris (Chagnon, 2013, 2014). Conforme apontam Pasian e Amparo (2018), a autora Loosli-Usteri, que era da Suíça, foi a responsável por divulgar o teste de Rorschach na França, e esse

país se tornou pioneiro por promover estudos com adultos e pré-adolescentes. Porém, é Anzieu (1986) que publica o primeiro livro da futura escola de correção francesa.

O teste desenvolve robustez científica e teórica através das contribuições de Nina Rausch de Trautenberg que, sob a direção de Anzieu, desenvolveu estudos visando compreender os processos inconscientes que permitiam o surgimento e a elaboração das respostas, além de expor os dados básicos nos quais o teste de Rorschach se apoiava (Verdon & Amparo). Cabe ressaltar que Trautenberg (1983) avança no entendimento das dinâmicas psíquicas dos sujeitos e na capacidade de avaliação do teste ao demonstrar que durante a aplicação o sujeito se depara com uma realidade externa dos objetos conhecidos, mas também uma realidade interna e fantasmática das situações vivenciadas.

Durante a aplicação, as pranchas de Rorschach, enquanto objeto material, apresentam a capacidade de estimular o surgimento do conteúdo interno do sujeito através da linguagem, mas enquanto objeto potencial, a percepção das imagens se organiza em torno da maneira que o sujeito lida com seus fantasmas, seus afetos, seus modos de organização e suas preocupações (Chabert, 2003).

O diferencial da abordagem francesa é sua capacidade de integrar sólidas bases psicométricas e suas normas de aplicação com a possibilidade de abarcar o sujeito em suas particularidades. O teste de Rorschach, na abordagem francesa, possui uma fundamentação teórica robusta juntamente com estudos científicos que sustentam os referenciais para utilização dos protocolos de correção, mas advertem que ocorreram mais avanços na interpretação e construção de hipóteses do que em trabalhos empíricos (Pasian & Amparo, 2018).

Diversos estudos foram desenvolvidos para que as hipóteses e os referenciais normativos da abordagem francesa pudessem ser consolidados. No Brasil, por exemplo, Fernandes (2010) com um grupo de 180 crianças de 6 a 8 anos visando elaborar um referencial normativo para o público infantil, Raspantini (2010) avaliou 180 crianças de 9 a 11 anos com a intenção de atualizar as normas para essa faixa etária, Jardim-Maran (2011) avaliou uma amostra de 180 adolescentes de 15 a 17 anos visando desenvolver um referencial normativo para adolescentes no Brasil, afinal, até a elaboração de seu trabalho, pois não havia nenhum para esse público na abordagem Francesa.

Portanto, o presente trabalho visa elucidar brevemente o aporte teórico dessa escola de correção do teste de Rorschach e apresentar os resultados encontrados nas publicações dos anais digitais da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo) com a finalidade de aprofundar as principais descobertas publicadas para embasar o uso do instrumento.

Método

O delineamento do estudo foi a revisão de escopo breve com a finalidade de realizar um mapeamento da literatura científica em um determinado campo, salientando que essa metodologia não visa a obtenção da melhor evidência disponível, e sim reunir os diversos tipos de resultados obtidos (Arksey & O'malley, 2005; Cordeiro & Soares, 2019).

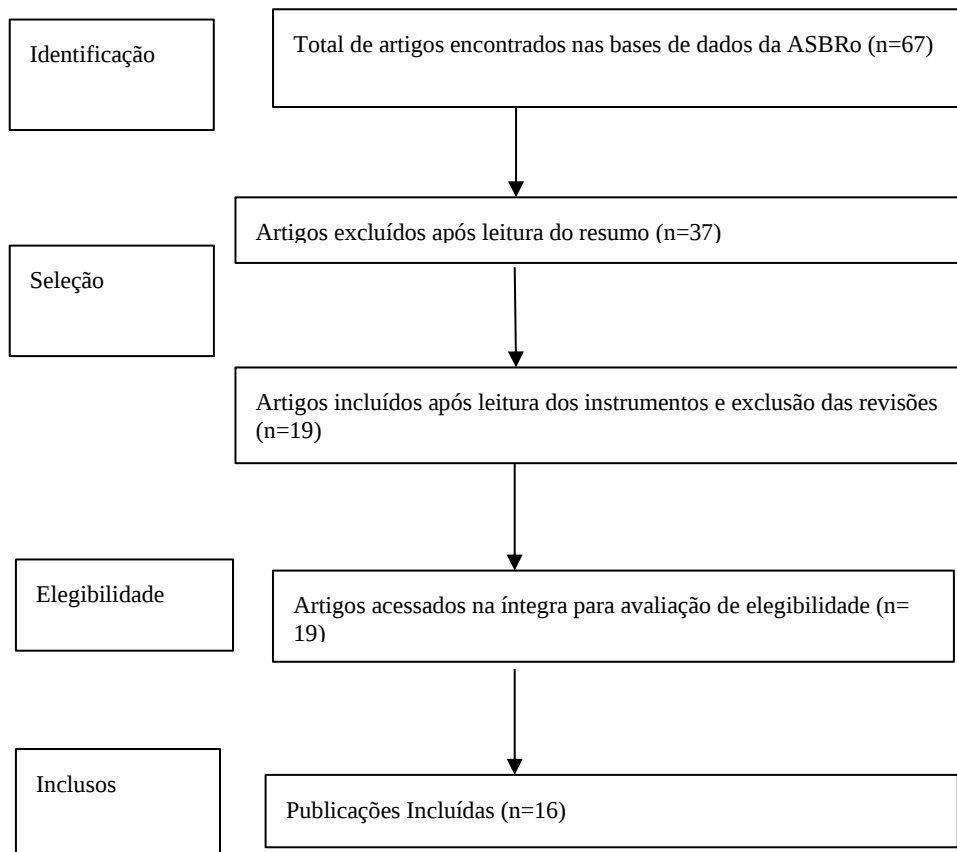
O protocolo que será utilizado nesse estudo é o *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR) que apresenta 22 etapas, divididas em 7 sessões, variando o número de etapas por sessão (Tricco et al., 2018). Para que haja uma eficiente definição dos limites e alcances dessa revisão de escopo, alguns critérios de inclusão foram definidos para filtrar artigos que não se encaixam nessa temática. Sendo os critérios de inclusão: (1) estudos publicados nos anais digitais do congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo); (2) estudos publicados em língua portuguesa e de livre acesso; (3) estudos utilizando o Rorschach na abordagem francesa. Enquanto, os critérios de exclusão, (1) artigos que não evidenciaram o uso do teste na abordagem francesa; (2) artigos que não foram publicados nos anais digitais da ASBRo; (3) Textos teórico ou revisões de literatura publicados nos anais digitais da ASBRo.

O procedimento utilizou a base de dados disponível no *site* da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos. O material coletado consta de 5 livros digitais publicados nos anos de 2012, 2014, 2016, 2018 e 2022. Após a obtenção dos livros digitais, foi realizada a leitura dos resumos dos trabalhos.

Para ilustrar e seguir o protocolo PRISMA-ScR, foi criada a Figura 1 visando apresentar os procedimentos adotados para a seleção do material, sendo: 1) Busca por Rorschach no título; 2) Seleção dos artigos encontrados (n= 67) envolvendo o teste de Rorschach; 3) exclusão de 37 artigos e revisões de literatura após leitura do resumo 4) Seleção de 19 artigos para leitura na

íntegra 5) Por fim, 16 estudos compuseram a amostra. Os procedimentos estão ilustrados abaixo:

Figura 1. Fluxograma da seleção das fontes de evidência



Resultados e Discussões

Os artigos que compõe a amostra final de artigos incluídos (n=16) foram organizados em uma tabela que categoriza cada artigo pela enumeração de 1 a 16 com a finalidade de destacar a ordem dos achados, descrição dos objetivos, instrumentos utilizados, público e principais resultados. A tabela 1 foi criada para destacar quais pesquisas estão na amostra e para a leitura das produções caso seja do interesse.

Tabela 1. Descrição dos objetivos, instrumentos e público e principais resultados

Nº	Autores	Objetivo	Instrumentos	Público-alvo	Resultados
1	Roberta Cury-Jacquemin, Sonia Regina Pasian e Fabiana Rego Freitas (Jacquemim et al., 2012)	Objetiva examinar possíveis diferenças nos padrões de respostas de adolescentes ao Método de Rorschach (Escola Francesa) em função do gênero.	Questionário Informativo sobre histórico pessoal; Teste de Inteligência Não Verbal (INV)-forma C (Weil & Nick, 1971); Psicodiagnóstico de Rorschach na Escola Francesa.	174 adolescentes de 12 a 14 anos (89 do grupo feminino e 85 do masculino).	Os achados sugerem a pouca diferença entre os padrões de resposta, confirmando o baixo impacto da diferença de gêneros sobre o padrão de respostas.
2	Roberta Cury-Jacquemin, Nicole Medeiros Guimarães e Sonia Regina Pasian (Cury-Jacquemin et al., 2012)	Objetiva examinar eventual influência da origem escolar (pública ou particular) sobre a produção de adolescentes de 12 a 14 anos.	Questionário Específico; Teste de Inteligência Não Verbal (INV)-Forma C (Weil & Nick, 1971); Método de Rorschach na escola Francesa.	174 estudantes, de 12 a 14 anos de idade, distribuídos equitativamente em função da idade, gênero e origem escolar.	As evidências são insuficientes para elaboração de normas específicas para os adolescentes de 12 a 14 anos em função da origem escolar, porém, esse contexto deve ser levado em conta durante o processo de avaliação psicológica.
3	Maria Luisa Casillo Jardim-Maran e Sonia Regina Pasian (Jardim-Maran & Pasian, 2012)	Objetiva caracterizar e comparar variáveis relacionadas ao funcionamento lógico e afetivo de adolescentes e de adultos, extraídas de estudos normativos do Método de Rorschach (Escola Francesa).	Instrumento de Questionário Informativo sobre histórico pessoal e de rastreamento de nível intelectual e Método de Rorschach na Escola Francesa	180 adolescentes de 15 a 17 anos, comparados às evidências empíricas coletadas com 405 adultos de 20 a 59 anos de idade.	Os resultados sinalizaram diferenças em variáveis representativas de especificidades do funcionamento afetivo e cognitivo nas diferentes etapas do desenvolvimento.
4	Arlene Kely Alves de Amorim, Nídia Nóbrega Barbosa Sanchez, Élyman Patrícia Da Silva, Rebecca Pessoa Almeida Lima,	Descrever um caso de ansiedade situacional ocorrido durante a aplicação do teste de Rorschach, pretendo verificar que elementos do teste poderiam demonstrar tais indícios de ansiedade.	Método de Rorschach na Escola Francesa	Sujeito de 20 anos, do sexo masculino, com escolaridade de ensino superior incompleto.	Pode-se concluir que o mesmo possuía características de ansiedade situacional e o Rorschach foi assertivo.

	Alexandre Coutinho de Mello e Yordan Bezerra Gouveia (Amorim et al, 2012)				
5	Élyman Patrícia Da Silva, Rebecca Pessoa Almeida Lima, Nidia Nóbrega Barbosa Sanchez, Alexandre Coutinho De Melo, Yordan Bezerra Gouveia, Rayanne Maropo Sátiro e Maria José Monteiro Pereira (Da Silva et al., 2012)	Este trabalho se propôs a investigar o tabagismo e sua relação com a depressão.	Entrevista Semi-Estruturada; Teste de Fagerstrom e Psicodiagnóstico de Rorschach na Escola Francesa.	Paciente do sexo feminino de 68 anos.	O teste de Rorschach indicou tendências depressivas e afastamento de estímulos mobilizadores de afetos, o que é entendido como sofrimento psíquico depressivo.
6	Rebeca Eugênia Fernandes de Castro e Maria Abigail de Souza (Castro & Souza, 2014)	Ampliar o conhecimento dos adolescentes que cumprem medida em meio aberto, para refletir sobre as possibilidades de intervenção psicológica e buscar indicadores que ajudem a identificar aqueles que necessitam de um atendimento diferenciado.	Entrevista; Método de Rorschach	36 adolescentes do sexo masculino, com idade entre 13 e 19 anos, porém, alguns autos estavam indisponíveis e a amostra foi reduzida para 30 sujeitos.	O método de Rorschach mostrou sensibilidade na avaliação dos sujeitos pois revelou a existência de diferentes padrões de respostas com base no comprometimento à pesquisa
7	Suêlen Fernandes, Renata Loureiro Raspantini, Sonia Regina Pasian e Fabiana Rego Freitas (Fernandes et al., 2014)	Objetiva examinar possíveis diferenças em padrões de respostas de crianças de diferentes faixas etárias ao Método de Rorschach, segundo o referencial teórico-metodológico da Escola Francesa.	Questionário informativo sobre história pessoal; Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven; Psicodiagnóstico de Rorschach na Escola Francesa.	360 participantes, sendo 180 estudantes de seis a oito anos de idade e 180 crianças de nove a 11 anos.	Os achados sugerem que há diferenças entre os padrões de respostas de crianças de diferentes faixas etárias, ou seja, os dados justificam a elaboração de normas específicas para faixas etárias diferentes

8	Carmem Gil Coury e Sonia Regina Pasian (Coury & Pasian, 2014)	Apresentar características da personalidade de irmãos gêmeos univitelinos portadores de obesidade, avaliados por meio do Método de Rorschach (Escola Francesa), oferecendo variáveis representativas da dinâmica e estruturação psíquica de irmãos com características genéticas semelhantes.	Rapport; Método de Rorschach na Escola Francesa	2 irmãos gêmeos univitelinos de 10 anos de idade.	Os achados corroboram a influência da dinâmica psíquica nos comportamentos alimentares.
9	Maria Luisa Casillo Jardim-Maran e Sonia Regina Pasian (Jardim-Maran & Pasian, 2014)	Comparar as respostas banais ao Psicodiagnóstico de Rorschach de adolescentes participantes de três estudos normativos de contextos diversos: Brasil, França e Turquia	Método de Rorschach na Abordagem Francesa	180 adolescentes (15 a 17 anos) do estudo no Brasil, 278 adolescentes e jovens adultos franceses (13 a 25 anos) e 432 adolescentes turcos (13 a 19 anos).	Evidências empíricas da sensibilidade do teste de captar funcionamento lógico de sujeitos de diferentes contextos, ao mesmo tempo que capta particularidades dos sujeitos de diferentes contextos.
10	Roberto Menezes de Oliveira (Oliveira, 2014)	Estudo de caso para verificar a consonância do conteúdo linguístico das histórias do Rorschach Temático (RT) com os resultados do teste de Rorschach	Material original do teste de Rorschach na abordagem francesa e fichas para a apresentação das respostas à participante.	Participante de 23 anos, professora de línguas (espanhol).	O artigo evidencia a possibilidade de consonância entre o conteúdo linguístico do RT com o teste de Rorschach
11	Suzani Palma Duarte e Sonia Regina Pasian (Duarte & Pasian, 2014)	Objetivou examinar possíveis efeitos do contexto sociocultural sobre a produção de adolescentes em métodos de avaliação psicológica.	Teste de Inteligência Não Verbal (INV- forma C, Weil & Nick, 1971); Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (Villemor-Amaral, 2012) e do Método de Rorschach na Escola Francesa.	97 estudantes de 12 a 14 anos de idade, de ambos os sexos, sendo 54 de escolas particulares e outros 43 do banco de dados do Centro de Pesquisa em Psicodiagnóstico.	Há evidências de que o contexto sociocultural (escola frequentada) influencia de forma importante na produção de adolescentes nos testes de avaliação psicológica.
12	Nichollas Martins Areco, Ana Luísa Carvalho Guimarães	Avaliar possíveis repercussões do adoecimento e tratamento oncológico em indicadores	Prontuário médico do hospital; Método de Rorschach nas diretrizes da Escola Francesa.	Menino de 9 anos de idade em tratamento oncológico.	O teste de Rorschach conseguiu captar particularidades da

	e Sonia Regina Pasian (Areco et al., 2016)	relativos a personalidade em criança com diagnóstico de neoplasia.			estrutura da personalidade do paciente, oriundas do adoecimento oncológico.
13	Nicole Medeiros Guimarães Eboli, Erika Tiemi Kato Okino, Fernanda Aguiar Pizeta e Sonia Regina Pasian (Eboli et al., 2016)	Ilustrar e comparar aspectos psicodinâmicos de mulheres avaliadas em diferentes condições da maternidade (à espera de adoção, mãe adotiva e mãe biológica), pretendendo identificar características e estruturas de mulheres inférteis em busca da realização da maternidade pela adoção.	Self Report Questionnaire (SRQ-20); Bateria Fatorial da Personalidade (BFP); Questionário Desiderativo; Método de Rorschach (Escola Francesa)	Três casos em uma amostra de 60 mulheres: uma em fila de espera, uma mãe adotiva e uma mãe biológica.	O Rorschach conjuntamente com os outros testes permitiu compreender as vivências internas das candidatas à maternidade, o que justifica seu uso no âmbito jurídico.
14	Maísa Helena Lopes Rabelo e Mara Rúbia Venâncio Vieira (Rabelo & Vieira, 2018)	Compreender como as experiências de violência sexual, física, psicológica e a negligência nos primeiros anos de vida, podem afetar o desenvolvimento psíquico de uma adolescente.	Entrevista Inicial, Técnica Projetiva de Desenho HTP, Rorschach da escola Francesa e Devolutiva	Participante do sexo feminino, idade de 17 anos e cursando o terceiro ano do ensino médio.	O teste de Rorschach articulou os dados encontrados com a teoria sobre os prejuízos de violências no desenvolvimento dos sujeitos.
15	Debora Feldman Pedrosa Mascarenhas (Mascarenhas, 2018)	Buscou-se correlacionar o Índice de Conteúdo Traumático (TC) com os resultados levantados nas entrevistas e a conclusão das perícias.	Entrevistas semiestruturadas; Teste Projetivo de Rorschach na escola Francesa.	Quatro casos: duas participantes do gênero feminino (58 anos e 65 anos) e dois participantes do gênero masculino (35 anos e 36 anos).	O Rorschach fornece confirmações dos processos mentais de adoecimento.
16	Nicole Medeiros Guimarães-Eboli e Sonia Regina Pasian (Guimarães-Eboli & Pasian, 2018)	Sistematizar indicadores de precisão e evidências de validade do Questionário Desiderativo	Self- Reporting Questionnaire (SRQ-20); Bateria Fatorial de Personalidade (BFP); Questionário Desiderativo; Método de Rorschach na Escola Francesa.	60 mulheres entre 30 e 50 anos de idade.	Apontaram convergências significativas em algumas variáveis

Conforme a tabela acima, (n=5) estudos foram publicados em 2012, (n= 6) em 2014, (n= 2) em 2016, (n= 3) em 2018 e nenhum artigo fora incluído na amostra no ano de 2022. Cabe salientar que houve redução de publicações nessa abordagem após o seu auge, em 2014. É

importante destacar que não houve publicação de anais digitais no ano de 2020 devido a pandemia de COVID-19. Portanto, é necessário retomar os investimentos em pesquisas utilizando a abordagem francesa do Rorschach, afinal é uma forma de correção robusta e embasada em evidências empíricas (Pasian & Amparo, 2018).

Acerca do interesse das produções, foram encontrados 6 artigos (sendo o 1º, 2º, 3º, 7º, 9º, 11º) estabelecendo diferenças nos padrões de resposta ocasionadas por diferentes variáveis (e.g., gênero, origem escolar, diferentes estágios de desenvolvimento, diferentes faixas etárias de crianças, respostas banais em diferentes culturas e diferenças do contexto sociocultural referentes à escolaridade). Essa modalidade de pesquisa, em relação aos testes projetivos, é fundamental para que haja contextualização dos dados e adaptação das normas.

Além disso, 3 artigos (sendo o 8º, 12º e 13º) investigaram características da personalidade ocasionadas por diferentes sintomas e sua influência nos sujeitos, o que é crucial para aplicação na psicologia clínica; 1 artigo (o 6º) propondo intervenções psicossociais para adolescentes e adultos em medidas socioeducativas baseadas nas descobertas através do método de Rorschach.

Paralelamente, foi encontrado 1 artigo (5º) investigando a relação entre a depressão e o tabagismo, o que permite inferir sobre as possibilidades de atuação do psicólogo na clínica ou em serviços de atendimento psicossociais para adictos. Outro achado refere-se a 1 artigo (4º) descrevendo uma situação ocorrida durante a aplicação do teste de Rorschach, que fundamenta a necessidade do aplicador se preparar para as diferentes situações que podem ocorrer na aplicação.

Também foram encontrados 2 artigos (14º e 15º) que propuseram a hipótese da influência de fatores do desenvolvimento, nesses casos a violência sexual e conteúdos traumáticos, aos padrões de respostas encontradas no teste de Rorschach, achado que sinaliza a necessidade de pesquisas sobre o desenvolvimento psíquico e suas vicissitudes, 2 artigos (10º e 16º) avaliando a consonância de outros instrumentos com base nas correlações estatísticas entre eles e o teste de Rorschach, achados como esse sugerem um avanço na produção da ciência psicológica ao explorar a utilização de novos instrumentos.

Em relação ao público-alvo, duas categorias foram mais estudadas, adolescentes (7 publicações) e adultos (4 publicações), enquanto outras tiveram enfoque menor, sendo crianças

(3 artigos) e idosos (2 artigos). Sobre a metodologia, 10 trabalhos eram recortes de estudos e dados derivados de pesquisas na pós-graduação e desses, 8 artigos envolviam estudos de casos, 5 com apenas um participante, e 3 artigos envolvendo mais de um participante. Esses achados são importantes pois permitem inferir um interesse acadêmico de entender fenômenos de forma ampla e compreendendo seus diversos fatores, entretanto, são necessários estudos com maiores amostras para inferência de hipóteses clínicas.

Além dos estudos de caso, 6 artigos utilizaram amostras amplas para comparações estatísticas de 174 adolescentes, 174 estudantes de 12 a 14 anos, 180 adolescentes, 360 crianças, 180 adolescentes e 97 estudantes de 12 a 14 anos, respectivamente. Vale ressaltar que as maiores amostras eram de adolescentes, o que sugere o foco nessa faixa etária, que permite um maior conhecimento sobre a adolescência, entretanto, inviabiliza outros públicos que carecem de pesquisas, por exemplo o público idoso. Essa lacuna de conhecimento dificulta a atuação de diferentes áreas da psicologia, tais como a clínica e a avaliação psicológica pela falta de dados e instrumentos específicos.

Sobre o uso dos instrumentos correlacionado com o Rorschach nas pesquisas, (n=3) artigos utilizaram o Questionário Informativo sobre Histórico Pessoal, (n=3) Teste de Inteligência Não Verbal (INV)- forma C, (n=1) utilizou o teste das Matrizes Progressivas de Raven, (n= 2) utilizaram o *Self Report Questionnaire* (SRQ-20), (n=2) usaram a Bateria Fatorial da Personalidade (BFP), (n=1) utilizou o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, (n=1) usou o Teste de Fagerstrom, (n=2) usaram a Entrevista Semi-Estruturada, (n=2) fizeram uso do Questionário Desiderativo e (n=1) usou a técnica projetiva de desenho HTP (house-three-person). Essa ampla gama de instrumentos demonstra a versatilidade do teste de Rorschach que consegue ser articulado de diferentes formas.

Considerações finais

Essa breve revisão de escopo visa sinalizar a importância do uso do teste de Rorschach na Escola Francesa em diversos tópicos, como psicopatologias, perícias, dificuldade no desenvolvimento, correlação com outros testes para avaliação psicológica da personalidade de modo minucioso. Esse instrumento possui normas e estudos robustos, além da vantagem de integrar fatores estatísticos e individualidades dos participantes.

Essa pesquisa salienta a importância de retomar os estudos com a abordagem francesa, haja vista a queda da frequência dessa escola de correção. Cabe ressaltar a prevalência de estudos com adolescentes e adultos, carecendo de mais pesquisas com crianças, referentes às psicopatologias individuais ou adoecimentos psíquicos oriundos do ambiente que rodeia a criança, sendo necessário atualizar a normatização para o público infantil, entretanto o principal locus foi com o público idoso. Urgem pesquisas empíricas e estudos de correlação para avaliar os potenciais avanços da escola francesa para planejar intervenções com o público senil e a criação de novos testes que visem apreender fenômenos que o teste de Rorschach não consegue

Novas pesquisas devem ser realizadas visando compreender e postular hipóteses acerca do desenvolvimento dos idosos, afinal, há pouco material na literatura que descreva fatores neurobiológicos entrelaçados com o ambiente para esse público. Também precisam ser delimitadas pesquisas que atinjam o público infantil visando intervenções clínicas. Vale ressaltar que o Rorschach está desfavorável na abordagem francesa, carecendo de atualização.

Agradecimentos

Agradecimentos à coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM.

Referências

- Amorim, A. K. A. de., Sanchez, N. N. B., Silva, E. P. Da., Lima, R. P. A., Mello, A. C. de., & Gouveia, Y. B. (2012). Ansiedade situacional durante a aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach. In Amparo, D. M do., Okino, E. T. K., Osório, F. L., Hisatugo, C. L., & Tavares, M (Orgs.), *Métodos Projetivos e Avaliação Psicológica: Atualizações, avanços e perspectivas* (pp. 127-135). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Arksey, H., & O'malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International journal of social research methodology*, 8(1), 19-32.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos*. (M. L. E. Silva, Trad., 5th ed.). Rio de Janeiro: Campus. (Obra originalmente publicada em 1970)
- Areco, N. M., Guimarães, A. L. C., & Pasian, S. R. (2016). Avaliação psicológica de criança com câncer por meio do psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo de caso. In Okino, E.

- T. K., Castro, P. F., Osório, F. L., Pasian, S. R., Scortegagna, S. A., Cardoso, L. M., Freitas, F. R., & Villemor-Amaral, A. E. (Orgs.), *Métodos Projetivos e suas demandas na Psicologia Contemporânea* (pp. 320-336). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Azoulay, C., Emmanuelli, M., Rausch de Traubenberg, N., Corroyer, D., Rozencwajg, P., & Savina, Y. (2007). Les données normatives françaises du Rorschach à l'adolescence et chez le jeune adulte. *Psychologie Clinique et Projective*, 13(1), 371-409.
- Castro, R. E. F., & Souza, M. A. (2014). Da obediência ao descumprimento de medidas socioeducativas: especificidades observadas no Rorschach. In Pasian, S. R., Okino, E. T. K., Amparo, D. M., Freitas, F. R., Osório, F. L., & Loureiro, S. R. (Orgs.), *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 161-178). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Chabert, C. (2003). O Rorschach na Clínica do Adulto: interpretação psicanalítica. Tradução Luísa Antunes da Cunha, José Pereira da Silva. - 2ª reimpressão. Climepsi Editores.
- Chagnon, J. Y. (2013). L'École de Paris: bref historique [The Parisian school: Brief history]. *Le Carnet Psy*, 169(2), 27-29.
- Chagnon, J-Y. (2014). L'école de Paris – histoire et développements contemporains. In Pasian, S. R., Okino, E.T.K., Amparo, D.M., Freitas, F.R., Osório, F.L., & Loureiro, S.R. *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 113-119). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Cordeiro, L., & Soares, C. B. (2019). Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. *BIS. Boletim do Instituto de Saúde*, 20(2), 37-43.
- Coury, C. G., & Pasian, S. R. (2014). Obesidade infantil em gêmeos univitelinos: estudo de caso. In Pasian, S. R., Okino, E. T. K., Amparo, D. M., Freitas, F. R., Osório, F. L., & Loureiro, S. R. (Orgs.), *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 219-228). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Cury-Jacquemin, R., Pasian, S. R., & Freitas F. R. (2012). O Método de Rorschach em adolescentes: especificidades de produção em função do gênero. In Amparo, D. M do., Okino, E. T. K., Osório, F. de L., Hisatugo, C. L., & Tavares, M (Orgs.), *Métodos*

- Projetivos e Avaliação Psicológica: Atualizações, avanços e perspectivas* (pp. 28-46). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Cury-Jacquemin, R., Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2012). O Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes de diferentes origens escolares. In Amparo, D. M do., Okino, E. T. K., Osório, F. de L., Hisatugo, C. L., & Tavares, M (Orgs.), *Métodos Projetivos e Avaliação Psicológica: Atualizações, avanços e perspectivas* (pp. 47-67). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Duarte, S. P., & Pasian, S. R. (2014). Evidências do contexto sociocultural sobre produção de adolescentes em testes psicológicos. In Pasian, S. R., Okino, E. T. K., Amparo, D. M., Freitas, F. R., Osório, F. L., & Loureiro, S. R. (Orgs.), *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 534-543). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Eboli, N. M. G., Okino, E. T. K., Pizeta, F. A., & Pasian, S. R. (2016). In Okino, E. T. K., Castro, P. F., Osório, F. L., Pasian, S. R., Scortegagna, S. A., Cardoso, L. M., Freitas, F. R., & Villemor-Amaral, A. E. (Orgs.), *Métodos Projetivos e suas demandas na Psicologia Contemporânea* (pp. 337-352). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Fernandes, S. (2010). Normas do Rorschach em crianças de seis a oito anos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Fernandes, S., Raspantini, R. L., Pasian, S. R., & Freitas, F. R. (2014). Método de Rorschach em dois grupos de crianças do ensino fundamental. In Pasian, S. R., Okino, E. T. K., Amparo, D. M., Freitas, F. R., Osório, F. L., & Loureiro, S. R. (Orgs.), *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 204-218). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Freitas, M. H. D. (2005). As origens do método de Rorschach e seus fundamentos. *Psicologia: ciência e profissão*, 25, 100-117.
- Guimarães-Eboli, N. M., & Pasian, S. R. (2018). Questionário desiderativo no contexto da avaliação psicológica de mulheres pretendentes à adoção. In Castro, P. F., Okino, E. T. K., Resende, A. C., Freitas, F. R., Cardoso, L. M., Ribeiro, R. K. S. M., Pasian, S. R., & Villemor-Amaral, A. E. (Orgs.), *Fundamentos e Construções Contemporâneas dos Métodos Projetivos*. (pp. 443-457) ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>

- Jardin-Maran, M. L. C., & Pasian, S. R. (2012). Particularidades do funcionamento psíquico de adolescentes e de adultos a partir do Rorschach. In Amparo, D. M. do., Okino, E. T. K., Osório, F. de L., Hisatugo, C. L., & Tavares, M (Orgs.), *Métodos Projetivos e Avaliação Psicológica: Atualizações, avanços e perspectivas* (pp. 84-101). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Jardin-Maran, M. L. C., & Pasian, S. R. (2014). Respostas banais ao Método de Rorschach em adolescentes de diferentes contextos socioculturais. In Pasian, S. R., Okino, E. T. K., Amparo, D. M., Freitas, F. R., Osório, F. L., & Loureiro, S. R. (Orgs.), *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 253-259). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Jardim-Maran, M. L. C. (2011). *O Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes: normas e evidências de validade*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Mascarenhas, D. F. P. (2018). Perícia Psicológica na justiça do trabalho: o dano psíquico e o índice de conteúdo traumático. In Castro, P. F., Okino, E. T. K., Resende, A. C., Freitas, F. R., Cardoso, L. M., Ribeiro, R. K. S. M., Pasian, S. R., & Villemor-Amaral, A. E. (Orgs.), *Fundamentos e Construções Contemporâneas dos Métodos Projetivos*. (pp. 419-428). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Nascimento, R. S. G. F., Guntert, A. E. V. A. (2003). Novas tendências: introdução ao Sistema Compreensivo de Exner. In Cunha, J. A., e colaboradores. *Psicodiagnóstico-V*. (pp.368-367). Artmed Editora.
- Nascimento, R. S. G. F., Semer, N. L. (2018). O sistema compreensivo de Exner para avaliação pelo método de Rorschach. In Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M (Orgs.). *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. (pp. 437-456). Artmed Editora.
- Oliveira, R. M. (2014). Rorschach Temático: estudo de caso. In Pasian, S. R., Okino, E. T. K., Amparo, D. M., Freitas, F. R., Osório, F. L., & Loureiro, S. R. (Orgs.), *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 274-283). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>

- Pasian, S. R., & Amparo, D. M. (2018). O método de Rorschach na perspectiva da escola de Paris (Escola Francesa). In: Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M (Orgs.). *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. (pp. 473-493). Artmed Editora.
- Peters, M.D. J., Marnie C., Tricco, A.C., Pollock D., Munn Z., Alexander L., McInerney P., Godfrey C.M., Khalil H (2020). Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. *JBIM Evid Synth.*, 18(10), 2119-2126. <https://doi.org/10.11124/JBIES-20-00167>.
- Rabelo, M. H. L., & Vieira, M. R. V (2018). Violência intrafamiliar e suas consequências no desenvolvimento psicológico. In Castro, P. F., Okino, E. T. K., Resende, A. C., Freitas, F. R., Cardoso, L. M., Ribeiro, R. K. S. M., Pasian, S. R., & Villemor-Amaral, A. E. (Orgs.), *Fundamentos e Construções Contemporâneas dos Métodos Projetivos*. (pp. 232-249) ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Raspantini, R. L. (2010). *Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos: um estudo normativo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Silva, E. P. Da., Lima, R. P. A., Sanchez, N. N. B., Melo, A. C. De., Gouveia, Y. B., Sátiro, R. M., Pereira, M. J. M. (2012). Tabagismo e sua relação com a depressão. In Amparo, D. M do., Okino, E. T. K., Osório, F. de L., Hisatugo, C. L., & Tavares, M (Orgs.), *Métodos Projetivos e Avaliação Psicológica: Atualizações, avanços e perspectivas* (pp. 382-388). ASBRo. <https://www.asbro.org.br/publicacoes>
- Trautenberg, N. R. (1983). Atividade perceptiva e atividade fantasmática no Teste de Rorschach. *Análise Psicológica*, 1(1), 17-22.
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., ... & Straus, S. E. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. *Annals of internal medicine*, 169(7), 467-473.
- Verdon, B., & Amparo, D. M. D. (2013). Entre a atividade perceptiva e a fantasmática: Nina Rausch de Trautenberg e o método de Rorschach.

Estudos e pesquisas sobre avaliação psicológica e métodos projetivos: Caracterização de publicações brasileiras

Ana Beatriz Naves Salvador

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Mariani da Silva Dantas

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Rosa Maria Santos Salmasio

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Pamela Staliano

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Resumo: O processo de Avaliação Psicológica é amplo e em sua execução necessita realizar uma coleta de informações provenientes de distintas fontes, ou seja, o profissional pode utilizar: testes psicológicos, entrevistas, observações sistemáticas e análises de documentos. O psicólogo pode realizar a avaliação em diferentes contextos, pois a gama de instrumentos e ferramentas possibilita que se escolha aquela que possui uma melhor aplicabilidade a depender do âmbito de atuação do profissional. Dentre os quais se pode citar os métodos projetivos, que, historicamente, tem sua base ancorada na teoria psicanalítica, porém alguns autores preferem identificá-los como métodos de autoexpressão, visando uma dissociação a um único referencial teórico. Neste sentido, o objetivo do presente trabalho consiste em realizar uma caracterização de estudos e pesquisas realizadas por pesquisadores brasileiros no que tange a avaliação psicológica com a utilização de métodos projetivos. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES. Para a coleta de dados foram combinados os seguintes descritores: Métodos Projetivos e Avaliação Psicológica. Como critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas apenas produções no idioma português/BR, descartados textos parciais e duplicados, além de dissertações, teses e resenhas. A busca empreendida, aplicando os critérios mencionados, agrupou 25 produções científicas, que compuseram a amostra analisada neste trabalho, destas, 44% são estudos teóricos e 56% empíricos. São predominantes as pesquisas com o público adulto, sendo que alguns instrumentos utilizados nos estudos ainda não têm parâmetros de avaliação infantil. Em relação aos tipos de métodos projetivos utilizados nos textos empíricos, 50% produções utilizaram exclusivamente o Rorschach e/ou Zulliger; ou estas técnicas combinadas com outros métodos projetivos, como o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (7,2%); 14% utilizaram exclusivamente o Pfister; já 7,2% o Desenho da Figura Humana (DFH); um (7,2%) utilizou as duas últimas técnicas combinadas (Pfister e DFH). Um estudo (7,2%) utilizou um instrumento projetivo denominado Retrato da Dor. E outro, (7,2%) buscou criar evidências para validação do Questionário Desiderativo, desfavorável no Brasil. Vale ressaltar que algumas dessas produções científicas também recorreram a outros recursos para estudo dos fenômenos psicológicos investigados, como escalas, inventários, entrevistas semiestruturadas e questionários sociodemográficos. Além de estudos designados como psicométricos, visando reunir comprovações de cientificidade, fidedignidade e aplicabilidade de ferramentas, em diferentes contextos, com o intuito de tornar os testes favoráveis para o contexto brasileiro. Entende-se que estudos como este podem respaldar o ensino dos métodos projetivos, bem como apoiar a formação de psicólogos brasileiros ao oferecer um panorama sobre a utilização destas ferramentas.

Palavras-chave: Ensino; formação; personalidade.

Introdução

O processo descrito como Avaliação Psicológica é amplo e em sua execução necessita realizar uma coleta de informações provenientes de distintas fontes, ou seja, o profissional pode utilizar:

testes psicológicos, entrevistas, observações sistemáticas e análises de documentos. O psicólogo responsável pela realização de uma avaliação psicológica, precisa necessariamente coletar informações do âmbito biopsicossocial no qual o indivíduo está inserido, pois os dados obtidos por meio das ferramentas e observações somente devem ser analisados a partir de um contexto e visando responder adequadamente à demanda (Conselho Federal de Psicologia, 2022a).

Ademais, o psicólogo pode realizar a avaliação em diferentes contextos, pois a diversidade de instrumentos e ferramentas possibilita que se escolha aquela que possui uma melhor aplicabilidade a depender do âmbito de atuação do profissional. Considerando a multiplicidade de áreas para realização da Avaliação Psicológica, ainda de acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2022a), alguns elementos devem ser considerados para escolha dos recursos, sendo estes:

- a) contexto no qual a avaliação psicológica se insere;
- b) propósitos da avaliação psicológica;
- c) construtos psicológicos a serem investigados;
- d) adequação das características dos instrumentos/técnicas aos indivíduos avaliados;
- e) condições técnicas, metodológicas e operacionais do instrumento de avaliação (p.19).

A Avaliação Psicológica, segundo o Conselho Federal de Psicologia (2022b), é entendida enquanto um processo técnico e científico, conforme estabelece o Art. 1º § 1º da Resolução do CFP n.º 31/2022, seu objetivo mediante a utilização de métodos, técnicas e instrumentos é “(...) prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas”. Considerando as distintas possibilidades de utilização da Avaliação Psicológica, mediante uso de instrumentos, Anzieu (1988), buscou realizar uma sistematização, para isso, elencou três categorias para os testes, sendo elas: Técnicas Expressivas, Técnicas Projetivas e Testes Psicométricos. Este autor complementa que os Testes Psicométricos exigem uma grande precisão e há respostas adequadas, são exemplos teste de memória, raciocínio lógico, etc. Estes, em sua maioria, têm como intuito avaliar os constructos das habilidades e inteligências.

Em contraponto, Anzieu (1988), discorre que as Técnicas Expressivas dizem respeito a situações nas quais há uma ampla liberdade, tanto de instruções, quanto do material utilizado, são exemplos o Palográfico e o PMK, que avaliam as questões adaptativas e expressivas, acessando o constructo da personalidade. Ademais, a terceira categoria é a das Técnicas Projetivas, nas quais há presença de respostas livres, material definido e padronizado, embora ambíguo, sendo exemplo o teste de Rorschach, Teste de Zulliger e o Teste de Apercepção Temática (TAT). Através dos estímulos ambíguos estas técnicas possibilitam o acesso à personalidade e aspectos subjetivos do indivíduo

No presente artigo, a pesquisa esteve voltada particularmente para a categoria do que Frank (1939 citado por Pinto, 2014) denominou de métodos projetivos, conceitualmente estes estão associados, historicamente, ao conceito psicanalítico de projeção, sendo este “[...] um mecanismo primitivo, ao qual nossas percepções sensoriais se acham também submetidas, e que desempenham um papel essencial em nossa representação do mundo exterior” (Freud 1913/1948 citado por Pinto, 2014, p.140).

No entanto, mesmo que os métodos projetivos estejam ancorados, em sua origem, na teoria psicanalítica, a utilização de termos como projeção tem sido questionado, por pesquisadores da área, como por exemplo, Villemor-Amaral (2008) que defende a utilização do termo métodos de autoexpressão, visando uma desassociação a um único referencial teórico. Posto isso, Villemor-Amaral (2008, p. 100) argumenta que os fenômenos psíquicos acessados com os métodos projetivos também são “reconhecidos e demonstrados, sob ângulos diferentes e com propósitos distintos, em outros contextos teóricos, não exclusivos da psicanálise”.

Neste sentido, o objetivo do presente trabalho consiste em realizar uma caracterização de estudos e pesquisas realizadas por pesquisadores brasileiros no que tange a avaliação psicológica com a utilização de métodos projetivos.

Método

Para elaboração deste artigo, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática, a partir do levantamento bibliográfico de produções científicas publicadas entre os anos 2001 a 2023, na base de dados dos Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram utilizados para a busca, os descritores combinados: Métodos

Projetivos (AND) Avaliação Psicológica, a fim de obter resultados de publicações científicas que, mencionam, essencialmente, estes dois descritores no título e/ou corpo do texto.

Para a leitura, categorização dos estudos encontrados e análise dos dados, utilizou-se atécnica da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Nesse sentido, foi realizada uma leitura flutuante dos textos escolhidos, o objetivo foi definido, bem como, o material encontrado foi explorado e categorizado, conforme os seguintes critérios:

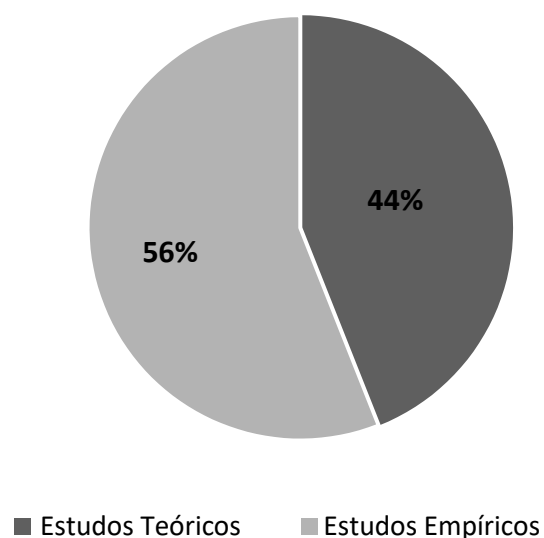
- 1) Tipos de estudo: a) pesquisa teórica: revisitam teorias, conceitos, ideias e resultados anteriormente produzidos com o intuito de, a partir dos materiais disponíveis, contribuir com novas postulações em relação à temática; b) pesquisa empíricas: aquelas resultados de observações e experiências dos pesquisadores, nas quais há um público-alvo, bem como um olhar para o objeto a partir de uma perspectiva teórica; c) metodológico: estudos sobre validação de instrumentos no contexto brasileiro; d) estudo de caso: tipo de estudo que busca aprofundar o conhecimento de um assunto específico.
- 2) Instrumentos utilizados nos estudos: testes psicológicos ou não, escalas, inventários, entrevistas e questionários sociodemográficos.
- 3) Faixa etária e o sexo e/ou gênero do público-alvo das pesquisas empíricas.
- 4) Os métodos projetivos utilizados nos estudos científicos validados no Brasil pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI).
- 5) Os métodos projetivos utilizados nos estudos científicos que buscam evidências para sua validação no Brasil pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI).
- 6) Foram selecionadas apenas produções no idioma português/BR, por meio do próprio filtro do periódico.
- 7) Foram descartados estudos publicados em outros idiomas, bem como textos parciais e duplicados, além de dissertações, teses e resenhas.

Resultados e Discussão

Inicialmente, no levantamento empreendido, foram encontradas 50 produções científicas. E aplicando os critérios de inclusão do idioma português/BR, obteve-se o resultado de 33 publicações. Dentre estas, 08 foram excluídas (resenhas (n=2) e dissertação (n=1); estudos

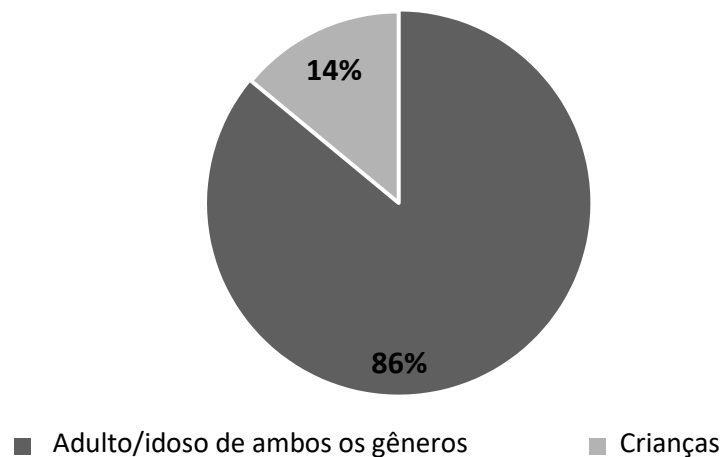
duplicados (n=5)). Desse modo, 25 produções científicas foram consideradas para a elaboração deste trabalho, destas, 11 (44%) são estudos teóricos (Pinto, 2014; Pasian & Okino, 2018; Giasson et al., 2023; Campos, 2013; Villemor-Amaral, 2008; Lima & Scortegagna, 2021; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006; Silva & Figueiredo, 2005; Silva & Cardoso, 2012; Grazziotin & Scortegagna, 2016; Franco, 2012) e 14 (56%) estudos empíricos (Guimarães-Eboli & Pasian, 2020; Loduca et al., 2014; Rosa et al., 2021; Teixeira et al., 2019; Gonçalves et al., 2019; Cardoso & Capitão, 2006; Pianowski & Villemor-Amaral, 2010; Franco & Villemor-Amaral, 2012; Villemor-Amaral et al., 2009; Franco & Villemor-Amaral, 2012; Bastos-Formighieri & Pasian, 2012; Vieira & Villemor-Amaral, 2015; Rovinski et al., 2015; Pimentel, 2010), como ilustrado na Figura 1

Figura 1: Distribuição do percentual das produções científicas encontradas.



No que concerne ao público-alvo das pesquisas de carácter empírico evidencia-se que, dos 14 artigos encontrados, a eminente maioria foi conduzida com o público adulto/idoso de ambos os gêneros, ou seja, 86% dos estudos, e, dois estudos (14,%) foram conduzidos com crianças, sendo que alguns instrumentos utilizados nos estudos ainda não têm parâmetros de avaliação infantil, como demonstra a Figura 2.

Figura 2: Distribuição percentual do público-alvo das pesquisas empíricas encontradas



Em relação aos tipos de métodos projetivos utilizados nos textos empíricos, obteve-se que quatro (28%) produções utilizaram apenas o Rorschach como método, o primeiro buscou encontrar evidências para validação do teste no Brasil, sendo um direcionado a encontrar evidências para o Atlas de Localização e a Lista de Qualidade Formal no Rorschach-SC, tendo como público-alvo mulheres e homens adultos (Pianowski & Villemor-Amaral, 2010). O segundo visava encontrar indícios de validade do Rorschach (R-PAS) para o diagnóstico de esquizofrenia, também em adultos de ambos os gêneros (Vieira & Villemor-Amaral, 2015). O terceiro buscou ampliar o uso do instrumento no sistema prisional, em que se realizou a partir de um estudo de caso, a avaliação psicológica de um homem adulto acusado de abuso sexual infantil (Pimentel, 2016). Já o quarto trabalho, teve como alvo, investigar o funcionamento psíquico de indivíduos com traços narcisistas que apresentaram resposta de reflexo no teste, com níveis diferentes de adaptação (Rovinski et al., 2015).

No que se refere ao Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister dois (14,4) utilizaram apenas este instrumento, sendo que um deles objetivou investigar o Bem-Estar Subjetivo de idosos institucionalizados e não institucionalizados, e o outro visou elaborar padrões normativos desse instrumento para idosos, as duas produções foram direcionadas a pessoas de

ambos os gêneros (Teixeira et al., 2019; Bastos-Formighieri & Pasian, 2012).

A respeito do Zulliger, um (7,2%) trabalho utilizou apenas este método projetivo, com o intuito de averiguar a precisão do teste no Sistema Compreensivo por meio do teste-reteste. Essa pesquisa foi direcionada ao público masculino (Villemor-Amaral et al., 2009).

Acerca do Desenho da Figura Humana (DFH), uma (7,2%) produção utilizou somente este instrumento projetivo, sendo que o estudo teve o intuito de avaliar a aplicabilidade dessa técnica em crianças, de ambos os gêneros que se encontravam na terceira série do ensino fundamental de uma escola pública, com dificuldades de aprendizagem (Rosa et al., 2021).

Dois (14,4) trabalhos tiveram como base o Zulliger e o Rorschach. Sendo que um estudo procurou buscar evidências de validade convergente para o Zulliger com aplicação R-otimizada através de correlações com o Rorschach nas variáveis relacionadas à depressão, tendo como público-alvo adultos, em sua maioria do sexo feminino (Gonçalves et al., 2019). No segundo artigo, foi realizado um estudo com pacientes psiquiátricos e não-pacientes de ambos os gêneros, com o propósito verificar se as constelações utilizadas no Rorschach-SC, se aplicariam também ao Zulliger (Franco & Villemor-Amaral, 2012b).

Uma (7,2%) produção utilizou o Zulliger e o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, a investigação foi realizada com um grupo de 20 dependentes químicos, sendo dez brasileiros adictos do álcool e dez franceses dependentes de heroína que estavam em processo de desintoxicação em centros especializados no Brasil ou na França, o objetivo consistiu em verificar a validade incremental das duas técnicas, a partir da compreensão da personalidade dos participantes (Franco & Villemor-Amaral, 2012a).

Um (7,2%) artigo fez uso do Desenho da Figura Humana e o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, a pesquisa foi realizada com um grupo de mais de 100 crianças de 6 a 12 anos, divididas igualmente por gênero. Teve como foco, buscar semelhanças existentes entre os indicadores emocionais e cognitivos das duas técnicas, sendo o Desenho da Figura Humana, tanto no sistema DFH-Koppitz quanto no DFH Sisto (Cardoso & Capitão, 2006).

Ainda, uma (7,2%) produção científica de caráter empírico relatou o uso de um instrumento projetivo denominado Retrato da Dor. Segundo Loduca et al. (2014), esse instrumento foi desenvolvido em 1998, por profissionais atuantes em Centros de Dor, e desde o ano 2000 tem sido utilizado na avaliação psicológica de pacientes que ingressam no grupo

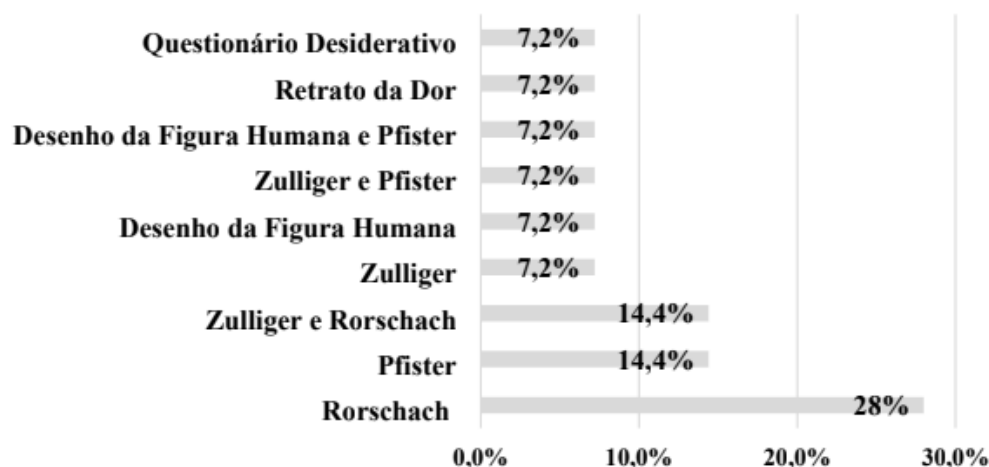
dedor do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IOT HCFMUSP).

Por fim, sobre os artigos empíricos, um deles (7,2%) buscou criar evidências para validação do Questionário Desiderativo, desfavorável no Brasil, segundo o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). De acordo com Guimarães-Eboli e Pasian (2020), este questionário é um método projetivo verbal, formado por um conjunto de questões que informam características da personalidade, defesas, conflitos básicos, força do ego, aspectos afetivos e relações objetais a partir da abordagem psicodinâmica.

Para criar evidências sobre a possibilidade de validação do Questionário Desiderativo, Guimarães-Eboli e Pasian (2020) se apoiaram em outros recursos como o teste projetivo Rorschach, a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) e o Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) que faz um rastreio de indicadores de saúde mental.

Outrossim, é importante ressaltar que, não apenas as duas últimas produções científicas citadas acima recorreram a outros recursos como escalas, inventários, entrevistas semiestruturadas e questionários sociodemográficos, mas também muitas das outras produções mencionadas neste item.

Figura 3: Distribuição percentual dos tipos de métodos projetivos utilizados nos estudos empíricos encontrados.



Compreendendo que a Avaliação Psicológica envolve a utilização de técnicas, instrumentos, métodos e testes para sua realização, os testes psicológicos, em específico, “têm como objetivos identificar, descrever, qualificar e mensurar características psicológicas, por meio de procedimentos sistemáticos de observação e descrição do comportamento humano, nas suas diversas formas de expressão, acordados pela comunidade científica” (Conselho Federal de Psicologia, 2022a).

Nesse sentido, diante dos resultados expostos sobre as pesquisas empíricas neste trabalho, em relação aos métodos projetivos considerados como testes psicológicos que são regulamentados e favoráveis pelo SATEPSI, os quais foram utilizados em alguns artigos, tem-se: o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, o Rorschach e o Zulliger. Assim, compreendendo que por meio dos métodos projetivos, alguns aspectos do sujeito são avaliados, é de suma importância abordar qual destes aspectos cada um dos testes avalia.

O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister consiste em um teste psicológico que “possibilita a avaliação dos aspectos emocionais e cognitivos da personalidade do indivíduo, por meio da maneira como este dispõe quadriculos coloridos sobre esquemas de pirâmides” (Villemor-Amaral et al., 2014, p.115).

Conforme Exner (1999), o Rorschach é um teste projetivo não estruturado que possibilita o acesso a organizações e operações psicológicas do sujeito. Assim, segundo Frank (1939 citado por Adrados, 1973).

O método de Rorschach proporciona uma técnica, mediante a qual o indivíduo é induzido a revelar seu mundo privado, expressando o que vê em diversas lâminas, onde pode projetar seus sentimentos, justamente porque as lâminas não constituem objetos socialmente estandardizados, ou situações frente as que deve dar respostas culturalmente aceitas (p.6).

Nesse viés, estes constructos podem ser acessados por meio de diferentes sistemas de avaliação. Dentre os artigos encontrados, evidencia-se a utilização de dois sistemas de avaliação do Rorschach, sendo eles: o Sistema Compreensivo (SC), criado por Exner na década de 70 e aprimorado cientificamente ao longo dos anos e o Sistema de Avaliação por Desempenho no Rorschach (R-PAS), “(...) que foi desenvolvido com base em um corpo de pesquisas empíricas,

buscando superar as limitações identificadas no SC” (Zilki et al., 2020, p.180).

Baseado no Método de Rorschach, o Teste de Zulliger é um teste projetivo não estruturado, de manchas de tintas, que tem como objetivo compreender os aspectos referentes à personalidade do sujeito. Neste sentido, “o Zulliger se assemelha ao Método de Rorschach no que diz respeito ao estilo dos estímulos, mas ele não equivale ao Rorschach em termos de profundidade e abrangência dos dados que são obtidos” (Franco, 2012, p. 348).

Igualmente, a partir da pesquisa bibliográfica verificou-se que há uma tipologia de estudos designados como psicométricos, que visam reunir comprovações de cientificidade, fidedignidade e aplicabilidade de ferramentas, em diferentes contextos, com o intuito de tornar os testes favoráveis para o contexto brasileiro. Neste conjunto de achados, compreende-se que os pesquisadores dedicam-se a utilizar pesquisas já realizadas em outros países para buscar aplicabilidade com a população brasileira.

Considerações Finais

Diante do exposto, com a condução desta pesquisa compreendeu-se que no cenário brasileiro, considerando as especificidades do recorte realizado, são predominantes as pesquisas com o público adulto e a produção de estudos empíricos. Toma-se como hipótese que a maior frequência de pesquisas realizadas com maiores de 18 anos pode se pautar fato de que, em sua maioria, os métodos projetivos utilizados nos estudos não apresentam tabelas normativas para menores de 18 anos, no contexto brasileiro, como, por exemplo, o Rorschach e o Zulliger.

Os achados corroboram para o entendimento de que no processo de avaliação psicológica conduzido pelos pesquisadores, quando se utiliza instrumentos distintos em seu formato e natureza, há maior segurança, em se afirmar determinado funcionamento ou dinâmica da personalidade. Isso pode ser observado pelo fato de que a maioria dos estudos optou pela utilização de métodos combinados, ou seja, elaboram seus estudos tomando como base a aplicação de um método projetivo associado a uma escala e/ou dois métodos projetivos, visando maior confiabilidade.

À vista disso, entende-se que estudos como este podem respaldar o ensino dos métodos projetivos, bem como apoiar a formação de psicólogos brasileiros ao oferecer um panorama sobre a utilização destas ferramentas.

Referências

- Adrados, I. (1973). *Teoria e prática do teste de Rorschach*. Vozes.
- Anzieu, D. (1988). *Os métodos projetivos*. Campus.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa edições, 70, 225.
- Bastos-Formighieri, M. de S., & Pasian, S. R. (2012). O Teste de Pfister em idosos. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 435-448.
- Campos, R. C. (2013). Além dos números há uma pessoa: sobre a utilização clínica de testes. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 291-298.
- Conselho Federal de Psicologia (2022a). *Cartilha Avaliação Psicológica*, Brasília-DF, 2ª Edição.
- Conselho Federal de Psicologia (2022b). *Resolução CFP n.º 31/2022*, Brasília – DF.
- Cardoso, L. M., & Capitão, C. G. (2006). Estudo correlacional entre o Teste de Pfister e o Desenho da Figura Humana. *Psico-USF*, 11(2), 157–166. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712006000200004>.
- Franco, R. da R. C. (2012). Estudo de caso pelo método fenômeno-estrutural. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 347-360.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de Classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. Casa do Psicólogo.
- Franco, R. da R. C., & Villemor-Amaral, A. E. de (2012a) Validade incremental do Zulliger e do Pfister no contexto da toxicomania. *Psico-USF*, 17(1), 73-83. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100009>.
- Franco, R. da R. C., & Villemor-Amaral, A. E. de (2012b). O Zulliger e as Constelações do Rorschach no Sistema Compreensivo. *Avaliação Psicológica*, 11(1), 141-152.
- Giasson, F. da F., Ribeiro, L. C., & Cardoso, L. M. (2023). O Florir da Violeta: Um Estudo de Caso em Avaliação Terapêutica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43(e244243). <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244243>.

- Gonçalves, A. P., Zuanazzi, A. C., & Villemor-Amaral, A. E. de. (2019). Aplicação R-Otimizada no Zulliger: evidências de validade com pacientes depressivos. *Avaliação Psicológica*, 18(2), 111-120. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1802.16215.01>.
- Graziotin, J. B. D. D., & Scortegagna, S. A. (2016). Revisão de pesquisas brasileiras sobre o Teste de Zulliger publicadas em artigos. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 227-235.
- Guimarães-Eboli, N. M., & Pasian, S. R. (2020). Evidências Psicométricas do Questionário Desiderativo em Adultos. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 179-188.
- Lima, E. dos S. de, & Scortegagna, S. A. (2021). Abuso Sexual Infantil, Câncer e Outras Doenças Avaliados pelo Rorschach: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(e222038). <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222038>.
- Loduca, A., Müller, B. M., Amaral, R., Souza, A. C. M. da S., Focosi, A. S., Samuelian, C., & Batista, M. (2014). Retrato de dores crônicas: percepção da dor através do olhar dos sofredores. *Revista Dor*, 15(1), 30-35. <https://doi.org/10.5935/1806-0013.20140008>.
- Pasian, S. R., & Okino, E. T. K. (2018). Professor André Jacquemin: Reconhecimento a sua Trajetória Profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(spe), 207–213. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208761>.
- Pianowski, G., & Villemor-Amaral, A. E. de. (2010). Localização e qualidade formal do Rorschach-SC no Brasil: validade com não-pacientes. *Psico-USF*, 15(3), 333–343. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300007>.
- Pimentel, A. (2010). Avaliação psicológica na DEAM: um estudo de caso de violência sexual infantil. *Revista Subjetividades*, 10(2), 585–603.
- Pinto, E. R. (2014). Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 17(1), 135–153. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000100009>.
- Rosa, H. R., Migliorini, W. J. M., Silva, M. A. da, & Manhani, G. B. (2021). O Desenho da Figura Humana com História (DFH-H) e Crianças com Dificuldades de Aprendizagem. *Avaliação Psicológica*, 20(4), 410-416. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2004.22000.02>.
- Rovinski, S. L. R., Nascimento, R. S. G. F. do, & Scortegagna, S. A. (2015). Respostas de reflexo no Rorschach em distintos níveis de adaptação psicossocial. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 243.

- Silva, L. M. da, & Cardoso, L. M. (2012). Revisão de pesquisas brasileiras sobre o teste de Pfister. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 449-460.
- Silva, W. V. da, & Figueiredo, V. L. M. de (2005). Ansiedade infantil e instrumentos de avaliação: uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 27(4), 329–335. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462005000400014t>.
- Teixeira, C. R., Scortegagna, S. A., Pasian, S. R., & Portella, M. R. (2019). Bem-Estar Subjetivo de Longevos Institucionalizados e Não Institucionalizados por meio do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Avaliação Psicológica*, 18(1), 86-95. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1801.13512.1>.
- Vieira, P. G., & Villemor-Amaral, A. E. (2015). Evidências de validade do Rorschach Performance Assessment System no diagnóstico da esquizofrenia. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 53.
- Villemor-Amaral, A. E. de (2008). A validade teórica em avaliação psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(1), 98-109. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000100008>.
- Villemor-Amaral, A. E. de, Machado, M. A. dos S., & Noronha, A. P. P. (2009). O Zulliger no sistema compreensivo: um estudo de fidedignidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 656-671. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400002>.
- Villemor-Amaral, A. E. de, & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185–193. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712006000200007>.
- Villemor-Amaral, A. E. de, Tavella, R. R., Cardoso, L. M., Biasi, F. C., & Pavan, P. M. P. (2014). Teste das pirâmides coloridas de Pfister e a criatividade em crianças. *Psicologia: teoria e prática*, 16(3), 114-124.
- Zilki, Á., Aguiar, L. L., Perissinotto, R., & Resende, A. C. (2020). Autores de Violência Sexual e o Teste de Rorschach: Revisão da Literatura. *Psicologia Revista*, 29(1), 176–200. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p176-200>.

O contexto das pesquisas com o uso do Questionário Desiderativo nos anais da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos: Revisão breve

Andreza de Souza Martins

Universidade Federal do Amazona (UFAM)

Marck de Souza Torres

Universidade Federal do Amazona (UFAM)

Resumo: O Questionário Desiderativo é uma técnica projetiva verbal, com base psicanalítica que objetiva avaliar os mecanismos de defesa, grau de integração do ego e aspectos inerentes à personalidade de cada sujeito. É considerado um método de rápida aplicação, constituído por um conjunto específico de questões, delimitadas em escolhas ou rejeições, enquadradas em três categorias: animal, vegetal e reino inanimado, a serem respondidas livremente. A análise das produções científicas acerca da temática possui relevância no sentido de identificar as lacunas existentes na busca por evidências que tornem possível a aplicabilidade de tal técnica no cenário brasileiro. Para tanto, foi realizada uma revisão por meio dos Anais do Congresso disponibilizados no site da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos com o objetivo de analisar as pesquisas empíricas que versam sobre o questionário desiderativo, a revisão possui como marcador os últimos três anos de publicações a partir dos Congressos ocorridos nos anos de 2016, 2018 e 2022. Quanto aos resultados, foram encontradas ao todo 6 produções, sendo 4 estudos empíricos. Observou-se a presença de pesquisas com grupos específicos e o fornecimento de dados relativos à validade e precisão. Os resultados trazem dados promissores acerca da utilização do instrumento, embora indiquem ainda a pouca quantidade de estudos sobre as características psicométricas, questão que se defronta com a impossibilidade de seu uso no contexto profissional.

Palavras-chave: Técnicas projetivas; pesquisa; Questionário Desiderativo

Introdução

O Questionário Desiderativo é uma técnica projetiva verbal com bases psicanalíticas, a qual busca avaliar o grau de estruturação do ego, a capacidade de elaborar perdas, mecanismos de defesa e traços de personalidade (Nijamkin & Braude, 2000; Sneiderman, 2012; Pinto Júnior et al. 2018). É um instrumento promissor de avaliação psicológica, tendo em vista sua fácil aplicação, uma vez que demanda apenas recursos orais e compreensão verbal para a atividade, não exigindo habilidades complexas para respondê-lo, o que torna possível sua utilização junto a diferentes públicos e contextos (Guimarães-Eboli & Pasian, 2020).

A consigna se fundamenta em três escolhas e três rejeições, seguidas das respectivas justificativas. Tais escolhas e rejeições são enquadradas em três categorias: animal, vegetal e reino inanimado com base na seguinte questão: “O que você gostaria de ser se não fosse uma pessoa?” Por quê?, o examinador elimina a categoria escolhida e formula nova questão, procedendo de igual modo até na terceira escolha. O mesmo procedimento nas rejeições, tendo como premissa a pergunta “O que você não gostaria de ser se não fosse uma pessoa?” “Por

quê?" (Pinto Junior et al., 2018), as escolhas e rejeições correspondem as catexias positivas e negativas, as catexias positivas descrevem a forma com que o sujeito se defende ante os perigos e ameaças a partir de defesas adaptativas ou menos adaptativas, por outro lado, as catexias negativas expressa o temor em relação a ameaça dessas defesas, além das consequências negativas do uso dessas (Sneiderman & Banhos, 2016)

A interpretação das respostas se baseia sobretudo no significado dos símbolos e na capacidade de pôr em funcionamento os mecanismos defensivos diante de um ataque a integridade do ego, a análise do quanto o sujeito consegue manter sua coesão e sobrepor-se ao impacto das instruções, questão que é evidenciada na medida em que o mesmo consegue responder ao que o teste lhe pede (OCampo & Arzeno, 2009). É possível analisar as respostas através de vários referenciais teóricos, sendo os mais comuns o enfoque freudiano e kleiniano, pois fornecem informações a respeito de como são os objetos introjetados e projetados pelo examinando (Pinto Junior et al., 2018).

No Brasil, destacam-se estudos recentes voltados para a busca de evidências de validade de tal instrumento, Tardivo et al. (2022) realizou estudo normativo junto a adolescentes infratores e adolescentes vitimizados, em amostra contendo 200 participantes entre 12 e 16 anos, distribuídos em três grupos, o de adolescentes infratores, o de adolescentes vitimizados e grupo controle. Os resultados demonstraram a validade do instrumento nesse contexto, com desempenho específico entre os grupos, sendo denotado pelos grupos clínicos maior dificuldade de estabelecimento de vínculo e menor força de ego, bem como, quanto à consistência interna do instrumento, essa teve coeficientes de confiabilidade.

Guimarães-Eboli e Pasian (2020), buscaram evidências psicométricas do Questionário Desiderativo em adultos, em amostra composta por 60 mulheres com idade entre 30 e 60 anos. Os achados sinalizam a precisão do instrumento, embora seja destacado pelas autoras a obrigatoriedade de treinamento prévio em relação aos seus fundamentos teóricos, além da padronização referente à aplicação e codificação, fatores que contribuem para a precisão avaliativa, destaca-se ainda, por parte das mulheres a ocorrência de falhas nas respostas e a perseveração no reino objeto.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como intuito discutir o contexto das pesquisas com o Questionário Desiderativo através de revisão das publicações nos anais do

Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos-ASBRo, visando sistematizar suas principais contribuições e identificar suas lacunas.

Método

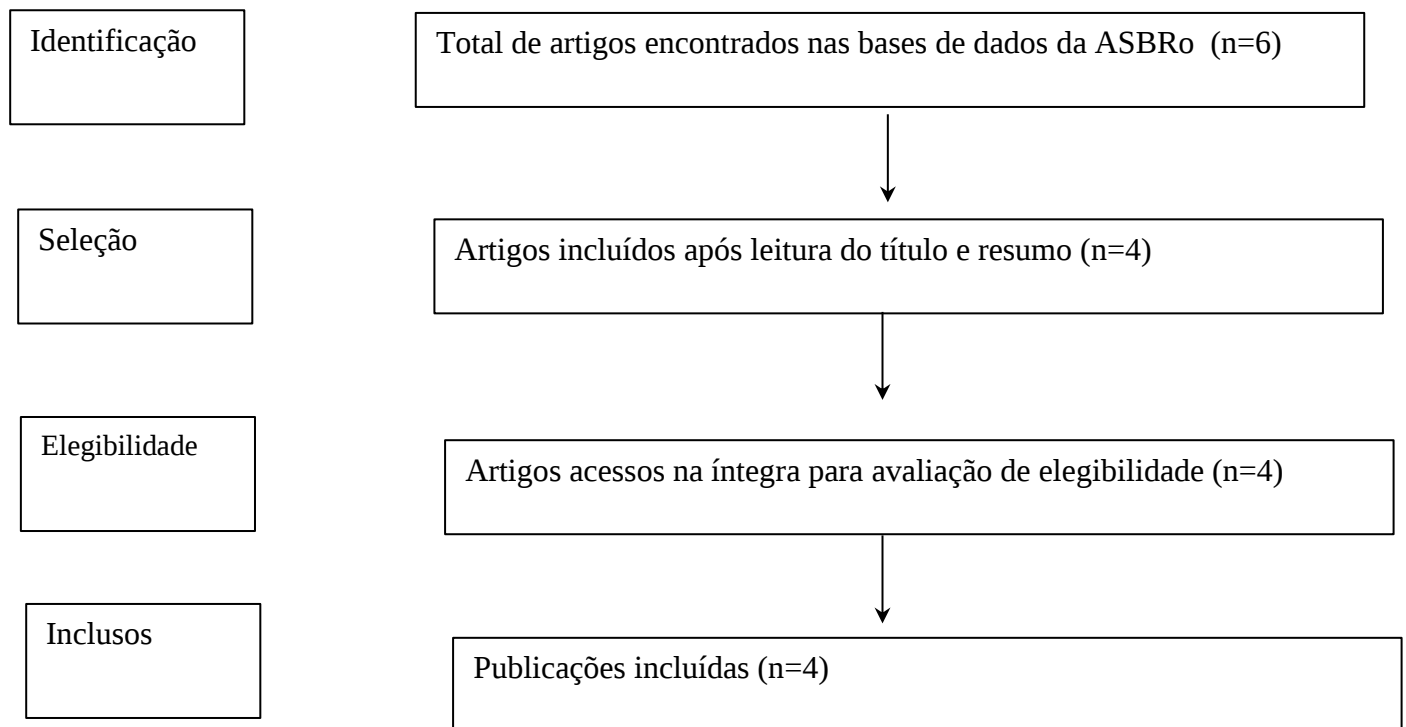
O delineamento do estudo se baseou em revisão de escopo breve, com o objetivo de mapear os principais resultados dentre de um determinado campo de conhecimento, sendo ressaltado o exame pela natureza e extensão das produções (Cordeiro & Soares, 2019).

O protocolo utilizado no estudo é o *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR) que apresenta 22 etapas, divididas em 7 sessões, variando o número de etapas por sessão (Tricco et al., 2018). Alguns critérios de inclusão foram definidos a fim de selecionar os estudos voltados para a temática, sendo esses: (1) estudos publicados nos anais digitais do congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo); (2) estudos publicados em língua portuguesa e de livre acesso; (3) estudos utilizando o Questionário Desiderativo. Enquanto, os critérios de exclusão, (1) artigos que não evidenciaram o uso do instrumento; (2) artigos que não foram publicados nos anais digitais da ASBRo; (3) Textos teórico ou revisões de literatura publicados nos anais digitais da ASBRo.

O procedimento utilizou a base de dados disponível no site da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos. O material de coleta se encontra nos 3 livros digitais publicados nos anos de 2016, 2018 e 2022. Após a obtenção dos materiais foi realizada a leitura do título e resumo dos trabalhos.

O fluxograma a seguir apresenta os procedimentos adotados para a seleção do material, tendo como critérios, 1) Título contendo o Questionário Desiderativo, 2) Seleção de estudos encontrados (n=6) acerca do Questionário Desiderativo; 3) Exclusão de 2 estudos teóricos após leitura do título e resumo; 4) Seleção de 4 artigos para leitura na íntegra; 5) Por fim 4 estudos compuseram a amostra, conforme indicado abaixo:

Figura 1. Fluxograma da seleção das fontes de evidência



Resultados e Discussão

Ao todo foram identificados quatro estudos empíricos com o Questionário Desiderativo, os quais estão organizados no quadro a seguir a seguir, enumerada de 1 a 4 como forma de categorizar a ordem dos achados e descrever seus objetivos, instrumentos utilizados, público e principais resultados:

Quadro 1 .Síntese dos estudos analisados

Nº	Autores	Objetivo	Instrumento	Público-alvo	Resultado
1	Susana Sneiderman, Gabriel Arruda Burani, Melanie Ghidella e Fiorella Martino (Sneiderman et al. 2022)	Explorar as características dos desejos e defesas em uma amostra não clínica de crianças com idade entre seis e onze anos.	Questionário Desiderativo Infantil	Crianças com idade entre seis e onze anos.	Diferenças de recursos defensivos utilizados por meninos e meninas
2	Nicole Medeiros Guimarães-Eboli e Sonia Regina Pasian (Guimarães-Eboli, N. M. & Pasian, S. R., 2018)	Sistematizar indicadores de precisão e evidências de validade do Questionário Desiderativo enquanto instrumento adequado e cientificamente fundamentado no campo da Psicologia Judiciária no Brasil.	Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20); Bateria Fatorial de Personalidade (BFP); Questionário Desiderativo e o Método de Rorschach	Mulheres pretendes à adoção com idade entre 30 e 50 anos.	Indicadores positivos de fidedignidade no Questionário desiderativo.
3	Danuta Medeiros e Antonio Augusto Pinto Junior (Medeiros, Danuta & Pinto Junior, A. A., 2016)	Compreender a estrutura egóica de profissionais de saúde no contexto hospitalar por meio do Questionário Desiderativo.	Questionário desiderativo	Profissionais de saúde no contexto hospitalar.	Recursos defensivos, como sublimação e negação, utilizados pelos profissionais diante de situações de dor e morte no contexto hospitalar.

4	Antonio Augusto Pinto Junior e Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo (Pinto Junior, A.A. & Tardivo, L.S. LPC, 2016)	Compreender a estrutura e o funcionamento psíquico de agressores incestuosos de crianças e adolescentes, sentenciados e encarcerados através do Questionário Desiderativo.	Questionário desiderativo	Agressores sexuais incestuosos de crianças e adolescentes.	O Questionário desiderativo mostrou-se técnica eficaz, revelando indicadores psicodinâmicos e de estrutura do ego desses sujeitos.
---	--	--	---------------------------	--	--

Conforme a tabela acima, (n=1) estudo foi publicado no ano de 2022, (n=1) em 2018 e (n=2) em 2016, cabe destacar que não foram encontradas publicações com o Questionário Desiderativo nos anais de 2014 e 2012, bem como, ressalta-se que não houve publicação de anais digitais em 2020 devido a pandemia da COVID 19. Sendo assim, tais achados evidenciam de início a escassez de estudos empíricos com o Questionário Desiderativo, questão que se articula a falta estudos nacionais amplos com o instrumento e contribui para o atual parecer desfavorável de seu uso profissional no contexto brasileiro pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos-SATEPSI.

As produções se mostram pouco diversas no que tange a investigação das diferenças nos padrões de respostas do Questionário Desiderativo, apenas dois estudos buscaram correlação entre variáveis, a citar a pesquisa de Sneiderman et al. (2022), a qual avaliou a diferença das respostas em meninos e meninas, bem como, levou em consideração a variável idade das crianças. Guimarães-Eboli & Pasian (2018), tiveram como objetivo principal a investigação de indicadores psicométricos (precisão e validade) a partir da correlação entre três grupos, o primeiro referente a mulheres pretendes a adoção, o segundo correspondente às mães adotivas e por último o de mães biológicas.

As pesquisas de Medeiros & Pinto Junior (2016) e Pinto Junior & Tardivo (2016), se concentraram na análise das características de personalidade de grupos específicos, o de profissionais de saúde no contexto hospitalar e o de agressores sexuais incestuosos de crianças e adolescentes, sem ter como foco os indicadores psicométricos do instrumento. Além disso, quanto ao uso de outros instrumentos correlacionados com o Questionário Desiderativo, foi

verificado esse método apenas no estudo de Guimarães-Eboli e Pasian (2018), as quais utilizaram o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) e o Método de Rorschach, com base na validade concorrente.

No que se refere ao Questionário Desiderativo, as pesquisas demonstraram a aplicabilidade de tal instrumento nas diferentes amostras, bem como, foi salientado a rapidez e facilidade de aplicação. Sneiderman et al. (2022) avaliou as respostas a partir dos indicadores: tipo de símbolo, sequência, características do símbolo, nível formal, nível de conteúdo, defesa, os quais foram submetidos à análise de confiabilidade entre juízes.

As catexias positivas correspondentes ao grupo de meninas avaliado na referida pesquisa indicaram desejo prevalente ligado ao conteúdo estético, já no grupo dos meninos tais respostas giraram em torno da impulsividade, quanto as catexias negativas, tanto um grupo quanto outro apresentaram fracasso na simbolização das defesas, outro aspecto se refere a justificativa das respostas, as quais possuíram relação com a idade da criança, àquelas com maior idade conseguiam melhor expressar o porquê de suas escolhas.

No estudo de Guimarães-Eboli e Pasian (2018), a fidedignidade do Questionário Desiderativo foi realizada a partir da concordância entre examinadores e a validade através da correlação com outros instrumentos. O acordo entre os examinadores atingiram o valor médio superior a 94% nas variáveis, evidenciando elevado índice de precisão, quanto à correlação com outros instrumentos. A correlação significativa entre o controle racional dos afetos com a variável do Rorschach indicadora de repressão e inibição, além disso com a Bateria Fatorial de Personalidade, as variáveis associação ideoafetiva e racionalização no Questionário Desiderativo mostraram associação positiva com o fator neuroticismo, questão importante por se tratar de instrumentos de natureza distinta (autorrelato e projetivo).

Na pesquisa de Medeiros e Pinto Junior (2016) o Questionário Desiderativo foi utilizado junto a amostra de 20 profissionais de saúde, sendo 16 mulheres e quatro homens, com idade entre 23 e 60 anos. As respostas foram analisadas a partir do referencial de Nijamkin e Braude (2000), assim sendo: Adequação a consigna (instrução) e Instrumentalização dos Mecanismos de Defesa instrumentais; Sequências das Vicissitudes da ansiedade; Tempo de reação; Sequência dos reinos e Análise de cada catexia. De modo geral, o referido estudo trouxe achados importantes, principalmente no que tange a falha na racionalização por parte dos

profissionais na adequação da consigna e dificuldade em lidar com a morte e a fragilidade da vida, por meio da escolha de símbolos que se distanciam do humano.

De modo semelhante, Pinto Junior & Tardivo (2016), avaliaram agressores sexuais incestuosos de crianças e adolescentes, em amostra de 30 homens. Os achados indicaram que a maior parte conseguiu responder adequadamente ao teste, embora 26 apresentaram necessidade de indução e seis participantes não conseguiram completar o teste mesmo com indução, bem como, as respostas em sua maioria, apresentaram conteúdo narcísico e agressivo.

Os achados das pesquisas convergem para um ponto comum mencionado por todos os autores, a necessidade de ampliação e diversificação das amostras para estudos de normatização mais robustos, embora seja ressaltada a contribuição de tal instrumento em diferentes contextos e a sensibilidade em examinar as defesas e o grau de integridade do ego, através das catexias positivas e negativas.

Considerações Finais

A presente revisão, teve como intuito sistematizar os resultados das pesquisas com o Questionário Desiderativo, instrumento considerado promissor na avaliação da dinâmica da personalidade, publicadas nos anais da ASBRo.

De maneira geral os estudos abordaram o questionário desiderativo como instrumento adaptável e de fácil utilização, além de evidenciarem a facilidade e rapidez de sua aplicação e índices de precisão e validade positivos. No entanto, foi observada a pouca quantidade de estudos dedicados às qualidades psicométricas do instrumento, além da fragilidade das amostras, em termos representativos da população brasileira, fator primordial para o avanço de pesquisas normativas e implementação de seu uso profissional.

Nesse sentido, sugere-se a realização de estudos com amostras maiores, de diferentes faixas etárias e contextos socioculturais, juntamente com a correlação das respostas com outros instrumentos, para resultados mais precisos, na direção de potencializar seu uso para além das pesquisas.

Agradecimentos

Agradecimentos à coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM.

Referências

- Guimarães-Eboli, N. M. & Pasian, S. R. (2020). Evidências Psicométricas do Questionário Desiderativo em Adultos. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 179-188. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.08>
- Guimarães-Eboli, N. M. & Pasian, S. R.(2018). Questionário Desiderativo no contexto da avaliação psicológica de mulheres pretendentes à adoção. *Fundamentos e Construções Contemporâneas dos Métodos Projetivos*. Ribeirão Preto, São Paulo: ASBRo
- Medeiros, Danuta & Pinto Junior, Antonio Augusto. (2016). O Questionário Desiderativo e os recursos defensivos de profissionais da saúde. In: Okino,E.T.K et al. (2016). *Métodos projetivos e suas demandas na Psicologia contemporânea*. Ribeirão Preto, SP: ASBRO
- Ninjamkim, G., & Braude, M. (2000). *Questionário Desiderativo*. São Paulo: Vetor.
- Ocampo, M. L. S.; Arzeno, M. E. G.; Piccolo E. G. (2009). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas* (11a Ed). São Paulo: Martins Fontes
- Pinto Junior, A. A. & Tardivo, L. S. de La P. C.(2016). Questionário Desiderativo na avaliação psicológica de agressores sexuais de crianças e adolescentes. In: Okino,E.T.K et al. (2016). *Métodos projetivos e suas demandas na Psicologia contemporânea*. Riberão Preto, SP: ASBRo
- Pinto Junior, Antonio Augusto, Rosa, Helena Rinaldi, Chaves, Gislaine, & Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury. (2018). O Questionário Desiderativo: fundamentos psicanalíticos e revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 274-287. Recuperado em 01 de abril de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300019&lng=pt&tlng=pt.
- Sneiderman, S.,Burani, G.A.,Ghidella, M & Martino, F.(2022). Questionário Desiderativo infantil: Exploração da subjetividade e defesas em crianças latentes. In: Resende, A.C., et al. (2022). *Desafios Contemporâneos dos Métodos Projetivos*. Ribeirão Preto, SP: ASBRo

- Sneiderman, S. & Banhos, M. (2016). O Questionário Desiderativo: Contribuições para uma atualização da interpretação. In: Okino, E.T.K et al. (2016). *Métodos projetivos e suas demandas na Psicologia contemporânea*. Ribeirão Preto, SP: ASBRo
- Sneiderman, S. (2012). *El cuestionario desiderativo: Aportes para una actualización de la interpretación*. Buenos Aires: Paidós.
- Tardivo, L.S. da L. P. C, Pinto Junior, A.A, Rosa, H.R, Belizario, G.O, & Medeiros, D. (2022). Evidências de validade e confiabilidade do Questionário Desiderativo com menores infratores e adolescentes vitimizados. *Estudos de psicologia (campos)* , 39 , e 200021. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200021>

"30 anos da ASBRo: contribuições e desafios contemporâneos"



asbro.org.br

